



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADEMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - UAHG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

**CIGANOS E SUAS ANDANÇAS POR CAMPINA GRANDE (1960 –
1990): TRAJETÓRIAS DE VIDAS, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS
CULTURAIS**

GILMARA TAVARES BATISTA

Campina Grande

Abril/2015

**CIGANOS E SUAS ANDANÇAS POR CAMPINA GRANDE (1960 –
1990): TRAJETÓRIAS DE VIDAS, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS
CULTURAIS**

GILMARA TAVARES BATISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História/UFCG, na Linha de Pesquisa Cultura e Cidades, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação do Professor Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza.

Campina Grande

Abril/2015

GILMARA TAVARES BATISTA

**CIGANOS E SUAS ANDANÇAS POR CAMPINA GRANDE (1960 –
1990): TRAJETÓRIAS DE VIDAS, REPRESENTAÇÕES E
PRÁTICAS CULTURAIS**

BANCA EXAMINADORA

Antonio Clarindo Barbosa de Souza

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza

(Orientador – UFCG/PPGH)

Keila Queiroz e Silva

Prof^a. Dra. Keila Queiroz e Silva

(Examinadora interna – UFCG/ PPGH)

Maria do Socorro Cipriano

Prof^a. Dra. Maria do Socorro Cipriano

(Examinadora externa – UEPB)

Campina Grande

Abril/2015

AGRADECIMENTOS

É difícil fazer grandes passeios na vida por lugares desconhecidos e não encontrar pessoas que nos deem informações certas ou erradas, que nos desejem boa sorte, que nos façam roteiros enganosos ou que nos ofereça a mão para ajudar. Por isso, sou grata a todos que ajudaram direta ou indiretamente.

Agradeço aos ciganos por fazerem parte de mais uma difícil caminhada juntos. A Joadiva Cavalcante toda minha gratidão, pois sem sua sincera ajuda, muito do que fiz nesta pesquisa seria inviável.

Agradeço a Marinalda, por ter me permitido entrar em sua casa em 2011, para que eu pudesse fazer inúmeras perguntas. Por ter ajudado com a digitalização das fotografias do álbum de família e pela amizade que construímos ao longo da pesquisa. Agradeço as contribuições de Solange, Vaneide, Francisco, José Renildo, Lionete, Juraci Pina, Bela, Mariana, Antônia, Vera Lúcia, Antônio Ferreira, Sérgio e Antônio Espínola que se tornaram personagens desta história.

Agradeço também aos que ajudaram nas entrevistas, permitindo a minha entrada nos seus lares, ajudando nas leituras, indicando alguém ou até mesmo lendo para alguém - que não sabia ler - o Termo de Livre Consentimento Esclarecido, entre estes: Rosicélio, Marinaldo, Iremar, Manoel (Neco - *in memorian*), Sabrina, Gilmara Sulpino, Inalva, Soneide, Patricia Goldfarb e Thiago Cavalcante. Assim como aos que não quiseram falar sobre o assunto, se desviaram, silenciaram e me ajudaram a promover outros olhares sobre a pesquisa.

Agradeço ao meu esposo e companheiro Thiago D'angelo, pois nas situações mais difíceis - não apenas durante a pesquisa - foi ele quem me acolheu no melhor abraço e com muito amor, me acalmou, amenizou minhas dores e me deu força para continuar.

Agradeço aos meus pais Joselma e Gilvan, que sempre batalharam e fizeram grande esforço para manter seus filhos estudando. Às minhas avós, Antônia e Josefa, com quem sempre pude contar em qualquer dificuldade. A Júnior, Wanessa Denyelle, Érica, Samara e André, que também me ajudaram nesta tarefa.

Agradeço a Antônio Clarindo, que me orientou, acreditou, incentivou, e mostrou os caminhos a serem seguidos para que a pesquisa e a escrita pudessem acontecer. Agradeço por toda atenção doada nesta tarefa. Sua amizade, gentileza, cuidados e rigor, foram muito importantes para que eu conseguisse construir e finalizar o trabalho.

A Socorro Cipriano, que desde a graduação vem acompanhando o desenvolvimento desta pesquisa e me dando dicas valiosíssimas, me fazendo enxergar os ciganos de variadas formas. Sobretudo, por ter acreditado desde sempre, que seria possível construir esta história.

Agradeço a Keila Queiroz por ter aceitado o convite para participar da banca de qualificação e defesa. Agradeço por sua atenciosa leitura, que promoveu contribuições na construção do texto final e em reflexões que ajudarão em outros momentos da minha história acadêmica.

Sou grata a Capes, pelo apoio financeiro durante toda a pesquisa. Agradeço à Coordenação do PPGH, ao Professor Iranilson Buriti, com quem pude dialogar em vários momentos, inclusive durante o estágio docência na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em História, que me ajudou de muitas maneiras na construção da dissertação. A Felipe Alcântara, por ter atendido a inúmeros pedidos de ajuda, assim como, a muitos dos colegas de turma, que sabem, que durante todo o processo me ajudaram.

Sou grata à vida. Agora sei que não há nada melhor.

LISTA ILUSTRAÇÕES

Figura 01.	Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema, de matéria publicada em 26 de outubro de 1989	45
Figura 02.	Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema, publicada de matéria em 26 de outubro de 1989. Legenda: “Mais de vinte barracas foram montadas no acampamento dos ciganos no Terminal Rodoviário”...	49
Figura 03.	Fotografia digitalizada a partir do Jornal da Paraíba em matéria publicada em 21 de dezembro de 1994. Legenda: “As tendas dos ciganos estão instaladas ao lado do terminal rodoviário”	51
Figura 04.	Fotografia digitalizada dos jornais digitalizados pela família Cavalcante Targino. Refere-se a proibição da entrada de ciganos em Alagoas – AL	55
Figura 05.	Fotografia digitalizada a partir de matéria publicada no Jornal da Paraíba em 18 de março de 1984. Legenda: “Preso pistoleiro ‘Cigano’”	59
Figura 06.	Fotografia digitalizada a partir de matéria publicada no Jornal Gazeta do Sertão em 28 de dezembro de 1984. Legenda: “Jesusaldo, o cigano criminoso”	59
Figura 07.	Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante “Família”	66
Figura 08.	Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. “Cigano Neco no cavalo”	66
Figura 09.	Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcanti. “Cigana Diva”	67
Figura 10.	Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. “Cigano Bitó”	67
Figura 11.	Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. “Cigano Neco”	67
Figura 12.	Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema de matéria publicada em 1981, s/d. Legenda: “Na antiga Fazenda São José, em Ingá, a família reunida em 1966”	68
Figura 13.	Fotografia digitalizada do Jornal Diário da Borborema de matéria publicada em 13 de dezembro de 1981. Refere-se à propaganda da campanha pelo desarmamento.....	72
Figura 14.	Charge. Fotografia digitalizada do Jornal Diário da Borborema a partir de matéria publicada em 21 de fevereiro de 1981. Legenda: “Campina Grande, campo de batalha dos ciganos”	75
Figura 15.	Fotografia digitalizada a partir de matéria do Jornal Gazeta do Sertão em 16 de junho de 1981. Legenda: “O trânsito ficou engarrafado por mais de 25 minutos, pois centenas de pessoas queriam olhar o corpo do cigano”	77
Figura 16.	“Desenho. Fotografia digitalizada a partir de matéria publicada no Jornal Gazeta do Sertão em 17 de junho de 1981. Legenda: “Um tiro apenas, desferido por um profissional”	78
Figura 17.	Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema s/d. Legenda: “O bando de ciganos acampados em Patos. Agachado na frente, o chefe cigano Sebastião”	82
Figura 18.	Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema de matéria publicada em 12 de abril de 1981. Legenda: “Cigano George volta a	

	Campina”.....	84
Figura 19.	Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema de matéria publicada em 08 de abril de 1982. Legenda: “Cigano George pode estar em Campina”.....	84
Figura 20.	Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema de matéria publicada em 18 de fevereiro de 1990. Legenda: “Uma história sangrenta: Saga dos ciganos completa 10 anos de violência e de total impunidade”.....	86
Figura 21.	Fotografia digitalizada do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. ‘Capitão’ Neco	129
Figura 22.	Fotografia digitalizada do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. ‘Capitão’ Neco à direita e um amigo à esquerda.....	129
Figura 23.	Fotografia digitalizada do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. Cigano Ismael e sua burra de estimação.....	130
Figura 24.	Fotografia digitalizada do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. Joadiva em Robe de Seda, na Fazenda de Osvaldo Pina.....	133
Figura 25.	Fotografia digitalizada do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. Cigana Neném, irmão do ‘Capitão’ Neco.....	133

RESUMO

O presente trabalho busca cartografar representações de ciganos construídas através de jornais que circularam em Campina Grande, no período que corresponde a 1960-1990, assinalando como foram retratados em momentos de sociabilidades. Identificamos como foi construída a imagem dos ciganos a partir dos relatos orais de memória de pessoas não ciganas, e ainda, delineamos memórias de ciganos analisando como construíram suas identidades baseadas na alteridade. A fim de atingirmos os objetivos propostos, efetivamos a nossa análise, também, por via de uma pesquisa bibliográfica acerca do tema e dos arcabouços teóricos da perspectiva da História Cultural, como os de Certeau (práticas culturais, *usos, táticas*, espaço), Chartier (representação), Deleuze & Guattari (desterritorialização), Hall (identidades). Outros autores também contribuíram nas discussões sobre memória, como Candau, Montenegro, Portelli, Ansart; entre outros. Além disso, conectamos produções de pesquisas locais, que trazem como tema a cidade de Campina Grande. Desta forma, acreditamos que a pesquisa se constitui num exercício historiográfico que visa problematizar os lugares de produção dos discursos acerca de uma possível cultura cigana vivenciada nesta cidade.

Palavras-Chave: Ciganos; Cidades; História Cultural

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo trazar representaciones de gitanos construido a través de los periódicos que circularon en Campina Grande, en el período correspondiente a 1960-1990, lo que indica la forma en que fueron retratados en los momentos de sociabilidad. Identificar como se construyó la imagen de los gitanos de los relatos orales de personas no romaníes de la memoria, y también se indica recuerdos romaníes que analizan la forma en que construyen su identidad en base a la alteridad. Con el fin de alcanzar los objetivos propuestos, efectuamos nuestro análisis, también por medio de una búsqueda en la literatura sobre el tema y marcos teóricos desde la perspectiva de la historia cultural, como de Certeau (prácticas culturales, los hábitos, las tácticas, el espacio), Chartier (representación), Deleuze y Guattari (desterritorialización), Hall (identidades). Otros autores también contribuyeron en las discusiones acerca de la memoria, como Candau, Montenegro, Portelli, Ansart; entre otros. Además, nos conectamos producciones de búsquedas locales que traen a colación el tema de Campina Grande. Por lo tanto, creemos que la investigación constituye un ejercicio historiográfico que pretendía cuestionar los lugares de producción de los discursos acerca de una posible cultura gitana vivía en esta ciudad.

Palabras clave: Gitanos; Ciudad; Historia de la Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - OS CIGANOS E AS CIDADES	26
1.1 Ciganos em cidades brasileiras	29
1.2 Ciganos na Paraíba	33
1.3 Acampando na cidade: entre idas e vindas, há sempre uma parada	36
1.4 Narrativas impressas dos ciganos e suas andanças na cidade	52
1.5 Vidas impressas em imagens: uma história dos ciganos da família Cavalcante Targino através dos jornais	63
CAPÍTULO 2 - IMAGENS DE CIGANOS CONSTRUÍDAS SOB O OLHAR DOS GADJÉ	89
2.1 Ciganos, cotidiano e práticas de sociabilidades	91
2.2 Ciganos na cidade: a visão de não-ciganos	107
CAPÍTULO 3 - AO SABOR DO TEMPO: ANDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS MEMÓRIAS CIGANAS	123
3.1 Chegando nas cidades paraibanas	125
3.2 Outras práticas culturais	141
3.2.1 Organização das viagens e cotidiano nas barracas	141
3.2.2 Festas	147
3.2.3 Namoros, raptos e casamentos	152
3.2.4 Quiromancia	165
3.2.5 A linguagem <i>calon</i>	167
3.2.6 Educação familiar e Escolarização	170
3.2.7 Religiosidades	174
3.2.8 Morte e seus rituais	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS	186
APÊNDICE	194

INTRODUÇÃO

Era domingo quando a cigana Nair Esmeralda abandonou o acampamento. Um dos motivos que aparentemente levaram a cigana à cidade de Campina Grande foi a “revolta” de ter sido espancada pelo marido, também de etnia cigana. O lugar que a salvaria destes possíveis episódios de violência doméstica seria uma fazenda chamada São José¹, localizada na rodovia que liga Campina Grande à João Pessoa, capital paraibana. Lá, encontraria abrigo na família de ciganos conhecidos seus, os ciganos da família Cavalcante Targino.

Nair e seus três filhos não tinham ideia do que lhe aconteceria no início da noite, naquela segunda-feira, 3 de agosto de 1966, quando a possível tranquilidade de viver em um lar - que tornara-se seguro para ela - havia sido rompida com uma “invasão” à fazenda. Um tiroteio iniciara. Nair foi levada à força por dois ciganos que eram seus primos (ambos da família Alves, que segundo jornal local, seria “inimiga” dos ciganos da família Cavalcante Targino) e que teriam vindo à cidade para encontrá-la e levá-la de volta ao acampamento que estava situado na localidade chamada “Estaca Zero”, que é hoje o município de Assunção - PB, que fica a 250 quilômetros da capital do Estado.

Estas cenas que narramos acima foram descritas pelo Jornal Diário da Borborema e extraídas da matéria intitulada “Ciganos invadem fazenda para raptar uma mulher”, uma das primeiras matérias com as quais nos deparamos durante a pesquisa, apontam o drama que vivia uma família, uma perseguição policial e a correria destes ciganos por ruas da cidade. A narrativa do jornal enfatiza a eficácia das “batidas policiais” na cidade, que seriam capazes de solucionar os problemas que a população enfrentava, no tocante à violência.

Esta reportagem chama atenção por fazer referência a este caso como sendo “mais um caso de um violento amor cigano, culminando com rapto e ameaça de revólveres calibre 38, ocorreu em nossa cidade”, o que nos assinala uma possível ocorrência deste tipo de cena em outro momento e que o intitulado amor cigano seria praticado com violência, como se fosse algo natural ao sujeito cigano. Ou que outros encontros envolvendo a polícia e os ciganos já haviam acontecido, tendo em vista que os ciganos já passavam e comercializavam nesta cidade, como veremos mais adiante.

¹ A fazenda está localizada na entrada para a cidade de Ingá, na Rodovia BR- 230.

Construções textuais e imaginárias fazem as cidades tornarem-se visíveis quando exteriorizadas pelas experiências cotidianas da vida de seus habitantes (PESAVENTO, 2003). Os ciganos contribuem para a apresentação do caráter diverso que as cidades apresentam, e buscar as representações inscritas nas fontes, analisando imaginários sobre os ciganos nas cidades, se tornou ainda mais instigante com os impulsos das análises provocadas pela História Cultural², que favoreceram grandemente as pesquisas em torno das experiências humanas na vida cidadina.

Ao esquadrihar esta cidade vivida, é possível perceber que nem sempre, o que se dizia sobre o passado desta cidade era de fato vivenciado por seus habitantes. Em Campina Grande, há nos discursos institucionais, uma produção de ideias de caráter enriquecedor da cidade, apontando-a como moderna, ordeira e bem desenvolvida, o que contrasta com muitas experiências reais, vivenciadas por seus habitantes. Estes, por sua vez, atribuem novos sentidos ao viver urbano, tornando a cidade “mais do que um espaço, um tempo qualificado” (PESAVENTO, 2003, p. 114).

Buscamos com este trabalho investigar a construção de uma possível “cultura cigana” que foi exposta nos jornais campinenses entre as décadas de 1960 e 1990, e também, através dos relatos orais de memória de ciganos e de não ciganos nesta cidade. Com frequência, quando falamos que estamos estudando ciganos em Campina Grande, algumas pessoas chegam a nos questionar “Onde é a comunidade dos ciganos que você estuda?”, “E em Campina tem cigano? Nunca vi” ou ainda “Cuidado com eles”. “São muito perigosos”.

Mas afinal, quem são estes ciganos? Não teremos uma única resposta. Entre os próprios ciganos, há contradições no que se refere a dizer quem são, quantos são e o que o definem como ciganos. Alguns se dizem ciganos por terem parentesco cigano (laços sanguíneos), outros porque foram morar com ciganos ou porque se casaram com alguém de etnia cigana e “tornaram-se” ciganos. Como defini-los? É a composição ou tipos de roupas que os define? Os traços físicos? Características culturais em comum? Costumes? Tradições? Cometeríamos um erro se os definíssemos de uma única forma ou apenas a partir de uma destas classificações.

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. A autora analisa as possibilidades de atuação de historiadores culturais diante de novos temas, afirmando a necessidade e tomada de atenção ao “captar subjetividades e sensibilidades, aquilo que já foi definido como sendo *crème de la crème* para o historiador” (p. 119).

Entendemos que os ciganos são um grupo étnico, que se define por ser culturalmente diferenciado de outros, levando em conta que,

A interação em um sistema social como este não leva a seu desaparecimento por mudança e aculturação; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos (BARTH, 1998, p. 188).

As identidades étnicas, desta forma, se expressam pela diferença³. Um dado importante ao leitor é que, durante nossa pesquisa, identificamos ciganos das etnias *Calon e Kalderash* vivendo em Campina Grande. Ainda não encontramos outras pessoas ciganas das demais divisões que se encontram hoje no Brasil, como *Sinthe*, mas não negamos o fato de que possam existir. Porém, para esta pesquisa, escolhemos tecer afirmações e narrar histórias acerca dos ciganos *Calon*. Esta escolha advém do fato de que, até o momento, os ciganos com os quais tivemos contato de etnia *Kalderash*, afirmam terem vindo de Fagundes para Campina Grande e se espalharam para outras cidades paraibanas. Porém, estas questões ficarão para outro estudo, tendo em vista que as fontes que temos até o momento são, em sua maioria, relativas aos ciganos *Calon*, carecendo assim de mais informações e fontes para os estudos acerca dos ciganos de etnia *Kalderash* nesta cidade.

O imaginário social construído em torno dos ciganos é que faz com que muitas pessoas pensem que não existam pessoas desta etnia nesta cidade. Logo, não veem acampamentos, nem mulheres ciganas com roupas coloridas nas ruas lendo a *buena-dicha* (a prática da quiromancia - leitura das mãos para saber o destino e o futuro) ou as cartas de tarô cigano.

Os ciganos que vivem ainda em Campina Grande não estão em comunidade cigana, não montam acampamentos, não “andam”⁴ viajando. Eles não lutam por políticas públicas, nem programas sociais do governo para sobreviverem (diferente do que acontece com alguns ciganos que moram em cidades paraibanas como Sousa, Condado e em outras regiões do Brasil, até onde nossa pesquisa pode observar) e, em

³ Nesse sentido, o que se discute é a ideia de que um grupo étnico define-se por serem culturalmente diferenciados de outros (BARTH, 1998).

⁴ Preferimos, ao longo do texto, utilizar o termo que é mais usado pelos ciganos para dizerem que não são nômades. Utilizaremos o termo usado por eles nas narrativas, “andam”, com as aspas para dizer que não viajam mais acampando pelas cidades.

sua maioria, são pessoas que têm estabilidade profissional, estudam e mantêm residências fixas em bairros da cidade.

Mas as nossas análises não se propõem a averiguar as condições de vida dos ciganos na contemporaneidade, mesmo entendendo que a história seja prática social que “trata de fatos que despertam fortes ecos na atualidade” (LANGUE, 2006, p. 23). Nós buscamos as histórias do passado, de como foram representados, de como experimentaram o viver urbano em outro tempo. Desta forma, consideramos, tal qual Pesavento, que “O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, nos permite ir além da lacuna, do vazio, do silêncio” (2007, p. 21).

E nesse sentido é que estamos tentando montar estes trajetos, buscando documentar estas histórias de vida, pensando como alguns ciganos usaram (CERTEAU, 2011) a cidade, transformaram espaços urbanos, socializaram-se com os demais membros dos grupos e com a sociedade não cigana, como os ciganos que estiveram de passagem pela cidade utilizaram os espaços “invadidos”, e como foram representados nos discursos que recheiam esta história.

Suas táticas e práticas culturais irromperam o cotidiano de cidades paraibanas, o conhecimento de artes divinatórias, o domínio de conhecimentos reservados apenas a eles mesmos, seus modos de vida, fizeram com que fossem perseguidos. E fizeram, à sua maneira, com que os habitantes citadinos também experimentassem momentos de sociabilidades tensas ou agradáveis e, ainda a construção de amizades.

Consideramos, portanto, que estas trajetórias de vidas, quando historicizadas, podem contribuir na desconstrução de certos preconceitos existentes. Podemos dizer, de acordo com o que vimos durante a pesquisa, que o que se sabe sobre ciganos é, em sua maioria, algo genérico, com recorrência de representações apresentadas pela literatura⁵. Produções literárias estas que, desde séculos passados, representam os ciganos como pessoas que têm características próprias em comum: as roupas, o estilo de moradia e a má índole, encarada como algo natural. Todavia, como veremos mais adiante, eles compõem uma heterogeneidade dentro da própria etnia.

⁵ Ver: FERRARI, Florência. *Um olhar oblíquo*. Contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano. Dissertação de Mestrado – USP, 2002. A autora faz um percurso em obras literárias ocidentais “de Cervantes a García Lorca, de Machado de Assis a Raduan Nassar, de Victor Hugo a Virgínia Woolf” que apontam representações sobre os ciganos e de como estas representações em sua maioria, negativas, contribuíram para este imaginário ocidental que conhecemos sobre o tema e para a exclusão de pessoas ciganas no mundo.

O que geralmente é questionado por pesquisadores da área é que boa parte das referências que temos sobre os ciganos são narrativas de não ciganos, apesar de que já existem no Brasil e em outros países, livros e textos de ciganos sobre suas histórias⁶. Em textos que remontam a séculos passados, os ciganos foram visibilizados apenas por meio de leis anticiganas com decretos contra suas práticas e apareceram em gravuras, xilogravuras, pinturas e cartazes anunciando-os em leilões (quando escravos na Moldávia no século XIV). Alguns estudos acerca de como os ciganos foram representados já foram realizados e entre eles, podemos citar análises feitas por Angus Fraser (1998), que discorre sobre o tema:

Com efeito, quando consideramos as vicissitudes por que passaram – pois a história que vamos relatar é em grande medida a história do que os outros fizeram para destruir a sua diferença – somos forçados a concluir que a sua maior proeza, foi precisamente, terem conseguido sobreviver (FRASER, 1998, p. 7).

Tendo sido inclusive proibidos de circular em muitos países, os ciganos passaram por inúmeras migrações forçadas, escaparam de leis que os dizimaram aos montes, viveram conforme leis e decretos que, sob os auspícios das teorias raciais, os subjugarão, até mesmo como escravos, tendo sido expulsos das cidades aonde chegavam. Estes e outros pontos são a essência do que escreve Fraser (1998) em sua obra *História do Povo cigano*⁷.

Sobre a língua *Romani* (língua que falam os ciganos), que teria, segundo Fraser, afinidade da morfologia do sânscrito da Índia, o autor afirma que houve muitas mutações. Inclusive, a falta de modelos escritos não oferece um padrão único de *romani*, que hoje se transformou em vários dialetos, já que “tendo o romani sido durante muito tempo a língua de um povo iletrado, não há uma convenção uniforme quanto à maneira de o escrever” (FRASER, 1998, p. 20). E acrescenta:

A linguística histórica não pode determinar a origem racial e étnica dos primitivos falantes de Romani. Não há um vínculo intrínseco ou necessário entre língua e raça: o que há em muitos casos, devidamente

⁶ Ver: RAMANUSH, Nicolas. *Palavras ciganas – Vocabulário e Gramática Sintética do Romani-Sinte*. 1ª edição. São Paulo, 2009. Ainda do mesmo autor cigano: *Atrás do muro invisível. Crenças – Tradições e Ativismo cigano*. 1ª ed. 2012.

⁷ Estudamos o livro na sua tradução para o português. Tradução feita por Telma Costa, para edição da Editora Teorema em 1998.

atestados, de grupos étnicos inteiros que mudam de língua ao longo dos tempos. Assim, não podemos ter a certeza de que os grupos de pessoas estão racialmente relacionados simplesmente por falarem línguas relacionadas (FRASER, 1998, p. 28).

Mas há ainda a indicação por parte de autores indianos, de que os ciganos podiam descender de guerreiros Jat e Rajput, que faziam parte de castas da sociedade hindu (FRASER, 1998, p. 31). Em busca dessa pré-história dos ciganos, Fraser aponta a língua como principal condutor para encontrar possíveis vestígios.

Durante a Idade Média, os ciganos conseguiram salvo condutos, prática comum nessa época, que são similares ao passaporte para livre circulação de bens e pessoas. A razão maior para que eles conseguissem tais cartas de peregrinos, possivelmente seria porque circulou a ideia de que eles eram cristãos no Egito Menor e depois foram praticar a religião pagã, e por isso tiveram a penitência de vagar pelo mundo junto com suas famílias (FRASER, 1998, p. 68-69).

Fato é que Fraser notou um caráter uniforme nas atitudes das potências européias à presença dos ciganos. Segundo ele, “continuaram a ser vistos como criminosos (...) e, ainda por cima, permaneceram certos preconceitos raciais, a par da hostilidade religiosa para com o que era visto como práticas pagãs e feitiçaria” (FRASER, 1998, p. 131). As políticas de extirpação, assimilação e expulsão dos ciganos na Europa podem ser vistas ainda na contemporaneidade.

Outra obra importante para os estudos sobre os ciganos foi escrita por Adolpho Coelho, *Os ciganos de Portugal, com um estudo sobre o calão*, escrita em fins do século XIX, no ano 1892, que trata especificamente da questão da língua cigana e da sua relação com a língua portuguesa, em Portugal, no século XIX. Para tanto, traça um apanhado histórico desde as entradas dos ciganos nas terras ibéricas e nos oferece questões para pensarmos a influência dos ciganos no mundo ibérico e extensões, no caso da América Portuguesa.

Notamos nesta obra que, ao buscar informações em pesquisas anteriores, percebemos que a oralidade é um fator importante para o estudo dos ciganos, sendo uma das principais fontes, tendo em vista que os trabalhos em sua maioria se voltavam para os estudos linguísticos. E a partir das falas de ciganos instalados em Portugal “colhido tudo da boca”, alguns pesquisadores conseguiram montar glossários com as palavras colhidas, oferecendo a possibilidade de conhecermos mais a este respeito. Segundo

Coelho (1892) em Portugal, os ciganos no século XIX falavam o português, o espanhol e a língua cigana: o “romanó”.

Os ciganos, por mudarem-se com frequência, acabavam aprendendo a língua da nação onde estavam, mas sem deixar de falar o “romanó”. Essas questões são importantes nesse trabalho, pois os ciganos, em um momento da história do Brasil, chegaram a ser proibidos de falar sua língua. Como um dos motivos, podemos elencar que:

Calão, gira, gíria ou geringonça são os termos com que em português se designa o vocabulário especial dos criminosos de profissão, dos fadistas, contrabandistas, garotos e outra gente de hábitos duvidosos, que por aquelle meio buscam não ser entendidos da sociedade geral (COELHO, 1892, p 55).

“Calão, propriamente, quer dizer cigano, língua de cigano; é um termo com que os ciganos do nosso país ainda hoje se designam” (COELHO, 1892, p. 57). A relação dos ciganos com grupos de marginalizados na sociedade portuguesa acabou fazendo com que houvesse intercâmbio do calão com a língua cigana (COELHO, 1892, p. 152), assim como houve influência da língua cigana pelo mundo extra ibérico.

Para entendermos melhor a chegada dos ciganos ao Brasil, é necessário recuperarmos um pouco da história de como os ciganos foram recepcionados em Espanha e Portugal no século XV. E assim, vamos percebendo que segundo os relatos mais antigos, os ciganos foram tratados com estranheza. Por um tempo, durante o século XV, estes sujeitos ainda conseguiram ficar a pedir esmolas na Espanha, mas com frequência eram pagos para desaparecerem, seguirem seus caminhos.

Depois começam os decretos em que os ciganos ou se sedentarizavam ou seriam banidos, na tentativa de proibir a circulação e a vadiagem nos reinos (FRASER, 1892). No século XVI, durante o reinado de Dom João III, foi decidido banir os ciganos de Portugal, mandando-os às colônias. E disto, chegaram ao Brasil, assim como para as colônias em Angola.

José de Mello Morais Filho, historiador e memorialista que viveu entre os séculos XIX e XX no Brasil, escreveu *Os ciganos no Brasil e Cancioneiros dos Ciganos*, 1886⁸. Nesta obra, o autor aponta, inclusive, que os ciganos tiveram certa reabilitação moral nos países ibéricos por um tempo:

⁸ Neste caso, lemos a edição de 1981.

Uma espécie de noite os protegeu por algum tempo, começando na Espanha a sua existência ativa, o seu despertar na sociedade, no reinado de Carlos III, que os utilizou em proveito das artes. Esta reabilitação moral foi transitória e enganadora; novos governos desencadearam contra os párias-erradios, atrozes perseguições, despojando-os de seus empregos e profissões, destituindo-os da naturalização e privilégios a que tinham direito” (MORAIS FILHO, 1981, p. 25).

Em Portugal com a Inquisição, muitos ciganos foram levados às fogueiras e ao degredo. Na legislação portuguesa vemos o exemplo do decreto de 27 de agosto de 1685 em que “fica comutado aos ciganos o degredo da África para o Maranhão” (MORAIS FILHO, 1981, p. 26). E sobre este ponto, Geraldo Pieroni, historiador que em sua obra *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas*, 2006, aponta questões sobre o banimento de pessoas destinadas ao Brasil entre os séculos XVI, XVII e XVIII. O autor afirma que:

Somente no final do século XVII é que podemos ver generalizado o degredo de ciganos para o Brasil. Bandos deles, provenientes de Castela, entravam em Portugal. Sua majestade D. Pedro, rei de Portugal e Algarves, preocupadíssimo com a “inundação de gente tão ociosa e prejudicial por sua vida e costumes, andando armados para melhor cometerem seus assaltos”, decidiu determinar, por decreto, que, além do degredo para a África já estabelecido nas ordenações Filipinas de 1603, eles seriam também degredados para o Brasil (PIERONI, 2006, p. 111).

Esta foi uma resolução de 1686, porém, como afirma Pieroni (2006), assim como outros pesquisadores, em 1574 chegava ao Brasil o cigano João de Torres, considerado o primeiro cigano a chegar à América Portuguesa, juntamente com sua família.

Morais Filho (1981) faz um apanhado das origens dos ciganos afirmando que a ciência moderna, naquela época, aceitava a hipótese de terem vindo de território indiano, o que veio ganhando mais força nos últimos anos com pesquisas sobre este aspecto. E o autor demonstra sua crença na ciência para poder explicar as origens dos ciganos, também entendendo a história como uma disciplina de caráter científico, o que é recorrente ver nos estudos históricos no século XIX. Ele ainda dá ênfase aos ciganos que viveram no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, passando a expor fatores culturais e de tradições dos ciganos no século XIX.

Outro texto pioneiro nos estudos ciganos no Brasil foi escrito em 1936, *Os Ciganos do Brasil (subsídios históricos, ethnographicos e linguísticos)*, de José de Oliveira China. O texto inicia com a provocação de pouco sabermos sobre os ciganos, sendo, portanto, estímulo para traçar nossos objetivos para a escrita desta história. A obra de Mello Morais serve de apoio ao autor, sendo inclusive bastante compilada. Porém, apesar de utilizá-lo para sustentar suas ideias, China (1936) aponta várias críticas, sobretudo acerca do trato etnográfico de Mello Morais: “Quanto aos caracteres physicos dos ciganos sedentários do Rio de Janeiro, é lamentável que, apesar do trabalho em questão ter por sub-titulo ‘Contribuição ethnografica’ M. Morais pouco ou nada nos diga a esse respeito” (CHINA, 1936, p. 2).

A pretensão é observar a difusão destes nômades, a formação de núcleos sedentários em cidades e os diferentes modos de vida das demais populações no Brasil. Entre as fontes usadas constam: relatos de viajantes estrangeiros, recortes de jornais, e as obras de vários autores. O estudo aponta, por exemplo, a etnia cigana como raça, outro aspecto notado nas publicações de cientistas do século XIX sobre o tema, pautados no evolucionismo.

Ao utilizar suas fontes, ele impõe uma ideia de prova para o que está sendo tratado. Tenta comprovar algumas de suas proposições, sobretudo no que se refere ao vocabulário usado pelos *calons* e a conservação da língua, que se misturaram aos elementos branco e negro. E é desta forma que o autor confirma a origem indiana dos ciganos, graças a conjugação de estudos históricos linguísticos e etnográficos, por meio das comprovações científicas das investigações etnológicas e philológicas que os ciganos teriam vindo de uma região da Índia.

Interessante é que estas obras, por serem pioneiras, acabam sendo entrelaçadas e muitas informações são encontradas nas três obras: na de Mello Morais (1886), de China (1936) e Coelho (1892). Sobre os tipos de ciganos, China (1936) dialoga com Adolpho Coelho, escritor português, que aponta que os mesmos tipos dos gitanos na Espanha são os ciganos portugueses. Nesse sentido, o autor está pontuando características marcantes dos estudos do século XIX, estudos das raças e difusão das ideias evolucionistas e eugênicas.

Sobre a situação dos ciganos no Brasil, China (1936) afirma que se espalharam pelo país e que quando da vinda da Corte de Portugal, em 1808 os ciganos tinham certa importância devido aos dotes artísticos, porém, ao longo do tempo sofreram processos

de exclusão. Para englobá-los à sociedade, foi preciso torná-los respeitáveis, e nesse sentido alguns se tornaram oficiais de justiça e funcionários públicos (SOUZA, 2006).

Há de se considerar as contribuições de Ático Vilas Boas da Mota, escritor, etnógrafo e historiador que afirmou que a ciganologia no Brasil estaria num estágio atrasado, como também afirmou China em 1936. Porém, percebemos que desde meados dos anos 70, 80 e 90 do século XX, esta cena vem mudando, tendo em vista as inúmeras teses de doutoramento, dissertações de mestrado e monografias de conclusões de cursos de graduação acerca deste tema, inclusive com publicações e pesquisas de ciganos sobre sua própria cultura.

Nesse aspecto, pensando já em algumas mudanças efetuadas nos estudos ciganos, Moacir Locatelli, *O ocaso de uma cultura*, 1981, enfatiza a questão de uma aculturação que estariam sofrendo os ciganos, devido a vida moderna dos não ciganos e que nesse sentido, as tradições e a cultura cigana estariam em seu fim.

Neste texto, há muitas generalizações em torno da figura cigana, enfatiza-se o aspecto da miserabilidade em que viviam, afirma que são nômades (e a questão da sedentarização estaria os aculturando), além de fazer uma diferenciação intrigante⁹ entre os ciganos do Nordeste e os ciganos do Sul do Brasil. Refere-se aos ciganos do Nordeste como pistoleiros e que serviriam apenas de “mão de obra barata para o crime” (LOCATELLI, 1981, p. 48), enquanto os do Sul viveriam em melhores condições e aparentemente, mais dignos das tradições e cultura cigana.

Há, contudo, abordagens diferenciadas em obras como a de Maria de Lourdes Santana, *Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*, um trabalho de antropologia da década de 1980 que teve início já na década de 1970, onde há certa aversão às perspectivas generalizantes que foram antecipadas pelos escritores do fim do século XIX e início do XX. A autora afirma que:

Preocupamo-nos em apreender não somente os elementos culturais do povo cigano, que o aproximam ou o distanciam da sociedade

⁹ Dizemos intrigantes porque não são explicados pelo autor os motivos pelos quais ele representou os ciganos do Nordeste desta forma. E, além disto, a autora Cristina da Costa Pereira em seu livro *O povo cigano*, 1985, aponta que até a década de 1960, apesar de sofrerem preconceito, os ciganos não chegavam a entrar em conflito com os nordestinos. Porém, após a década de 1960, “cigano passa a ser sinônimo não mais de *individuo aventureiro, errante*, e sim, de *bandoleiro e participante de luta armada*” (p. 38) e que notícias diversas nos jornais dão conta disto na Bahia, Alagoas, Ceará, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte. E acrescenta que houve uma “ameaça de ciganos”, relatada nos jornais do Nordeste e divulgada pelo Brasil, assombrando a população. Sem muitas explicações, o texto aponta apenas a questão econômico social “vulnerável” que o Nordeste apresentava em relação a região Sudeste do país.

majoritária como a base de diferenciação entre o cigano e o nacional, mas nos preocupamos também em verificar de que forma estão os ciganos organizados, uma vez que, mesmo espalhados pelo mundo, se apresentam como grupo com marcada especificidade (SANTANA, 1983, p. 14).

Trata-se de um texto de caráter inovador em buscar as especificidades dos grupos ciganos que a autora pretendeu trabalhar, reconhecendo os ciganos como grupo étnico. Além do mais, Santana (1983) refere-se aos ciganos que estudou, evitando generalizações e uma história totalizante, cheias de “verdades” científicas, como vimos nas obras pioneiras. Claro que não deixamos de considerar que ela escreveu num outro tempo.

As discussões que fazemos, deságuam nas leituras e interpretações feitas pela literatura que trabalha com o tema, como os pontos de vista pensados por ciganólogos¹⁰, antropólogos, historiadores, literatos, sociólogos e outras áreas do conhecimento. A partir das transformações nos seus modos de fazer, a história enquanto um campo disciplinar (BARROS, 2013) mostrou-se multifacetada nas formas de escrevê-la e lê-la ao longo do tempo. O século XX foi responsável por mudanças na historiografia, que “levaram à construção de investigações consideradas culturais” (RIOUX, 1998, p. 13).

A chamada História Cultural chegou ampliando os conceitos de cultura - mesmo que este ainda seja um dos maiores problemas no que se refere a este campo¹¹ -, rompendo com a dicotomia “cultura popular *versus* cultura erudita”, afastou-se da história marxista e trouxe o retorno à política com revalorização dos papéis dos atores participantes de processos de mudanças. Promoveu, ainda, os debates em torno das experiências individuais e com isso abriu os leques de possibilidades para o uso de novas fontes, como as fontes orais e um revisionismo nas fontes escritas, que já vinha ocorrendo desde o século XIX, de forma tímida, mas já apontava para as possibilidades de estudo da história do tempo presente.

O trabalho com os ciganos na cidade nos foi possível dentro daquela terceira margem da qual nos fala Jean-Pierre Rioux em *Para uma História Cultural* (1998), que seriam histórias das práticas culturais com densidade sociocultural. Assim sendo,

¹⁰ Termo usado para designar pesquisadores da cultura cigana. Ver: MOTA, Ático Vilas-Boas da. (org.). *Ciganos: Antologia de ensaios*. Brasília: Thesaurus, 2004. O autor afirma que a ciganologia seria uma das vertentes da antropologia cultural e que nasceu na Inglaterra em 1888, após a criação da revista *Gipsy Lore Society*.

¹¹ Ver: BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. IN: *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

comungamos com este pensamento acerca da história cultural e de seu uso quando afirma que:

A história cultural é a que fixa o estudo das formas de representação do mundo no seio de um grupo humano cuja natureza pode variar – nacional ou regional, social ou política –, e de que analisa a gestação, a expressão e a transmissão. Como é que os grupos humanos representam ou imaginam o mundo que os rodeia? Um mundo figurado ou sublimado (...) mas também um mundo codificado (...), contornado (...), pensado (...), explicado (...), e parcialmente dominado (...), dotado de sentido (...), um mundo legado, finalmente, pelas transmissões devidas ao meio, à educação, à instrução (RIOUX, 1998, p. 20).

Além das preocupações acerca do estatuto e da escrita da história, houve mudanças nas novas formas de pensar e de escrever dos historiadores. E foi este debate que fez “surgir novos objetos; (...) a construção das identidades sociais e as práticas culturais. (...) o trabalho histórico encontrou uma nova vitalidade e articulou de modo inventivo as reflexões teóricas ou metodológicas com a produção de novos saberes” (CHARTIER, 2002, p. 22). Nesse sentido, o que nos atraiu, para este campo pode ser resumido nas questões pautadas também por outros historiadores, tendo em vista que, nos últimos anos “três noções sustentaram a reflexão das ciências humanas e sociais: discurso, prática, representação” (CHARTIER, 2002, p. 18).

Infelizmente, “a quase totalidade do que se publica no Brasil sobre ciganos é pelo viés esotérico ou “folclórico”, disseminando preconceitos e reforçando estereótipos” (TEIXEIRA, 2009, p. 9). Adicionamos o fato de que “no Brasil, durante o século XIX, praticamente só se falava de ciganos quando sua presença inquietava as autoridades” (TEIXEIRA, 2009, p. 11), porém, ressaltamos que não foi diferente no século XX. O que vemos é que as documentações ainda são escassas e os ciganos foram, durante muito tempo, invisibilizados na história escrita do Brasil.

Desta maneira, damos ênfase às concepções acerca das práticas culturais (CERTEAU, 2013), para explorarmos o cotidiano dos ciganos na cidade. Chamando atenção, nesse sentido, as representações que construíram os discursos dos jornais, sobretudo, acerca destes sujeitos que se “fixaram” nesta cidade ou que apenas “arrancharam” por pouco tempo.

Neste estudo, alguns ciganos não são identificados pela etnia à qual pertencem, mas apenas por serem ciganos. O que podemos afirmar é que comungam de uma

linguagem em comum, o *romani*, que não é língua oficial de nenhuma nação, mas que se aproxima do sânscrito e de outras línguas da Índia. Segundo Ivatts (1975, p. 5), “a língua talvez seja o fator cultural mais poderoso de vinculação dos ciganos a um patrimônio comum”.

Pensando nas questões acerca da cultura, vemos que esta é uma discussão que já foi avaliada por vários pesquisadores¹² em vários contextos, os quais apontam as dificuldades em se delimitar ou caracterizar uma cultura. Discutindo sobre isto, Jean-Pierre Rioux (1998) mostra que nos tempos que ele considera como sendo de evoluções para a historiografia, as representações são privilegiadas, promovendo análises sobre a cultura:

O novo rumor do mundo reabriu em primeiro lugar e de repente à investigação da história todas as acepções, universais, sociais e individuais, da palavra <<cultura>>; a mais ontológica, que distingue a existência humana do estado natural, com sinais distintos e marcas simbólicas, sistemas de funções e práticas, apropriação colectiva e condições de civilização; a mais antropológica, que faz da cultura um conjunto de hábitos e de representações mentais próprios de um dado grupo, num dado momento, com o seu cortejo móvel de costumes e crenças, de leis e de técnicas, de artes e linguagens, de pensamento e mediações; finalmente a mais <<clássica>> e tão <<esclarecida>>, que reconduz a cultura ao saber, um processo no decorrer do qual o indivíduo pensante estimula as faculdades do espírito (...). A partir de então, tornou-se indispensável tentar abordar, global e historicamente, <<o mundo como representação>> (RIOUX, 1998, p. 17-18).

As fontes apontam uma variedade de características que descrevem possibilidades de observarmos culturas ciganas, nesta cidade. No caso, as que aparecem com mais frequência nos jornais são as características que envolvem o caráter dos nossos personagens, referindo-se aos ciganos como pessoas que roubavam, matavam, eram sujos, trapaceiros e vingativos, ou seja, em geral associados a ideias que se voltam à violência – motivo de desconfiança e de medo¹³ na cidade. É importante frisar, ainda,

¹² Ver: EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. Entre outras problemáticas, são apontadas afirmações que nos fazem pensar a questão dos ciganos na cidade, tendo em vista que foram apontados como parte de uma cultura diferenciada, avessa à civilização: “Não é verdade, apenas a cultura que está em questão, mas uma seleção particular de valores culturais. Ser civilizado ou culto é ser abençoado com sentimentos refinados (...). É portar-se razoavelmente e moderadamente, com uma sensibilidade inata para os interesses dos outros, exercitar a autodisciplina e estar preparado para sacrificar os próprios interesses egoístas pelo bem do todo” (p. 32).

¹³ Ver: ELIAS, Nobert. *Os estabelecidos e os Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. RJ: Jorge Zahar, 2000. Nesse sentido, o autor aciona os termos *established* para as pessoas que ocupam posições de prestígio na sociedade estudada, enquanto os *outsiders* seriam os que

que há nos relatos orais de memória, além do que já foi apontado, as características marcantes de uma gente bonita, colorida, festiva e amada.

Pensando na ideia da cidade como um texto que narra seus habitantes e é narrada por estes, procuramos enfrentar o desafio de estudar os ciganos na cidade, tendo em vista que estes estiveram enredados em múltiplos discursos. Discursos estes que foram propagados desde a sala de estar dos lares de algumas famílias até os jornais, através dos quais, as pessoas puderam ter mais detalhes sobre suas vidas e sobre a circulação dos ciganos pelas cidades. Compreendemos que:

A seus habitantes, e por extensão a seus analistas, uma cidade fala eloquentemente dos critérios de segregação presentes em sua sociedade através dos múltiplos compartimentos em que se divide dos seus acessos e interditos, da materialização do preconceito e da hierarquia social em espaço. Sua paisagem fala de sua tecnologia, de sua produção material; seus monumentos e seus pontos simbólicos falam da vida mental dos que nela habitam e daqueles que a visitam; seus caminhos e seu trânsito falam das mais diversas atividades que no seu interior se produzem; seus mendigos falam da distribuição de sua riqueza ao estender a mão em busca de esmolas. Cada um destes índices remete às letras de um alfabeto que pode ser pacientemente decifrado pelos sociólogos, pelos historiadores, pelos urbanistas. A cidade, sem dúvida, pode ser “lida”, e é nesta perspectiva que se tem colocado alguns estudiosos do urbanismo a partir de meados do século XX (BARROS, 2012, p. 40-41).

Diversos foram os motivos que fizeram os ciganos chegarem, passarem ou ficarem em Campina Grande. Desde a história da cigana Nair na década de 1960 até os que ficaram e ainda moram nesta cidade - os ciganos da família Cavalcante Targino - um motivo especial os fez “parar” de andar: a escolarização das crianças. Notamos ainda que, mesmo com os preconceitos sentidos pelos ciganos e com toda diferenciação constantemente retratada à sociedade, eles não se mostraram alheios a questões como a escolarização e perceberam a cidade como local de possível melhoria de vida, devido ao comércio em expansão.

“Uma cidade respira quando nela existem lugares de palavra” (CERTEAU, 2011, 338). São os habitantes das cidades que atribuem novos sentidos ao viver urbano. E nesse sentido, “como regra geral de uma história cultural urbana, cabe lembrar que

não se encaixariam na ideia da “boa sociedade”. Os ciganos neste sentido, nos discursos jornalísticos da época e mesmo nos relatos orais de memória de não ciganos, são como os *outsiders* de que trata Elias. Sempre ditos no plural como se fossem um grupo homogêneo e estando fora dos padrões estabelecidos pela ordem da sociedade local.

todo esforço para desvelar representações passadas é uma leitura entre possíveis” (PESAVENTO, 1995, p. 287). Com a história cultural do urbano, podemos expandir nossa perspectiva de análise, tendo em vista as representações sociais que emergem nas sociabilidades cotidianas no passado.

Avançamos assim, para o primeiro capítulo, no qual cartografamos representações dos ciganos feitas pelos jornais campinenses. Buscamos entender como eles estabeleceram suas práticas de comunicação, de negociação e de mobilização na sociedade campinense. Desta forma, traçaremos uma breve trajetória dos ciganos em cidades brasileiras (relatadas em teses, dissertações e livros sobre ciganos no Brasil), dos ciganos que passaram e dos que se estabeleceram em Campina Grande.

Já no segundo capítulo, a partir dos relatos orais de memória de não ciganos, buscamos identificar como foi construída a imagem dos ciganos, investigando se tais imagens contribuíram também para o desenvolvimento de estereótipos e observando ainda, as memórias que traçam suas práticas e suas experiências urbano-rurais. Percebemos como os ciganos foram vistos pelos não ciganos através de memórias que relatam um “outro” diferente, indesejado, estrangeiro, ou mesmo querido, agradável, amado e amigo.

Para o terceiro capítulo apresentamos memórias de ciganos, através dos relatos orais de memória, com a aspiração de perceber como eles mesmos se representam e narram suas histórias, que trazem à tona suas práticas culturais.

CAPÍTULO 1. OS CIGANOS E AS CIDADES

*¡Oh ciudad de los gitanos!
 Em las esquinas banderas.
 La luna y la calabaza
 con las guindas em conserva.
 ¡Oh ciudad de los gitanos!
 ¿Quién te vio y no te recuerda?
 Ciudad de dolor y almizcle,
 con las torres de canela¹⁴.*

Homens, crianças, mulheres, idosos e também alguns animais se agruparam em algumas barracas montadas em terrenos visivelmente desabitados. Em temporalidades distintas, chamaram atenção da população campinense. Algumas barracas de lona, outras de plástico, algumas de panos, mas todas tinham sob seu teto, os ciganos¹⁵.

Havia algo de diferente na “ocupação” de alguns desses espaços em Campina Grande. A forma de moradia, de preparar a comida, a prática da quiromancia e do comércio, com o que os ciganos sobreviviam, são fatores que provocaram diversas reações na população local, entre elas o medo, e por isso, em alguns casos, ciganos foram expulsos dos locais onde estiveram “arranchados”¹⁶.

A presença de ciganos na cidade de Campina Grande e em localidades vizinhas foi um assunto abordado predominantemente nas páginas policiais dos jornais impressos locais no período pretendido, os quais revelam variados discursos que constroem representações para estes sujeitos.

¹⁴ Trecho extraído do *Romance de la Guarda Civil Española*, que é um dos poemas que compõem o livro *Romancero Gitano* escrito por Federico García Lorca, escritor espanhol (1924-1927). O poema aponta para um possível ataque da Guarda Civil espanhola a um povoado cigano durante um festejo religioso, sendo a Guarda, uma das forças que ameaçaram as culturas ciganas em Andaluzia-Espanha. Trata-se de um poema, que reflete muito da história dos ciganos e as perseguições e intolerância vividas no mundo.

¹⁵ Utilizamos o termo cigano por ser o mais recorrente nos textos sobre o tema, porém, ressaltamos que eventualmente os pesquisadores usam o termo *Rom* ou *Roma*, em que não há conotação negativa. Sobre a negatividade refletida no termo *cigano*, ver: CHINA, José B. D’Oliveira. *Os ciganos no Brasil*. (Subsídios históricos, ethnographicos e linguísticos). Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1936. O filólogo escreveu que este termo, enquanto forma portuguesa passou por várias outras formas que se correspondem entre si como *tsiganos*, na Grécia; *tsigan*, na Servia; *tsigany* na Hungria. Segundo o autor, “difícil se torna explicar como ella foi adoptada em Portugal, tanto mais que se sabe que os primeiros ciganos que entraram neste paiz provinham da Espanha, cujo povo sempre deu ao cigano a designação de gitano (...) (egiptano – egipicio)” (CHINA, 1936. p. 33). Ver também: TEIXEIRA, Rodrigo Correa. *Ciganos no Brasil*: Uma breve história. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. O autor aponta o termo “cigano” como sendo utilizado enquanto um insulto aos povos ciganos desde o século XV.

¹⁶ Este termo é utilizado pelos *calons* pesquisados, para designar que acampavam, montavam barracas em algum lugar improvisado, geralmente consentido.

Nesse capítulo, fazemos uma cartografia das representações feitas sobre os ciganos em jornais que circularam em Campina Grande, no período que corresponde a 1960-1990¹⁷, assinalando como foram retratados em momentos de sociabilidades¹⁸.

Tal discussão mergulha fortemente na questão da alteridade. O contato com a cidade provocou sentimentos diversificados nos ciganos e nos moradores que mantiveram contato com eles. Segundo Souza (2006), isso é característica comum em processos de estranhamento, que considera ainda que “a emergência de identidades étnicas está relacionada a contextos de forte alteridade e, por isso, é, com frequência, considerada como parte de um fenômeno notadamente urbano e também contemporâneo” (p. 11).

Os ciganos passaram por diversas peregrinações pelo mundo e foram, ao longo do tempo, marginalizados, segregados e excluídos. A intolerância às suas culturas os acompanhou até sua chegada ao Brasil, para onde chegaram degredados¹⁹ por decretos e ordens régias no século XVI. Por serem considerados marginais²⁰ à sociedade, devido à manutenção de suas práticas culturais diferenciadas da população por onde passavam, os ciganos foram intensamente perseguidos nas cidades europeias e também no Brasil.

A fonte jornalística se tornou nossa principal aliada não só para este capítulo mas para a pesquisa como um todo. Alias foi nos jornais que tivemos o primeiro contato

¹⁷ Começamos pela década de 1960 pelo fato de que foi neste período que ciganos da família Cavalcante Targino, resolveram parar de “andar”, passando a morar próximo à Campina Grande.

¹⁸ Ver: FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. O autor ressalta que a sociabilidade existe “enquanto possibilidade de construção temporária do próprio social entre estranhos ou atores sociais de condições diversas, em que a interação em si, constituiria o principal intuito” (p. 23-24).

¹⁹ Ver: COSTA, Elisa Maria Lopes da. *O povo cigano e o degredo: contributo povoador para o Brasil colônia*. In: ARAÚJO, Emanuel. (editor) *Textos de História: Revista do Programa de Pós Graduação em História das UnB*. V. 6, nº 1 e 2. Brasília: UnB, 1999. A autora propõe que os ciganos em Portugal enfrentaram legislações duríssimas contra suas culturas, chegando ao degredo às colônias portuguesas. Sua tese é de que alguns fatores são destaques para os degredos: a Metrópole queria se ver livre dos indesejados e ao mesmo tempo, povoar as colônias. Ver ainda: COELHO, Adolpho. *Os ciganos de Portugal, com um estudo sobre o calão*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1892. E CHINA, José B. D’Oliveira. *Os ciganos no Brasil*. (Subsídios históricos, ethnographicos e linguísticos). Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1936. Há também o texto: PIERONI, Geraldo. *Vadios e ciganos, Heréticos e bruxas. Os degredados no Brasil-Colônia*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: 2006. Neste texto, o autor afirma que só no século XVII é que se pode perceber “generalizado o degredo de ciganos para o Brasil” (p. 111). Logo após resolução real estabelecida em 1686, porém, afirma que em 1574 já havia caso de cigano deportado, como o caso do João de Tores, famoso nas pesquisas sobre o assunto, por ser considerado o primeiro cigano a ser degredado para este país.

²⁰ Ver: GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012. O autor aponta como a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e de como fazemos afirmativas de como os indivíduos devem ser ou deveriam ser, a partir de categorizações. E nesse sentido, aponta que “o individuo estigmatizado se define como não diferente de qualquer outro ser humano, embora ao mesmo tempo ele e as pessoas próximas o definam como alguém marginalizado” (GOFFMAN, 2012, p. 119).

com os ciganos. Nos acervos pudemos folhear coleções encadernadas, que mesmo podendo não constituir “memória para o leitor, ela pode-se constituir arquivo para o historiador. O jornal (...) faz então o papel de uma fonte onde a História busca, como alhures, documentos” (MOUILLAUD, 2012, p. 95).

Diário da Borborema, Jornal da Paraíba e Gazeta do Sertão imprimiram em suas páginas o cotidiano da cidade e questões relacionadas à recepção, pela sociedade, dos ciganos e outros forasteiros. Nas páginas dos jornais referidos e em outros textos, observamos discursos que exaltam esta cidade, supostamente²¹ ordeira e moderna²², mas que parece ser vivida de diferentes formas, uma vez que outros setores da população, como os populares, aparentemente viviam na cidade à sua maneira. Por isso, estariam em desacordo com o processo pelo qual Campina Grande passava, deixando inclusive a cidade em clima de intranquilidade, como anunciavam os jornais. Para nós, se tornou importante a escrita desta história, uma vez que,

As memórias construídas sobre a cidade de Campina Grande, entre as décadas de 1960-1980 falam de muitos sucessos comerciais e empresariais; informam sobre a criação de centros de educação, da construção da Federação das Indústrias do estado e de várias empresas de beneficiamento de produtos; do grande crescimento urbano, com a construção de praças, avenidas e prédios altos, mas pouco falam das pessoas, dos populares que habitavam ruas e becos, áreas insalubres e inóspitas, que só vão aparecer nos jornais em seus momentos de fúria, desavenças e humilhação (SOUZA, 2011, p. 91-92).

Para que chegar a algumas das representações do passado, é preciso estar munido de fontes, para alcançarmos os indícios que restaram de um passado vivido. Sem estas, o trabalho do historiador não seria possível. E nesta busca por fontes, o

²¹ Sobre a modernidade em Campina Grande e as contradições do desenvolvimento da cidade com relação ao cotidiano da população: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Por uma vida menos infame*. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org.). Populares na cidade: vivências de trabalho e lazer. João Pessoa: Ideia, 2011. (p. 81-107). E ainda: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Lazer e desenvolvimento em uma cidade de porte médio entre as décadas de 1950 e 1960 do século XX*. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. FALCÃO, Luiz Felipe. (orgs.). Campina Grande: EDUFPG, 2012. E também: SILVA, Luciana Estevam da. Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do “Mão Branca” nos jornais. Dissertação de mestrado, PPGH-UFPG. Campina Grande, 2010. Estes textos apresentam ideias com as quais corroboramos, no sentido de que a modernidade exaltada por cronistas dos jornais, nem sempre estava de acordo com o que vivia parte da população.

²² Ver: ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, vida urbana, modernidade: Campina Grande na Primeira Metade do Século XX*. Doutorado em História, UNICAMP, Campinas-SP, 1999. Ver também: GURJÃO, Eliete de Queiroz (org.). *Imagens multifacetadas da História de Campina Grande*. Campina Grande: Secretaria de Educação. 2000. E ainda: SOUZA, Antônio Clarindo B. De. *Lazeres Permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2002.

historiador também passou a buscar nos periódicos algumas respostas, para novas formulações e questionamentos – sobretudo o historiador que trabalha com o tema das cidades. Como afirma Luca (2006, p. 120), este foi buscar “na imprensa periódica, cujas páginas formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro. O novo cenário citadino do início do século XX abrigava uma infinidade de publicações periódicas”.

Analisaremos algumas das representações sobre os ciganos nos jornais, indicando que os discursos mudam com o tempo e de acordo com suas atitudes no urbano, com a utilização que eles fizeram dos espaços (CERTEAU, 2011, p. 184). As representações, assim, nos permitem pensar as construções possibilitadas pelos jornais, a partir dos ciganos que passaram pela cidade e, de outra forma, a partir dos ciganos que se fixaram na cidade. Logo, entendemos que, como afirma Chartier, “considerando que não há práticas ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo” (2002, p. 66).

Os ciganos na Paraíba apareceram repetidamente em matérias jornalísticas, sendo possível encontrá-los inclusive em periódicos que datam do século XIX²³. Porém, nos deteremos neste capítulo, à experiência citadina dos ciganos, focalizadas nos jornais, em Campina Grande, no período já mencionado.

1.1 Ciganos em cidades brasileiras

Em teses, dissertações, livros e artigos científicos, percebemos o embate com o qual frequentemente são narrados os episódios que envolvem a instalação dos ciganos no meio urbano ou mesmo quando apenas estão de passagem por alguma cidade. Há uma trajetória relatada na literatura em que observamos narrativas de estranhamento realizadas pelos autores que, por vezes, acabaram contribuindo²⁴ para a construção e afirmação de estereótipos das pessoas de etnia cigana.

Sem seguirmos uma sequência cronológica, por mérito ou mesmo regional, e ainda sem a pretensão de esgotarmos as análises (que não é o foco deste texto) acerca de

²³ Jornal *A Verdade*. Areia, Julho e Dezembro de 1891 e Janeiro, Março, Abril, Agosto e Setembro de 1893.

²⁴ FERRARI, Florência. *Um olhar oblíquo*. Contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano. Dissertação de Mestrado – USP, 2002.

outras pesquisas, trazemos ao conhecimento do leitor um breve apanhado de pesquisas sobre ciganos e cidades neste tópico.

Rodrigo Teixeira, em *Ciganos no Brasil: uma breve história* alerta-nos para o fato de que os ciganos são ditos, lidos, escritos pelos outros e não por eles mesmos, e que a informação sobre os ciganos “é dada por intermédio de um olhar hostil, constrangedor e estrangeiro” (2009, p. 12). Dessa maneira, vários atributos estereotipados são atribuídos aos ciganos, segundo a visão do autor, com a qual corroboremos.

A pesquisa desenvolvida por Rodrigo Teixeira aponta conflitos entre ciganos, população local e a polícia em Minas Gerais, onde houve as chamadas “correrias de ciganos”, em fins do século XIX e início do XX. O autor chama atenção para o fato de que

Os ciganos nas cidades brasileiras estavam em dissonância com os ideais de civilização e progresso, tão marcantes nesse período. São identificados como elementos incivilizáveis, inúteis à sociedade, supersticiosos, corruptores dos costumes, vândalos, enfim, uma anomalia social e racial. Uma vez vistos desta maneira, as autoridades tentavam controlá-los, porém sem muita eficácia (TEIXEIRA, 2009, p. 12).

Ele ainda afirma que outras imagens foram criadas para os ciganos, e a análise deste autor vai além destas imagens relatadas nos jornais. Havia nesse contexto, a preocupação e uma política nacional da construção de uma identidade nacional e o crescimento das cidades e de sua modernização e higienização, e com esse intuito “intensificou-se a repressão às populações marginalizadas, entre elas, os ciganos. Eles tanto não se enquadravam na nova ordem, como também, segundo a sociedade acreditava, a ameaçavam” (TEIXEIRA, 2009, p. 16). A partir destas e outras políticas nas cidades, outras práticas surgiram, como as expulsões dos ciganos ou as tentativas de disciplinar (a partir dos códigos de posturas) a presença cigana nos espaços públicos.

Outro trabalho interessante é o de Isabel Cristina M.M. Borges, que aponta as relações de conflitos entre sociedade local e os ciganos em Juiz de Fora – MG. Em *Cidades de portas fechadas: a intolerância contra os ciganos na organização urbana na Primeira República* (2007), a autora declara que os ciganos eram considerados um obstáculo à implementação do projeto modernizante por qual passava a cidade em fins do século XIX e início do XX.

Desta forma, e com apoio das fontes jornalísticas, consegue mapear a trajetória dos ciganos por esta cidade, inclusive porque suas andanças eram acompanhadas pelos jornais, que avisavam a população, fazendo alardes de quando algum grupo se aproximava da cidade, já que, como ela alerta, esses periódicos eram “instrumentos observadores e controladores de tudo o que acontecia na cidade” (BORGES, 2007, p. 48).

Reportando-se ao contexto de Porto Alegre, Débora Soares Castro na dissertação *O olhar de si e o olhar dos outros: um itinerário através das tradições e da identidade cigana.*, 2011, retrata a vida cotidiana de quatro grupos de ciganos vivendo no início do século XXI. No seu texto, que analisou identidade e representações dos ciganos a partir de relatos orais de ciganos e de não ciganos, percebeu-se o quanto o estranhamento em torno desta cultura ainda persiste no tempo presente, com “continuidade da trajetória histórica de lutas e perseguições” (CASTRO, 2011, p. 177).

Estes textos nos mostram o quanto ainda há que se fazer em termos de escrita da história dos ciganos. Tais referenciais são tomados como apoio para nosso trabalho, pois, fornecem análises importantes para a revisão bibliográfica de conhecimento acerca dos ciganos e suas culturas no Brasil.

Ainda tratando a respeito dos ciganos nas cidades brasileiras, também vemos sua participação na sociedade do Rio de Janeiro, no século XIX. Moraes Filho (1886) escreve seu texto em fins do século XIX, e naquela época já apontava a vivência dos ciganos no Rio, inclusive mostrando a contribuição dos ciganos ao comércio de escravizados. Segundo o autor, os ciganos preferiram morar no bairro chamado Valongo, que à época, era depósito dos escravizados a serem vendidos ou trocados enquanto mercadorias.

A vida de ser cigano neste bairro é esquadrihada pelo autor, que traça os modos de viver, apontando práticas culturais que vão do nascer ao morrer como cigano no Rio de Janeiro. Apesar das generalizações, por ser uma das pioneiras no Brasil, ainda é bastante lida e citada por pesquisadores, sendo ainda referência nos estudos sobre ciganos no Brasil.

Em *Os ciganos calon do Catumbi: ofício etnografia e memória urbana* (2006), Miriam Alves de Souza apresenta-nos uma etnografia de um bairro do Rio de Janeiro, em que os ciganos são personagens que “pertencem quase todos a duas categorias, a de comerciantes e de oficiais de justiça” (SOUZA, 2006, p. 3). A experiência urbana dos

ciganos neste bairro e a interação com a sociedade não cigana se deu por meio do trabalho.

Com efeito, a autora afirma que estes trabalhos foram se renovando e passando de geração a geração. Mas mesmo exercendo esta função, sendo registrada historicamente desde o século XIX, os ciganos buscam ainda por reconhecimento de sua história no judiciário, da sua “contribuição positiva na história social da cidade” (2006. p. 72), tendo em vista que ainda são estigmatizados pela sociedade majoritária.

Em termos de Nordeste, há vários trabalhos. Erisvelton Sávio Silva de Melo apresenta um trabalho de dissertação “*Sou cigano sim*” – *identidade e representação*: uma etnografia sobre os ciganos na região Metropolitana de Recife – PE, 2008, apontando que os ciganos desta cidade, preferiram a vida sedentária para evitar as hostilizações dos não ciganos. No caso de Limoeiro do Norte – CE, Lailson Ferreira da Silva, em dissertação, aponta uma trajetória histórica dos ciganos no bairro Cidade Alta “*Aqui todo mundo é da mesma família*”: parentesco e relações étnicas entre os ciganos na Cidade Alta, Limoeiro do Norte – CE, 2010, desde o processo de sedentarização²⁵ nos anos 1980, até a contemporaneidade. Ele observa que entre os ciganos, o parentesco é definidor do grau de ciganidade, que é analisado entre os próprios ciganos, quando consideram “se o individuo é filho de pai e mãe cigana” (p. 79).

Destacamos também o texto, *De salteadores errantes a mártires e milagreiro: representações sociais de ciganos na cidade de Esperantina – Piauí (1913-2010)*, dissertação que trata de um massacre ocorrido no início do século XX no Piauí em que foram assassinados, por policiais, vários ciganos, inclusive crianças, que se tornaram milagreiros e mártires na cidade, adquirindo muitos devotos. Maria Auxiliadora Carvalho e Silva (2011) aponta, a partir dos registros dos jornais, que os ciganos foram perseguidos e massacrados, e que um dos contributos foi o imaginário social que os colocava como bandidos e “cangaceiros cearenses”, causando repulsa em parte da população local.

Em todos estes estados brasileiros, há referências de trabalhos e pesquisas realizados com ciganos em situações de vivências em cidades, por passagens ou ao

²⁵ Pode-se dizer que à medida que a urbanização vai se intensificando no Brasil, os grupos ciganos também passam a viver a experiência do “sedentarismo” com mais frequência? Poderiam estar usando o “sedentarismo” como uma estratégia de sobrevivência? Isso merece um estudo mais profundo, que não caberá na nossa análise, porém, observamos que na década de 1980, vários grupos ciganos se “sedentarizaram” ou se “fixaram” em várias cidades brasileiras, como foi apontado em algumas pesquisas tais como Moonem (2004); Silva (2010); Silva (2012).

decidirem morar. Desta forma, complementamos a ideia do pesquisador Rodrigo Teixeira, que afirma que “os ciganos tiveram sua história atrelada à história das cidades” (TEIXEIRA, 2009, p. 81). De fato, os ciganos causaram choques nas cidades onde se encontraram, estando de passagem, por sobrevivência ou apenas a trabalho. Estes choques eventualmente ocorriam ora por eles serem estranhos às sociedades nas quais se inseriam, ora por serem tão parecidos com a população local ao ponto de não serem identificados, devido à incorporação de culturas diferentes das suas.

Por fim, já que para garantir sua sobrevivência e praticar o comércio os ciganos estabeleceram contatos com a cidade e a população citadina, consideramos relevante a realização de estudos que analisem as relações entre ciganos e cidades. Desta forma, nos próximos tópicos, discutiremos sobre os ciganos na Paraíba e sobretudo em Campina Grande, foco da nossa pesquisa.

1.2 Ciganos na Paraíba

Sabemos da presença de ciganos na Paraíba, em cidades como Campina Grande e nos distritos de Galante e São José da Mata. Na capital, João Pessoa e em outros municípios como: Fagundes, Sousa, Patos, Marizópolis, Mamanguape, Queimadas, Juazeirinho, Soledade, Lagoa de Dentro, Riachão do Bacamarte, Alagoa Grande, Puxinanã, Condado, Belém, entre outras que carecem de mais informações para poderem ser expostas.

Os estudos sobre o tema se mostram atuais, uma vez que estes sujeitos circularam ou se estabeleceram no Estado e podem ainda ser vistos em suas andanças pelas cidades. Os trabalhos sobre os ciganos na Paraíba são, em sua maioria, restritos a análises e contribuições efetivadas prioritariamente por sociólogos e antropólogos. Colocamo-nos neste debate partindo do pressuposto que, enquanto historiadores culturais, podemos investigar - tomando como ponto de partida as fontes existentes - como foram construídas historicamente imagens e representações de ciganos na cidade de Campina Grande, travando diálogos também com a literatura sobre ciganos nestas áreas de pesquisa.

Comungando com esta perspectiva histórica, este trabalho não pretende buscar “origens”. Nas nossas análises não será possível abarcar as inúmeras questões que poderíamos investigar sobre os ciganos, pois, estas histórias são contínuas e,

Uma “história de ciganos” deve ser feita de muitas exceções, impossibilidades, contradições, incongruências, contrassensos. Essa perspectiva extrapola a coerência que a escrita tradicional do historiador exige; as condições espaciais e temporais individualizam muito os ciganos; a história dos ciganos é a história de um mosaico étnico. Este cigano – total abstração – é como a repetição infinita de um modelo ou motivo que se realiza através de variantes ilimitadas (TEIXEIRA, 2009, p. 19).

Em 2004, o pesquisador Frans Moonen realizou pesquisa em Sousa, no Sertão Paraibano. Naquela região, convivem grupos ciganos numa das maiores comunidades ciganas do Nordeste e, de fato, a mais conhecida e estudada em nosso estado até então. A pesquisa deste autor foi realizada a pedido da Procuradoria da República na Paraíba, e abriu o caminho para pesquisas posteriores²⁶ na Paraíba. Em um dos textos de uma coletânea de ensaios sobre ciganos, Moonen faz uma síntese do viver em comunidade cigana no sertão da Paraíba.

Segundo o autor, havia em 1993 – período de início da pesquisa – cerca de 445 ciganos vivendo em três ranchos diferentes, mas na mesma localidade. Ele faz algumas denúncias²⁷ acerca de como os ciganos sobrevivem na região, ressaltando a pobreza, a miséria e suas péssimas condições de vida. Na década de 1980, os ciganos sedentarizaram-se nesta região, e a partir disso, o maior problema foi conseguir a renda para sobreviver. Quando eram nômades, os homens vendiam, trocavam animais, faziam trabalhos em fazendas, mas depois da sedentarização, não conseguem mais o sustento da família, fazendo com que muitas mulheres tivessem que mendigar para sobreviver.

²⁶ Ver: SIQUEIRA, Robson de Araújo. *Os calon do município de Sousa-PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais*. Dissertação de mestrado. Recife – PE, 2012; RODRIGUES, Janine Marta Coelho. *A formação dos(as) professores(as) frente a diversidade: a questão dos ciganos*. João Pessoa, Mídia Ed. 2012; NERY, Inalva Bezerra. NASCIMENTO, Uelba Alexandre. *Os ciganos e a exclusão social*. Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História - ANPUH –PB, 2014. Disponível em: <http://migre.me/oTyPO>; MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto; *Entre os caminhos e as rotas dos ciganos do Vale do Mamanguape*. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Anais do evento, 2014. Disponível em: <http://migre.me/l18C7>. NASCIMENTO, Caroline L. Dantas do. *Pensar os ciganos em Patos*. In: *Ciganos em Patos-PB: o desafio atravessado por geração e gênero*. Monografia de graduação. UFCG, 2013; CUNHA, Jamilly R. “*O Rancho de cima*” / “*O Rancho de baixo*”: *algumas impressões*. In: *Sendo cigano e estando em Sousa: discutindo os modos de ser após 30 anos de “parada”*. Monografia de Graduação. UFCG, 2013.

²⁷ Segundo Moonen (2004), em Sousa, no período de sua pesquisa, algumas mulheres ciganas informaram que foram esterilizadas, e em alguns casos as laqueaduras foram feitas sem consentimento delas. Outro problema encontrado é a questão das garantias de direitos do cidadão, tendo em vista que todos os ciganos moradores de Sousa são brasileiros. Todavia, muitos ainda não possuíam seus registros de nascimento, não apenas por ser caro, na época da pesquisa, mas também devido à burocracia em fazê-lo. E sem documentação, há dificuldade em matricular os filhos na escola, tirar carteira de habilitação de trânsito e ser atendido em hospitais. Moonen continua afirmando que: “Na realidade, em Sousa cigano só se torna cidadão brasileiro ao alcançar a maioridade” (p. 159), ou seja, quando for votar nas eleições, que é uma realidade da nossa contemporaneidade para muitos paraibanos ciganos ou não.

Moonen assinala que percebeu em sua pesquisa, que há um “discurso da discriminação generalizada contra os ciganos, e por causa disto nada mais fazem para conseguir um emprego ou trabalho avulso” (MOONEN, 2004, p. 166). Enfatiza, ainda, que o fato da cidade ser “pequena”, o que acaba sendo fator de contribuição para o desemprego não apenas dos ciganos.

Segundo o autor, por não ser muito desenvolvida por esta época, a cidade não possibilitava aos ciganos obterem algum trabalho, diferente do que poderia acontecer se estes ciganos estivessem em uma cidade maior, já que para ele havia uma discrepância entre o tamanho da cidade e a quantidade de ciganos. Inclusive, segundo relata o autor, a falta de escolaridade e de qualificação dos ciganos não facilitava o ingresso destes em trabalhos formais, ficando dependentes dos políticos locais para conseguirem algum tipo de trabalho. Esses processos de sua exclusão em relação à sociedade não cigana, segundo Moonen, provocou nos ciganos um sentimento de pessimismo acerca da vida. Um morador da comunidade cigana afirma que “somos moradores; não somos mais ciganos” (MOONEN, 2004, p. 179).

Ainda sobre os ciganos na Paraíba, Maria Patrícia Lopes Goldfarb, nos aponta outras perspectivas de análises para o caso dos ciganos *calon* de Sousa. Em seu texto, *O “tempo de atrás”*: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB (2004), aponta que os ciganos de Sousa ainda viviam em péssimas condições de vida, sobrevivendo da mendicância, com alguns homens fazendo pequenos serviços e com algumas poucas pessoas recebendo aposentadorias e outros benefícios, a pesquisadora notou também que algumas questões retratadas por Moonen ainda estão em pauta, quando se trata dos ciganos no sertão paraibano.

Com a ideia de “o tempo de atrás” relatado pelos ciganos, com referência ao passado de nomadismo, a autora traça um caminho que remete às memórias. Os ciganos, por sua vez, idealizaram nas narrativas um passado bom e que eles tentam manter na memória coletiva, a fim de alimentar seu “desejo de ser e permanecer cigano” (GOLDFARB, 2004, p. 40).

Outra questão analisada pela pesquisadora foi como os moradores de Sousa percebem os ciganos. E conclui que os ciganos são representados de forma estigmatizada. A partir dos depoimentos, foi possível observar que os não ciganos

relacionam os ciganos sempre à sujeira, à prostituição e ao perigo, termos²⁸ que também vamos encontrar quando observamos as referências aos ciganos em Campina Grande.

1.3 Acampando na cidade de Campina Grande: entre idas e vindas, há sempre uma parada

Na década de 1970, um mar de barracas de lonas e estacas tortas que se espalharam por alguns bairros campinenses causou medo aos moradores, pois eles sabiam ou desconfiavam que ali estavam os “temidos” ciganos. Sob barracas com lonas nem sempre limpas e coloridas, desordenadamente ocupando lugares estratégicos, os ciganos que estiveram acampados nesta cidade provocaram sentimentos diversos na população.

Os grupos de ciganos que estiveram na cidade de Campina Grande a fim de “arranchar-se” trouxeram medo à população, segundo os discursos apresentados pela imprensa local que circulavam à época. A partir das nomeações feitas pelos jornais para classificar este grupo étnico, que utilizou espaços ditos modernos desta cidade para fixar moradia, mesmo que temporária, percebemos que diversas representações negativas acerca das imagens dos ciganos foram construídas e divulgadas pelos jornais. E desta forma, podemos compreender como através das representações, são classificados ou excluídos sujeitos sociais de um tempo ou de um espaço.

Assim sendo, interessam-nos, por enquanto, alguns grupos que estiveram de passagem pela cidade e que foram abordados nas páginas dos jornais. Alguns por apenas causar curiosidade, como em 1972 e 1977, nos bairros Tambor e Santo Antônio, respectivamente, e outros por estarem desordenando espaços desta cidade, chegando a ser expulsos do local onde acampavam por alguns dias, como aconteceu e foi notícia por duas vezes em 1989 e 1994, enquanto estavam instalados num mesmo terreno, localizado próximo ao Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo, no bairro Catolé.

Antes disso, observamos esta passagem de ciganos na feira Central de Campina Grande. Comércio intenso e uma aglomeração de pessoas chamou atenção. No centro da multidão, lá estavam os ciganos. Traziam consigo suas mercadorias para vender, porém,

²⁸ Os modos de viver dos “nômades” não se enquadravam nos padrões de higiene modernos, fazendo com que os não ciganos os olhassem com estranhamento.

algo deu errado no decorrer das vendas. Ora, os ciganos Del e Antônio, estavam a vender “anéis de níquel como sendo ouro”, segundo afirma o Jornal da Paraíba:

Os ciganos Adalberto Alves vulgo “Del” e Antônio de Morais, acampados no bairro do Tambor há cinco dias, foram presos na feira central, ludibriando a boa fé do povo, vendendo anéis de níquel por ouro. “Del” e Antônio procedem de Sergipe e aqui chegaram a semana passada, na tentativa de ganhar algum dinheiro, mas o processo foi descoberto e a polícia agiu, em defesa da bolsa dos mais ingênuos. Falando a conhecida gíria dos ciganos, ambos foram encontrados na feira, em meio a uma multidão que comprava seus objetos, sem entender que havia a desonestidade pelo meio da conversa. Dizendo que a “barra está pesada” em Campina Grande, querem ir embora logo que estejam em liberdade. Voltarão a Sergipe, após uma visita ao sertão da Paraíba por oito ou 15 dias²⁹ (grifos nossos).

Aqui, observamos as imagens de ciganos considerados como sendo desonestos, por serem aproveitadores desta inocência dos campinenses, conforme cita o jornal. Eles causaram estranheza ao se comunicarem e, segundo o jornal, esta fala era utilizada para enganar as pessoas ingênuas. Por sua vez, a polícia, que se instituía naquele período como solucionadora dos problemas da população, ao prender estes sujeitos, recebe por parte da imprensa uma imagem de agilidade. Mas não apenas isso, pois, o jornal alerta o destino dos ciganos. Ao anunciar a ida deles ao Sertão da Paraíba, é provável que a imprensa também estivesse alertando a população para ter cuidado com os ciganos que se deslocavam.

A linguagem usada pelos ciganos pode ser considerada uma tática³⁰ que pode ser utilizada para que o negócio seja efetuado com mais agilidade e sucesso, o que não significa desonestidade para o cigano. Neste caso, por se tratar de objetos falsos - segundo o jornal - os ciganos teriam utilizado a língua para supostamente facilitar as negociações e tirarem proveito dos não ciganos, sendo uma atitude considerada, pelos não ciganos como indigna, vergonhosa. Nesse sentido, entendemos a língua usada pelos ciganos, como elemento de identidade e corroboramos com o que nos explicita Goldfarb, quando afirma que “a língua representa uma forma de assegurar um lugar e um espaço no cenário social” (2004, p. 126).

²⁹ Jornal da Paraíba - 13 de julho de 1972. A partir daqui, o Jornal será citado como JP.

³⁰ Segundo Certeau (2011, p. 95) a “tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”(…). Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas”.

Interessante é que a figura do cigano na cidade não aparece como uma novidade, mas como um alerta daqueles que já os conheciam ou já absorveram uma representação ou ideia de quem seriam os ciganos e de como eles agem interagindo com os habitantes da cidade. E a linguagem³¹ usada incomodou alguns moradores da cidade, já que por não entenderem, as pessoas pensavam estar sendo enganadas nos negócios que viessem a fazer. A pesquisadora Cristina Pereira, nos informa que:

Por meio de formas dialetais (*manuche, calão*), ciganos das mais diversas partes do mundo podem, contudo se entender razoavelmente, considerando-se que tem como base linguística, o romani. Com a aquisição de vocábulos novos, aliada à distribuição geográfica dos ciganos pelos mais diversos países, além da readaptação ou substituição de outras palavras na língua romani, cada grupo acabou modificando, de certa maneira, o conteúdo linguístico do romani. Exemplo disso é o cigano espanhol – *gitano, calon* – que fala um romanês com fortes características da língua espanhola, inclusive no que diz respeito à estrutura linguística: o dialeto *caló* ou *zincalé*. (...) Essas variações na mesma língua não chegam a impedir a comunicação, pois, como dizem os zingáros, cigano se entende com cigano, seja de que parte do mundo for (PEREIRA, 2009, p. 49).

Através da imprensa campinense, localizamos imagens dos ciganos atreladas a discursos sobre os desregramentos de pessoas ‘desordeiras’, ainda chamando atenção para o fato da presença de ciganos serem “perigo” para os chamados “cidadãos de bem”. A essa época, na década de 1970, havia muitas notícias sobre roubos de cavalos, casos de brigas entre famílias, entre outras questões do cotidiano, como os casos das prostitutas que “infestavam” a cidade e de forasteiros que circulavam com frequência, merecendo cuidados e atenção por parte da população.

Ou seja, os olhares não eram apenas voltados aos ciganos, mas também a outras pessoas “desregradas”. Há, por exemplo, uma matéria acerca de um casal de forasteiros que se identificaram como “judeus errantes”, que estariam causando desconforto aos moradores da localidade onde estiveram “passando uns dias”, em uma das ruas do Centro da cidade,

³¹ Os ciganos, no século XV, em Portugal, chegaram a ser proibidos de falarem o *romani*. “Ao cigano era então proibido: falar o romanê, ser nômade, ler as linhas da mão e usar trajes específicos de sua cultura. O castigo variava de degredo e açoites até a pena de morte” (PEREIRA, s/d.). E além do mais, a partir dos relatos de outros pesquisadores, com relação à experiência dos ciganos em outras cidades, Rodrigo Teixeira afirma que em Minas Gerais, os ciganos eram afastados para os lugares mais insalubres e que “os ciganos não deviam ter lugar na cidade, porque a sociedade os associava à irracionalidade, aos modos rudes, ao atraso cultural e ao analfabetismo” (TEIXEIRA, 2009, p. 59).

Os pedintes Erasmo Francisco de Melo e Josefa Simões da Silva, consideram-se “judeus errantes” por este mundo. Chegaram a Campina Grande, de passagem para Juazeiro do Norte e por aqui se demoraram enquanto conseguiam alguma coisa para a viagem. Na manhã de ontem andaram brigando na rua Tavares Cavalcanti. Foram encontrados num tremendo vale-tudo e a patrulha de prontidão levou os dois para o buque da primeira delegacia. Amor demais: Erasmo Francisco afirmou que vem gostando de Josefa mas ela não lhe dá a devida atenção. Por isso se desentenderam e andaram brigando. Logo que forem postos em liberdade, continuarão a viagem ao Juazeiro do Norte³².

Havia certa perseguição por parte da polícia e dos jornais, como consequência do hábito de observar pessoas forasteiras como algum tipo de prevenção. É comum vermos nos jornais locais, a perseguição à vida cotidiana de populares e forasteiros na cidade. É notório que se fazia necessário que estes sujeitos não causassem transtornos aos moradores desta cidade. E mais uma vez, o jornal sinaliza o destino dos indesejados passantes.

Ano Novo ou Ano Bom, como alguns preferem chamar, a passagem de um ano para o outro é marcado por festas em Campina Grande, assim como em outras tantas cidades. As famílias têm o costume de se reunirem para celebrar a passagem do ano e é um dia de preparativos e de festas. E no primeiro dia do ano de 1977, havia algo de estranho acontecendo nesta cidade.

Ciganos aparecem no primeiro jornal do ano de 1977. Nas imagens apagadas dos jornais, devido ao tempo, vemos ciganas com vestidos longos, ciganos com chapéus à cabeça. Ao fundo das imagens, as tendas armadas e crianças sorridentes para as lentes das câmeras que captavam um pouco do cotidiano destes ciganos. O leitor dos jornais, ao acordar no primeiro dia do ano, após os festejos da noite de Ano Novo, identificou ciganos pela cidade, pois acamparam no bairro do Santo Antônio e se tornaram notícia.

Segundo o jornal, estes ciganos teriam vindo do Município de Ingá e viviam como nômades, mesmo possuindo propriedades em outras regiões do Nordeste. Além desta constatação - que já provocava curiosidade, pois teriam terras, mas não moravam nelas -, outra questão que causou espanto foi o fato de os “Zíngaros”, como foram chamados, se mostrarem “alheios às comemorações do Ano Novo”, conforme demonstrou o jornal:

³² JP, 15 de março de 1972.

Dezenas de pessoas reunidas revelavam ontem que estariam indiferentes à passagem do Ano Novo. Elas compõem a grande tribo de ciganos que há cerca de 15 dias acampou no "Alto do Santo Antônio". São "Os Zíngaros" que antes estavam na cidade de Ingá. A contagiante expectativa existente no Mundo inteiro em torno do que poderá acontecer no ano seguinte, as esperanças, os temores, os planos e execução de programas parece não afetar os "Zíngaros"³³.

O fato é que não se sabe ao certo de onde vieram estes ciganos, afinal, e havia grande curiosidade nesse sentido. Na matéria, expõe-se que os ciganos que estariam acampados há cerca de 15 dias, não estariam contagiados com a passagem do ano. As causas desta indiferença, apontadas pelo jornal, seriam pelo fato dos ciganos serem nômades e que, por possuírem conhecimentos acerca da quiromancia e de outras formas esotéricas de informação sobre o futuro, eles não estariam preocupados com o devir.

O alerta expresso neste texto do jornal contra os ciganos é norteador por vários aspectos, não apenas contra a vida errante, do não lugar, mas também com o "não tempo" destes ciganos. Ou ainda, ligado a um tempo que não o dos cristãos, daí a preocupação com o Ano Novo.

Além do mais, destaca-se que a leitura da sorte, a leitura das linhas das mãos, é uma forma de conseguir renda para a sobrevivência do grupo. Segundo o jornal, os mais velhos estariam responsáveis por esta tarefa. No caso destes ciganos, havia também a possibilidade de conseguir renda através do comércio, com a venda e a troca de produtos variados, e vale acrescentar que eles fabricavam peças de metal para vender³⁴.

A noção que o jornal apresentou dos ciganos é de que seriam membros de uma tribo. Geralmente, quando se fala em pessoas ciganas em grupos, os jornais os apontam como uma "tribo", "raça" ou "bando", de forma a inferiorizar esta etnia. Devido à curiosidade sobre estas pessoas, o jornal publicou esta matéria e em alguns trechos vê-se a fala dos ciganos sobre suas práticas culturais. Segundo relatos do jornal, as pessoas

³³ Campina Grande, Sábado, 1º de janeiro de 1977. Jornal que não podemos definir qual é, pois esta matéria foi retirada de uma de nossas fontes, que são os jornais encadernados pela família de ciganos Cavalcante Targino. Eles mapearam jornais que traziam matérias sobre a família e anexaram em um documento valiosíssimo para nossa pesquisa. Porém, fizeram algo parecido com uma "clipagem" e na colagem nem sempre é possível visualizar o nome do jornal, datas ou paginação. Infelizmente, não conseguimos ver todo o período abordado na pesquisa no Diário da Borborema, pois o acervo da cidade está de portas fechadas e não é permitido o acesso aos arquivos para pesquisas. Portanto, muitas das matérias que não têm datas foram retiradas desta encadernação, que está sob responsabilidade de Severina Marinalda Targino da Nóbrega, filha da cigana Joadiva, que nos permitiu obter uma cópia deste material.

³⁴ Para Pereira (2009), os ciganos *Kalderash*, que seria um subgrupo dos *Roms* são geralmente caldeireiros e circenses. Não sabemos a procedência destes ciganos acampados, mas hipoteticamente, por trabalharem com metal, estes poderiam ser ciganos da etnia *Kalderash*.

que “adivinham o futuro” seriam pessoas altamente respeitadas dentro do grupo. Em sua maioria, os mais velhos³⁵ são os guias das gerações que vão surgindo e efetuam o papel de guardiões e difusores da cultura,

A mais velha cigana da tribo “Os Zíngaros” tem 70 anos e seu entretenimento é ler a mão dos diferentes “ganjões” ou “ganjonas”- o que às vezes lhe rende modestas recompensas ante a promessa de revelar o “passado, o presente e o futuro através das casas astrais e das linhas da mão”. Eugênio Farias, de 60 anos de idade é o cigano mais velho da tribo. *Ele conta que alguns costumes da raça foram mantidos, mas grande parte está modificada, sofrendo influências constantes dos demais grupos sociais.* “Pode ser porque a gente passa em muito canto pelo mundo”, admite Eugênio, mas também acredita que as dificuldades financeiras tenham contribuído para essas modificações. Antigamente, se um cigano não ostentasse brincos enormes e não envergasse seu turbante de origem árabe, não era considerado “cigano-de-sangue”. Agora, como a sobrevivência está mais difícil e além disso diminuem cada vez mais as tribos nômades, “o jeito é vestir o que tiver” confessam alguns, e a exemplos de outros, os componentes da “Os Zíngaros” têm modesta vestimenta, muito distante das originais - quase talismãs³⁶ (grifos nossos).

Notemos que os ciganos tendem a casar-se cedo – reafirmamos que por fazerem parte de uma cultura heterogênea, essa pode não ser ou pode não ter sido a realidade de muitos ciganos. Talvez isso influencie no fato de que o mais velho do grupo pode ter em torno de 50 anos. Há relevância também no que se refere à memória, logo, os portadores da memória do grupo geralmente são as pessoas que já viveram mais tempo e têm mais experiência de vida.

Na fala do cigano entrevistado pelo jornal, há uma preocupação em manter as tradições, que segundo ele estariam se perdendo com as constantes mudanças no viver do seu grupo. Tanto que, de acordo com o jornal, eles tinham propriedades, mas tentavam se manter nômades, para dar continuidade à tradição do nomadismo, característica muito forte no imaginário sobre ciganos,

“Os Zíngaros” acompanharam ou lhes foram impostas - as sensíveis mudanças de costume até mesmo no casamento. Lembram que há anos o pai exigia certos atos de bravura entre os pretendentes: o cigano valente teria que domar 12 cavalos selvagens, apanhar serpente

³⁵ Segundo Pereira (2004) “Os mais velhos são responsáveis por transmitir e guardar a cultura cigana. Eles são “aqueles a quem se deve ouvir e respeitar, pois são conhecedores das tradições, afinal, o maior tesouro para os ciganos” (p.110).

³⁶ Jornais encadernados pela família de ciganos Cavalcante Targino (sem referências).

com a mão e sangrá-las no dente. Depois passaria por rituais de origem remotas cujo profundo ritualismo fazia medo em muitos ciganos. Só depois de passar por tais exames, o cigano era considerado digno ou não de se casar. Hoje, porém, eles realizam seus casamentos na Igreja Católica “pois é muito mais cômodo” do que realizar pelos velhos ciganos do Oriente³⁷.

Nesse trecho da matéria, a partir das referências feitas, temos o conhecimento de que estes ciganos teriam fortes ligações com o Oriente. Além disso, há enfoque no quanto os ciganos mudaram de práticas com o surgimento de facilidades da vida moderna cada vez mais ao alcance dos grupos nômades ou sedentários.

A construção de imagens *anticiganas*, analisada por Frans Moonen, identifica os primeiros estereótipos formulados em torno dos ciganos desde o século XV: “1) nômades, que nunca paravam por muito tempo num mesmo lugar; 2) parasitas, que viviam mendigando; 3) trapaceiros (...); 4) avessos ao trabalho regular; 5) desonestos e ladrões; 6) pagãos que não acreditavam em Deus (...)” (MOONEN, 2012, p. 81).

Isto faz parte de um imaginário criado em torno destes sujeitos, que agregados a diversas formas de produção cultural do ser humano, construíram imagens para os ciganos. Durante muito tempo suas vidas passaram despercebidas, como se eles não existissem. Ao preconceito que os atingia foram acrescentados o deslumbre, o medo e a injustiça, que nos dias de hoje ainda podem ser percebidos. Entretanto, apesar dessas imagens negativas, os ciganos são marcados também pela imagem de um povo alegre, musical e colorido.

“Uma estranha determinação”. Esta foi uma das chamadas publicadas no Diário da Borborema, em 23 de outubro de 1989, para apontar aos leitores um problema que os campinenses estavam enfrentando. Problema este causado, sobretudo, pela estranheza que os ciganos provocaram. Para melhor apurar as informações a respeito daqueles fatos que balançaram o cotidiano da cidade, o DB foi até o acampamento cigano.

No intuito de investigar como viviam os ciganos acampados naquela região, narraram em suas páginas detalhes de uma possível cultura cigana que foi encontrada sob as lonas coloridas: “Cumprir uma determinação de Deus. É essa a explicação dada pelos ciganos, que há mais de três meses encontram-se acampados nas proximidades do Terminal Rodoviário³⁸, para justificarem o grau de miséria em que costumam viver”³⁹.

³⁷ Idem, ibidem.

³⁸ Ver: Batista, Péricles Alves. *O Boulevard Shopping Center e a formação de uma Nova Centralidade em Campina Grande-PB*. João Pessoa, 2011. Este estudo nos traz informações sobre a importância deste

Destacamos este fragmento para refletirmos sobre uma questão que costuma ser apontada com frequência nos estudos sobre esta etnia, - por ser uma característica frequentemente relacionada aos ciganos, o nomadismo. Neste caso, a reportagem afirma a partir de entrevista realizada com o chefe cigano, Luciano Feitosa – único com direito à fala – que eles seriam nômades por terem recebido uma determinação de Deus, “que deixou os ciganos com o destino de andar pelo mundo, não se fixando em lugar”⁴⁰.

O veículo de comunicação possuía a preocupação de decifrar e conhecer este estrangeiro, procurando enquadrá-lo para melhor acompanhar e mostrar esta novidade, assim como apontar os perigos aos quais a população campinense estava exposta, uma vez que, segundo anunciava o JP em 26 de outubro do mesmo ano, “muitas queixas de roubos praticados pelos ciganos foram registradas nas delegacias da cidade”.

As sensações se deslocam rapidamente da noção de uma cultura que aparentemente prefere o movimento, com explicações míticas para tal, para chegar a uma leitura que já os apontava como desordeiros e ladrões que provocavam insegurança. Em busca de saber os motivos que levaram os ciganos, em várias regiões do mundo, a preferirem uma vida nômade à “sedentária”, diversos pesquisadores se debruçaram sobre esta questão, numa tentativa de responder às curiosidades que atentam para este tema.

Nesse sentido, buscamos o diálogo com historiadores, antropólogos, sociólogos, entre outras áreas do conhecimento humano, a fim de mapearmos alguns traços desta ideia de nomadismos, e com isso, notamos diversas explicações. Morais Filho (1981) faz um percurso em várias obras que falam sobre a migração dos ciganos no mundo. Entre estas, uma nos chama atenção, que é a referida por ele como tido sido colocada por D. Rafael Bluteau, que afirma:

Ciganos – Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturais do Egito e obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicílio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando

aparelho moderno da cidade, o Terminal Rodoviário “também conhecido popularmente por “Rodoviária Nova”, tem o nome oficial de “Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo” (p. 121). Vale salientar que, no caso específico de Campina Grande, durante muito tempo a cidade passou a se beneficiar da função de “nó rodoviário”, além de também se constituir como “ponta de trilhos” e “boca do sertão”, o que ajudou a consolidar a sua posição de capital regional (p. 30), o que nos faz compreender que esta cidade era local de passagem de ciganos com frequência, como atestam os jornais.

³⁹ Diário da Borborema, 23 de outubro de 1989. A partir daqui, o Jornal será citado como DB.

⁴⁰DB, 23 de outubro de 1989.

a Virgem Maria Santíssima e São José peregrinavam com ele pelo Egito (BLUTEAU apud MORAIS FILHO, 1981, p. 23).

Ao falar de nomadismos e migrações, os autores fazem, na verdade, uma tentativa de abalizar uma possível origem para os ciganos. Vários autores, como coloca Melo Morais (1981), vão registrar suas hipóteses acerca da origem dos ciganos em torno da Índia. Contudo, ressalta o autor, devido às dificuldades em descobrir as origens dos ciganos, foi possível saber mais sobre as migrações que ocorreram na Europa desde o século XIV, do que sobre a própria origem desta etnia.

Ainda sobre o nomadismo cigano e esta busca para decifrar os motivos pelos quais os ciganos, em sua maioria, são nômades, Pereira (1985) nos indica algumas explicações míticas, como as provindas da Bíblia. Nesse ínterim, buscamos estas referências que apontam que Caim, filho de Eva (a pecadora do paraíso celeste), por ter assassinado seu irmão Abel, recebeu um castigo de Deus: “Por isso você é amaldiçoado por essa terra que abriu a boca para receber seu irmão. Ainda que você cultive o solo, ele não lhe dará mais o seu produto. Você andarás errante se perdido pelo mundo” (Gênesis, 4; 11-13). A partir deste tipo de explicação para o nomadismo, os ciganos foram vítimas de diversas sanções e políticas anticiganas no mundo, que tentaram promover sedentarizações forçadas.

Além das tentativas de explicações sobre estes ciganos que estavam acampados, o jornal aponta características que supostamente, seriam “naturais” à sua cultura,

Vivendo da troca de objetos e da Quiromancia – a arte de se prever o futuro pelos contornos da palma das mãos – os ciganos ali instalados precariamente, em barracas de lonas e de plástico, não possuem as mínimas condições de higiene e suas crianças, via de regra, convivem com toda sorte de doenças. A quase totalidade do grupo não sabe ler⁴¹.

Estas referências são visíveis ao jornalista que escreveu esta matéria e que foi ao acampamento colher informações. Os jornais apontam diferentes leituras sobre estes sujeitos e até mesmo as informações nem sempre conferem uma com a outra. Percebemos isto quando, por exemplo, tentam decifrar a quantidade de pessoas no acampamento montado em 1989. O Diário da Borborema alega a presença de 200

⁴¹ DB, 23 de outubro de 1989.

peessoas, enquanto o Jornal da Paraíba apresenta outros dados, mostrando o acampamento com cerca de 500 pessoas.

Figura 01. Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema, em matéria publicada em 26 de outubro de 1989.



Esta matéria parece com um relatório de estudos de campo, uma vez que o jornalista entra no seio da comunidade para obter conhecimento sobre a mesma, descrevendo depois para o público, as visões obtidas. Entre as descrições, podemos notar que estes ciganos eram pobres ao ponto de não terem nem mesmo animais para se deslocarem, fazendo com que viajassem de um estado para o outro a pé ou pegando caronas:

Eles se dizem pacíficos e afirmam não serem ricos, como muitos pensam, vivendo de favores em todos os lugares que chegam. Para viajar, os ciganos ficam na beira da estrada, a procura de carona, ou conseguem com as autoridades locais um carro fretado, o que nem sempre acontece. Ao todo são cerca de 200 ciganos, a maioria crianças, sendo todos familiares de sangue, conforme lembrou Luciano Feitosa, o único autorizado a falar em nome dos demais. A curiosidade parece ser um fato típico dos ciganos, sendo isso facilmente visível por quem visita o acampamento⁴².

O jornal mostra ainda uma realidade que pode ser encontrada em outras comunidades ciganas, em acampamentos, ou mesmo com relação a ciganos sedentários

⁴² DB, 23 de outubro de 1989.

na contemporaneidade, que não difere de uma realidade brasileira no tocante a pessoas não ciganas, que também tem índices elevados de analfabetismo, afirmando que:

Poucos são os que sabem ler entre os ciganos, e a tendência é que as crianças se tornem adultas analfabetas, uma vez que não frequentam escolas, pelas constantes viagens que fazem e também porque a própria índole cigana não induz a leitura como uma necessidade para eles⁴³.

Nesse sentido, o discurso do jornal dá a entender que os ciganos, por terem uma cultura diferente, não têm certos apegos a alguns valores que os não ciganos têm, como por exemplo, ao trabalho formal e à escola. Sobre isto, podemos afirmar que as escolas, como afirma Ivatts (1975), não estão preparadas para esta rotatividade cotidiana dos ciganos. Uma questão muito importante para os ciganos e para sua cultura é a oralidade, que mantém vivas suas histórias para as gerações, daí percebemos que representam esta educação familiar como sendo mais positiva que a escolar.

Porém, nota-se que à medida que os ciganos abandonam a vida nômade, a tendência é “que por razões de emprego, segurança e informação, é indispensável saber ler e escrever, para não ser um verdadeiro inválido social” (IVATTS, 1975. p. 6). E isso devido ao fato de que, em alguns casos, o nomadismo é uma característica que fez com que os ciganos não aproveitassem as possibilidades de educação. Porém, o nomadismo não é o único empecilho para que os ciganos levem seus filhos à escola, “eles alegam que para o cigano basta aprender a ler, escrever e contar para não ser ludibriado” (PEREIRA, 2004, p. 60). Enfatizamos, ainda, que na contemporaneidade há inúmeros ciganos com formação superior e que ainda há fortes indícios de preconceitos nas escolas dos *gadje*, para receber as crianças ciganas⁴⁴.

Só que no caso da matéria, o que percebemos é que os ciganos estão sendo representados como pessoas que não se sabe como sobreviviam, tendo em vista este modo de vida em que viviam. Importante frisar, que “os ciganos tem leis morais rígidas – principalmente porque sempre conviveram muito próximos em espaços pequenos – o

⁴³ DB, 23 de outubro de 1989.

⁴⁴ De forma resumida e lúdica, ver o documentário realizado pela TV Brasil, em Caminhos da Reportagem “Ciganos: ‘A minha pátria é onde estão meus pés’”. Esta reportagem relata a realidade de vários brasileiros ciganos, inclusive a inclusão ou exclusão escolar. Disponível em: <http://migre.me/1l9lu>. Acesso em: 15/09/2014.

que sustenta basicamente o núcleo familiar, o qual consideram fundamental para a continuidade de seu povo” (PEREIRA, 2004, p. 111).

Fugindo deste *ethos* urbano em que havia um ideal civilizatório e cidadão nesta cidade, observamos que os ciganos são expulsos da cidade porque além de não trabalharem, sob a lógica dos não ciganos, furtavam para comer e assim sobreviver. Desta forma, afirmam os jornais:

O delegado Nilo Siqueira, da 1ª Delegacia Distrital, em José Pinheiro, deu prazo até as 22:00h de ontem, para que os ciganos acampados nas proximidades do Terminal Rodoviário de Passageiros, em Campina Grande, deixassem a cidade, uma vez que várias eram as queixas registradas contra eles, naquela DD, dando conta do sumiço de vários objetos e animais, de casas existentes nas proximidades por onde eles estavam instalados⁴⁵.

Os ciganos que se encontravam acampados nas proximidades do Terminal Rodoviário, ao bairro do Catolé, foram expulsos do local, por determinação do delegado Nilo Siqueira, que deu um prazo de 24 horas para que eles se retirassem da cidade imediatamente. O motivo que levou o delegado a tomar tal atitude foram as inúmeras denúncias de roubos feitas contra os ciganos, contra os quais pesa a acusação de terem roubado eletrodomésticos e criações inteiras de galinhas e ovelhas⁴⁶.

E este tipo de episódio e de imaginário sobre o cigano vai se repetir à medida que os ciganos surgem nesta cidade, em qualquer outro momento, como é o que acontece em 1994 quando são acusados mais uma vez de roubos e desordens. Estes episódios marcaram as vidas de muitos outros ciganos que percorreram (ou ainda percorrem) as cidades brasileiras. A chegada de ciganos não é apenas motivo de curiosidade, mas há os sentimentos de repulsa, desconfiança e medo.

Em 20 barracas, se distribuía 70 ciganos. O grupo de ciganos acampado na mesma localidade dos da matéria anterior, estariam sendo “acusados de levar pânico aos moradores do bairro do Catolé”, apesar de que nenhuma queixa foi levada a Central de Polícia, assim como os ciganos, por sua vez, afirmavam que não estavam ali para roubar:

Moradores das proximidades do terminal Argemiro de Figueiredo denunciaram ontem que os ciganos estabelecidos no local estão

⁴⁵ DB, 26 de outubro de 1989.

⁴⁶ JP, 26 de outubro de 1989.

levando pânico à população. Cerca de 70 ciganos estão acampados no local há várias semanas, vindos da cidade de Caruaru (PE). Eles negam as denúncias e afirmam que as reclamações são frutos de preconceito destas pessoas. – não estamos aqui para fazer o mal a ninguém – afirmou o líder dos ciganos, Expedito Pereira de Lima. De acordo com ele a estadia dos ciganos em Campina Grande se deve a duas mulheres recém-operadas que não podem viajar para outra cidade. Expedito Pereira de Lima disse que as mulheres vieram para Campina Grande para se submeterem a cirurgia e que existem crianças doentes também. As mais de 70 pessoas que se encontram acampadas nas proximidades do Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo são de uma mesma família, tendo como patriarca Expedito Pereira de Lima. Os núcleos familiares estão dispersos em mais de 20 barracas, que ocupam terreno às margens da Avenida Argemiro de Figueiredo. O líder dos ciganos disse que tão logo as pessoas doentes estejam em condições de viajar, eles vão embora. Uns pretendem ir para o interior do Estado, enquanto outros pensam em seguir para Maceió (AL). Dinheiro – para conseguir dinheiro, os ciganos fazem negócios de troca e venda. As mulheres fazem as tradicionais leitura de mãos, serviço pelo qual recebem entre CR\$ 5 mil e CR\$ 10 mil. Outras admitem que pedem esmolas, mas roubar, jamais. “Somos todos gente de bom. Conhecidos em toda Paraíba”, se justifica Expedito Pereira de Lima⁴⁷.

Observamos que o cigano Expedito tenta defender a imagem dos ciganos se contrapondo às imagens negativas publicadas no jornal. Mais uma vez, o jornal faz citações alertando o destino dos ciganos. E ainda fez fotografias que foram publicadas juntas à notícia, mostrando que as condições de habitação destes ciganos eram péssimas. E isso causava indiferença por parte da sociedade, pelo fato de pessoas morarem em um lugar que não tinha energia, água potável, banheiro e por fazerem a comida ao ar livre. E sua cultura causou desconforto na população local, apenas por sua presença. Mas para os ciganos, “a barraca é o seu lugar”, como já afirmou o historiador Lourival Andrade Junior (2008), e é uma forma de afirmar identidades, sobretudo para o cigano nômade.

Interessante frisarmos também a questão da seleção das matérias a serem publicadas. Segundo Miguel Rodrigo Alsina, uma questão que é geralmente selecionada, é algo relativo à curiosidade que surge diante do “outro”: “a observação do que é extraordinário, do singular e do exótico. Quando nos aproximamos da diversidade cultural, às vezes, os meios de comunicação prestam mais atenção ao que é mais chocante nessas culturas” (ALSINA, 2005, p. 155).

⁴⁷ DB, 26 de outubro de 1989.

Para mostrar sua índole de “pessoas boas”, os ciganos apresentavam cartas de recomendação elaborada por prefeitos, médicos, grandes fazendeiros conhecidos, assim como faziam os ciganos no século XV na Europa. Interessante nesta matéria é que além de não haver nada concreto e materializado de algum roubo por parte dos ciganos, já que as queixas da população só foram divulgadas nas rádios locais, o superintendente de polícia, o senhor Olímpio Oliveira não contribuiu para a indignação do povo por tê-los ali acampados.

Os ciganos pedem ajuda aos políticos e afirmam (mostrando o título de eleitor) que votam na Paraíba. Expedito mostra também cartas de recomendação de prefeitos, deputados e até de um juiz atestando sua honestidade. Liberdade - apesar das denúncias contra os ciganos veiculados nas emissoras de rádio na cidade, nenhuma queixa foi formalizada na Central de Polícia contra eles. O superintendente de polícia, Olímpio Oliveira, afirmou que a Constituição Federal da garantia de liberdade a todas as pessoas. Segundo ele, a polícia só pode agir se houver cometimento de crime e denúncia formalizada na central de polícia. “Eles tem direito de acampar onde estão como qualquer outro cidadão campinense”, concluiu Olímpio Oliveira⁴⁸.

Esta suposta desordem e infrações cometidas pelos ciganos foi algo fabricado pelos jornais. Percebemos que os jornais adotaram uma política da produção da imagem negativa com relação aos estranhos na cidade, neste caso, os ciganos.

Figura 02. Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema, publicada em matéria em 26 de outubro de 1989. Legenda: “Mais de vinte barracas foram montadas no acampamento dos ciganos no Terminal Rodoviário”.



⁴⁸ DB, 26 de outubro de 1989.

Ainda no ano de 1994, no mês de dezembro, outro grupo de ciganos acampou no mesmo local, próximo à “Rodoviária Nova”. Assim como os demais grupos, logo se tornam notícia, inclusive com fotografias do local, das barracas armadas e dos ciganos.

A Procuradoria Jurídica do DER – Departamento de Estradas e Rodagem deve entrar na justiça com uma ação de despejo, para retirar os ciganos acampados nas proximidades do Terminal Rodoviário de Passageiros Argemiro de Figueiredo. Segundo o administrador do terminal, Adalberto Ferreira, a invasão da área tem causado muita polêmica e transtornos aos passageiros, visto que os ciganos fazem abordagem às pessoas e até jogam “praga” àquelas que não aceitam a leitura de mãos [...] Como se não bastasse a invasão ao terreno, com a instalação de sofisticadas barracas. A “ciganaria” diariamente investe contra os passageiros, pedindo trocados, exigindo ler mãos e até mesmo agredindo aquelas pessoas que se recusam aos seus pedidos⁴⁹.

As autoridades locais passaram a tentar soluções para expulsar os ciganos da cidade. O administrador do Terminal Rodoviário se mostrou impotente para resolver o problema, vez que dependeria de recursos do DER para cercar a área e promover a expulsão dos ciganos.

Considerados como problema “muito grave”, foi necessária a intervenção policial para retirar os ciganos deste terreno. Há um agravante no discurso do jornal quando afirma que a “ciganaria”, além de atacar os passageiros pedindo dinheiro para ler a mão, estaria utilizando os serviços do terminal, a exemplo dos banheiros. Acrescenta-se que “o clima no terminal rodoviário é de intranquilidade. Os passageiros estão assustados, principalmente com as ‘pragas’, quando a pessoa não aceita ler a sua mão”⁵⁰. Observamos, por conseguinte, que na sociedade em que vivemos, há inúmeras regras de convivência, que são impostas por algum grupo social majoritário. Como afirma Becker (2008),

Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como outsider (BECKER, 2008, p. 15).

⁴⁹ JP, 3 de dezembro de 1994.

⁵⁰ JP, 3 de dezembro de 1994.

Figura 03. Fotografia digitalizada a partir do Jornal da Paraíba em matéria publicada em 21 de dezembro de 1994. Legenda: “As tendas dos ciganos estão instaladas ao lado do terminal rodoviário”.



Neste caso, entendemos que para que as regras sejam cumpridas, algumas pessoas são encarregadas de impor e exigir o seu cumprimento. Aqui, observamos o papel dos moradores do bairro em se dirigirem à polícia, no intuito de que esta pudesse resolver o problema que os transgressores causavam. Ora, passar dias e noites em tendas abertas, acampados sem permissão em um terreno alheio, era muito estranho aos moradores da redondeza. Regras existem em todos os grupos e a população não considerou que os ciganos também teriam suas regras, por isso o choque.

Tratando de discriminação étnica, Benjamim (2004) coloca o tema como sendo problemático, pois afirma que prevalece no Brasil o preconceito com relação à cultura cigana. Para justificar, traz alguns recortes de jornais, que mostram discursos sobre a cultura cigana em Pernambuco, como vemos neste trecho: “Ainda não consegui saber o motivo por que as autoridades brasileiras consentem que os chamados “ciganos” perambularem por todos os Estados, principalmente no Norte e Nordeste do País” (BENJAMIM, 2004, p. 308)⁵¹.

Todo este imaginário sensível⁵² que foi narrado sobre os ciganos nos fez refletir sobre as passagens de pessoas desta etnia por Campina Grande, pensando em como suas práticas culturais foram representadas discursivamente pelos jornais.

⁵¹ Diário de Pernambuco, 06 de junho de 1979.

⁵² Nesse sentido, lembramos como estas questões são importantes de serem analisadas para quem pesquisa na perspectiva da História Cultural. Corroboramos com a reflexão de Pesavento, quando afirma do quanto é difícil buscar estas representações do passado, logo, “o mundo do sensível é difícil de ser

1.4 Narrativas impressas dos ciganos em suas andanças na cidade

Após alcançarem públicos cada vez maiores, os veículos de comunicação passaram a configurar como uma das principais formas de saber o que se passa na cidade e no mundo. O jornal impresso, uma das primeiras expressões midiáticas a alcançar o grande público, tem papel importante para nosso estudo pela relevância social que possuía nos períodos que abordamos. Seu lugar de referência na construção das narrativas sobre o cotidiano de Campina Grande se mostra supostamente neutro e imparcial, porém, ficam “suprimidas” aos nossos olhos, as intencionalidades expostas nas produções jornalísticas analisadas.

Entre as notícias veiculadas pelo DB em 1960, há as perseguições a ladrões de cavalos, considerados como “o terror das fazendas” nos estados nordestinos; há notícias de descuidistas, estes em grande número na cidade; arrombadores de casas e de estabelecimentos comerciais; mortes de pessoas por assassinato, suicídios e acidentes. Prostitutas que se “proliferavam” na cidade; os cascadeiros, como chamavam os que davam golpes com cédulas de dinheiro falsas, que, geralmente eram forasteiros que aplicavam o golpe em estados diferentes de onde eram naturais.

São apresentadas histórias de vidas marcadas por violências e medo por parte de quem via as cenas e de quem contribuía para os casos. Nas narrativas do jornal, veem-se famílias em polvorosa, com medo da insegurança no próprio lar. Estas cenas podem ser observadas nas páginas policiais, que têm em sua maioria, os populares como personagens principais⁵³.

Há também muitas notícias de outros estados do Brasil, anúncios das boas novas que surgiam no país, com foco na industrialização, assim como notícias políticas. Com o Regime Militar a pleno vapor no Brasil, em 1966 Costa e Silva anunciava que iria “devolver os direitos do povo”, prometendo conciliar o golpe militar com a

quantificável, mas é fundamental que seja buscado e avaliado pela História Cultural. Ele incide justo sobre as formas de valorizar, de classificar o mundo, ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais. Em suma, as sensibilidades estão presentes na formulação imaginária do mundo que os homens produzem em todos os tempos” (2007, p. 21).

⁵³ Ver: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. Por uma vida menos infame. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org.). *Populares na cidade: vivências de trabalho e lazer*. João Pessoa: Ideia, 2011. (p. 81-107). O autor narra como os populares viveram, trabalharam, amaram nesta cidade e afirma que “Todos esses casos envolvendo prostitutas, pequenos laráprios, descuidistas, bêbados, traídos, loucos, vadios e insanos que perambulavam pela cidade, histórias das falsas empregadas domésticas que se encaixavam em casas de família com a pretensão de vir roubá-las, fazem parte hoje de uma história possível dos populares, das pessoas mais simples, dos desafortunados do luxo e da riqueza que, neste caso, parecia ainda existir na cidade de Campina Grande entre as décadas de 1970 e 1980” (p. 83).

redemocratização do país. A dinâmica estrutural da publicação segue basicamente a mesma formatação dos jornais contemporâneos, cujo objetivo é informar sobre o cotidiano das cidades.

Ainda neste mesmo ano, o jornal DB anunciou a história da cigana Nair, contada brevemente na introdução do nosso texto. Além desta história, outro grupo de ciganos surgiu nos jornais, desta vez, por estarem supostamente dando golpes em pessoas para conseguirem lucros em dinheiro. Chama atenção o fato de que estes ciganos não eram naturais de Campina Grande e sim de Maceió, e o anúncio foi feito por um jornal de Recife, pois o delegado de Maceió havia solicitado ajuda da polícia recifense e das cidades interioranas a fim de localizar este grupo. E assim, eles também se tornaram notícia estampada na capa do DB com a seguinte manchete: “Ciganos dão golpe de dez milhões em Maceió”,

Primeiramente Raul Gomes era visto chefiando um bando de ciganos, que chegou a montar as suas tendas em vários pontos da capital alagoana. Depois, Raul instalou uma casa comercial, provida de ampla oficina e destinada a reparos de baterias de automóveis. (...) O certo é que o chefe dos ciganos passou a comprar a crédito, chegando a totalizar 10 milhões de cruzeiros, seu débito na praça de Maceió⁵⁴.

Depois de contrair este débito, o cigano desapareceu. Os que ficaram nas tendas foram recolhidos pela polícia, porém, ninguém sabia informar o paradeiro do cigano. Esta estratégia dos ciganos pode ser observada com frequência quando se trata de saber onde está uma pessoa do grupo, caso esteja envolvida em algum problema, mesmo que de pequena causa. Entendemos que, possivelmente, este anúncio serviu de alerta à população campinense, uma vez que havia ciganos na cidade, inclusive já morando nesta cidade, evitando assim, que o caso se repetisse com alguém.

No JP, na página policial, num box lateral intitulado “Fatos Policiais” surge a figura de José Pereira, que era chamado de cigano, porém não sabemos nada mais além do que consta no jornal. Ele teria sido preso por furto: “Para averiguações de furto, foi preso ontem José Pereira vulgo “Cigano” de 22 anos de idade, sem endereço fixo. Será ouvido hoje pelo chefe de roubos e furtos investigador Joaquim Silvestre para contar sua história ou estória”⁵⁵.

⁵⁴ DB, 1º de abril de 1966.

⁵⁵ JP, 25 de maio de 1973.

É bom esclarecer que os jornais anunciavam também estes casos de pessoas que se intitulavam ciganas, sendo ou não daquela etnia. Mas, segundo o jornal, o fato de não ter endereço fixo já contribui para ser verídica esta probabilidade do José ser cigano. O que seria, no caso, um problema.

Outro caso foi o do cigano Euclides Ernesto da Costa, que estaria na cidade para vender e trocar, como de costume,

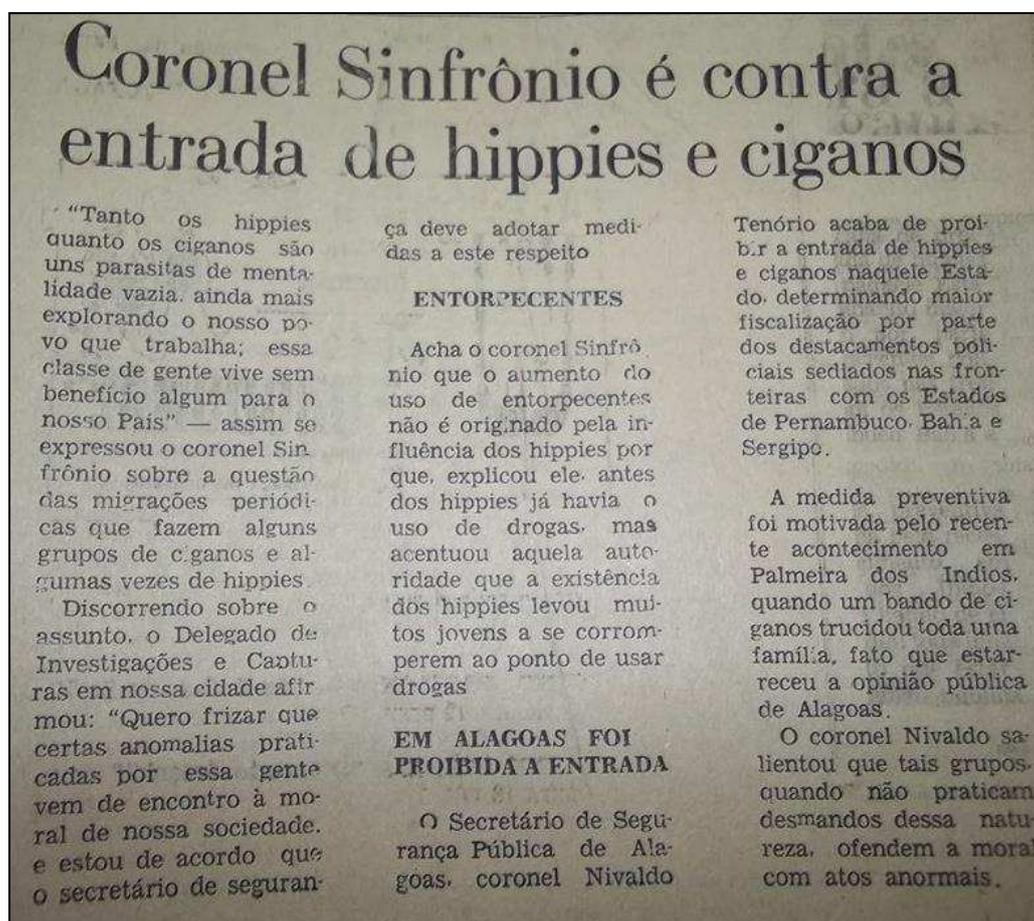
O comissário da estação Rodoviária Edson Nóbrega de Lucena, efetuou a prisão do cigano Euclides Ernesto da Costa, de 23 anos, solteiro, atualmente acampado na cidade de Guarabira, conduzindo-o em seguida para a Central de polícia. A prisão ocorreu do fato de estar o cigano tentando vender por 50 cruzeiros um rádio que disse haver adquirido pela quantia de 70 cruzeiros. Interrogado pelo comissário disse que ganhara o rádio de um “otário” depois de efetuar a leitura de suas mãos. Euclides está a disposição do investigador Antônio Bezerra Paz, “Batoré”⁵⁶.

Entende-se com isto que a visibilidade sobre os ciganos nas cidades é potencializada pela imprensa local. Até então, entendemos que as aparições dos ciganos nos jornais não são provenientes apenas da curiosidade que os cerca, mas há que se levar em consideração que os editores agregavam como pautas não apenas o que se passava na cidade, ou seja, estavam sempre a publicar coisas de outros estados.

Isso nos revela que liam e estavam em contato com as matérias e reportagens de outros jornais, como *O Comércio*, *O Diário de Pernambuco*, o *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro, e nestes jornais, por esta época os ciganos também apareciam. Vejamos uma notícia que circulou na cidade e que afirma a proibição da entrada de ciganos no Estado de Alagoas, mas que teve repercussão no país, conforme ilustra a fotografia a seguir:

⁵⁶ JP, 15 de agosto de 1975.

Figura 04. Fotografia digitalizada dos jornais encadernados pela família Cavalcante Targino. Refere-se a proibição da entrada de ciganos em Alagoas - AL.



Na matéria, que soa como um alerta, destacamos o trecho em que o coronel Sinfrônio enfatiza o seu desprezo pelos ciganos e *hippies*, além de mostrar a população campinense, que assim como o coronel Nivaldo Tenório, em Alagoas, também seria contra a entrada de ciganos na Paraíba, achando válida a ideia proposta no outro estado,

Tanto os hippies quanto os ciganos são uns parasitas de mentalidade vazia, ainda mais explorando o nosso povo que trabalha; essa classe de gente vive sem benefício algum para o nosso país (...). Quero frisar que certas anomalias praticadas por essa gente vêm de encontro à moral de nossa sociedade e estou de acordo que o secretário de segurança deve adotar medidas a este respeito⁵⁷ (grifos nossos).

⁵⁷ Não sabemos de quando é esta matéria, mas pelo nome do coronel citado, o coronel Sinfrônio, é possível que isso tenha acontecido na década de 1970, quando ele ainda ocupava o cargo de delegado nesta cidade.

Na fala do coronel, observamos que ciganos e *hippies* são estigmatizados ao serem considerados parasitas, ou seja, pessoas “vagabundas” por não “trabalharem”. Segundo Goffman, “a estigmatização daqueles que tem maus antecedentes morais pode, nitidamente, funcionar como um meio de controle social formal; a estigmatização de membros de certos grupos raciais, religiosos ou étnicos tem funcionado, aparentemente, como um meio de afastar essas minorias de diversas vias de competição (2012, p. 150).

O fato de os ciganos terem sido proibidos de entrar em Alagoas, segundo o jornal, seria pelo fato destes ciganos terem cometido atos criminosos contra as vidas de uma família no Município de Palmeira dos Índios. Além de esta notícia estar em um dos jornais que circulavam em Campina Grande, também serviu de alerta para outros estados do Brasil, como ocorreu e foi notícia no Jornal do Brasil do Rio de Janeiro⁵⁸.

Em conversa com a cigana Joadiva Cavalcante, em Campina Grande, ela nos contou que o único episódio do qual se lembra a respeito dos ciganos em Palmeira dos Índios, diz respeito a uma passagem bastante perturbadora dos ciganos por esta cidade onde, segundo ela nos conta, uma índia e um cigano foram mortos,

Foi... os índio mataram Cícero, cigano Cícero, eu conhecia ele. Era tio de Antonieta. Eles vinha de camboio sabe? A turma. Aí os menino iam na frente montado de jumento, menino é bicho danado né? Aí os menino encontraram com os índio aí tiraram os índio a terreiro, aí os índio partiram pra cima, fincaram o coro nos menino... aí os menino fincaram o pau também... aí eu sei que os índio véi correram pra cima, pegaram o finado Ciço, mataram o finado Ciço, que era o pai dos menino... e cortaram ele como uma ruma de carne, deixaram só aquela ruminha de carne e cobriram com folha de mandioca. Aí os cigano correram, os que vinha mais atrás... um cigano chamado Dé matou uma índia (...). A polícia chegou, deu uma surra tão grande no Dé que ele aleijou, ele andava assim (faz os gestos como ele tivesse ficado corcunda e mancando), quebrou a espinha dele. Sei que foi um pega pra capá da mulésta. Dessa vez que houve isso lá, foi que eles saíram pra cá. Aí eles chegaram aí e se arrancharam lá nos Monteiro, ali de Queimada pra cá, tava nos Monteiro aí eu fui visitar... eu, Bitó, uma namorada do Bitó... era da família de Antonieta... Antonieta nesse tempo ainda era menina ... aí depois quando eles apareceram pra cá foi que Antonieta casou com Clóvis. Foi, finado Cícero era um cigano

⁵⁸ O Jornal do Brasil do Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1972 trouxe a matéria intitulada “Ciganos, uma fuga sem fim”, em que os editores analisaram a trajetória de ciganos no Brasil, trazendo registros históricos e de pesquisa bibliográfica sobre o assunto. Já em 22 de outubro de 1972, o jornal trouxe mais uma matéria intitulada: “Audácia e desesperança, a trilha dos ciganos” reportagem feita por enviados especiais que contam um pouco da realidade dos ciganos no Brasil. A matéria mostra como viviam e o que faziam das suas vidas, chegando a citar o caso da proibição da entrada dos ciganos em Alagoas devido ao envolvimento deles com homicídios.

bonito, bonito, bonito. Era casado pai de três fi... aí quando eles saíram pra cá os menino era tudo pequeninim, era (...) ⁵⁹.

Com este episódio vemos o quanto as fontes precisam ser analisadas. O fato narrado nos jornais pode ser o mesmo fato contado por dona Joadiva, porém, os jornais são datados e isso, de alguma forma, faz com que pensemos estar mais correto ou nos dá ao menos uma noção de que período falamos. Mas na oralidade, as pessoas esquecem de datas, de lugares e de pessoas.

Observamos que, ao narrar este episódio, a cigana Joadiva fala de pessoas que marcaram sua vida. Mas, possivelmente, esquece-se de algumas coisas ou inclui outras que não estavam no contexto deste episódio. Em 1966, quando ocorreu o caso da cigana Nair - que era esposa do Cícero - o cigano Clóvis, irmão de Joadiva já morava em Campina Grande e já era casado com a cigana Antonieta. Por isso, nosso estranhamento quando a colaboradora afirma que ela ainda “era menina” e que só depois se casou com Clóvis. O jornal exposto não tem data, mas pelos nomes do coronel e mesmo pela matéria publicada pelo carioca jornal do Brasil, já estavam na década de 1970.

Percebemos que, qualquer acontecimento que envolvesse o termo cigano virava notícia. Já na década de 1980, surge a manchete: “‘Cigano’ fere PM após discussão na bodega”:

O soldado da Polícia Militar Rivaldo Ferreira Bazante, recebeu golpe de chave de fenda, na região torácica, desferido pelo *desordeiro conhecido apenas como “Cigano”*, que fugiu em seguida. A vítima estava numa mercearia localizada na Rua Riachuelo, no bairro da Liberdade quando chegou o criminoso, por motivos banais houve uma discussão entre eles que foram às vias dos fatos e na confusão o policial levou a pior. Socorrido por populares foi levado para o Hospital Antônio Targino, onde recebeu os cuidados médicos necessários e passa bem. OCORRÊNCIA – A versão apresentada na Polícia é de que o PM estava numa festa de rua que se realiza naquele bairro, onde mora na rua Gilberto Pereira, 445. Em companhia de alguns amigos, foi ao citado estabelecimento comercial onde *chegou “Cigano” cantando valentia e dizendo que não temia a ninguém*. Foi advertido pelo soldado a quem agrediu moralmente e em consequência recebeu outra advertência, mas para comprovar ser

⁵⁹ O cigano Cícero era casado com a cigana Nair, aquela que com sua história iniciamos nossa narrativa. Interessante como as narrativas destes sujeitos e juntamente com as dos jornais, fazem-nos montar este quebra cabeças. Um dos filhos deste casal de ciganos, o cigano Jerson, foi acusado de ter envolvimento na morte do cigano Clóvis, irmão de Joadiva e que era casado com Antonieta –sobrinha de Cícero.

realmente valente, sacou a chave de fenda e golpeou Bazante para depois sair correndo do local (Grifos nossos) ⁶⁰.

Não sabemos como esta história terminou. No jornal, a história não foi mais veiculada. O JP também anunciou o caso, com profundo desprezo pelo cigano, pois o policial estava gravemente ferido. Este “cantando valentia” é dito nas entrevistas também como fator de muitas confusões em que os ciganos, ao estarem em bares, se envolviam. Negar ou duvidar a força do cigano ou mesmo de sua índole eram motivos para brigas e confusões, como a que se envolveu “Cigano”, assim como o é para muitos outros homens não ciganos na época ou mesmo na contemporaneidade, em que a ideia de masculinidade deve ser defendida e afirmada com violência.

E segue-se mais uma avalanche de notícias. Desta vez, na cidade de Aroeiras:

Polícia na pista do cigano “bagunceiro”. O indivíduo Joaldo de tal, conhecido por “Cigano”, reside no sítio “Queimada da Onça”, no município de Aroeiras, está sendo procurado pelas autoridades policiais, por haver ferido a tiros de revólver os trabalhadores braçais, Severino Carneiro de Souza, de 18 anos de idade, residente na fazenda Pedra Branca e ainda Antônio Francisco Pereira de 23 anos de idade, residente no mesmo endereço, estando este último internado no Hospital Antônio Targino. “Cigano” estava bebendo com as duas vítimas e depois de uma pequena discussão, sacou sua arma e atirou contra Severino Carneiro e Antônio Francisco, tendo este último sido atingido na perna direita e outro no tórax⁶¹.

O fato é que se trata, mais uma vez, de alguém que se dizia ou era conhecido por “cigano”, por ser desta etnia ou apenas por sua personalidade ser influenciada por ideias que se tem sobre ser cigano. O autor do crime também fugiu e este caso não foi mais retratado no jornal.

Já em outro momento, em 1984, vemos o caso do “cigano”- também entre aspas, como coloca o jornal geralmente quando trata-se de ciganos - Gesualdo Barbosa, tido como “pessoa muito perigosa”, “criminoso”, “pistoleiro”. Segundo os jornais, ele teria causado terror em vários bairros, mas não sabemos se de fato ele também seria de etnia cigana⁶².

⁶⁰ Gazeta do Sertão, 17 de setembro de 1981. A partir daqui será chamado GS.

⁶¹ GS, 13 de abril de 1982.

⁶² JP, 18 de março de 1984.

Figura 05: Fotografia digitalizada a partir de matéria publicada no Jornal da Paraíba em 18 de março de 1984. Legenda: “Preso pistoleiro ‘Cigano’”.



Figura 06: Fotografia digitalizada a partir de matéria publicada no Jornal Gazeta do Sertão em 28 de dezembro de 1984. Legenda: “Jesusaldo, o cigano criminoso”.



Este “cigano” foi notícia nestes jornais, mas foi o DB quem afirmou que ele seria membro da família Cavalcante Targino: “o pistoleiro Josivaldo Barbosa da Silva (membro do temível grupo de ciganos que temporariamente residiram nesta região), se encontra no xadrez da central de polícia”⁶³. Isto causou indignação por parte dos ciganos desta família, que enviaram uma carta à redação deste jornal e que foi publicada dias depois desta falsa informação ter sido divulgada,

Sr. editor,

Prezados senhores, senhoras e jovens que fazem a sociedade brasileira, mais precisamente a da Paraíba. Eu e todos os meus familiares nos orgulhamos de sermos ciganos; pois para quem não sabe, nós ciganos, tivemos e temos nossa parcela de contribuição para

⁶³ DB, 19 de março de 1984.

o engrandecimento do nosso país e do mundo. Nós fazemos parte da História do mundo; estamos inseridos na História do Brasil, isto está registrado no Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro. E em livros dos famosos escritores, como Jean Baptiste Debret, August de Saint Hilaire, Hoyland, George Borrow, Serboianu, Pabano Bergeron e Vaillant. Adolfo Coelho, Melo Morais Filho e José B. de Oliveira, ainda encontramos reportagens na revista CRUZEIRO de 24 de abril de 1954, na revista SCALA da República Federal da Alemanha etc. Estes escritores deixam bem claro a nossa ligação com a História mostrando o cigano Joaquim Antônio Rabelo, como grande força nas agitações políticas para a nossa independência. Mostra também o convite feito por D. João VI aos ciganos, para o casamento de sua filha e arquiduquesa, D. Leopoldina com o príncipe D. Pedro a 12-10-1818 e após as festividades do casamento, foram os ciganos, agraciados com cargos de auferes das ordenanças da corte, tenente coronel, sargento-mor, major do 3º regimento das milícias da corte. E as ciganas receberam muitas jóias de presentes. Somos um povo de religião própria, que tem uma língua, temos nossa cultura e nossos costumes. O nosso caráter é muito forte e penetrante. Por outro lado, em nossa família não possuem gente da qualidade deste senhor que foi detido pela polícia de nossa cidade, e que o DB fez uma reportagem no último dia 19 e 23 mais precisamente segunda feira e sexta feira, a qual me deixou muito aborrecido, onde enfatizava que o citado pertencia aos ciganos que aqui residiram. *Senhor redator este tipo de reportagem só nos traz prejuízo social, pois ainda residimos aqui seria bom que da próxima vez, vocês que fazem o DB tenham mais cautela quando abordarem nomes de famílias, raças ou mesmo de pessoas. Por esta razão venho veemente solicitar que desfaçam o mal entendido por parte de vossos repórteres. Pois, este rapaz nada tem a ver com ciganos, apenas o vulgo dele é que é cigano ou mago. Se o mesmo esta dizendo que é cigano merece mais uma pena por usar uma descendência que não é sua (...)*⁶⁴ (grifos nossos).

O resto do conteúdo do texto está ilegível. Devido ao tempo, a fonte está desgastada. Porém, a partir de conversas que tivemos com pessoas da família, é possível afirmar que quem tenha escrito este texto tenha sido Mainá Targino, filho da cigana Joadiva. Segundo familiares, ele era estudioso da sua etnia e iria escrever um livro sobre o assunto, mas faleceu antes disso. A encadernação que possuímos copia, foi ideia e elaboração dele.

Enfatizamos o trecho em que o autor diz: “Senhor redator, este tipo de reportagem só nos traz prejuízo social, pois ainda residimos aqui”. Esta questão reflete muito no que estamos analisando nestas fontes, logo, as nossas reflexões partiram de questões do presente e assim como afirmou o autor, o fato de o jornal expor imagens de ciganos sem critérios de avaliação ou de descrição, contribuiu para que representações

⁶⁴ DB, Carta ao leitor em 27 de março de 1984.

negativas destes sujeitos fossem criadas. Entendemos que o autor percebeu que os termos usados pelos jornais e a divulgação exacerbada da figura deste “cigano”, sem a devida apuração contribuiria para negativar ainda mais a sua família, enfatizando os estereótipos em relação aos ciganos.

Encontrar, na história dita oficial, dados acerca de ciganos no passado contribuiu para a afirmação de suas identidades, enfatizando uma positividade em atividades que exerceram papel de destaque na sociedade brasileira. E contar isto, aos campinenses, através de um órgão que exerce poder de construir realidades, como os jornais, foi marcante para estes ciganos e possivelmente deixou em alerta estas empresas jornalísticas, para que pesquisassem ao se proporem a realização de uma matéria.

Notamos também a importância do jornal permitir o uso deste espaço, para que as pessoas pudessem se expressar. Os ciganos utilizaram e se defenderam de algo que consideraram injustiça ou falta de ética por parte do jornal em publicar algo falacioso sobre sua família. Na medida em que os ciganos se apropriaram do espaço do jornal para tentar desmistificar alguns estereótipos, reportamos ao que nos diz Alsina,

Esses preconceitos e estereótipos fazem parte do nosso universo referencial, que permite que possamos construir nosso sentido. Também há que se considerar que, às vezes, esses preconceitos e estereótipos nos servem como instrumento que nos ajuda a reduzir a complexidade da realidade, ou a dar sentido a realidade das quais temos pouca informação. Por isso, os preconceitos e os estereótipos tranquilizam a nossa ansiedade e a nossa incerteza diante da falta de sentido de uma situação (ALSINA, 2005, p. 274).

Campina Grande, que durante o período estudado apresenta vertiginoso crescimento não apenas populacional, mas também urbanístico, foi inúmeras vezes narrada por cronistas e pelos jornais como cidade sempre em crescimento e próspera, onde a população era serena e de boa índole.

Porém, relendo os jornais da época, vemos o cotidiano de populares expostos de maneira que nos faz pensar em outra cidade, não querida por muitos, pois a enfeavam, desfavoreciam a modernidade exaltada devido às práticas destes populares. Nos jornais, também vemos uma cidade diferente do que se dizia ou se pretendia. Compreendemos que há várias cidades numa só, alegre, bonita, de gente simples e festiva. Há a cidade dos que sofrem, dos que choram, dos que sentem dores, dos que matam e morrem.

Percebemos que há, no período estudado, certa preocupação dos jornais e da população também, em afastar certos “malefícios”. E a perseguição às práticas mágicas era comum, tanto nos casos de cartomantes⁶⁵ e ciganas lendo as mãos, como nos casos de algumas religiosidades, como o candomblé. Vale destacar que, algumas ciganas foram presas após leituras de mãos nesta cidade. O caso das “ciganas falsas”, em 1992, chama bastante atenção:

Ciganas são denunciadas e detidas. - a polícia efetuou a prisão da falsa cigana Maria das Graças Pereira, 32 anos, solteira e a apreensão de sua prima M.P. de 15, ambas natural de Floresta, interior de Pernambuco. Uma mulher havia prestado queixa contra as duas que tinham roubado a quantia de CR\$ 10 mil e depois saíram correndo. Minutos antes, as falsas ciganas chegaram a ler a mão da queixosa e cobraram Cr\$ 10 mil. A mulher não ficou satisfeita e denunciou o caso à polícia. Ontem pela manhã, na Central de Polícia, a falsa cigana Maria das Graças e sua prima a menor M. P. afirmaram que estão na cidade de Queimadas, e por não terem conseguido dinheiro para comprar mantimentos para nove irmãos menores que se encontrariam acampados em barracas em Queimadas, resolveram vir a Campina Grande ver se conseguiam pelo menos arranjar alimentos para os irmãos. (...) Ao ser detida pela polícia, a falsa cigana Maria das Graças Pereira afirmou que não roubou o dinheiro da mulher e ela deu o dinheiro porque ela quis, e por não ter ficado satisfeita com a leitura da sua mão resolveu denunciá-la (...) ⁶⁶.

Segundo o jornal, e por relato da própria Maria, esta passou a ler as mãos das pessoas, mesmo sem ser cigana, depois que os seus familiares foram assassinados. Saindo de Caruaru, ficaram a vagar por outros lugares, tentando sobreviver da forma que fosse possível, pois depois destas mortes, ficaram a passar necessidades. E como as pessoas costumavam pagar pela leitura de mãos, foi o método mais fácil que ela arrumou para conseguir dinheiro. Elas foram liberadas, mas advertidas de que não poderiam mais ser vistas circulando pela cidade.

Já em outro caso, uma mulher se diz enganada por duas ciganas, que ao lhe verem saindo do banco, pediram-lhe dinheiro. Ao receber a doação, a cigana pediu para ler a mão da senhora. Quando o fez, disse que se ela lhe desse mais dinheiro ela

⁶⁵ O jornal DB traz algumas matérias nos anos de 1984 e 1985, que dizem respeito a cartomantes e videntes que estavam espalhadas pela cidade. Alertaram a população para que não “caíssem em tentação”, devido à falsidade em seus trabalhos. Repórteres chegaram a fazer matérias indicando endereços destas pessoas e na tentativa de “desmascará-las”, fizeram matérias a partir de consultas falsas, o resultado, e indicando que a população deveria ter cuidado, pois a maioria destas consultas eram apenas “charlatanices”.

⁶⁶ DB, 18 de março de 1992.

multiplicaria. O jornal conta que a mulher “caiu no conto do vigário”, pois a cigana disse que multiplicaria seu dinheiro, mas o dinheiro sumiu quando a cigana o colocou na mão e fechou, quando abriu não havia mais dinheiro e depois disso foi embora, deixando Maria Isabel de Oliveira, a queixosa, sem o dinheiro que havia retirado no banco⁶⁷.

Observamos que na década de 1980, em Campina Grande, os ciganos tiveram maior visibilidade nos jornais devido aos fatos marcantes que aconteceram. Episódios de violência e de dor, que marcaram suas histórias e suas vidas, como foi o caso da família de ciganos dos Cavalcante Targino, quando as representações e generalizações acerca dos ciganos enquanto valentes, astuciosos e criminosos só aumentaram na cidade.

1.5 Vidas impressas em imagens: histórias de ciganos da família Cavalcante Targino através dos jornais

Quando escolhemos estudar os ciganos na cidade, enfrentamos o desafio de observar uma gama de cidades discursivas nos jornais. E nestes, os ciganos surgem como moradores e como passantes, como pessoas boas e como pessoas criminosas, perigosas.

Os ciganos da família Cavalcante Targino, de etnia *Calon*, estiveram nas páginas dos jornais, por variados motivos, desde a época em que decidiram “parar” na década de 1960. Suas imagens foram exploradas pela mídia de forma que ficaram conhecidos pela população majoritária, sobretudo quando foram evidenciados na década de 1980. Importante frisar que “as notícias ajudam a construir a sociedade como se fosse um fenômeno social compartilhado, já que no processo de descrição de um fato relevante, a notícia o define como tal e lhe dá a forma necessária” (ALSINA, 2005, p. 95).

Vários foram os registros publicados nos jornais que contaram sobre as origens destes ciganos. Segundo reportagem feita por Manoel Barbosa na década de 1970⁶⁸, em entrevista com o cigano Bitó⁶⁹ acerca de sua vida, afirma-se que este cigano e sua

⁶⁷ DB, 21 de outubro de 1994.

⁶⁸ Jornais encadernados pela família de ciganos Cavalcante Targino (sem referências).

⁶⁹ Com frequência, veremos os nomes dos ciganos trocados nas matérias, possivelmente porque os próprios ciganos os enganaram para manter-se livres de polícia e repórteres usando seus apelidos, o que é muito comum entre os ciganos ou também como é comum nos jornais, haver enganos e confusões.

família chegaram a se instalar na fazenda São José, em Ingá, no ano de 1960, quando ele e seus irmãos ciganos resolveram “parar”, enquanto seus pais, o ‘Capitão’ Neco e Ozana, continuaram “andando”,

A origem dos ciganos: (...) Não parecem que tenham conservado a verdadeira tradição de sua origem, mas tem uma língua própria, o que dá certa indicação de sua história perdida. Essa língua contém muitas palavras indianas do Norte e é provavelmente, de origem bacritiana. Há também nessa língua, consideráveis elementos Armênios e Persas. Encontraram-se os ciganos hoje em todos os países do mundo. (...) Hoje os ciganos já fazem parte da vida moderna, com carros, TV, fogões a gás, etc, até morando em casas e abandonando a tradicional barraca, “tenda”⁷⁰.

Vemos na matéria, que não fica exatamente bem esclarecido de onde os ciganos seriam provenientes. Talvez este texto tenha sido retirado de enciclopédicos. Não há referências.

Depois disso, o jornal aponta como os ciganos vieram para Campina Grande. Com detalhes e fotografias, mostraram um pouco do que era ser cigano, a partir do que “colheram” sobre esta família de ciganos e buscando desvendar os motivos que os trouxeram à cidade. A divulgação de “um relato completo sobre a origem dos ciganos e a vida dos ciganos” ainda é anunciada pelo impresso:

Como os ciganos vieram parar em Campina Grande: Com exclusividade para o Diário da Borborema, os ciganos contaram como e por quê vieram parar em Campina Grande. Até 1961 a família Cavalcante Targino vivia peregrinando em bando pelo país afora, mas foi o comandante maior da família, o “Capitão Néco”, pai dos ciganos Abílio, Miranda, Bitó e Clóves, que decidiu instalar em Campina Grande a ciganada que até bem pouco tempo atrás vivia pacificamente, sem qualquer problema, até que aconteceu o primeiro crime, quando foi eliminado cigano Clóves, que ao lado de Bitó, liderava os Cavalcante Targino, em Campina. (...) Os “Cavalcante Targino” são descendentes da família “Latiff Lafitt” de origem Árabe, com influência em vários Estados do Nordeste, sendo comandado esse grupo durante dezenas de anos pelo cigano Francisco Targino, sendo esse pai de oito filhos - João Olímpio, Emiliano, Prachedes, Pedro, Julio, Domitili, Analitili e Manuel - Manuel era conhecido por “Cigano Neco”, que tendo contraído matrimônio em 1922 com sua prima Maria Joventina da Conceição “Cigana Ozana”, procriou os

Exemplo disso foi o cigano “Bitó”, que chamava-se Severino Cavalcante Targino, mas que segundo o jornal chamava-se Severino Antônio Aragão.

⁷⁰Em 1981 o DB anuncia que, com exclusividade, traria à população, informações a respeito dos ciganos. Estas informações partiram das origens dos ciganos no mundo e no Brasil.

filhos Severino Cavalcanti Targino o “Cigano Bitó”, Joadiva “Diva”, Cosme “Clóves”, Nilton, “Abílio” e Francisco “Miranda”⁷¹.

Ainda segundo o jornal, os ciganos circulavam pelo Nordeste, mas eram simpáticos a Campina Grande, o que os influenciou a obter uma propriedade nesta região, primeiramente no Ingá em 1961 e depois em São José da Mata, já por volta de 1973. Eles escolheram primeiramente Ingá, devido aos altos preços das propriedades em Campina,

Após seu último filho completar a idade mínima de três anos resolveu se desmembrar do grande grupo, o qual seu pai “Francisco Targino” era o comandante, a partir daí o cigano Neco passou a ser considerado pelos demais bandos como “Capitão Neco”. Inteligente, dinâmico e com grande aptidão aos negócios, sempre procurou zelar pelo bom nome do bando por ele comandado. Os seus filhos sempre procuraram seguir os seus ensinamentos e comprovando talvez, que o homem não é produto do meio, procuraram incentivar seu pai no sentido de possuir terras, casa para morar, trabalhar e criar seus filhos, que na época já necessitavam de escolas para que no futuro pudessem bem representar a família, que apesar de tantas amizades nas mais diferentes escalas sociais, econômicas, políticas e militares, não passava de ser mais um grupo cigano. Mesmo com toda a insistência dos seus filhos o Capitão Neco só resolveu adquirir a tão desejada terra em 1961⁷².

Decisão tomada, os ciganos se determinaram a cultivar terras e com a agricultura e a pecuária, teriam mais rendimento aos seus negócios, que até então era de apenas vendas e trocas de burros pelo sertão da Paraíba e em fazendas de outros estados do Nordeste. “Campina Grande, na época, já era um centro onde estavam concentradas as melhores amizades e nos dava melhor possibilidade de progresso sócio-econômico, em comum acordo optamos por este município” relatou um dos entrevistados da matéria. E a partir deste período, as atividades econômicas mudaram, diminuindo a venda de burros e aumentando a criação de gado.

⁷¹ Idem, ibidem.

⁷² Idem, ibidem.

Figura 07. Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. “Família”. Em pé da esquerda para a direita, estão os ciganos Clóvis, Abilio, Miranda, Bitó e o Francisco.



Figura 08. Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. “Cigano Neco no cavalo”.



Figura 09. Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. 'Cigana Diva'.



Figura 10. Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. 'Cigano Bitó'.

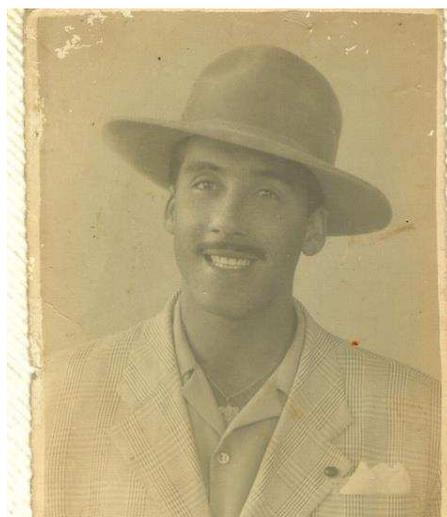
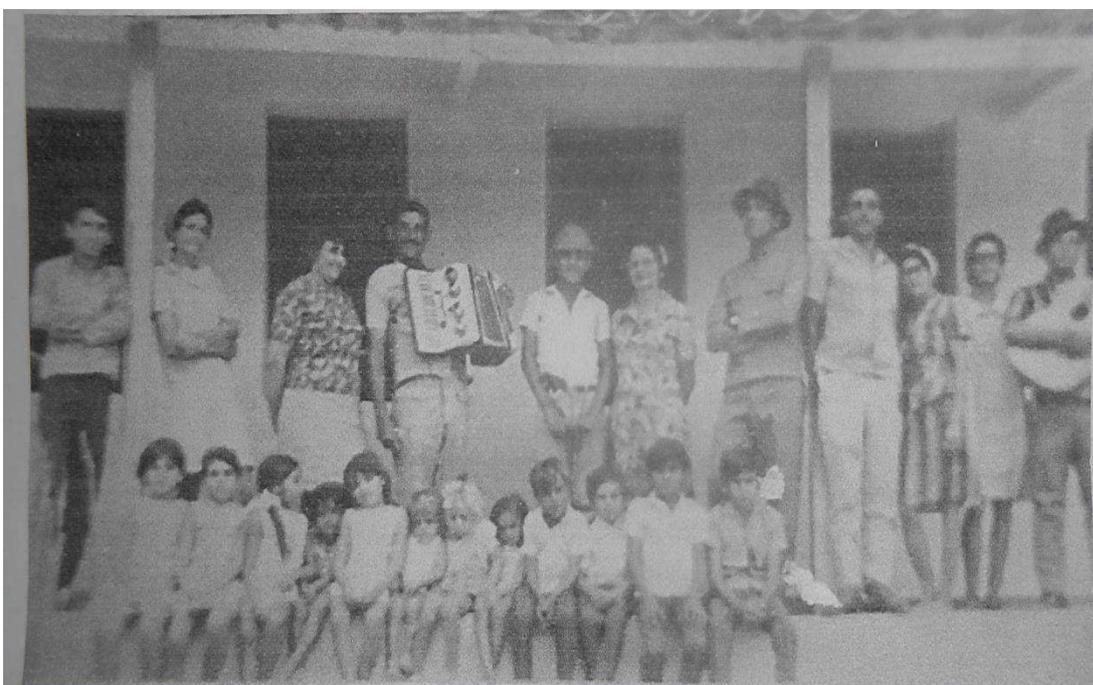


Figura 11. Fotografia digitalizada a partir do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. 'Cigano Neco'.



Estas duas fotos estão justapostas na capa do jornal Diário da Borborema de 1981, em matéria que indica que com exclusividade traria informações sobre os ciganos. Só que por falta de conhecimento o jornal publica a foto do cigano Bitó como sendo a do cigano Neco, que era seu pai. Estes erros aconteciam com frequência nos jornais ao publicarem fotos ou os nomes dos ciganos.

Figura 12. Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema em matéria publicada em 1981, s/d. Legenda: “Na antiga Fazenda São José, em Ingá, a família reunida em 1966”.



As imagens são utilizadas no jornal como forma de mostrar não apenas a exclusividade a que se propôs, mas como forma de prova de que os ciganos viviam nesta cidade e quem eram. Segundo Maurice Mouillaud,

A fotografia tem o privilégio de fixar o instante e de dar uma prova (e um suplemento) de verdade à informação: aquilo que é enunciado pela fotografia é a própria tomada da fotografia. Quanto ao objeto da fotografia de imprensa, pode-se dizer que trata da representação simbólica da vida social, cujas cenas mais importantes são figuras da comunicação (MOUILLAUD, 2012, p. 44).

Ao longo da pesquisa nos jornais, observamos a quantidade de fotografias que são expostas dos ciganos, marcando os fatos em que se envolveram e deixando a população informada de quem eram.

Além das possibilidades de “progresso econômico”, os ciganos também pensaram no desenvolvimento e escolaridade das crianças. Este também foi um dos motivos pelos quais escolheram Campina Grande, pois além de terem uma concentração de amizades, esta cidade é um centro de integração comercial entre muitas cidades paraibanas. E nos anos 1960, era o lugar mais propício para os estudos e para onde recorriam os que desejavam obter escolaridade para os filhos,

Poucos dias se passaram, a ânsia que tomava conta de todos transformou-se em alegria em julho de 1961 o capitão ordenou a seus comandados que juntassem os animais, pois pela madrugada, ao raiar de um novo dia, levantariam acampamento com destino a tão sonhada S. José. “Foram dois longos dias de caminhada, pernoitamos nas margens do Rio Paraíba e no dia seguinte por volta das 10 horas da manhã estava o sonho transformado em realidade, nossas tendas, “barracas de lona”, transformavam-se em casas de tijolos cobertas por telhas”. Mesmo sendo humildes, estas casas, representavam para todos verdadeiras mansões. Os anos se passavam, “o Capitão Neco” não se adaptava ao novo estilo de vida, mesmo tendo construído uma casa voltou o nomadismo, sendo que desta vez o seu bando reduziu-se a ele e a esposa, a “Velha Ozana”. Por esta razão, ele não se deslocava para locais longínquos ficando apenas da fazenda São José para o Engenho do Sr. Fernando Potasso, tendo falecido em 1964, acometido de cirrose hepática⁷³.

Depois da morte do Capitão Neco, muitas coisas mudaram na família. Inclusive o desejo de mudar-se da São José, que só se concretizou por volta de 1973. Os ciganos passaram a estimular os filhos aos estudos e alguns deles chegaram até o ensino superior, frequentando escolas da cidade. Tiveram destaque nos estudos seguindo até o nível superior, àquela época, Josarbas Cavalcante e Mainá Targino,

Vale salientar que durante 12 anos, a família Cavalcante Targino viveu na fazenda São José, onde sempre reinou a alegria e a paz. Em 1973 em virtude dos negócios de compra e venda de animais como gado, cavalo, etc, se centralizou nesta cidade, resolvendo comprar duas propriedades nas proximidades de Campina Grande, mais precisamente em Lagoa de Dentro, as quais formavam um complexo agropecuário, constituindo-se na maior Fazenda existente na zona

⁷³ DB, 1981, s/d.

urbana da cidade, denominada fazenda Alvorada a qual sempre participou das exposições agropecuária com bovinos e equinos, que sempre se sobressaíram com destaque⁷⁴.

O jornal pontua em sua narrativa as socializações dos domingos na fazenda, “onde com saudades lembrava-se os tempos de outrora com churrasco bons vinhos, uísques, etc. e ao som do violão tocado por Miranda e Bitó”⁷⁵. Porém, a alegria desta família foi sendo perdida ao longo do anos 1980, quando “os violões emudeceram, os churrascos chegaram ao fim, e, talvez, por ironia do destino, os entes mais queridos desta família tiveram suas vidas ceifadas por mãos criminosas”⁷⁶.

E por que os ciganos ficaram conhecidos pelo que aconteceu na década de 80? De forma mais resumida⁷⁷, tentamos cartografar os discursos jornalísticos que durante o período estudado trouxeram as vidas destes ciganos à tona, para que a sociedade campinense os conhecesse.

Em 1973, devido a uma discussão familiar, os ciganos aparecem no jornal, porém como agropecuaristas e ainda vivendo na fazenda São José. Já em 1977 há uma matéria no Diário da Borborema que aponta os ciganos morando em outra localidade, agora na Fazenda Alvorada, em São José da Mata – distrito de Campina Grande. E desta fazenda, os ciganos passaram a ocupar outros espaços, em outros bairros da cidade, como Três Irmãs, Ligeiro, Serrotão e Severino Cabral, onde alguns membros da família ainda moram.

Nesta matéria, os ciganos Clóvis, Iremar e Jânio exibem cavalos que iriam participar da 19ª Exposição de animais no Parque de Exposições Carlos Pessoa Filho. Exalta-se no texto que a fazenda destes ciganos era de ótima localização, assim como enfatizam o quanto os ciganos tinham boas condições de vida, já que exibiam cavalos de raças estrangeiras adquiridas de outros produtores locais, que custavam caro.

Segundo o DB, os ciganos estavam sempre nas feiras, em atitudes suspeitas, comercializando seus produtos, geralmente trocando, vendendo animais ou lendo as

⁷⁴Idem, ibidem.

⁷⁵Idem, ibidem.

⁷⁶Idem, ibidem.

⁷⁷ Para mais detalhes acerca dos acontecimentos relacionados aos ciganos em Campina Grande, ver: BATISTA, Gilmar Tavares. *As práticas culturais dos ciganos na Paraíba: uma trajetória da 'guerra dos ciganos' em Campina Grande, entre violências, (an)danças e magias (1980 a 1990)*. UEPB, Monografia, 2011.

mãos para conseguirem o sustento. Entre as práticas dos ciganos, narrados de forma geral, algumas ideias eram elencadas,

São lateiros, mascates, negociantes de cavalos, empresários de espetáculos de circos, etc. O cigano em si tem uma estranha e forte sedução. Entre outras influências exercidas pelos ciganos nas terras por que passam merecem menção musical. Sempre foram musicitas originais. Por toda a parte levaram o trovadorismo que deram certo gosto peculiar e próprio. Nunca se utilizaram de nenhuma notação musical, mas a tradição tem sido bastante para conservar-lhes a música. E a canção cigana conta, hoje, com descendência abundante na música da Hungria da Espanha e da Rússia. Na época passada os pais vendiam as filhas para os futuros maridos ou o casamento era combinado entre pais desde a infância de seus filhos⁷⁸.

Algumas destas práticas não se enquadram na forma de vida dos ciganos da família Cavalcante Targino. Este grupo procurou manter-se com a venda e troca de animais e outros produtos. Poucos sabiam ler a sorte, mas não dependiam disto para sobreviver. Os homens, em geral, cuidavam da economia e as mulheres das crianças e das tendas ou quando passaram a morar, das casas. Por terem se envolvido, algumas vezes, em confusões, os homens são retratados como valentes e perigosos, como se fosse prática comum e natural a todos os ciganos, de forma generalizada, agirem com violência a qualquer ato. Neste sentido, entendemos que as identidades são construídas, definidas “historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2002, p. 13). Ainda segundo Goffman,

Se deve haver um campo de investigação chamado de “comportamento desviante” são os seus desviantes sociais, conforme aqui definidos, que deveriam, presumivelmente, constituir o seu cerne. As prostitutas, os viciados em drogas, os delinquentes, os criminosos, os músicos de jazz, os boêmios, os ciganos, os parasitas, os vagabundos, os gícolôs, os artistas de show, os jogadores, os malandros das praias, os homossexuais, e o mendigo impenitente da cidade seriam incluídos. São essas as pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social (GOFFMAN, 2012, p. 155).

Bebidas e brigas. As páginas policiais dos jornais pesquisados estão cheias de pessoas, sejam homens ou mulheres, presos ou levados à delegacia por estarem envolvidos em “badernas”, “prostituição”, brigas e outros “crimes” contra a moral e os

⁷⁸ DB, 1981. Jornais encadernados pela família (sem referências).

bons costumes da sociedade. Os casos em que os ciganos aparecem nos jornais devido a confusões são vários⁷⁹ e, em sua maioria, estão relacionados a bebidas, assim como acontecia com outras tantas pessoas na cidade, mas o problema se agravava para os ciganos por serem simplesmente ciganos. A carga de estereótipos que carregavam à época e carregam seus descendentes, era exaltada a cada “passo dado fora do lugar”.

Em Campina Grande, nos fins dos anos 70, a questão do desarmamento das pessoas na cidade começou a ser defendida pelas autoridades policiais. Em 1978, já havia campanha para o desarmamento, em que palestras eram ofertadas nos bairros da cidade para mostrar “a incivilização de povos que andam armados”⁸⁰. Nas páginas policiais, podemos observar os inúmeros crimes causados por armas de fogo e a preocupação da sociedade em diminuir os números da violência na cidade.

Quando começamos a folhear os jornais da década de 1980, temos a sensação de estarmos diante de uma cidade cheia de pistoleiros e outros criminosos, que cometiam crimes e outros desmandos assustando a população. A esta época, as histórias do “Esquadrão da Morte”⁸¹ deixavam as páginas policiais “manchadas” de sangue com as mortes frequentes, e o discurso da cidade violenta aumenta nesta década.

Figura 13. Fotografia digitalizada do Jornal Diário da Borborema em matéria publicada em 13 de dezembro de 1981. Refere-se à propaganda da campanha pelo desarmamento.



⁷⁹ DB, 30 de agosto de 1978; DB 14 de setembro de 1979; JP 14 de junho de 1977; JP 10 de março de 1978; nestas matérias os ciganos são indicados como pessoas que com frequência provocam desordens envolvendo “terceiros” ou ente eles mesmos, sendo a “valentia” o termo usado com mais frequência para designá-los.

⁸⁰ JP, 19 de maio de 1978.

⁸¹ Ver: SILVA, Luciana Estevam da. *Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do “Mão Branca” nos jornais*. Campina Grande, 2010. Dissertação de Mestrado.

As operações em torno do desarmamento da população se intensificam, porém não evitam os inúmeros casos de crimes registrados. Apreensões de armas, sequências de morte e crimes diversos, inclusive nos quais se envolveram os ciganos, vão aumentando a cada ano, fazendo com que em 1984 tenha ocorrido um efeito contrário na campanha do desarmamento - realizada entre 1980/1981 - e as pessoas passaram a comprar mais armas, devido à violência e a sensação de insegurança e às matérias dos jornais, que contribuíam para deixar a população amedrontada⁸².

Neste clima de tensão e de violência dos anos 80 é que os ciganos vão surgir com mais intensidade e, logo, os discursos se agregam (no caso, os fatos envolvendo os ciganos, terão peso nos discursos que apontam a cidade cada dia mais violenta). Seus nomes, identidades, fotografias, suas intimidades, suas vidas e a morte de alguns, serão expostas nas páginas dos jornais.

Um dia de trabalho como outro qualquer para os ciganos que moravam no Serrotão. Naquela sexta, porém, o cigano Clóvis não ia ao centro da cidade como de costume, pois receberia visitas em sua residência, na Fazenda Alvorada. Em um dia de farra e bebedeira, naquele 25 de abril de 1980⁸³ aconteceu a primeira morte envolvendo ciganos da família Cavalcante Targino. Este cigano foi assassinado a tiros, próximo a Churrascaria do Paulistano, na BR 104, sendo os acusados, pessoas da família de sua esposa, Antonieta Alves, as visitas que ele recebera.

Entre abril, maio e junho, os jornais passam a “rondar” as vidas dos ciganos em busca de informações acerca dos assassinos⁸⁴. A vida destes ciganos e dos campinenses que acompanharam estas histórias ficaram marcadas, pois algumas mortes entre os membros desta família foram divulgadas pelos jornais, tendo grande repercussão.

⁸² DB, 12 de janeiro de 1984: “Com a violência, aumenta a procura por armas de fogo”. Nesta matéria, há dados sobre a quantidade e tipos de armas mais vendida na cidade e mesmo que houvesse certa burocracia, o número de vendas só aumentava. DB, 23 de fevereiro de 1984, na página em que se encontram os artigos, o Opinião Pública teve destaque por trazer à tona o que achava a população sobre “a grande procura pela espingarda calibre 12”. DB, 9 de junho de 1984: “Campinenses se armam contra violência” e nesta matéria é enfatizado o fato de Campina Grande ser considerada uma das cidades mais violentas do Nordeste, em que a cada 100 pessoas, 30 andavam armadas. DB, 11 de julho de 1984, a matéria de capa chama atenção: “Cidade infestada de bandidos. Em menos de quatro horas, mais de 30 assaltantes presos”.

⁸³ DB, 27 de abril de 1980. Na capa, “Pistoleiros foram contratados para matar o cigano”.

⁸⁴ DB, 29 de abril de 1980: “Os pistoleiros irão pagar caro a morte de meu irmão”. Do mesmo jornal: 01 de maio de 1980: “Pistoleiros podem estar escondidos em Sergipe”. 03 de maio de 1980: “Matadores do cigano continuam em liberdade”. 15 de maio de 1980 “Advogado afirma: pistoleiros mataram o cigano covardemente e não em legítima defesa”. JP, 08 de julho de 1980: “Crime dos ciganos”, nesta matéria, um dos acusados no crime de Clóvis, foi ouvido, o senhor José Simão de Melo, conhecido como Dedé boiadeiro, mas nada muito concreto foi reportado.

No mês de julho do mesmo ano, a cigana Antonieta Alves⁸⁵, esposa do cigano Clóvis, também foi assassinada em sua residência na Fazenda Alvorada, em São José da Mata. Segundo as informações dos jornais, o cigano Germano, seu filho seria o acusado do crime. O acusado fugiu logo após o ocorrido e na confusão a respeito desta morte, um cigano apontava o outro como sendo o responsável pela morte de Antonieta, sendo que os ciganos Abílio, Miranda e “Tilico” foram presos e só depois das devidas averiguações, foram liberados e tiveram as prisões relaxadas.

Devido à forma com a qual os jornais anunciavam as mortes, é possível imaginarmos que os campinenses quisessem entender o que estava acontecendo com aquela família de ciganos⁸⁶ e muitos boatos surgiram à época. Não saberemos⁸⁷ os reais motivos, tendo em vista que os membros da família, que estariam supostamente envolvidos, foram mortos, e os familiares vivos não gostam de falar sobre este assunto. Mas o fato é que os jornais utilizaram-se desta história para fazer inúmeras matérias sobre o caso,

De acordo com o que está sendo apurado pela polícia com a morte do cigano Clóvis assassinado em frente a Churrascaria Paulistano, no Tambor, desencadeou-se uma enorme disputa entre os herdeiros das terras pela posse de uma maior área da extensa Fazenda Alvorada avaliada em 80 milhões de cruzeiros, localizada no Serrotão a poucos minutos do Centro de Campina Grande⁸⁸.

No ano seguinte, o cigano Germano, que estava foragido, apareceu em Campina Grande e foi ouvido na delegacia. Porém, logo após surgir na cidade, foi assassinado por seu irmão, o cigano George⁸⁹. A partir daí, os jornais apontam a vingança, um dos motivos da morte de Germano, e para contar o que acontecia à população. Os jornais passam também a representá-los em charges e desenhos.

⁸⁵ JP, 20 de fevereiro de 1981.

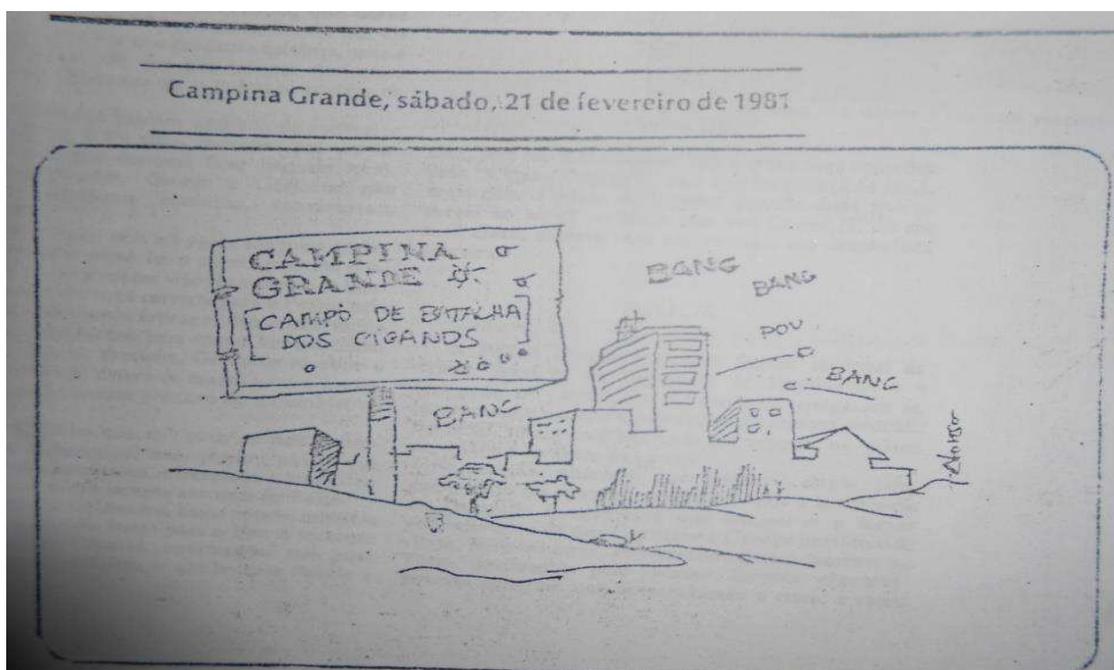
⁸⁶ JP, 03 de julho de 1980: “Quatro ciganos apontados como implicados no crime da viúva”. Do mesmo jornal, 04 de julho de 1980: “Cigano Germano pode ter atirado na mãe”. Em 06 de julho de 1980 “Ciganos divergem sobre o crime da viúva de Clóvis”.

⁸⁷ Além do mais não nos foi possível verificar os processos criminais e cíveis nos quais os ciganos foram envolvidos, já que não nos foi permitida a entrada no Fórum desta cidade.

⁸⁸ JP, 02 de julho de 1980: “Viúva do cigano Clóvis é assassinada com 5 tiros”.

⁸⁹ JP, 20 de fevereiro de 1981: “Vingança e ambição: cigano George mata o irmão Germano”.

Figura 14. Charge. Fotografia digitalizada do Jornal Diário da Borborema a partir de matéria publicada em 21 de fevereiro de 1981. Legenda: “Campina Grande, campo de batalha dos ciganos”.



O desenho feito por Afonso Marreiro, desenhista e ilustrador do Diário da Borborema na década de 80, aponta uma das imagens que a mídia representou e divulgou, dos ciganos enquanto pessoas criminosas que causavam medo à população. Esta frase, escrita na imagem, “Campina Grande: campo de batalha dos ciganos” reflete diretamente em como os leitores do jornal analisariam os fatos ocorridos com esta família. A imagem de tiros para todos os lados, a cidade sendo bombardeada por tiros disparados por ciganos, que teriam transformado a cidade num “bang bang”, num campo de batalha para suas brigas, como nos filmes de faroeste.

Interessante é que por esta época, muitos outros casos de crimes diversos aconteciam e foram divulgados também com grande alvoroço pela mídia. Porém, os estigmas⁹⁰ que criaram a respeito dos ciganos nesta cidade têm relação com as cenas nas quais se envolveram, que provocaram comoção em muitas pessoas.

⁹⁰ Entendemos que: “Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 2012, p. 13). Segundo o autor, o estigma pode ser usado para se referir a atributos depreciativos a alguém, neste caso, o uso dos estigmas são usados para inferiorizar pessoas, diminuí-las.

Mas os ciganos foram “perseguidos” pelos jornais e aparecem em muitas outras matérias ao longo do ano⁹¹, tendo em vista que se envolveram em outros acontecimentos. Contudo, qualquer fato relacionado às pessoas ciganas nesta cidade ou nas cidades vizinhas, ou até mesmo de outro estado do Nordeste, se tornava notícia. E mesmo que as pessoas envolvidas não fossem⁹² da família dos ciganos Cavalcante Targino, os jornais confirmavam, ou davam a entender que eram ou que faziam parte de alguma forma, desta família,

Ciganos voltam a travar luta mais uma vez. Os ciganos voltaram a praticar atos de violência sendo que desta vez a cena de sangue verificou-se na cidade de Soledade quando Ezequiel de Tal pertencente a família dos ciganos desferiu dois tiros de revólver calibre “38” no seu primo Nabor Dantas: de 58 anos de idade casado residente na localidade de Lagoa de dentro. Motivos: Conforme a reportagem pode colher, o autor dos disparos tentou sequestrar uma filha da vítima e este ao tentar intervir sofreu o atentado a bala. O cigano criminoso procurou fugir enquanto Nabor Dantas foi socorrido para Capina Grande tendo sido socorrido para Campina grande tendo sido levado para o Hospital Pedro I onde permanece recebendo os rigorosos cuidados médicos⁹³.

O que se segue nos jornais são cenas de mortes e de dor para esta família, como a morte do cigano Bitó⁹⁴. Este cigano era muito conhecido na cidade, o que causou comoção de muitos. Segundo o jornal GS, o cigano Bitó morava no bairro da Palmeira e seu enterro foi acompanhado por muita gente, tendo em vista que era muito respeitado e conhecido na cidade.

⁹¹ Todas estas notícias podem ser verificadas no JP no ano de 1981: 21 de fevereiro: “Vingança dos ciganos: Miranda foi quem matou o sogro de George”; 22 de fevereiro: “Crime dos ciganos” nessa matéria vê-se as diligências da polícia para encontrar os ciganos Miranda e George, ambos fugitivos; 26 de fevereiro: “Porte de arma a cigano”, nesta matéria a polícia revela que eles tinham porte legal de armas; 27 de fevereiro: “Cigano ‘Miranda’ se apresentou ontem à polícia. Finalmente o cigano homicida Francisco Cavalcante Targino, o “Miranda” resolveu se apresentar” esta matéria diz respeito à morte do sogro de George. Ainda no JP: 1º de março do mesmo ano: “George se apresentou à polícia” - segundo o “cigano criminoso” ele matou Germano para não morrer, por que ele queria matá-lo e não por vingança, como afirmavam”.

⁹² Segundo informações colhidas com ciganos em Campina Grande, não há conhecimento destes nomes, nem destas pessoas serem membros desta família.

⁹³ JP, 17 de maio de 1981.

⁹⁴ JP, 16 de junho de 1981: “Numa sequencia impressionante de crimes que exterminam toda uma família de ciganos, mais uma vítima tomba sem vida”. Este cigano foi assassinado na rua João Suassuna, no centro da cidade, onde há muito movimento por ser área comercial.

Figura 15. Fotografia digitalizada a partir de matéria do Jornal Gazeta do Sertão em 16 de junho de 1981. Legenda: “O trânsito ficou engarrafado por mais de 25 minutos, pois centenas de pessoas queriam olhar o corpo do cigano”.



E depois desta morte, segue-se a matéria que conta como tudo começou e que o início do que a mídia chamou de “extermínio”, “vingança”, “guerra” e “tragédia dos ciganos” se deu a partir do dia 4 de abril de 1980, com a morte de Clóvis. A cada morte, a contabilidade. E com ela, a narração de como a sequência de mortes estava acontecendo, assim como os possíveis motivos:

O crime ocorreu na esquina das ruas João Suassuna com Padre Ibiapina (Beco do Açúcar), por volta das 9h40m de ontem. Segundo seus familiares, “Bitó”, 48 anos de idade, casado e residente na rua Maximiliano Chaves, Palmeira, saiu de casa ontem às primeiras horas da manhã para resolver vários negócios no centro da cidade. Barbeou-se no Salão Borborema, na rua Venâncio Neiva e depois foi ao Banorte onde fez um depósito em dinheiro. Na rua João Suassuna contactou com alguns corretores de imóveis, pois estava pretendendo vender a fazenda em São José da Mata. Voltando ao centro comercial, não percebeu que estava sendo seguido por um homem que aparou-se num poste de iluminação pública, sacou a arma e fez os disparos fatais⁹⁵.

⁹⁵ Idem, ibidem.

Para deixar o leitor com mais detalhes do caso, o jornal GS ainda traz a imagem de uma reconstituição do crime,

Figura 16. Desenho. Fotografia digitalizada a partir de matéria publicada no Jornal Gazeta do Sertão em 17 de junho de 1981. Legenda: “Um tiro apenas, desferido por um profissional”.



O fato é que não apenas os familiares se afligiam com o que acontecia, mas a população que acompanhava tudo pelos jornais, nas conversas nas ruas, como uma novela a ser seguida nos horários nobres. Vivia-se em clima de apreensão, de tensão. A mídia, em conjunto com a polícia, estava sempre a alertar através dos jornais, o perigo da morte iminente, pois a cada acontecimento, novas mortes poderiam surgir. Logo, segundo o jornal GS, existia uma “rixa” dentro da família “e a sede de vingança é incontrolável”⁹⁶.

O uso destas palavras e a forma como os jornais narravam as mortes, deixava não apenas a população comovida, mas sobretudo as famílias envolvidas. É comum vermos nos jornais desta época, imagens de pessoas mortas de diversas formas, assim como outras cenas do cotidiano que eram expostas de maneira que as pessoas se chocassem. Ainda segundo Alsina, “os jornais sensacionalistas estão mais alicerçados nas emoções do que na transmissão desse saber aos seus leitores” (2005, p. 49). E esse

⁹⁶ GS, 16 de junho de 1981: “O 5º cigano assassinado em 2 anos”.

sensacionalismo pode ser verificado na forma como os jornais anunciavam fatos relacionados aos ciganos.

Dentro de um cenário no qual era forte o clima de insegurança que os campinenses vivenciavam os jornais também atribuíam culpa aos ciganos que, por sua vez, também se sentiam inseguros e solicitavam apoio à polícia por suas vidas. Alguns foram à central de polícia pedir segurança de vida já que a família passou a receber trotes, que comunicavam a morte de outros parentes, deixando-lhes sob exasperada tensão.

Neste mesmo ano, foi assassinado também o cigano Miranda - irmão de Clóvis e Bitó -, morto a facadas na feira de Patos, sertão da Paraíba. Com a morte deste cigano, os jornais passaram a contabilizar⁹⁷ de forma aleatória e às vezes falaciosa, a quantidade de mortes entre os ciganos, que oscilavam entre 5, 6 e 8 mortos.

Da família, morreram 5. Porém, com a morte do sogro de George, que não era cigano, e de Ivaldo, um popular em Patos - quando da morte de Miranda - os jornais contabilizaram como sendo parte “dos crimes dos ciganos”, como classificaram,

Um cigano a menos na lista sangrenta. Ontem à tarde, em Patos, morreu mais um cigano, Francisco Cavalcanti Targino – o cigano Miranda – envolveu-se numa briga e foi abatido a golpes de faca-peixeira. Os acusados da sua morte são os também ciganos Sebastião e Manoel Alves da Silva. O primeiro está preso na delegacia da cidade e o segundo, que ficou ferido na confusão, está sob custódia no Hospital Regional de Patos⁹⁸.

Depois da morte de Miranda, os ciganos da família Cavalcante Targino resolveram se comunicar⁹⁹ com os ciganos da família Alves, entendendo que a morte do

⁹⁷ JP, 15 de julho de 1981: “Com o sepultamento de ‘Miranda’ são oito as vítimas dos ciganos” – neste caso, o jornal está contando com todos os envolvidos mortos; GS, 16 de junho de 1981: “Cinco crimes em menos de 2 anos”; JP, 16 de junho de 1981: “Bitó é a quinta vítima na tragédia dos ciganos”; JP, 14 de julho de 1981: “Miranda, a sexta vítima da tragédia”.

⁹⁸ JP, 14 de julho de 1981.

⁹⁹ JP, 16 de julho de 1981: “Ciganos de Campina procuram a paz com seus parentes” na página policial, afirma-se que “Na manhã de ontem uma caravana composta de vários ciganos campinenses seguiram para a cidade de Patos, com a finalidade de fazer as pazes com o outro bando de ciganos, que na tarde de segunda feira ultima eliminaram “Miranda” com vários golpes de faca peixeira (...)”. JP, 17 de julho de 1981: “Ciganos vem para Campina defender a família Targino”.

cigano Miranda e os ferimentos causados no cigano Manoel, não foram causados por culpa de nenhum dos dois, e sim por um acidente¹⁰⁰.

Depois de falar-se tanto em sangue, tragédias, vinganças, os jornais apontam a vinda de “um bando de ciganos” à cidade. Seria justamente os ciganos desta família vinda da Bahia. Este fato causou preocupação às autoridades e à sociedade.

O que aconteceu entre os ciganos e que dizia respeito à esfera privada desta família, tornou-se fato na sociedade campinense, a partir do momento em que “convenções sociais foram violentadas” e tornaram-se públicas a partir das narrativas jornalísticas. A quantidade de vezes que os ciganos são citados e expostos nos jornais nos dão a impressão de que à época, o tema “ciganos” adquiriu grande proporção ao ponto das pessoas acompanharem como uma novela e ainda ser comentado até o tempo que estamos vivendo. E o que os leitores destes jornais fizeram com estas informações?

Em conversas informais com algumas pessoas nesta cidade, vemos que os estereótipos de pessoas violentas é o mais marcante com relação aos ciganos e a marca que é lembrada com mais facilidade, é a tragédia que os envolveu. Nesse sentido, observamos que,

Em qualquer acontecimento, no sentido moderno da palavra, o imaginário das massas pretende poder incorporar alguma coisa dos fatos, seu drama, sua magia, seu mistério, sua raridade, sua poesia, sua tragicomédia, seu poder de compensação e de identificação, o sentimento de fatalidade que possui, seu luxo e sua gratuidade (NORA apud ALSINA, 2005, p. 127).

Os jornais tentaram mostrar o quanto os ciganos eram um perigo a esta sociedade. Voltando ao caso em que os ciganos foram à Patos, em prol de “obterem paz”, uma das intenções dos ciganos de Campina Grande, na verdade, foi tentar tirar da cadeia os ciganos da família Alves, que foram presos em Patos,

Os ciganos vão dizer não à violência. A família Cavalcanti Targino (os ciganos) está considerando o crime de que foi vítima Francisco Cavalcanti Targino (cigano Miranda), um acidente pois Sebastião e Manoel Alves realmente não tem ligações com George e eram amigos íntimos do “Cigano Bitó”. A informação foi prestada ontem pela

¹⁰⁰ JP, 16 de julho de 1981: “Ciganos pedem fim da guerra. Dizendo que a morte de Francisco Cavalcante Targino (cigano Miranda) foi um acidente, vários ciganos aqui residentes foram ontem a Patos pedir liberdade para Sebastião e Manoel Alves autores do assassinato. Eles acham que os dois assassinaram Miranda em legítima defesa, pois foram tiroteados por ele que tinha razões sobradas para ficar apavorado ao ver os dois, devido os últimos incidentes ocorridos na família, todos com vítimas fatais”.

manhã na central de polícia de Campina Grande pelo professor Josarba, também cigano, que em companhia do irmão Jânio e outros familiares viajou para Patos com o objetivo de pedir a liberdade para os parentes presos, que segundo ele não tinham a intenção de matar Miranda ou qualquer outro membro da família, adiantando que se isso aconteceu foi porque ele agiu em legítima defesa pela vítima que ao saber que eram ciganos temeu que ali estivessem com a finalidade de mata-lo, isso, devido aos últimos trágicos acontecimentos ocorridos com seus parentes próximos. Até a noite de terça feira todos estavam apreensivos mas ao ver o bando acampado em Patos, pela TV, observaram que eram amigos, inclusive, o chefe é Sebastião e sempre matinha contatos telefônicos com o “cigano Bitó”. Preocupados com os últimos acontecimentos entre seus familiares eles saíram da Bahia para a Paraíba e passariam por Campina Grande onde se inteirariam dos fatos. A locomoção foi feita com muito esforço já que são pobres e tem muitos filhos, afirmaram seus familiares aqui residentes. (...) EM BUSCA DE PAZ: “Nada temos contra eles o que queremos é paz”. Em conversa informal, eles se preocupavam bastante com os que se envolveram na morte de Miranda, dizendo que eles mereciam a liberdade uma vez que “não intencionavam matar ninguém” e Jânio acrescentou que “são pessoas pobres que lutam para sobreviver. Nunca se envolveram em brigas e só andam armados porque o homem que vive acampado pode ser atacado por marginais a qualquer hora¹⁰¹”.

E só com os depoimentos dos ciganos é que percebemos o que traria estes ciganos à esta cidade. O cigano chamado Gaudêncio seria o chefe dos ciganos e, segundo a reportagem, era primo do pai do “Cigano Neco”, e mantinham estreitas ligações. O que acontecia em Campina Grande preocupou o grupo, que estava na Bahia, mas que resolveu unir forças a fim de ajudar a família dos Cavalcante Targino, servindo de reforço, tendo em vista que a família vivia sob tensão.

¹⁰¹ GS, 16 de julho de 1981.

Figura 17. Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema s/d. Legenda: “O bando de ciganos acampados em Patos. Agachado na frente, o chefe cigano Sebastião”.



Importante frisar que os jornais são órgãos institucionais e que produzem notícias, que são por sua vez geradas por repórteres, que tem suas próprias concepções e subjetividades. Por isso, devemos ter em mente que os jornais exercem forte poder sobre a criação e construção do mundo. “A notícia é uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2005, p. 14).

Outra forma de chamar atenção da população sobre os ciganos é avisando-os da vinda de ciganos e, mais exclusivamente, do cigano George, que estava foragido¹⁰². Isso fazia com que a população se prevenisse. No DB publica-se a chamada: “Cigano assassino do irmão é visto em Campina”, e segue a notícia dizendo que “o cigano George pode estar em Campina”, em 12 de abril de 1981.

Isso amedrontava a população. O terrorismo feito pelo jornal é tão intenso que as pessoas ligavam para a delegacia informando lugares onde possivelmente haviam visto

¹⁰² JP, 30 de julho de 1981 “Cigano George ameaça matar toda a família” “(...) a polícia está em clima de tensão com a notícia e nas próximas horas outras cenas de sangue poderão acontecer dentro da família dos ciganos conforme George anunciou”. JP 16 de junho de 1981 “Moreira declarou ainda que vários telefonemas tem chegado apontando que George estava na cidade andando com elementos fortemente armados”.

o cigano. Num caso específico, ele foi confundido com um juiz de futebol. Este sócia do cigano George, como chamaram, foi notícia,

Sócia de George. O juiz de futebol Mário Coutinho, da FPF, é um autentico sócia do cigano George e foi ele que causou toda movimentação da polícia no ultimo domingo. Estava bebendo cerveja com amigos num dos bares da Av. Pedro I, foi visto por muitas pessoas que o identificaram como sendo o cigano que é procurado pela polícia da Paraíba. Para evitar novas confusões, ele irá tirar o bigode e mandar aparar sua vasta cabeleira¹⁰³.

Os jornais criaram uma imagem para o cigano George, de forma que algumas pessoas o temiam. O Jornal Correio lança uma matéria em que o cigano George teria anunciado a morte de outras pessoas da família: “Continua a briga dos ciganos em Campina: George anuncia a morte de mais cinco”. Ou quando avisa que ele está circulando pela cidade: “Cigano George volta à Campina”¹⁰⁴. Nesta matéria, ao contrário do que descobrimos, o cigano aparece como sendo o causador de todas as mortes envolvendo seus familiares: “O cigano George (...) acusado nos crimes do seu irmão (...), seu pai (...), de sua mãe (...) e de seu tio (...) voltará a residir em Campina nos próximos dias”. Em 1982, seu tio Abílio sofreu um atentado a bala¹⁰⁵ e o suspeito principal foi o cigano George, que estaria assombrando a família e a sociedade campinense.

¹⁰³ Não sabemos de que jornal, apenas o ano, em 1981. Foi retirado da encadernação feita pelos ciganos.

¹⁰⁴ DB, 08 de abril de 1982.

¹⁰⁵ JP, 18 de novembro de 1982: “Cigano Abílio sofre atentado” na capa e na página policial “Violência dos ciganos” – daí aproveitam o acontecido para relembrar os ocorridos na família nos últimos anos. No DB, 18 de novembro de 1982: “Acabou-se a trégua dos ciganos” na capa e na página policial, intitulam de “Guerra dos ciganos”.

Figura 18. Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema em matéria publicada em 12 de abril de 1981. Legenda: “Cigano George volta a Campina”.



Figura 19. Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema em matéria publicada em 08 de abril de 1982. Legenda: “Cigano George pode estar em Campina”.



Observamos aqui a seleção dos fatos a serem publicados pelos jornais. Fatos políticos que foram marcantes, os fenômenos da industrialização e da modernidade na

cidade, “a violência, a agressividade e a dor” estão entre os que ganham imenso valor nas páginas dos jornais. Segundo Alsina, os assuntos jornalísticos devem observar algumas regras de seleção, entre elas, no caso do nosso estudo, observamos que, “aqueles acontecimentos onde entram em jogo valores sociais são colocados para assinalar valores não aceitos socialmente, e também para recopilar a polêmica existente sobre sua aceitação (ALSINA, 2005, p. 154).

O cigano George foi preso em 1987, quando estava debilitado e doente. O jornal usa sua imagem doente e magro nas capas, como forma de mostrar que ele não oferecia mais perigo: “Longe da imagem de outrora, forte e saudável ‘cigano George’, um homem esquelético, pesando cerca de 30 quilos chegou ontem a Campina Grande após ter sido preso em João Pessoa”¹⁰⁶.

Trazer a imagem do cigano George novamente à tona no jornal só reforça a ideia de que a mídia, ao exibir esta figura na capa, atrairia leitores que acompanhariam nas próximas páginas o narrar das histórias. O cigano que antes era temido aparece como um ser fragilizado. Assim como quando este cigano morreu¹⁰⁷, o jornal fez considerações dizendo que seria o fim das coisas ruins que aconteciam à família dos ciganos, tendo-o de fato, como responsável por todas as tragédias que os envolveram.

A esposa deste cigano tenta argumentar com os jornalistas que George não era o que diziam dele: “George não é o monstro que pensam” (...) Meu marido não é o monstro que andam pintando por aí. Ele é consciente de que assassinou apenas o irmão e por justa causa”¹⁰⁸. Ela ainda tenta justificar que não foi George autor de alguns crimes que atribuíam-se a ele, destacando que teria como evidenciar, mostrando documentos que comprovariam as internações do cigano em Recife, o que o afastaria de ser acusado de alguns episódios. Notamos que o jornal não deu tanto destaque à fala da esposa do cigano, como deu em outros momentos nos quais houve conflitos entre os ciganos.

O fato é que os jornais continuaram suas perseguições aos ciganos. A morte do “cigano Lourival”, já em 1985¹⁰⁹, é logo promovida como sendo parte de tudo que havia ocorrido em anos anteriores nesta família. Este senhor, cujo nome era Francisco

¹⁰⁶JP, 15 de abril de 1987.

¹⁰⁷DB, 10 de maio de 1987: “Cigano George é assassinado com três tiros. Por ironia do destino, o ‘cigano George’ ou George Cavalcante Ribeiro, 38 anos, acabou morrendo junto à família (...) mas vítima de três tiros disparados (...) por três elementos que invadiram a casa”.

¹⁰⁸DB, 19 de abril de 1987.

¹⁰⁹JP, 05 de outubro de 1985: “Briga de família pode ter sido causa do assassinato do ‘cigano Lourival’”.

(apelidado de Lourival), não era cigano e era esposo da cigana Joadiva, trabalhava como vigia na UFPB, hoje UFCG. Identificamos, através de conversas informais e das leituras dos jornais, que sua morte nada teve a ver com os casos anteriores¹¹⁰.

Na verdade, o contexto da morte de Francisco é de intensa violência na cidade, como relatam os jornais e não relacionado às demais mortes que haviam acontecido na família. Isto que o jornal faz, é como um “retorno ao terror” de que fala Mouillaud (2012), ativando a memória dos leitores, para que ficassem atentos para possíveis novos acontecimentos relacionados aos ciganos.

E quando pensamos que, como disse o jornal, as coisas se encerrariam com a morte de George, eis que surge uma matéria no DB sobre a “saga dos ciganos”, um especial contando toda trajetória de vidas e de mortes. Parecia uma celebração pelos dez anos dos acontecidos.

Figura 20. Fotografia digitalizada a partir do Jornal Diário da Borborema em matéria publicada em 18 de fevereiro de 1990. Legenda: “Uma história sangrenta: Saga dos ciganos completa 10 anos de violência e de total impunidade”.



¹¹⁰ Depois de muitas especulações dos jornais em torno da figura de George como sendo mandante do crime de Lourival, a polícia afirmou e o JP publicou em 07 de maio de 1985 que “vendedor matou o ‘cigano’” – e neste caso, passou a ser acusado, um senhor chamado Marlon. Porém houve ainda indicações de que, possivelmente, o crime teria sido cometido por ladrões que Lourival havia expulso da UFPB, evitando um assalto, dias antes.

A impunidade da qual fala o jornal é em respeito aos autores dos crimes, que estariam impunes. E acrescenta o que já falamos em relação à violência na cidade e a contribuição que os acontecimentos deram a este momento: “Durante 10 anos de impunidade, 14 crimes foram registrados na Paraíba contribuindo para o aumento da violência e da própria preocupação com as mortes no interior do clã”¹¹¹. Daí observamos que o número de crimes aumentou em relação ao que haviam contabilizado anteriormente.

Assim sendo, nos apoiamos em Alsina, que afirma que “a efetividade do discurso jornalístico informativo está em saber fazer chegar a informação, embora sem deixar de lado que também pode fazer crer (persuadir), fazer (manipular) e fazer sentir (emocionar)” (2005, p. 10). Por isso o uso de palavras que chocavam e chamavam atenção da população, além das exposições das imagens das pessoas envolvidas nos fatos impressos em suas páginas.

Observamos, ao longo da pesquisa, que a maior parte das matérias não tinha assinatura dos repórteres que as redigiram. Nesse caso específico, percebemos uma mudança, agora já havia assinatura de quem fez a matéria, neste caso, a “saga” foi escrita por Pedro A. Costa:

Um crime que acabou provocando uma sequência de assassinatos cujo resultado final foi a famosa saga dos ciganos Cavalcante Targino, que por muitos anos, conviveram no seio da sociedade campinense com diferentes ramos de atividade comercial, parece que emperrou após a conclusão do processo na área da justiça¹¹².

Como estas imagens foram acolhidas pela sociedade campinense? O jornal enquanto divulgador social, simbólico e cultural na cidade exerce forte poder sobre os seus leitores. Segundo Mouillaud, isso ocorre porque “o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir de seu próprio campo mental e recolocam-no em circulação no ambiente cultural” (2012, p. 69).

Neste tópico, observamos diferenças nas imagens retratadas pelos jornais com relação aos ciganos. Em matérias já citadas, retrata-se os ciganos como “vagabundos” e

¹¹¹ JP, 07 de maio de 1985.

¹¹² Idem, *ibidem*.

recriminados pela falta de trabalho, por serem possivelmente nômades, no caso dos ciganos que apenas arrancharam nesta cidade.

Ao longo do texto, vimos os ciganos da família Cavalcante Targino como trabalhadores, agropecuaristas e desenvolvendo várias atividades comerciais e que, por terem boas condições de vida, de certa forma ganharam aceitação por parte de muitas pessoas na sociedade. Contudo, percebemos que apesar da aparente aceitação, os ciganos foram estereotipados, de forma que na contemporaneidade, isto ainda é sentido pela família e foi percebido ao longo da pesquisa.

No próximo capítulo, pretendemos apontar as imagens que algumas pessoas não ciganas construíram sobre os ciganos nesta cidade e em cidades vizinhas. O intuito é mostrar essa multiplicidade de imagens construídas sobre estes sujeitos, que apontam também outras leituras diferentes das dos jornais.

CAPÍTULO 2. IMAGENS DE CIGANOS CONSTRUÍDAS PELO OLHAR DOS GADJÉ

“Sem a existência do passado, é a memória um dos suportes das múltiplas formas de existência do presente, permitindo a continuação que reproduz as condições de vida, o equilíbrio e as referências grupais. Com isso, entendemos a memória não somente como criação pessoal, mas como construção polifônica da sociabilidade, criação coletiva que, por ser simbólica, cria as pontes que unificam e aproximam, num mesmo espaço vivido, as múltiplas dimensões da vida, as múltiplas experiências da experiência”¹¹³.

A proposta deste segundo capítulo é identificar como foram construídas imagens de ciganos, observadas a partir dos relatos orais de memória de não ciganos. Vimos no capítulo anterior, a partir das notícias de jornais¹¹⁴, algumas imagens relacionadas aos ciganos que estiveram em circulação por Campina Grande e regiões vizinhas, assim como dos que se fixaram. Nestes jornais, ciganos foram ditos e representados, na maioria das vezes, de forma negativa, contrastando um pouco com o que apontam alguns dos relatos orais de memória. Nestes, podemos observar também outras imagens, que enfatizam representações mais positivas com relação ao convívio e à sociabilidade de ciganos e não ciganos.

Nestas narrativas, observamos que as relações urbano-rurais são estreitadas, de forma que as contribuições dos colaboradores nos apontam lembranças repletas de cheiros, cores, desejos, sons e gostos e que ressaltam detalhes das distinções mais marcantes nesse sentido. Entendendo também a cidade como cidade memória (MATOS, 2002), podemos, a partir das narrativas, construir um enredo de cotidianos diversos, cheios de tensões e que nos possibilitam perceber outras experiências do urbano, onde os percursos são os conectores destas histórias,

Em seu processo de transformação, a cidade tanto pode ser registro como agente histórico. Nesse sentido, destaca-se a noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, o bairro, os percursos, estão plenos de lembranças, experiências e memórias (MATOS, 2002, p. 35).

¹¹³ CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história*. Para ler história oral. Edições Loyola, São Paulo: 1999, p. 62.

¹¹⁴ Diário da Borborema, Gazeta do Sertão e Jornal da Paraíba.

Nestes percursos, entre idas e vindas das cidades para os campos, assim como o inverso, os ciganos foram construindo laços de sociabilidade entre os dois mundos. Algumas pessoas não ciganas se propuseram a contribuir com a nossa busca por trajetórias históricas deste grupo étnico e nos relataram seus encantamentos e estranhamentos com relação a estes sujeitos.

Os relatos orais de memória se mostram de grande riqueza como fonte para a historiografia e para a construção desta nossa versão da história. Porém, a maior parte das pessoas procuradas, quando estivemos buscando informações a respeito de ciganos em Campina Grande, não se mostrou solícita em conversar sobre o assunto.

Visitamos, nesta cidade¹¹⁵, lugares como algumas Feiras¹¹⁶, o Calçadão da Cardoso Vieira e a Rua João Suassuna – no Centro. Todos estes espaços foram palcos de intensa sociabilidade dos ciganos e constatamos isso quando procuramos informações. Porém, as pessoas não quiseram falar para a pesquisa e as conversas só fluíam se fossem de caráter informativo, não científico¹¹⁷.

Além das afirmações que foram proferidas por moradores da cidade, as quais já mencionamos anteriormente, parte das histórias que foram contadas com extrema superficialidade dizem respeito aos ciganos da família Cavalcante Targino, os quais estiveram envolvidos em alguns conflitos familiares na década de 80.

Não se contam outras histórias. E quando se fala em ciganos em Campina Grande, dizem: “sei que se mataram todos” ou “Não, gravar não! Na verdade só sei que eles morreram, não sei mais de nada”¹¹⁸. Alguns ainda arriscavam dizer nomes como os do cigano George e Bitó, ambos da mesma família. Estes são, depois de todas as conversas que conseguimos ter informalmente, os mais “famosos”, mais conhecidos entre a população consultada.

Pela insistente incidência destas poucas palavras, podemos dizer que os jornais tiveram influência fundamental no sentido de construir estas imagens e que é possível

¹¹⁵ Nesse sentido, pensamos que a cidade é *lugar de palavra*, por isso a busca por lugares em que as memórias sobre os ciganos nos fossem reveladas. Certeau diz que “Uma cidade respira quando nela existem *lugares de palavra*, pouco importa sua função social – o café da esquina, a praça do mercado, a fila de espera nos correios, a banca do jornaleiro, o portão da escola na hora da saída” (2011, p. 338).

¹¹⁶ Visitamos a Feira Central, no bairro Centro, e a Feira de Gado, que funciona hoje no Parque de Exposição Carlos Pessoa Filho, no bairro do Ligeiro.

¹¹⁷ Pensando na história oral como algo que necessita de um campo de ação do pesquisador, lembramos que “encontros em campo muitas vezes são difíceis e conflituosos: o que “interessa” aos ouvidos do pesquisador não coincide necessariamente com o que o narrador tem vontade de contar” (PORTELLI, 2010). E notamos, na nossa busca, muita rejeição por parte da população em falar sobre este tema.

¹¹⁸ Anotações de pesquisa.

perceber um imaginário social que ainda as difunde. E nesse sentido, nos apoiamos no que diz Meihy, quando considera que “como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que marca a história oral como ‘história viva’” (2005, p. 19).

Apesar dos obstáculos anteriormente apontados, encontramos pessoas com disposição para narrar suas histórias, enredadas com as dos ciganos. Estes narradores e também construtores deste texto, com seus relatos cheios de dores, saudades, alegrias e tristezas, nos possibilitaram ver outros modos de viver, ser e estar no mundo convivendo com ciganos.

2.1 Ciganos, cotidiano e práticas de sociabilidades

*Os homens todos armados,
É um ambulante arsenal!
De prata e ouro adornados
O clavinote e o punhal!
A mor parte esta assentada
Na porteira do quintal:
Pasta solta a cavahada
No meio do capinzal!*

*Rostos queimados, morenos,
A tropa toda é assi!...
Mas, que caravana é essa,
Que parece não ter pressa
E vem repouzar ahi?
São os errantes ciganos,
Que enfestam o nosso sertão,
Passam-se anos e anos
E sempre em viagem estão*

*E a caza branca no emtanto(sic.)
Parece que esta festiva,
Porque se hospedou à um canto
A barulhenta comitiva¹¹⁹.*

O *Canto II* de autoria de Joaquim Maria Serra, no livro *Um coração de mulher*, faz referência aos ciganos de passagem por São Luís do Maranhão, no século XIX. Esta referência a homens armados, morenos e errantes, e mulheres ciganas, algumas horrorosas e outras belas, formosas e enfeitadas de flores, são imagens que surgem com frequência nestas e em outros tipos de produções humanas. Além dos relatos da literatura, estas imagens são vistas em pinturas em telas, filmes, peças teatrais e

¹¹⁹SERRA, Joaquim Maria. Canto II. In: *Um coração de mulher. Poema – Romance*. San’Luiz do Maranhão, 1867. Mantivemos a grafia no original.

canções, e ainda podem ser observadas em relatos orais de memórias como os que observamos neste texto.

Dois dos nossos colaboradores residentes, hoje, em Campina Grande, revelam-nos lembranças do convívio, no passado, com ciganos membros da família Cavalcante Targino em suas fazendas, em Areia¹²⁰ e Remígio¹²¹. Nas falas, compreendemos com clareza que, devido aos negócios e outras atividades, as idas e vindas a Campina Grande eram muito recorrentes, devido às opções de diversidade no comércio, nas feiras e outros serviços que esta cidade oferece, por ser um centro que liga várias outras cidades interioranas.

Sabendo disto, percebemos que os ciganos, por suas práticas econômicas de venda e troca de animais pelo Nordeste¹²², mesmo depois de passarem a morar na cidade de Campina Grande, estiveram muito ligados ao mundo rural. Para contar a nossa versão da história dos ciganos nesta cidade e localidades vizinhas, contamos com as histórias que outros nos contaram. Pessoas como o senhor Juraci Pina, que aos 83 anos, nos apresenta com bastante lucidez, a chegada do grupo de ciganos à sua fazenda, através do trecho de sua crônica:

Logo que a natureza acionava os primeiros aquecedores, pondo termo ao incomodo resfriamento da nossa estação invernososa, a estrada que dá acesso ao Engenho Ipueira de Osvaldo Pina, abria a sua cancela para uma caravana especial. *Para este grupo, já estava, imaginária e permanentemente, a inscrição exposta na porteira da entrada: SEJAM BEM VINDOS E BEM VISTOS, CIGANOS AMIGOS!* (Juraci Pina, 2013, grifos nossos)¹²³.

Ele conta como era a chegada dos ciganos na Fazenda Ipueira, em Areia. A forma com que, durante toda a escrita, em sua crônica e as falas durante as entrevistas, os ciganos são descritos, nos mostra o quanto eles eram queridos por sua família. Percebemos que estes ciganos, especificamente, eram “bem vistos” e podiam arranchar por suas terras, mesmo sem necessariamente ter que pedir permissão.

¹²⁰ Município paraibano que fica localizado a 46 km de Campina Grande

¹²¹ Município paraibano que fica localizado a 35 km de Campina Grande.

¹²² Nosso limite de apreensão neste trabalho, de acordo com os colaboradores, está nas passagens entre a Serra da Borborema, Sertão, Brejo e Cariri Paraibano.

¹²³ Trecho retirado da crônica “Manias e Caprichos de meu pai”, de autoria do senhor Juraci Pina, publicada em um site de redes sociais da Internet. Publicado em 27 de janeiro de 2013.

Os proprietários já faziam questão de tê-los por perto, pela amizade e admiração que possuíam, e por isso não seria necessário “pedir rancho”, como dizem os ciganos, o que faziam em todas as fazendas que chegavam, exceto nesta, onde já sabiam que o consentimento era permanente.

Num outro relato, através das recordações do senhor Antônio Espínola, também podemos ter uma visão de como era a chegada dos ciganos desta mesma família cigana nas fazendas de seu pai em Remígio. Ele conta-nos que os ciganos,

Se davam ao comércio de burro, que eles chamavam minha burrarama né? E papai fazendeiro em Remígio, comprou muito burro, muitos burros a ele (cigano Bitó). Eu me lembro certa vez eles chegaram lá já umas quatro e pouco, armaram a tenda, a barraca... e como jantar, cozinham um jerimum, tinha uns jerimums enormes lá né? E comeram em prato de barro com farinha e eu achei bonito e lá... com a boca cheia d’água assistindo, até que fui convidado a participar do banquete e me servir a vontade. Eram pessoas boas, pessoas agradáveis (Antônio Espínola, 2014).

Com esse depoimento, o Sr. Antônio nos revela um pouco do cotidiano da vida destes ciganos. A paisagem da fazenda ao entardecer, próximo às horas do jantar, nos possibilita pensar que os ciganos vinham em caminhada com sua “burrarama” durante o dia e, ao entardecer, precisavam de um lugar para ficar durante o tempo que lhes fossem necessário, o que era comum aos ciganos nômades. Nesta fazenda, chamada ‘Serrinha’, no município de Remígio, eles também eram bem recebidos, favorecendo os negócios e a vida familiar.

O cheiro do jerimum cozido e a forma de comê-lo atraiu a atenção do jovem Antônio naquele entardecer e sua lembrança nos revela parte do cotidiano cigano que vive a vida nômade: montar barraca em local seguro, buscar alimentar-se e alimentar os animais que traziam consigo.

Tendo em vista estas formas geralmente simples, os ciganos de que tratamos são sujeitos muito parecidos com os sertanejos, por conta de semelhanças percebidas entre alguns de seus hábitos, como as formas de se alimentar, os alimentos que consumiam, os artefatos usados para preparação e no cozimento destes alimentos. E toda experiência observada e vivida pelo Sr. Antônio, é marcada por cheiros, desejos e do colorido com o qual ele via os ciganos.

Ambos os colaboradores se apresentam cheios de alegria em contar-nos algumas das histórias vivenciadas por eles, em convívio com estes ciganos. O Sr. Juraci revela que,

O meu contato com os ciganos é muito antigo. Porque eu nasci no engenho Ipueira e me lembro dos ciganos desde pequeno. O meu pai sempre adepto e admirador gostava dos ciganos por uma razão muito simples, ele era dono de engenho e tinha... precisava de muitos burros para trabalhar. *E os ciganos não faziam outra coisa, senão negociar com burro.* E como eles se davam muito bem, passaram a se arranchar, lá no engenho, toda a família. Desde este... desde esse tempo, ou seja eu pequeno que eu comecei a admirar esse povo, quando jovem ou na minha juventude e adolescência eu saía pra João Pessoa pra estudar e nas férias eu voltava e nas férias era exatamente quando esse pessoal, com a gente estava lá no engenho, do mês aproximadamente de outubro a dezembro. É muito tempo! (Juraci Pina, 2013, grifos nossos).

O engenho Ipueira fica em Areia e é bastante famoso na cidade. O Sr. Juraci, tendo contato com os ciganos desde criança, chegou a crescer junto com eles e devido à boa convivência, apresenta-nos uma narrativa que se reflete nas atitudes do pai dele, Osvaldo Pina, que os admirava. O colaborador nos aponta uma questão interessante que é a relação dos ciganos com o comércio de burros entre os anos, 1940,50 e 60. E assim sendo, segundo ele nos informa, eram os ciganos que movimentavam naquela época, o comércio de burros na região.

Diferente de outras narrativas que apontam os ciganos como ladrões de animais, o Sr. Juraci, em defesa destes, nos mostra o quanto era necessário tê-los por perto ou com visitas periódicas, para suprir as necessidades dos engenhos, tendo em vista que seu pai era dono e administrador de mais de um engenho na cidade de Areia.

Os burros, muito utilizados nos engenhos para facilitar os trabalhos de carregamento de produtos, eram vendidos por ciganos em diversas regiões do estado. Chegavam, inclusive, a ir buscá-los até mesmo em outros estados, como veremos nas narrativas de ciganos posteriormente.

E sobre isto, o Sr. Antônio também nos confirma a relação dos ciganos com o comércio de burros,

Eles eram muito discretos, muito na deles, né? Sempre dispostos a ajudar. Amansar um burro, eles tinham uma burraíama muito grande, né? *Vendia e fazia qualquer negócio. E era palavra empenhada, não*

precisava de documento, chegava na hora e ia lá (Antônio Espínola, 2014, grifos nossos).

Há, mais uma vez, na narrativa do colaborador a imagem do cigano trabalhador, confirmando o fato de manterem a subsistência familiar através dos ganhos com vendas e trocas de burros e outros animais. Ele enfatiza, ainda, que se tratavam de pessoas honestas em suas negociações, imagem diferenciada de muitas características apontadas por produções literárias ou pelos jornais, já vistos no capítulo anterior, em que os ciganos são frequentemente apontados como pessoas pouco confiáveis, vagabundas e desonestas.

Na crônica sobre os ciganos, o Sr. Juraci nos permite imaginar, através da sua narrativa escrita, um quadro pintado de como ficava o engenho com a chegada dos ciganos,

ERA O PATRIARCA, O CIGANO NECO capitaneando sua fiel e obediente caravana, constituída pela sua disciplinada família. E a área circundante, isto é, o terreiro da casa grande, mudava a sua paisagem. Eram as barracas armadas. Dentro delas, um modo de vida, para nós diferente. No dia seguinte à chegada deles, manhã cedo, a bagaceira do ENGENHO apresentava um novo colorido: eram burros e mais burros conduzidos por pessoas estranhas em busca do açude ou de locais para os burros pastarem. Por outro ângulo, as mulheres atraíam a atenção: eram mulheres bonitas com saias longas e estampadas, gestos finos, educados, silhuetas corporal bem delineadas, ao falar, tinham algo magnético de sedução, se bem que sucinto, sem discriminação. Porém, uma coisa nós não entendíamos: elas transportavam na cabeça latas d'água ou feixes de lenha! Para os moradores da IPUEIRA, que curiosos presenciavam tal comportamento, ficava a interrogação: como pode! Umas mulheres com jeito de ricas, fazendo trabalho de mulheres pobres? Enquanto essa primeira disposição se acomodava, ansioso sentado no alpendre de sua casa, estava o dono do engenho, esperando o principal caravaneiro, para dar-lhes as boas vindas (Juraci Pina, 2013, grifos nossos)¹²⁴.

O Sr. Juraci os chama de caravaneiros. Logo, estavam sempre em comitiva, como dizem os ciganos, “em comboios”. Segundo o colaborador, estes eram ciganos que tinham o cigano ‘Neco’ como chefe, movimentando a vida do grupo num sistema patriarcal no qual a figura do “Capitão Neco” era como um condutor da vida social

¹²⁴ Idem, ibidem.

entre eles. Sr. Juraci ainda reflete sobre o cotidiano das mulheres que, segundo ele, era o de cuidar do bem estar de todos no acampamento, tratando das crianças e cuidando da manutenção das tendas e da alimentação. Por isso, a elas cabiam as tarefas de pegar água e lenha para cozinhar.

No momento em que mostra este diferencial das mulheres ciganas, que bonitas e arrumadas iam em busca da água, o Sr. Juraci retrata-as a partir do mundo em que ele vivia, no qual as mulheres, esposas dos grandes senhores de engenho, não se ocupavam em ir buscar água ou lenha. Logo, havia pessoas que trabalhavam para estes fins, sendo, portanto, desnecessário às mulheres este cuidado. Além do mais, no seu relato vemos o encantamento com o qual ele faz o comentário, fazendo com que suas lembranças aparecessem como imagens pintadas em um quadro, cheio de um colorido saudosista e encantado com o aspecto físico das mulheres ciganas.

O sr. Juraci, ainda seduzido com o que lembrava e construindo a imagem de uma gente bonita e elegante, aponta que:

No dia seguinte à chegada deles, aproximando-se do alpendre vinha o cigano Neco. Uma cadeira ao lado já o esperava, meu pai estava sentado no alpendre. Então duas figuras com muitas características semelhantes se defrontam, risos largos e sinceros apertado de mãos amigas, saudação à moda cigana “Major Osvaldo”. Quem de longe estivesse observando e também não conhecesse os dois, interlocutores, não saberia quem era quem, uma vez que tinham físicos iguais gargalhadas fáceis e despreocupadas, cor da pele moreno, cabelos lisos e sempre penteados, barba feita não usavam bigode e a semelhança mais comum entre os dois: a beleza masculina que ostentavam. Duas pessoas com tantas características e o mais importante, que não posso deixar de frisar, ambos gostavam de ver mulher bonita e admiravam um belo rabo de saia rebolador. Não há dúvida que o papo entre as duas... os dois era script da mesma cartilha (Juraci Pina, 2013)¹²⁵.

Interessante observação do nosso colaborador em sua crônica, mostrando que os ciganos não eram diferentes dos não ciganos em suas fisionomias, modos de ser e de vestir-se. Portanto, não vemos aqui o fantasioso homem cigano, com lenço na cabeça, brincos nas orelhas ou com roupas estranhas aos moradores locais ou, ainda, mulheres com roupas muito diferentes das que ele via nas demais mulheres da sociedade da qual fazia parte – segundo a cigana Joadiva, elas andavam com as roupas que estivessem na

¹²⁵ Idem, *ibidem*.

moda –, ou seja, não eram aquelas “roupas de cigana”. Além do mais, o colaborador aponta uma questão fundamental para que a convivência fosse sempre agradável, o fato de terem se tornado amigos.

Ainda sobre o cotidiano dos ciganos nas tendas montadas em seu território, o colaborador Antônio complementa que,

Ficavam nas tendas dele. Era... E tomava banho ali, fazia o banheirinho deles, o que tinha de alguma sujeira eles deixava enterrado como gato né? Gato enterra o que faz né? As coisas ruins que faz... (Antônio Espínola, 2014).

Aqui temos mais uma descrição de como era o viver em tendas, através do olhar do Sr. Antônio, que usava banheiro dentro de casa, tomava banho de chuveiro, comia em pratos de louça. Estas atividades cotidianas eram estranhas a ele, o fato do uso do banheiro, como tomavam banho, tudo isso chamou a sua atenção.

Os ciganos, quando nômades, tentam se adaptar ao meio em que estão. Quando lhes era possível utilizar os banheiros das fazendas, o faziam, mas quando não, havia outras “maneiras de fazer”¹²⁶, viviam com o que tinham, usavam o que estivesse ao dispor deles. Banheiros de taipas, de palhas ou mesmo o uso da mata aberta para fazerem suas necessidades vitais e os rios, riachos e açudes para os banhos, tudo isso estava no cotidiano do viver em barracas ciganas.

Tanto o Sr. Juraci como o Sr. Antônio eram jovens à época em que os ciganos arranchavam nas fazendas de seus pais. O primeiro entre as décadas de 1940, 50 e 60 e o segundo já nas décadas de 1960 e 70. O Sr. Juraci, por tê-los conhecido há mais tempo, chegou a conviver com o cigano ‘Neco’, o capitão desta “turma” de ciganos, pai de Clóvis, Bitó, Abílio, Joadiva e Miranda, conhecendo até mesmo um dos seus irmãos, o cigano Júlio. Já o Sr. Antônio só conheceu a geração dos filhos do cigano Neco, pois este já havia falecido à época que arrancharam em suas terras.

Talvez por isso, as lembranças e constatações, apesar de muito parecidas, discordam no fato do patriarcalismo ou do matriarcalismo na família cigana, assim como sobre a leitura de mãos praticadas pelas mulheres deste grupo. Sobre isto, o Sr. Antônio afirma que,

¹²⁶ Baseando-se no que nos aponta Certeau. op. cit. p. 41: “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”. Assim seguiam os ciganos de acampamento em acampamento e a cada nova fazenda, novas formas de viver eram necessárias.

Eles eram muito unidos. Né? *Eles tinham um poder (...) matriarcal muito grande, normalmente quem decidia era dona Ana. Com aqueles vestido enorme, muito colorido (...) e tinha a cigana esposa de Expedito que era uma pessoa muito bonita.* Os dois, um casal muito bonito, teve aqueles filhos lindos também deles, mas era muito bem comportados, né? Tinham os padrões próprios de dignidade e dava gosto de se ver a formação da família deles. Me parece que isso é comum em todos os ciganos, né? Porque é um preconceito muito grande de que cigano é ladrão e tal, aquela história de ler mão e diz pra você “olhe seu amor tá chegando” normalmente a gente tá saindo né? Quer dizer, quando dá certo é porque coincide, né? Então existe aquele preconceito, não presta tal, tal mas não. Pelo menos esses, né? Da família do Bitó, foram pessoas extremamente honestas... Nunca vi ninguém lendo mão por lá não (Antônio Espínola, 2014).

Já o Sr. Juraci afirma em sua crônica que,

Atestei no HOMEM CIGANO, duas atividades profissionais: Um comerciante ambulante, e, um excelente corretor de imóveis e afins. A MULHER CIGANA, além de bonita! Bastante prestimosa, e, se dedica, mais do que os homens à atividade BUENA-dicha, sorte, sina¹²⁷ (Juraci Pina, 2013).

Em uma das falas anteriores, o Sr. Juraci havia dito que o capitão ‘Neco’ era o patriarca da família, diferentemente do que aponta o Sr. Antônio, que afirma um poder matriarcal nas mãos da Dona Ana¹²⁸, segundo ele, a cigana mais velha do grupo. Ambos confirmam que a família era o núcleo do universo cigano.

Ainda assim, a ideia da leitura de mãos pelos ciganos também foi contradita entre os colaboradores. O Sr. Juraci afirma que havia esta prática e o Sr. Antônio afirma que nunca havia visto os ciganos realizando a leitura de mãos. Como os colaboradores estiveram com os ciganos em períodos diferentes, suas memórias não podiam estar sempre em completa similitude. Nas memórias, há contradições, esquecimentos, silêncios. Nesse sentido, vale lembrar que,

Uma coisa que essa história compartilha com todas as outras é que nenhuma delas é exatamente como as outras. Nenhuma declaração individual se ajusta perfeitamente na grade cultural à qual pertence. Na verdade, a cultura não é uma grade (o que é tão somente recurso teórico útil), mas um mosaico no qual cada peça se encaixa com as

¹²⁷ Trecho retirado da crônica “Manias e Caprichos de meu pai”, de autoria do senhor Juraci Pina, publicada em um site de redes sociais da Internet. Publicado em 27/01/2013.

¹²⁸ Segundo a cigana Joadiva, Dona Ana, como os não ciganos a chamavam, era a cigana Ozana, sua mãe.

outras, mas é diferente de todas elas. Uma das coisas que as ciências sociais geralmente se esquecem é que a cultura é formada por indivíduos diferentes uns dos outros - e é isso o que a história oral nos lembra (PORTELLI, 2010).

Os nossos colaboradores são os narradores destas histórias e fazer parte disso também os move a falar. Alguns ciganos que estiveram em contato com um dos colaboradores, talvez não tenham tido contato com o outro, já que normalmente se dividiam para fazerem suas viagens, pois as comitivas eram muito extensas.

O Sr. Juraci também atesta o que, segundo ele, seria uma boa formação familiar que os ciganos também prezavam,

Como observador (nessa oportunidade, da vida alheia!), um costume dos ciganos, cuidou de minha atenção: A EDUCAÇÃO DOMÉSTICA! Convivi, fiz farras, cabarés, sambas de zona rural, na companhia de rapazes ciganos, sempre, mantivemos a LINHA. Copiei do CIGANO NECO: “O homem sempre será o reflexo da EDUCAÇÃO que recebeu do lar” E essa outra: “A preparação do indivíduo para o uso responsável da liberdade, está na EDUCAÇÃO que recebeu de seus pais”. Aonde ele foi buscar, eu não sei. Mas copiei dele!¹²⁹

Ora menina! Um cabra ignorante que decorou ou fez isso, eu num sei de onde o cigano Neco tirou isso, mas isso é muito bonito, isso é um princípio muito bonito. Num é qualquer um, e a família dele era disciplinada. Exatamente por conta da educação, era um respeito muito grande. Ele era realmente um patriarca. Então, o que é que a gente pode fazer mais, dizer mais? Todo mundo diz “cigano é enganador”¹³⁰ (Juraci Pina, 2013).

Nesta formação familiar de que ele fala, cabia o respeito aos mais velhos, o apreço ao trabalho, além da obediência aos pais, que eram conselheiros e ensinavam a viver. Outra característica que o Sr. Juraci acha importante nos ciganos é a questão de que são pessoas respeitáveis devido à forma de tratamento que ofereciam aos não ciganos,

Digamos de uma característica que todo mundo sabia e respeitava, eram bravos, e isso era muito bom, era muito boa esta característica pra eles porque eles eram respeitados, não que fossem arruaceiros,

¹²⁹ Trecho retirado da crônica “Manias e Caprichos de meu pai”, de autoria do senhor Juraci Pina, publicada em um site de redes sociais da Internet. Publicado em 27/01/2013.

¹³⁰ Trecho da entrevista.

não! Agora que se davam o respeito! Rá! Todo mundo sabia disso, nunca foram o que diz o dicionário, e nisso você vai pegar lá que o dicionário como é pouco informativo, mal informativo até posso dizer, em se tratando desse povo, é demais. Num era isso, você vê na educação do lar...

Os ciganos passavam várias temporadas nestas fazendas e talvez por isso os colaboradores tenham conseguido maior tempo para observar o cotidiano deles. Além do mais, são pessoas que, por serem estrangeiras, causaram curiosidade e isso os incentivava a estar com os ciganos e querer saber sobre eles também.

Sobre o tempo que passavam nas fazendas, o Sr. Juraci e respectivamente o Sr. Antônio, afirmam que,

Chegavam ENTRE SETEMBRO/OUTUBRO, e batiam em retirada no início do próximo ANO NOVO. Então, eu que havia abandonado meus estudos de SEGUNDO GRAUS, em JOÃO PESSOA, para ser AGRICULTOR (belíssima troca! Como diziam os ciganos: “ou tabocada!”) tive contato direto com esse povo, portanto, posso avaliar, o que diz o *DICIONÁRIO: Ciganice, trapaças em compras e vendas; Ciganear, levar vida boemia, incerta; Cigano, homem de raça errante, que vive de ler a *BUENA-dicha. Que chama as pessoas de *GANJÃO*. Posso afirmar: são vocábulos que podem se transformar em termos pejorativos. Por conseguinte, passíveis de PRECONCEITOS, isso é, a fixação de um juízo anterior à análise objetiva da realidade. Atingindo desfavoravelmente, pessoas e ideias, etc. O PRECONCEITO gera, em determinados ambientes, sócio culturais, ESTEREÓTIPOS conducentes a um sentimento de aversão a CERTOS GRUPOS¹³¹ (Juraci Pina, 2013).

Ah! 15 dias, um mês. Porque ali ficava sendo a base deles, eles batiam aquela redondeza toda né? Sempre a fazer negócio, *eles eram muito bons de negócio e trocava burro até em casa de palha pegando fogo, né? O negócio deles era fazer o negócio, fomentar dinheiro, né? E as mulheres... muito prendadas né? Muito bonitas reservadas também*. Eu tinha uma simpatia muito forte pela filha dele... De Expedito, mas ela era uma criancinha e eles tinham um cuidado pra não se misturar com outras raça, né? Consideram eles uma raça, né? Diferente da gente... Mas elas eram muito bonitas, muito bonitas, os olhos verdes, né? (Antônio Espínola, 2014).

O Sr. Juraci, além de nos revelar o período em que os ciganos costumavam se arrancar, tenta nos mostrar que existem preconceitos com relação aos ciganos e que isso não deveria acontecer, tendo em vista tamanha admiração que ele tem pelo povo

¹³¹ Trecho retirado da crônica “Manias e Caprichos de meu pai”, de autoria do senhor Juraci Pina, publicada em um site de redes sociais da Internet. Publicado em 27/01/2013.

cigano. E a partir do resgate ao que diz o dicionário, ele nos ensina mais uma vez, mostrando que as palavras constroem história, que os enunciados do dicionário trazem termos que podem se tornar pejorativos, aumentando assim os estigmas a respeito dos ciganos, estigmas ou “rotulações” com os quais ele discorda.

O colaborador percebe relações entre o passado que ele rememora – no qual os ciganos eram inferiorizados e perseguidos devido aos estereótipos que adquiriram ao longo do tempo –, com o presente, quando ele observa que ainda há fortes indícios de preconceitos relacionados aos ciganos, sobre isto observamos que,

Em razão do trabalho de elaboração, resultante da relação que se estabelece entre as memórias (passado) e a percepção de algo (presente), as marcas que se constituem como memórias devem ser compreendidas como registros híbridos. A partir da memória enquanto passado alcança-se ou apreende-se o presente; ao mesmo tempo, este presente atua relativizando ou deslocando significados acerca daquele passado (MONTENEGRO, 2012, p. 40).

Assim sendo, ressaltamos ainda que “a história oral é, principalmente, um modo de deixar a política e as condições sociais vivas e tangíveis, evidenciando seu impacto sobre a vida de determinadas pessoas” (PORTELLI, 2010). Hoje em dia, o Sr. Juraci procura estudar sobre os ciganos devido à sua admiração por estes sujeitos, tentando desmistificar muitas das coisas que ele percebeu no passado, quando em contato com os ciganos.

O Sr. Antônio enfatiza que os ciganos eram muito bons nos negócios. E até aponta uma característica que é comumente atrelada a eles, que é a questão da esperteza. O colaborador diz que eram “muito bons de negócio e trocava burro até em casa de palha pegando fogo, né?”. E na verdade, para a sociedade não cigana, essa ideia do cigano esperto acaba desembocando nas ideias de “cigano enganador”, “cigano ludibriador”, como já vimos em exemplos dos jornais.

Conversando com os ciganos, percebemos que eles, de fato, passavam meses nestas fazendas. As idas e vindas seguiam o calendário da natureza. A cada estação do ano, novas fazendas eram visitadas, mas sempre de acordo com o comércio, como vimos em passagens anteriores.

O Sr. Juraci conta, ainda, o quanto eram prestadores de serviços e que gostavam de ajudar as pessoas, tanto a quem morava na fazenda como a outros proprietários vizinhos, e narra uma história sobre o assunto:

Eu não vou citar o nome dessa pessoa, mas enquanto o meu pai acolhia essa gente, ou esse povo, essa nação, outros proprietários não queriam porque chamavam “ah! Mas aquela gente só vive roubando, num serve pra nada”. Num sabe o que aconteceu outro fato bem interessante... Um proprietário, uma vaca ia morrer engasgada. O vaqueiro dele, era uma vaca leiteira e era a melhor. De manhã foi dizer “seu fulano a vaca tal vai morrer. Tá engasgada, vai morrer”. Ele disse “a vaca fulana, morrer? A melhor que eu tenho?” Ele disse “sim, tá engasgada, tá faltando fôlego”. Ele disse “qual o remédio? Eu pago qualquer preço pelo remédio”. Ele disse “tem um remédio ali bem perto, tem uma cigana que reza, mas o senhor diz que não acredita em cigano... O senhor diz que na sua bagaceira não passa cigano”. Ele disse “aonde é que está essa cigana?”. Ele disse “ali na sua frente, bem perto num dá dois quilômetro pra chegar lá”. “Vá buscar essa mulher”, diz ele, “eu pago quanto quiser, se a vaca não morrer eu pago o que ela quiser, vá!”. “Mas ela é cigana”. “Num quero saber o que é que ela é, vá”. E ele foi. Chegou lá, levou e a cigana, botou a vaca pra se levantar, vomitou o pedaço de mandioca que tava impedindo a respiração dela e ficou boa, e ele muito entusiasmado depois do feito, quando viu a vaca dele de pé, perguntou pra cigana “diga quanto é o seu trabalho que eu pago” a cigana que já sabia quem era ele, hum! Disse “ganjão, eu não posso cobrar o meu trabalho”. Ele disse “mas eu quero lhe pagar”. “Não, não pode porque eu sou cigana e a minha gente não permite que esse tipo de trabalho seja pago”. Isso não foi uma lição? (Juraci Pina, 2013).

É importante destacar que nem sempre os ciganos eram bem acolhidos pelos donos de fazendas, e pelo que vemos nos relatos, as desculpas se baseavam muitas vezes no imaginário social construído em torno dos ciganos, considerados arruaceiros, ladrões e, no Nordeste, por exemplo, pesava também a ideia do cigano pistoleiro, o que causava temor aos fazendeiros. Mas não apenas por isso, alguns ciganos relatam que outros ciganos, que não eram familiares, já passaram por fazendas e fizeram “bagunça” e por isso era rejeitado a qualquer cigano arranchar em certos lugares.

Nesse sentido, conta-nos o Sr. Antônio Ferreira, morador de Campina Grande desde a década de 1950,

O que cigano tem tudo é roubado, sabe cigano é como posseiro? Se aproxima de uma fazenda, aí cada qual toma seu pedaço de terra. Naquela época não tinha a reforma agrária que tem hoje, não. Tinha os

direitos sociais que tem hoje, mas eles se apossavam na base da coragem, da violência. Se o fazendeiro num fosse mole, fosse cabra cangaceiro, tirava eles no tiro, mas se num fosse, eles se apossavam daquela terra, vendiam e no outro dia iam simhora para tomar outros pedaço de terra, outros animais, outras... Os animais que eles gostavam mais que era cavalo. (...) Eles vivem assim, rapaz, sem lenço e sem documento. Eles vivem assim no meio do mundo. Hoje os ciganos, pelo menos aqui no nosso estado da Paraíba, eu vejo alguma coisa raramente, num sei se noutros estados tem, frequentemente é coletivamente em grande extensão, mas no nosso estado aqui tá pobre de cigano, aqui pelo menos na região de Campina Grande, raramente eu vejo cigano aqui. (...) Na terra do meu avô onde eu nasci, daqui a mais de 100 léguas, 100 léguas não, a 150 quilômetros daqui é lá depois de Sousa, depois de Aparecida, uns 10 km (...). Eu convivi em Sousa a minha infância quase toda, nasci num sítio chamado Quixabá, meus avós tinham muito medo quando eles apareciam. Eles apareciam, acampavam lá, não pedia nem licença. Se o caba fosse falar, levava tiro. Eles era assim como o bando de lampião, não respeitava ninguém não. Às vezes, tinha deles que chegava lá e dizia “ó ganjão me de aí um copo d’água, deixa a gente dar banho nos cavalo no seu açude”. Meu avô sempre permitia, dava milho, arroz pra eles cozinhar. “Ah! a gente tá sem comer ganjão, arruma uma comidazinha”. Meu avô arranjava feijão, arroz, batata, macaxeira que tinha de fartura e dava pra eles. Aí depois eles iam pra outra fazenda (Antônio Ferreira, 2011).

Ele comenta sobre uma prática que não havia sido relatada em nenhum momento da pesquisa, como essa ideia de roubo de terras. Notamos nesta afirmação o rancor com o qual o Sr. Antônio Ferreira narra sua história, a respeito de um entre seus poucos encontros com ciganos. Percebemos que se tratou de um encontro marcado por medos e uma lembrança cheia de ressentimentos.

Segundo Ansart (2004), algumas experiências vividas no passado podem ser fatos “criadores do ressentimento”, tais como: inveja, rancor, maldade, ódio, vingança. O indivíduo não esquece fatos em que esteve presente ou vitimizado e as memórias reativam o passado que podem vir à tona, repleto destes sentimentos.

Ainda perguntamos ao Sr. Juraci como era a convivência com os ciganos, se havia festas e se ele participava. Mas ele nos conta que as festas que eles faziam não era bem como dizem no senso comum,

Na verdade, as festas eram só de violão, cantar. A gente gostava, eu gostava, toda vida gostei de cantar. Desde jovem que eu aprendi duas coisas, era aprender a tocar violão, nunca aprendi, mas eu gostava de alguém que soubesse e eu cantar, e como companhia e adocicante, uma boa bicada. Aí... E lá nos ciganos, tinha um que tocava violão muito bem, mas festa mesmo entre eles, aquelas danças, não! Eu

acho que eles não tinham, porque tanto tempo a não ser que eles se reunissem em outro lugar com outros parentes, porque além do cigano Neco, tinha o cigano Ismael. Ismael era casado com a irmã do Neco, e tinha também o cigano Júlio. Ah! Este... O cigano Júlio era muito difícil aparecer. Já era pros lado de Guarabira, aquele lado de lá, e o cigano Neco já era pra o lado... Tanto assim que ele terminou os dias de vida dele aqui com a fazenda na saída para Patos (Juraci Pina, 2013, grifos nossos).

O cigano ‘Neco’ tinha vários irmãos e eles nem sempre arranchavam juntos, pois as famílias eram muito extensas. Geralmente se reuniam numa mesma localidade em alguma festividade. O Sr. Juraci continua sua narrativa, contando um pouco da convivência com os ciganos quando da sua juventude, na zona rural da cidade de Areia,

Eu saí com meu irmão Moacir, também tinha deixado de estudar, e saímos com mais dois jovens da nossa idade e fomos pra o cabaré. Nós quatro, saímos da Ipueira e fomos para a cidade de Areia. Todos quatro liso. Quando pedimos o dinheiro ao meu pai e ao cigano Neco, o meu pai, pra não dar o dinheiro, que era muito amarrado nessas situações, ele disse... Não... Neco disse assim “major Osvaldo, tá na hora de dar o dinheiro dos garotos”. Ele disse: “Neco que dar dinheiro pra jovem bonito? Quem ama caro é velho, jovem num precisa de dinheiro pra amar não”. E saímos nós quatro lisos e fomos fazer hora na rua e terminar lá no cabaré. Mas éramos enfeitados pelo menos de idade e de entusiasmo e aproveitamos. Deu tudo certo lá, não recebemos desaforo não sei porque, mas fomos embora, pegamos os nossos cavalos e fomos embora. Na saída de Areia, embaixo onde tem uma Rua Chão do Galo, embaixo, a lua muito clara e então um dos quatro adverte, “Mas olha! Quatro cara tomando cachaça na estrada, sentado na estrada”. (...) Então uma brilhante ideia, cada um marca o seu, e passa com o cavalo em cima deles. Óh! Todos combinamos. Disparamos os nossos cavalos ou burros e cada um em cima do seu, poff! Meus amigos, o que aconteceu quando nós saímos depois dessa brincadeira, escutamos “os filho do cigano e de seu Osvaldo Pina quebraram o meu braço”. (...) Quando escutamos “braço quebrado”, aí foi que cutucamos os nossos cavalos e fomos embora. Chegamos na Ipueira e fomos arquitetar um plano de defesa. (...) Papai é mais duro, vamos pegar a advocacia de... Do cigano Neco, porque o meu pai obedece o cigano Neco. Então vamos esperar que o cigano Neco se levante. Quando Neco se levantou, nós fomos pra lá os quatro e contamos uma história, puxando a brasa pra nossa sardinha. Mas o velho Neco, que era muito experiente, disse: “Olhe, a história não é esta e em cima de mentira não se pode botar a verdade, como é que eu vou defender vocês? A história não é essa. Vocês não receberam ameaças, com certeza. Que vocês vinham correndo, como é que tão dizendo que foram ameaçados? Então me conte a história que eu possa advogar o caso de vocês”. Aí contamos direitinho. Quando estávamos nesse aparato, vem um carro. Era mais ou menos cinco horas da manhã. O meu pai levantava mais ou menos às cinco horas

da manhã. E lá vem um carro. Hum! Para e quando o carro para na bagaceira, concomitante, (...) papai ia abrindo a porta e o carro chegando. Cidadão desce do carro, papai abre a porta, cidadão vai saindo e já vai dizendo “eu quero indenização pro meu filho porque os seus filho, junto com os do cigano Neco, quebraram o braço dele com os cavalo”. Aí meu pai saiu já... “Peraí, o que é que tá acontecendo?”. “É isso, o meu filho tá lá, morrendo” e fez aquela zuada. Então meu pai disse “Juraci, Moacir, venham cá! Esses daqui?”. Perguntou pro homem. Ele disse “sim”. “Esses dois e os dois filho do cigano Neco”. Aí foi quando papai disse... e ele era violento e naquele tempo era na base da peia mesmo: “Vou exemplá-los na sua presença”. Aí o cigano Neco veio de lá e disse “major Osvaldo deixe comigo, não tome nenhuma providência”. E papai quis reagir e ele disse “me escute major Osvaldo, deixe que eu vou resolver este problema”. E nos levou lá pra barraca dele junto com o homem que tava com vontade de ver peia mesmo, o pai do menino. E então o cigano Neco pegou esse cidadão, conversou com ele, deu dinheiro a ele e disse assim: “Olha, o que precisar para o seu filho você me pede, não pede ao major Osvaldo, você me pede, agora tá satisfeito com esse dinheiro que eu estou lhe dando?”. “É, eu acho que dá”. “Se não der, venha, agora cala com esta conversa de filho de seu Osvaldo Pina e filhos do cigano Neco, tá me ouvindo?”. Dinheiro faz tudo né? Sabe o que aconteceu? Pegou-os, levou os quatro adolescente lá... Adolescente não, que nós já tínhamos dezoito, eu acho que deles já tinha vinte anos... Pruma cocheira, nós quatro, deu uma lição de moral a cada um, começando por mim, e eu ainda me lembro quando o cigano Neco olhou pra mim e disse “você quer ser homem?”. Eu disse “quero”. Aí ele disse “Então aprenda a coisa que faz um homem”. Os outro eu não me lembro o que ele disse, mas ele deu uma lição tão bonita que me valeu até hoje (Juraci Pina, 2013).

O cigano ‘Neco’, era muito respeitado, como os colaboradores contam, tanto que estava à frente para solucionar confusões como esta e, como “grande sabedor” das coisas, era sempre ouvido não apenas pelos jovens. Já o Sr. Antônio, em sua juventude, foi grande amigo do cigano Bitó e nos conta que estiveram em muitas farras, inclusive intitulado uma de suas crônicas como “O cupido compadre Bitó”. Falando sobre isto, ele contou que,

Nós estávamos bebendo aqui na Moreninha que era um cabaré muito famoso aqui em Campina Grande, na época cabaré era coisa de alto luxo, você tinha um pianista muito bom, né? Um baterista, com violão, tal... um regional como se fala. Muito bom, com os cantor e tal. Mulheres muito bonitas né? Muito bonitas, normalmente vinha muitas mulheres bonitas de Natal que era o point das mulheres bonitas, né? Principalmente mulheres do baixo meretrício, na época tinha o alto meretrício... Lembro bem, era mil novecentos e sessenta e quatro, sessenta e cinco. Uma das vezes que a gente tava lá, chegou João Agripino, aí fecharam o cabaré. Tinha um secretário dele e tal dançando bebendo ali com a meninas e dessa vez tava eu, papai e

Bitó, né? Ele já vinha de dois dias de farra, Bitó “cumpadre eu vou pra casa, vou dormir em casa” papai disse: “vá meu filho, vá levar Bitó”. E eu fui com Bitó. Bitó foi me ensinar como é que se passava num... naquelas cabeça de guarda, no jipe, passou pior né? Bitó disse “eu vou dirigindo é melhor”. Aí chegamos na saída de Campina Grande pra João Pessoa, do lado esquerdo havia uma rodoviária, Polícia Rodoviária Federal e vizinho, outro cabarezinho bem comprido e depois passou a ser restaurante. E lá então tinha uma garota muito bonita, Rosimery, tinha catorze anos, estatura mediana, mais pra pequena, cabelo longo, olhos verdes, muito bonita a menina e fazia umas duas ou três semanas que ela tava nessa vida, né? Na época uma moça quando é... atingia essa maturidade sexual, quando tinha relações já ou ... ou ia pra uma zona ou ia embora, ninguém aceitava casar uma moça dessa né? Ela foi posta pra fora de casa pelo pai. Bitó vendo que eu tava interessado na menina chamou, ela veio pra minha mesa tava até um colega lá (...) E eu quando vi a rosinha, a Rosimery, eu gostei, né? E fui com ela levar Bitó na fazenda (...) dormimos aí... gostei dela, papai... todo estudante é liso, né? Papai alugou um quartinho pra ela ali nas... na... naquela rua ali que corta a João Pessoa... Índios Cariris, né? Consegui um restaurante que fornecia, é... quentinha, né? Pra alimentação dela e passei dois ano com ela. Numa ocasião, eu tava em Guarabira, já tinha deixado... fazendo um comício de encerramento da minha campanha pra o Centro, né? (...) e Haroldo um colega nosso, nosso violonista tava no barzin de Maria Silva, “Tony! Tony! Vem cá” mas eu tava ali no palanque falando meu discurso, não fui. Era ela, tava indo pra Natal, nunca mais eu soube dela. Outra oportunidade que eu tive de vê-la, eu não aproveitei, né? Não tive condição. Então essa história com Bitó marcou muito porque ele foi o... realmente o grande cupido da história, né? (Antônio Espínola, 2014).

Ainda que os colaboradores tenham suas recordações sempre positivas com relação aos ciganos, não deixamos de notar que ao falar a respeito do assunto relacionado à tragédia nesta família cigana na década de 80, eles pediam para desligar o gravador ou, com semblante de muita tristeza no rosto, preferiram silenciar.

O Sr. Antônio recorda dessas histórias com grande saudosismo de uma época em que ele, já moço, aos 16 anos, mais ou menos, era um boêmio, seguindo os passos do pai. E frequentava cabarés, como a Unidade Moreninha¹³² e outras festas em Campina Grande, na maioria das vezes em companhia do cigano Bitó.

¹³² A Unidade Moreninha foi um cabaré que funcionou em Campina Grande, em meados dos anos 50, quando das mudanças na cidade após as reformas do prefeito Vergniaud Wanderley, “que preparou o centro da cidade para as elites usufruírem das inovações modernas, seguiu-se a reforma da área de prostituição” (SOUZA, 2002, p. 340). E as “empresárias do sexo”, as donas dos cabarés resolveram ir para outros lugares da cidade, dando continuidade aos seus empreendimentos. Segundo o historiador, este cabaré funcionava na “rua Demóstenes Barbosa (antiga ruas das Boninas)” e nos relatos orais de memória pesquisados por ele, há indicações de que neste cabaré, as noites de amor eram mais caras do que em outros lugares e além do mais, era necessário ao visitante, estar vestido de paletó (p. 347).

Observamos aqui, nesta passagem, uma narrativa que foge à paisagem do interior, da fazenda. Uma das poucas. Lembranças que recorrem a lugares na cidade e que se referem a espaços de lazer e divertimento citadinos, como o cabaré.

2.2 Ciganos na cidade: a visão de não-ciganos

Na cidade de Campina Grande, muitas foram as pessoas indicadas como amigas dos ciganos. Apesar do receio de falar, algumas pessoas se dispuseram a colaborar na construção deste texto. Neste tópico, os relatos são também de pessoas não ciganas, moradoras da cidade e que de alguma forma estiveram em convívio com os ciganos da família Cavalcante Targino.

Começaremos a contar estas histórias a partir do Senhor Sérgio, que aos 82 anos de idade, permitiu-nos trazer à tona, através da transcrição de sua narração, um pouco dos seus sentimentos com relação aos ciganos. Um senhor que, com muita disposição para falar e muito vaidoso, antes de começarmos a gravar, penteou-se, perfumou-se, vestiu uma camisa linda e, assim, depois de todo arrumado para a gravação, começou a narrar muito entusiasmadamente, o que sabia sobre o tema,

Fomos morar li onde hoje é a Exposição de Animais, nós moramos ali, em frente. Pronto. Era um pátio bem grande, quando o cigano Neco com a família acamparam. Mas cigano Neco, eu ouvi os mais velhos falando, tinha uns sete anos, seis anos, mas era curioso, eu gostava de saber (...) era bem danado, ‘impulsive’. Então via contar a história, de um velho assim da minha idade hoje, eu com sete anos (...), que conheceu um cigano que veio de Alagoas, eles eram de Alagoas, mas pra lá eu não sei a vida dele o que era, né? “Vieram de Alagoas e tão hospedados em Queimadas”. Queimadas fazia parte da nossa região, divisa que hoje divide a cidade pra lá e a cidade pra cá. (...) aí os cigano apareceram em Campina Grande. Campina era uma grande feira pra vista de Queimadas né? E eles trocava, vendia, aquele negócio todo, aí passou no Ligeiro e viu aquele pátio, muito pasto, aquele negócio todo “ali dava um acampamento” aí falou com Iaiá Campos que era minha mãe, segunda mãe, então ela disse “eu aceito, pode se acamparem por lá”, aí eles eram uns ciganos ricos, que quando eles tavam em Queimadas, os mais velhos contavam uma história que ele pesou cinco quilo numa balança, de nota de quinhentos mil reis e nota de quinhentos ‘mirreis’ era coisa de outro mundo, ninguém pegava, pobre num pegava numa nota daquela, eu ainda peguei nela, depois de eu rapazinho peguei (...) ela era deste tamanho assim... assim como se fosse um dólar verdeado, negócio assim, nera? Então ele chegou em Queimadas e pesou esse dinheiro, aí o povo, naquela época não tinha ladrão, ladrão... era eles que vendiam,

trocavam dos outros, mas era eles, né? Se fosse hoje, os caba ia em cima dele e tomava os cinco quilo de nota. Mas eles veio pra cá e eram rico... eram rico mesmo, aqueles outro cigano que passava por nossa casa, tinha muito cigano naquela época, era tudo pobre... As cabaninha deles era aquelas lona rasgada (...) com papelão, era pobre demais... Aqueles animais magro, fei e os dele era de primeira classe, *fazia gosto você vê o povo do cigano Neco que era o velho, ele não falava, bodejava, era brabo que só né?* (...) Então eles vieram e acamparam lá. A cabana dele era tudo lona novinha, verdinha bem feita, *aqueles cigana bem trajada, ouro tinha era por todo canto minha filha. Tinha nos dentes, por causa dele eu botei dente de ouro também era por aqui, por aqui, por aqui...* Bem vestidos, vestiam uns vestido, né? Lindas, lindas mulher... Num sei quantas tinham não sei quantas não. (...) aí os ciganos faziam festa lá... Escutava tocar violão e eles cantavam que eles eram rapazotes, eu era menino e eles eram rapazotes (Sérgio Balduino, 2011, grifos nossos).

Este terreno de que o Sr. Sérgio fala é muito extenso e possivelmente, devido à pastagem, foi um dos lugares escolhidos pelos ciganos para montar acampamento nesta cidade. Enquanto contava-nos estas histórias, “história de cigano”, como ele nos dizia, seus olhos brilhavam, demonstrando tamanho encantamento por estas pessoas.

Ele foi taxista durante muitos anos nesta cidade e conseguiu acompanhar muitos passos dos ciganos desde a primeira “fixação” na Fazenda São José, em Ingá, até a Fazenda Alvorada, em São José da Mata. Construíram “certa amizade”, mas depois perderam o contato e o Sr. Sérgio só teve informações deles através dos noticiários em 1980, devido aos problemas familiares que enfrentaram.

Havia, para o colaborador, algo de diferente nestes ciganos da família do cigano ‘Neco’. Chamou sua atenção o fato de serem ricos, o que de alguma forma os fazia serem percebidos de forma diferente de outros ciganos, pobres, como ele mesmo nos conta. Chamavam atenção os animais que carregavam ,as roupas (bem trajados e limpos) e as lonas das barracas (todas novas). Todos podem ser considerados como símbolos de uma vida cigana em trânsito e, no caso destes, que eram ricos, “fazia gosto de ver”, como afirma.

Já aos ciganos pobres, restava a pena, o sentimento de indiferença, já que “as cabaninha deles era aquelas lona rasgada (...). Com papelão, era pobre demais... aqueles animais magro, fei” e isso não agradava aos olhos dos que viam estas cenas, pois retratavam a pobreza e isso enfeava a cidade.

Outra característica que marcou as lembranças do Sr. Sérgio foi a questão da linguagem, quando diz que “cigano Neco que era o velho, ele não falava, bodejava”. No

caso o “bodejar”, nesse sentido, seria o falar *calon*, a língua usada por estes ciganos. Como o colaborador não os entendia, pois não é conhecedor desta língua, considerava como sussurros, murmúrios apenas.

Ainda se refere a outra questão bastante lembrada no senso comum, quando se fala em ciganos, que é o uso de ouro por parte deles. Neste caso, lembra-se dos adornos com os quais se enfeitavam, assim como das dentaduras de ouro, sendo tão atrativo aos olhos do nosso colaborador, que ele resolveu colocar dentes de ouro também, assim como via nos ciganos.

Procuramos algumas pessoas que foram, durante muitos anos, vizinhos dos ciganos em São José da Mata¹³³ e também em Lagoa de Dentro¹³⁴, sem muito sucesso. Quase desistíamos, quando aquela senhora, miúda e de lenço na cabeça, resolveu varrer a calçada de casa, e fomos pedir-lhes informações. Dona Antônia, acompanhada de suas netas gêmeas e pequeninas (que fizeram muito barulho durante a gravação), nos contou trêmula e timidamente o que recordava sobre os ciganos, que um dia foram seus vizinhos,

Eu conheci os cigano quando eles viero morar aí... Tinha o cigano Bitó, cigano Abílio, cigano Clóvis, era... Era... George, Germano... pronto. Tinha a mulher, a esposa dele... Conversava com ela. (...) A casa deles era muito boa, como é... Recebia a gente muito bem, auxiliava a gente também quando precisava... Ajudava.... A filha dela, a nora tudim ajudava aqui em casa. Eu gostava, eu gostava deles. Ninguém num... Não entrava ninguém nessa fazenda, mas a gente tudim entrava. Entrava eu, minhas irmã... Ela mandava a gente varrer os terreiro deles (...). Pagava a gente, quando não pagava, dava leite, dava carne, essas coisa. Tinha gado, criação de tudo, de porco, de galinha, de porco, de ganso. ... Um bocado de coisa (...) (Antônia Delfino, 2012).

Quando perguntada sobre o que ela sentia e percebia, quando em convívio com os ciganos, nos relata que não havia festas e que eles, os ciganos, não tinham diferença para com o não ciganos, pois se vestiam igual, “normal”, como ela diz, como todas as outras pessoas não ciganas. Ainda diz que, antigamente, quando eles moravam ali, de frente a casa dela, na Fazenda Alvorada, em São José da Mata, ela se sentia mais segura,

¹³³ Distrito de Capina Grande, situado na Zona Oeste da cidade, distante a 6 km do centro de Campina.

¹³⁴ Distante 5 km do centro da cidade de Campina Grande.

Viver aqui era melhor do que agora... Era mais calmo, não existia tanta coisa assim de ladrão de roubar, de matar, a gente podia sair qualquer hora, ninguém tinha medo de andar de noite, a gente saía... andava daqui pra lá no escuro, sem ter energia, porque não tinha energia naquele tempo, aí era no escuro e a gente saía tranquilamente, dormia de porta aberta e não existia (?) agora a gente não pode nem... (Antônia Delfino, 2012).

Dona Antônia, muito receosa, com a fala bem baixinha, nos revela que tinha medo do cigano George - acusado de ter assassinado alguns membros da família, entre eles o seu irmão, Germano. Entendemos que a imagem que a dona Antônia tinha do cigano George, está mais atrelada às imagens retratadas pelos jornais e pelas notícias que se passavam de vizinho a vizinho, do que pela convivência que teve com eles, já que nos informa que nunca havia visto nenhum tipo de problema na casa ou com membros da família.

A figura do cigano George foi apresentada em muitas matérias jornalísticas. A imprensa veiculava notícias de quando o cigano estava pela cidade ou mesmo de quando possivelmente estaria, como demonstramos. Isso causava pânico e temor à população, que ficava sob alerta, devido ao perigo constante que os jornais anunciavam.

Diferentemente de George, o seu irmão, cigano Germano, é geralmente reconhecido como um cigano muito bonito e namorador. Conseguimos encontrar uma das ex-namoradas deste cigano, a senhora Vera Lúcia, que nos contou um pouco de como o conheceu.

Muitas pausas, momentos de gravações negadas e uma calma na fala marcaram as entrevistas com dona Vera. A narrativa desta colaboradora é entrecortada por lágrimas e sorrisos discretos, mas repletos de lembranças de um amor. Um amor por um cigano, que deixou marcas em sua vida, e que foram rememoradas para nos ajudar a construir a nossa versão para esta história.

Sobre seu namoro com o cigano Germano, a colaboradora afirma:

Eu morava em São José da Mata, próximo a Lagoa de Dentro, onde eu conheci Maninho, Germano. Que eu chamava de Maninho. Nós namoramos dois anos e foi muito bom, conheci toda a família dele e... A casa dele... Visitei muito a casa dele, certo? E em 75... Junho de 75 a gente passou demais, a gente dançou muito porque em junho, em 75 tinha o... Um clube no Catolé (...). O Pio XI (...) que hoje lá é como uma instituição, hoje não é mais clube. Mas era um clube que tinha no Catolé e nós íamos muito pra lá, dançava muito em São José da Mata, Puxinanã, certo? Só que... Muita festa nesse período junino né? No

período junino e... a gente se dava muito bem, é... Meu cunhado, que eu era criada com meu cunhado e minha irmã, *morávamos próximo a São José da Mata, não era São José da Mata bem, mas meu cunhado comprava leite a Clóvis, o pai de Germano e por intermédio dessa... De eu passar na... Lá na fazenda e ir pegar o leite, conheci Maninho* (Vera Lúcia, 2014).

Quando Vera conheceu Germano, eles já moravam na Fazenda Alvorada, em São José da Mata (mas geralmente aquela região que é de fronteira entre Campina e São José da Mata, é chamada ainda hoje de Serrotão), e esta fazenda era famosa na cidade por ser extensa e muito produtiva, sobretudo por ser criadora de animais. Desta forma, eles vendiam leite e os derivados à população local, e isso facilitou o encontro dela com Germano. Sobre esta fazenda, o jornal Diário da Borborema traz a seguinte matéria:

A Fazenda Alvorada, no Serrotão, de propriedade do agropecuarista Cosmo Cavalcante Targino, é uma das melhores da Região polarizada por Campina Grande e se faz presente na 19ª Exposição de Animais e produtos derivados que aqui se realiza (...). Sempre destaque aos grandes acontecimentos pecuários paraibanos, a Fazenda Alvorada é destaque atualmente por conta dos cavalos Recife e Pernambuco com dois anos e três respectivamente. Ambos são de raça Persa e foram adquiridos recentemente junto ao senador Paulo Guerra, um dos grandes criadores nordestinos¹³⁵(Vera Lúcia, 2014).

Dona Vera nos conta que Germano, depois que se conheceram e começaram a namorar, frequentava a casa dela, assim como ela também frequentou a casa dos ciganos. Não foi um namoro escondido, foi um namoro sério. E nos conta que,

Era muito lindo. Muito, muito lindo. Era um jambo a cor dele, era um jambo, sabe? Alto. Só andava de bota e... Meu Deus! Meu Deus! Chega dói, viu? E lembro que no dia que a gente terminou o namoro, depois de uns... quase dois anos de namoro, depois que a gente terminou o namoro, eu casei, ele chorou muito no dia que eu terminei. Fui eu que terminei, mas expliquei tudinho a ele porque, fui lá na casa dele conversar com dona Antonieta (...). Nessa época era só paz. (...) Eu tinha ... então eu tinha 20, 19... 18 e 19 anos, mais ou menos isso. Foi a época que eu namorei ele.

Ao falar sobre os aspectos físicos de Germano, a colaboradora se embaraça mais uma vez ao lembrar, e com os olhos cheios de lágrimas continua a falar. Segundo dona

¹³⁵ Diário da Borborema, 30 de novembro de 1977.

Vera, apesar de amá-lo e de gostar da família dele, o cigano Germano apresentava algumas atitudes que para ela se tornaram desconfortáveis, como os ciúmes e o exagero nas bebidas alcoólicas. E por isto, resolveu pôr fim ao relacionamento, mas nunca se conformou em tê-lo acabado. Ela considera que o amor que eles viveram foi muito intenso e que estas coisas negativas não tiraram o brilho do que sentiam um pelo outro,

Mas mesmo assim, é... Ele era muito bonzinho pra mim também, me dava muito presente. Me deu um anel de ouro com zircônia muito lindo, o anel. A gente passeava muito, ele tinha camionete... era tanto que Clóvis, o pai dele, Clóvis, ele gostava tanto de mim, que quando ele me via, chegava lá, chegando lá com Maninho e Socorro do Ó, que era minha amiga. Quando nós chegávamos lá na casa, aí ele dizia assim, logo sim “Germano vai precisar da camionete hoje? Vai levar Verinha?” e a *Dona Antonieta era um amor. Só que ela como cigana, ela falava que eu não ia casar com maninho por conta do ciúme dele que a gente ia se afastar que a gente ia numa... Numa reta, mas numa... Lá na frente a gente ia dar uma desviada. Aí... Pronto!* (Vera Lúcia, 2014).

A narradora nos conta que tinha um convívio muito bom com os pais de Germano, o cigano Clóvis e a cigana Antonieta, assim como com os demais membros da família. Conta que sempre foi bem recebida e prestava muita atenção em como eles viviam e se comunicavam em casa. Repete a lembrança que tem, de quando a cigana Antonieta a alertou sobre o fato de o relacionamento deles não chegar ao casamento, já que ela, Vera, não era cigana e que Germano deveria casar-se com uma cigana.

Dona Vera nos revela que o cigano Germano, com frequência, costumava conversar sobre uma possível fuga deles para casarem-se, mas ela nunca quis, alegando diversas questões,

Ah! Ele queria, ele pensava em a gente ir embora. Sabe? A gente sair, mas eu toda vida eu tive muito medo toda vida eu sempre fui muito pé no chão. Pé no chão. Eu queria fazer minhas coisas certinha, pra... pra depois eu não me arrepender. Se era aquilo mesmo que eu queria. Porque eu tinha medo do... de bebida. De alcoolismo eu tinha muito medo de gente que bebia (...) Nunca topei não. De sair, de sair com ele pras festa assim eu... a gente saía, eu confiava muito, porque eu sabia que ali eu tava segura sabe? Tanto com o homem que eu amava como com ele, que ele me passava muita segurança. Sabe, na época ele me passava muita segurança, muita segurança. (...) Aí dona Antonieta sempre dizia assim que a gente não ia, por que Germano tinha que casar com uma pessoa da... O motivo era esse. Ela falava “você não vão, você vão mas lá na frente você vão cada um pegar um caminho porque é pra casar, ele só dá pra casar com cigana” e sempre eu

conversava com ela a respeito da vida dela. Aí ela falava assim, “olha Verinha, quando eu tive os meninos”, George que era da mesma época do... que eles viviam né?... que eram ... que viviam no mundo né? Ela disse: *teve, limpou, deu um banho, botou, subiu seu Clóvis entregou e na mesma hora saíram para o mundo e eu falava assim* “meu Deus! (...) E quando eu casar será que vai ser desse jeito? Será?” (risos) Aí ela disse “Não, agora não... eu queria muito” ela pensava que ia voltar a andar, só que eles vieram e (...). Mas eu queria demais, assim, eu pensava muito em casar com Maninho, muito. Muito, muito. Eu pensava e ele também (Vera Lúcia, 2014).

Apesar do grande desejo em casar-se com o cigano, mesmo conhecendo uma realidade de vida diferente da que ela vivia, seu desejo se tornaria quase impossível, já que ele deveria seguir os preceitos que a sua etnia esperava, casando-se com alguém do mesmo grupo, como afirmava a cigana Antonieta, a mãe dele, o que de fato veio a acontecer posteriormente, já que ele casou-se com uma prima, também cigana.

Dona Vera, aos poucos ia conhecendo a família cigana e foi percebendo como era viver entre eles, e lembra que se assustou ao saber que a mãe de seu namorado teve os filhos fora da maternidade e que, logo após o parto, já que ainda eram nômades, mudaram-se para outro lugar. Isso a assustava, mas mesmo assim, não a impedia de desejar que o casamento entre eles acontecessem. Havia “certa magia”, como percebemos ao contar-nos que queria casar-se com Germano,

Eles falavam né? E diziam sempre que o homem é que é... que era o cabeça da casa né? O homem. O homem. Aí eu falava... eu ria pra Maninho aí dizia assim: “tem nada não, na nossa casa manda nós dois. Manda nós dois”. Mas ele era muito, muito, muito era... Assim, não me traía, ele não me traía de jeito nenhum, não traía (...). Ele era único. Era único, e eu acho assim que na data... aí você vai ver, que a gente namorou (...) era quando eu estudava em ... no colégio Paulo VI. (...) Vivemos um amor muito lindo, muito lindo o amor da gente e sem esse negócio eu não era a mulher dele, eu era a namorada dele, intocável, entendeu? Tinha a Flórida no centro da cidade (...) era o Ponto Chique de Campina Grande, o ponto da juventude era ali. Eu estudava na Prata, na Prata... no ... Estudava no Paulo VI! Quando a gente saía do colégio, a gente ia direto pra Flórida. À tarde. Seis horas da noite, teve um belo dia, que a gente ficou na Flórida, todo mundo, George... Jane, todo mundo, Iremar, todo mundo! Maninho, eu, Socorro do Ó, aí nós ficamos lá, todo mundo conversando, aquele barulho que a juventude faz, faz barulho né? Tudo faz barulho! Aí quando pensamos na hora, seis horas da noite. E aí? Quase seis horas da noite. Aí eu disse: “Maninho pelo amor de Deus! Meu cunhado já veio me buscar em São José da Mata” é que a gente morava no sítio Serra de Joaquim Vieira, próximo a São José da Mata aí ele fez: “tem

nada não Verinha vou lhe deixar em casa. Que eles gostem que não gostem, hoje eu vou lhe levar em casa. Não tem problema não, né?” eu disse: “fazer o quê? Quando chegar lá eu sei que ela vai reclamar, vamo embora”. Aí foi eu, ele e Socorro do Ó e os meninos, acho que nesse dia foi Iremar com a gente. Mas Iremar ficou na fazenda e nós fomos para o sítio, na camionete... ele dirigia meio louco, sabe? Meio louco (e ri) aí quando a gente chegou na casa da minha irmã, aí eu falei logo, né? Aí eu disse: “ó Maninho veio me deixar porque esquecemos da hora lá na Flórida” né? Toda assustada, né? A gente tava na Flórida mas era o point de Campina Grande (Vera Lúcia, 2014).

A sorveteria Flórida, que existiu em Campina Grande em meados anos 1940-1969, é considerada pelas pessoas que frequentavam, como o “point” da juventude na cidade. Funcionou em um edifício localizado na esquina entre a Marquês do Herval com a Cardoso Vieira, onde por muito tempo funcionou a farmácia Petrópolis. E lá, também era onde se encontravam os ciganos com seus amigos. Logo, quando Vera ia com sua amiga Socorro, seguiam para lá os ciganos Germano, Iremar, às vezes outros como George e sua esposa Jane, suas primas Marinalda e Joana D’Arc. Mas o fato de que namorava um cigano, chamava atenção dos seus colegas não ciganos, que com frequência lhe perguntavam sobre o assunto,

E falavam assim: “Como que tu tem coragem de namorar um cigano?”. Aí eu falava assim “Oxente, mas por quê? Todo mundo ficava me olhando assim... Primeiro, ele rico e eu pobre. Certo? Ele rico e eu pobre. Não pobrérri, né? Mas pobre. Pra ele, eu era pobre. Mas isso aí eles não viam. Entendeu? Isso aí eles não viam, nem ele, sabe? E... como eu, num sabe? Como eu... Eu tinha uma fotozinha da época que eu namorava Germano, mas... Eu acho que eu guardei esta foto, mas eu tinha foto, eu era muito linda, muito bem feita de corpo num sabe? Muito bonita. Eu era muito bonita, cabelo assim meio escuro bem comprido... eu não sei, só sei dizer uma coisa, a gente se amou muito. Muito, muito, muito, muito. O povo comentava, me olhavam atravessado, entendeu? Me olhavam atravessado. E meu cunhado adorava, meu cunhado queria... Mas não queria com esse que eu casei... pobre! Entendeu? Ele queria que eu casasse com Germano, porque Germano era rico. E ele era muito amigo de Clóvis, entendeu? Com Germano, ele deixava assim, a gente namorar sossegado... onde a gente morava era um sítio e nesse sítio a gente ficava namorando não dentro de casa, a gente namorava no grupo, era uma casa, era um quadrado... Aí o prefeito, na época que minha irmã era jovem, aí construiu essa casa pra ela, essa casa e um grupo, pra tirar ela de um setor e botar em outro setor, foi a felicidade dela. E eu fui morar com ela, foi quando eu conheci Maninho. Aí quando eles chegaram, como pouco tempo que eles chegaram eu conheci Maninho, eu conheci ele. Muito lindo, com um cabelo muito lindo, um chapéu... Um jambo sabe? (Vera Lúcia, 2014).

Para Dona Vera, não importava o que as pessoas comentavam, importava era o amor que sentia e tentava justificar aos amigos, dizendo o quanto ele era bom para ela. Mas percebemos que as pessoas de quem ela fala tinham medo dos ciganos e perguntavam isto a ela com muito receio, pois não era aceitável ou era muito estranho que uma moça bonita como ela não tivesse medo deles também.

O fato de Germano ser rico a ajudou no seu relacionamento com relação à sua família, pois sua irmã e cunhado, com quem ela morava, queriam que ela casasse com Germano, pois o cigano era rico e, neste caso, suas condições financeiras superiores às dela superavam os estereótipos que o circundavam. Mas esta história infelizmente não teve final feliz. Acabaram o relacionamento e ambos casaram-se com outras pessoas, Germano foi assassinado pouco tempo depois de casar-se e, nesta época, em 1981, ela já havia se casado também.

Dona Bela¹³⁶ viveu aparentemente, com mais intensidade um cotidiano familiar com os ciganos, tendo em vista que seus pais, quando moravam no bairro do Santo Antônio, permitiam que membros desta família de ciganos arranhassem em suas propriedades,

Os pais dele que eram do Egito verdadeiro, que eles já foram nascidos no Brasil, mas os pais deles era do Egito quando eles vieram morar no Brasil, por motivo que você sabe, que o Brasil é um lugar bom que o pessoal vem pra conseguir uma situação financeira melhor, porque nós mesmos que moramos aqui não procuramos isso que tem. E ele quando veio para o Brasil, no final o lugar que eles gostaram foi... É... ficaram em São Paulo dois e em Campina Grande ficaram o resto que ainda hoje tem uma irmã que mora lá no Severino Cabral, que é Diva uma cigana e eles continuaram aqui. Então mamãe criou essa família de ciganos. Agora como eu falei pra você, eles são bons, são amigos, são assim desconfiados, não confiam assim... Assim o hobbie deles é negociar. Negociar, cantar, são muito inteligentes, a cultura deles tem assim, os tios deles, Clóvis, Bitó, eles vivia de... eram fazendeiros. Como Abílio também que morava ali nas Três Irmãs, depois ele foi embora para o Rio Grande do Norte (...) (Bela, 2011).

Uma das maiores curiosidades que surge por parte dos *gadjé* (não ciganos) é a explicação de onde os ciganos vieram, como chegaram a Campina Grande e a outras regiões vizinhas. E disso, surgem muitas histórias que partem do senso comum ou de

¹³⁶ Nome fictício, tendo em vista que a colaboradora não quis ser identificada no texto.

histórias que “se ouviu falar”, que contribuem para a construção de estigmas¹³⁷ com relação aos ciganos. Uma teoria em especial vem à tona, que é a ideia de que vieram do Egito, como aponta dona Bela,

O avô dele e avó que eram ciganos do Egito, como eles também (...) a mãe deles era tudo de lá do Egito. Quando os pais faleceram, eles eram muito rico, cada um pegou sua herança e vieram se instalar aqui na Paraíba, entendeu? Aí cada um teve sua vida independente, como eles tinham dinheiro, o que foi que eles fizeram? Compraram fazenda e se instalaram entendeu? (Bela, 2011).

Segundo dona Bela, os ciganos que chegaram a morar em Campina Grande por volta dos anos 1970 tinham suas origens no Egito, o que ela enfatiza, repetindo diversas vezes. Ao ser questionada sobre como ela sabia de tais informações, a colaboradora afirma que os mais velhos contavam muitas histórias e, entre estas, a de que eram naturais do Egito. Isso nos permite pensar que as informações que os *gadjé* têm sobre ciganos e suas possíveis origens, possam ter sido recolhidas por informações¹³⁸ dos próprios ciganos e da mesma forma o contrário pode ter ocorrido.

Mas vale salientar que esse discurso também foi divulgado pelos próprios ciganos e que entre eles há muitas divergências a respeito desta questão, fazendo-nos pensar que não há um consenso sobre as suas origens – assim como não há consenso nas pesquisas realizadas sobre estes sujeitos. Desta forma, são apontadas diversas origens possíveis, entre elas, o Egito¹³⁹ e a Índia são os lugares mais assinalados,

¹³⁷ GOFFMAN, op. cit. Segundo o autor, o estigma é definido como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (p. 7). Segundo o autor, por serem “desviantes sociais” eles seriam representados com defeitos, que atuariam de forma negativa a sociedade (p. 155).

¹³⁸ GOLDFARB, traça alguns problemas acerca das viagens ou andanças e peregrinações dos ciganos pelo mundo a partir das narrativas de seus entrevistados, que apontam o Egito também como lugar de origem. E acrescenta que “o Egito não foi escolhido aleatoriamente como um ponto chave da diáspora dos ciganos, pois em Sousa a maioria dos ciganos aprendeu com o mundo externo e letrado que grande parte dos ciganos migraram do Egito para a Europa” (2004, p. 141). Na verdade sua tese é de que isso foi transmitido pela Procuradoria da República da Paraíba e pela Pastoral dos Nômades quando visitaram os ciganos em Sousa.

¹³⁹ Como aponta MELO, Fabio J. Dantas de. *Os ciganos calon de Mambaí: a sobrevivência de sua língua*. Brasília: Thesaurus, 2005. O autor apresenta alguns traçados das andanças ciganas e mostra “inclusive, uma suposição, que se arrima nas explicações de Constâncio, apontando o Egito como a provável terra de onde descendem os ciganos, tanto que o nome que eles tem em língua inglesa, *gypsy*, seria um derivado de *egyptian*” (p. 35). Em MORAIS FILHO, Melo. *Os ciganos no Brasil e o cancionário dos ciganos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, também observamos algumas ideias sobre as origens desta etnia e este autor, acrescenta a questão sobre o Egito, afirmando que “na Turquia estas tribos dão a si mesmas o nome de *Romishel* (...) e que pela decomposição do *romi* ou *rom*, que significa homem, e *chel*, Egito, forma- homem do Egito” (p. 22).

Quanto à nossa origem, conforme já foi publicado no Diário da Borborema, em dia da semana passada, num histórico que nós fizemos... Nós somos originados de uma família árabe, a família Latiff Lafitt, e essa, tendo vindo para o Brasil, foi radicada no Nordeste e daí foram originado os vários bandos “Cavaltanti Targino” que ainda hoje existem. E, dentre esses bandos estava meu bisavô, o pai do meu avô cigano Francisco Targino, já falecido há muito¹⁴⁰.

Este trecho foi retirado de uma entrevista concedida pelo cigano Targino, em 1981, ao programa Confidencial, na TV Borborema e publicada no jornal impresso Diário da Borborema no mesmo ano. Através das suas respostas, podemos perceber um pouco da trajetória da família de ciganos de etnia *calon* por estas regiões. No relato, percebemos que há divergência no que diz a colaboradora do trecho anterior. Tais divergências talvez aconteçam porque os ciganos fazem parte de uma etnia heterogênea e, portanto, tiveram suas culturas e tradições ressignificadas ao longo do tempo.

Ainda no que se refere ao cotidiano observado pela colaboradora, vemos que as festas eram momentos de muita descontração e, sobretudo, de encontros familiares:

Era por exemplo, vinha ciganos e acampavam... de outras famílias, mas quando eles chegavam lá, *que eles falavam a mesma língua com eles, eles fazia amizade. Falava calon.* Então era o quê? Eles fazia aquelas fogueiras, aquelas comida que eles gostavam... Aqui em Campina Grande. De vez em quando não tinha ciganos? Principalmente quando eles ficavam lá como quem ia para o Marinho naquelas fazendas, eles pediam aos fazendeiros para acampar e eles prometiam, porque existia ciganos que roubavam dos vizinhos. Mas eles não! A família deles era assim, eles ficavam, mas ficavam pra quê? Pra comprar, pra vender e negociar, mas eles não admitiam e como é que eles faziam? Eles faziam festas a noite, era com fogueira eles cantavam que eles eram bonitos, se vestiam bonitos e depois (...) Era uma festa cigana! A gente se vestia com aquela roupa bonita dançava naqueles palcos que eles botavam de madeira com aquelas roupa, aquelas mulheres bonitas e... Era saia, era aquelas blusa fina muito bonitas, muita bijuterias, que elas usavam aquelas coisas na cabeça muito enfeitada, brinco, colar, que elas se vestem muito bem, se maquiavam muito bem, e são muito bonita. Essa minha irmã mesmo de Recife, é porque ela faleceu, mas ela era linda, alta dos olhos azuis falava cigano fluentemente era a boa pátria, era um presente de Deus. Mas infelizmente foi acometida por isso. Mas nós íamos pra lá e sempre que a gente ia a gente ficava até tarde, eles passavam a noite e *entendiam a mesma língua que eles falavam*, aí eu dizia: “o que é que vocês tão tramando aí?” (...) Todas as noites que eles faziam. Onde eles se acampavam eles faziam festa. (...) E lá em casa eles faziam, eles tocavam muito, cantavam muito, porque nós morávamos num local que de lado era um curral, quando nós morava lá no Santo

¹⁴⁰Entrevista do cigano ‘Targino’, concedida ao jornal Diário da Borborema, 26 de julho de 1981.

Antônio, então sempre nos final de semana nós se reuníamos, porque nós gostávamos de ver Madalena cantar. Ela cantava muito bem, Madalena é Maria José, a cigana, a que morreu, era Maria José, mas o apelido dela era Madalena. E acontece o que, que ela cantava muito, e final de semana o que é que nos fazíamos, nos ia para o curral, tinha aquela parte que ficava separando o curral, o curral era todo de pedra e nos ficávamos eles cantando e tocando. Que eles cantam e tocam... É um dom que eles têm, num é assim que ninguém ensinou, aprenderam não, eles aprenderam por ele mesmo só (Bela, 2011).

Com um intenso bom humor, a colaboradora nos conta um pouco sobre como aconteciam estas confraternizações e do quanto era odioso para ela não entender o *calon*, já que com frequência os ciganos utilizavam este idioma para falar entre si. Nesta narrativa, temos uma ideia de como eram as festas que eles organizavam, com todos os elementos que com frequência encontramos no senso comum: o colorido das roupas, a alegria, a fogueira, as músicas e a cantoria. Interessante é que ela também se vestia para participar das festas, já que aconteciam, em sua residência, onde eles também arranchavam.

Dona Bela nos conta que no período em que ficavam arranchados, algumas das crianças e adolescentes iam à escola, neste caso ao Grupo Escolar do Santo Antônio,

Eles não gostam de estudar, eles não gostam! Nós estudávamos no Grupo Santo Antônio, mas de acordo com que eles foram crescendo, que eles não gostam muito de estudo, aonde eles chegavam eles estudava. Porque tem a obrigação das escola acolher eles, onde eles estudarem. Mas (...) eles foram crescendo, procuraram logo se desenvolver assim, trabalhar, eles não gostam de estudo. (...) Aqueles meninos de Bitó, se formaram por quê? *Porque Bitó quando ele decidiu não ser mais cigano, ele decidiu educar os filhos.* Eles já tinham condições financeiras boa, entendeu? Não andava mais no bando como os irmão, foi quando eles se instalaram na Paraíba mas com a finalidade de quê? De formar os filhos (Bela, 2011).

Segundo conta a colaboradora, estes ciganos que ela conheceu e que eram parentes dos ciganos Cavalcante Targino¹⁴¹ não queriam estudar, só queriam trabalhar, trocar, vender, tudo o que aprenderam com os pais. Bem diferente do que pensou e colocou em prática o cigano Bitó, que se estabeleceu em Campina a fim de educar os filhos, e assim estimulou os outros irmãos a fazerem o mesmo.

¹⁴¹ Estes parentes eram os filhos do cigano Pacífico, da família do ‘Capitão’ Neco.

Mas algo nos chamou atenção: o fato de ela afirmar que um dos ciganos “decidiu não ser mais cigano, ele decidiu educar os filhos”. E perguntamos como foi que ele deixou de ser cigano, mas a colaboradora nos explicita melhor o que quis dizer, neste trecho,

Pra eles, eles só são ciganos quando eles... Porque ciganos são andarilhos, quando eles andam, que eles acampam, que eles fazem as festas dele, quando eles compram, eles vendem, entendeu? Aí eles saem andando, que ainda existe hoje mas tá muito raro, não tem mais, nunca mais, sempre tem em Recife e quando eles diziam “vamo ali comigo chegou uns ciganos, uns calon” aí eles botava pra falar, eu dizia “cale a boca que eu não aguento você falando de mim”, eles começam a rir. Que eles falam a mesma língua sabe tudo. Nunca vão deixar de ser, nunca eles vão deixar de ser (...) que a família deles tudinho, o avô dele era do Egito (...) e eles nunca vão deixar, eles tem o mesmo sangue cigano e nunca vão deixar a tradição (Bela, 2011).

Ela tece estas informações a partir do que ela conseguiu apreender enquanto admiradora e amiga dos ciganos, chegando a chamá-los de irmãos, devido ao convívio que mantêm, desde a adolescência. Suas afirmações, nos últimos trechos, nos chama a outras colaborações, como a da senhora Mariana¹⁴².

Mariana estudou com a cigana Luciana, filha do cigano Clóvis, irmã de George e Germano. Eles se instalaram em Campina Grande e colocaram os filhos para estudar em algumas escolas campinenses, como Carmela Veloso e Colégio Alfredo Dantas. Neste caso, Mariana, quando adolescente, estudou no CAD. E nos conta o que lembra a respeito dos ciganos,

O que eu me lembro, com relação aos ciganos, é mais do ponto de vista da filha dos ciganos, Luciana, que eu nem me recordo como é o nome dela completo. Eu conheci Luciana exatamente na quinta série, quando ela foi estudar no colégio que eu estudava na época. Eu tinha uma amiga que fez amizade com ela e nós juntas fazíamos parte do mesmo grupo. Toda vez que um professor passava um trabalho, nós, nós fazíamos parte desse mesmo grupo. (...) Com relação à vida em família, o que ela nos mostrava é que até antes do evento né do... do genocídio entre eles, é que era, que era uma família relativamente, vamos dizer assim, relativamente feliz. Ela nunca chegava à escola comentando conosco com relação a problemas familiares. Eu na realidade eu só fiquei sabendo que ela era filha de cigano quando o pai dela morreu. Porque ela nunca falava que era cigana. É interessante, mas ela nunca trouxe essa discussão para a sala. Nossa, ela era muito amiga mesmo da minha melhor amiga e ela nunca falou isso para ela

¹⁴² Nome fictício tendo em vista que a colaboradora não quis ser identificada no texto.

né? Pra nós foi uma surpresa muito grande, tendo em vista que a gente que não havia nenhum comentário da parte dela com relação a isso (Mariana, 2011).

A colaboradora afirma que a pequena cigana não comentava sobre o fato de ser desta etnia e que isso foi invisibilizado entre os colegas também, que só vieram saber quando da morte do pai dela, o cigano Clóvis, que foi anunciada nos jornais. Foi quando ela deixou de frequentar a escola e um das amigas ficou sabendo do ocorrido, contando às demais colegas,

Então foi nesse dia quando a escola ficou sabendo que ela... ela que o pai dela havia falecido. Ela faltou. Quando ela voltou, muito tempo depois, ela estava muito triste, lógico. Também não comentou nada. Na realidade, ela começou a faltar na escola. Na época lá em casa não tinha telefone, ela telefonou para a casa a minha amiga, foi minha amiga que me disse, quando eu fui para a escola. Ela telefonou para a casa da minha amiga, que não ia mais para a escola (...) que era uma questão de segurança e que ela foi orientada a não ir por conta dessa questão a segurança (...). E aí ela falou o seguinte... é... foi quando minha colega perguntou “Você é cigana?” Aí ela foi, só nesse momento que ela disse que era cigana, da família de ciganos, que estava, cujo pai havia sido assassinado, num é? E uma semana depois ou duas, não me lembro bem certo, parece que foi o segundo homicídio, né? E depois disso começaram as sequências de homicídios com relação aos ciganos (Mariana, 2011).

O choque de ver uma coleguinha não ter mais o pai, tendo sido assassinado - o que chamou atenção da mídia local e virou o comentário da época – o fato de serem ciganos e haver todo um imaginário em torno destas figuras são fatores que deixaram estas crianças ficaram confusas. Para as colegas, era tudo muito estranho, o fato da amiga não ir mais à escola por medo de ser assassinada também e o fato da mídia estar fazendo sensacionalismo em cima das mortes.

Tudo isso apenas deixava as colegas ainda mais curiosas com o que acontecera àquela família. Antes do ocorrido, elas já haviam tido a oportunidade de conhecer os pais dela e a sua casa, na Fazenda Alvorada, por isto não compreendiam o que acontecia naquele momento,

Então veja, éramos todas, eu posso dizer adolescentes ainda. E quando foi um dia, a professora de Geografia passou um trabalho para nós fazermos e ela nos convidou para ir pra casa dela, fazer o trabalho na casa dela. Como ela morava ali na safda da Manzuá, era muito distante

e nossos pais não deixavam, então ela disse que o pai dela viria nos buscar. Foi nesse dia que nós conhecemos a família de Luciana. Fomos o grupo com ela, o pai dela veio, parou em frente à escola, nos levou pra casa dela. Ela... ela era interessante, que entre os ciganos utilizam muitas joias, não é? E ela utilizava. Ela sempre vinha com aquelas joias, com muitas pulseiras, muita pulseiras, que ela usava à época e como éramos adolescentes, eu confesso que nunca imaginaria que aquelas pulseiras fossem de ouro. Porque depois as meninas comentaram que aquilo era ouro mesmo. Eu pensava que aquilo era bijuteria. Numa época em que todo adolescente começava a utilizar muitas bijuterias, eu imaginava que fosse só que ela tinha essa particularidade. Então nós fomos para a casa dela. Chegando lá, tinha carros na garagem, o jardim muito bem cuidado da casa, hoje eu passo em frente à casa e vejo que não tem tanto cuidado assim como era aquela casa, que eu vi naquele ano em que eu fui fazer aquele trabalho em grupo. Quando eu cheguei na casa, quem nos recebeu foi a mãe dela. A mãe dela estava com uma saia muito colorida é o que posso me lembrar... é que era uma saia amarela, com eu acho que aquilo era uns detalhes... era umas folhas ou era umas flores vermelhas. Ela estava com uma blusa bege e aí ela nos recebeu. Nós ficamos na sala. Ela disse: “Antes de vocês começarem a fazer o trabalho, eu vou servir um docinho, Luciana, pras meninas” e nos trouxe doce de leite. Nunca vou esquecer. Mas o detalhe era dentro da casa, uma casa muito... Para minha... Para meu modo de vida, aquela casa era... Todas nós ficamos espantadas. Uma casa com uns tapetes e almofadas, e um lustre. Eu nunca tinha visto um lustre na minha vida! Foi a primeira vez que vi um lustre numa casa. Achei muito interessante. Então. Foi isso que mais chamou atenção não só a mim como das demais colegas que estavam presentes, né? Então nós fizemos o trabalho, depois ela nos mostrou a casa dela, o quarto dela. Ela nos falou que tinha dois irmãos. Um dos quais, eu conheci quando ele vinha chegando na casa. Eu não sei se era o Germano ou o George. Mas era bem magrinho, estava de calça jeans, camisa tipo jeans de mangas compridas, com um chapéu, de bigode. Aí ele entrou muito rapidamente na sala onde nós estávamos fazendo o trabalho. Depois conversou uma coisa lá com a mãe dela e saiu. E aí nós ficamos a tarde toda. Quando foi mais ou menos umas cinco horas da tarde, o pai dela veio e nos levou de volta justamente para o colégio, onde nossos pais... De lá iríamos pra casa. Bem, ela pouco comentava sobre a família dela. Ela nunca comentou sobre a família dela, certo? A única pessoa que ela comentava muito, assim quando ela comentava conosco, era mais a mãe dela, certo? Ela falava que gostava muito da mãe dela, que era muito próxima (Mariana, 2011).

Chamou atenção da nossa colaboradora o fato de que ela, a ciganinha Luciana, usava muitas joias, e as adolescentes da época só usavam bijuterias, enquanto que a cigana usava ouro “de verdade”. O deslumbramento ao ver a casa deles na fazenda, uma casa cheia de luxo e de muitos artigos incomuns às casas destes jovens, fez com que ficassem todos abismados com o que viam, inclusive quando a colaboradora conta “eu nunca tinha visto um lustre na minha vida!”. Enche os olhos de lágrimas, mas lágrimas

de empolgação por estar narrando estas histórias para nós e lembrar-se da sensação de estar em um lugar acolhedor e encantador, que a marcou intensamente.

Por isto, consideramos que “a sensibilidade consegue, pela evocação ou pelo rememorar de uma sensação, reproduzir a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento” (PESAVENTO, 2007, p. 13). A pesquisa historiográfica aponta para diferenciadas leituras sobre os ciganos, não só referentes às temáticas, mas também às fontes, à metodologia e às formas de abordar o tema.

As nossas análises, até aqui, não se propuseram a averiguar as condições de vida dos ciganos na contemporaneidade, mesmo entendendo que a história seja prática social que “trata de fatos que despertam fortes ecos na atualidade” (LANGUE, 2006, p. 23). Nossa abordagem parte destas experiências individuais e narradas, observando representações dos ciganos baseadas em relações que foram estabelecidas em momentos de aproximação. Narrativas banhadas de uma sensibilidade, que demonstram sentimentos de curiosidade, de encantamento, amores e amizades.

CAPÍTULO 3. AO SABOR DO TEMPO: ANDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS MEMÓRIAS CIGANAS

Neste capítulo agrupamos entrevistas com algumas pessoas de etnia cigana, da família Cavalcante Targino e de parentes (distantes) destes. Através dos relatos orais de memória destes personagens, podemos analisar como os ciganos se representam e relatam suas práticas culturais, buscando investigar como construíram suas identidades baseadas na alteridade, em que a incorporação de outras práticas culturais de não ciganos contribuíram para a formação e construção desta possível “cultura cigana” investigada, baseada nas relações e no trânsito entre as cidades e o campo¹⁴³.

Algumas destas práticas são identificadas por estes ciganos como sendo “costume cigano”, como a Cartomancia e as Leituras de mãos – Quiromancia, assim como, nos foram relatados rituais diferenciados para as celebrações de Casamentos, Morte (enterramento) e Festas. As formas de viver e morar em barracas, organização das viagens, educação familiar, escolarização e religiosidade também são práticas relatadas pelos ciganos que atuaram como formas de diferenciação destes sujeitos enquanto ciganos, perante a sociedade majoritária não cigana no passado.

Os diálogos travados com os colaboradores entrevistados nos permitiram trazer à tona um universo de experiências de vidas, que narradas em linguagens sensíveis, nos apresentam características importantes para este estudo. São esses relatos de experiência de vida cidadina que queremos apreender e, com eles, apontar ao leitor que quando uma pessoa conta, relata algo sobre si ou sobre sua comunidade, não está apenas a narrar um relato, mas está a contar e “fazer” histórias, pois a “memória, portadora de uma estrutura possível de futuro, é sempre uma memória viva” (CANDAU, 2012, p. 89).

Mas não apenas na cidade, já que a maior parte das lembranças evoca o passado de uma vida no mundo rural, no campo, que remete à vida de andanças. Logo, suas memórias nos foram apresentadas como estando mais ligadas aos lugares por onde passaram e construíram laços de amizade na mobilidade, do que a memórias de lugares

¹⁴³ Neste caso, comungamos com o que nos diz Sposito sobre a questão cidade-campo, quando se refere a uma continuidade em que “O reconhecimento de um contínuo cidade/campo não pressupõe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território (...) de usos de solo, de práticas socioespaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano” (SPOSITO, 2013, p. 121).

estáveis, fixos. Notamos que a vida de viagens permitiu que memorizassem e guardassem mais as lembranças das passagens dos lugares, do que de um lugar em que se fixaram.

Algumas histórias narradas nos fizeram imaginar a intensidade com que os ciganos viveram suas vidas, marcados pela caminhada por diversas cidades do Nordeste. Estes ciganos estiveram em circulação, num movimento de trocas de bens para o comércio e consumo, assim como num fluxo de pessoas (com seus hábitos, tradições e culturas). Alguns destes ciganos colaboradores são, como já mencionamos, membros da família Cavalcante Targino e outros são primos, como costumam chamar parentes mais distantes¹⁴⁴.

O trabalho com as memórias, que traz contribuições para o estudo de grupos, comunidades, de caráter individual, mesmo quando há silêncios¹⁴⁵ e esquecimentos. Observamos isso nas entrevistas, em que os silêncios foram muitos, contudo, entendemos que a memória nos permite compreender muitas das questões relacionadas aos ciganos que estudamos, pois:

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (ALBERTI, 2006, p 167).

Nesse sentido, o uso dos relatos orais de memória como base para esta análise e discussão, nos auxilia na observação das maneiras de ser e de viver destes sujeitos em suas andanças, sobretudo quando entrelaçamos as narrativas que estiveram, assim como os ciganos, em itinerância entre o campo e as cidades do Nordeste brasileiro. E com os

¹⁴⁴ Segundo Pereira (2004, p. 112), “Todos os ciganos tratam-se entre si por “parentes”, o que comprova e reforça a consciência de unidade étnica”.

¹⁴⁵ Ver: CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012. O autor aponta que a memória esquecida não pode ser de todo ruim, mas sim “um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado. Ele pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios” (p. 127).

relatos, podemos perceber que mesmo depois de terem se “fixado” em um lugar, continuaram praticando muitas das atividades que faziam enquanto “andavam”.

Lançar-se nesta estrada junto com os ciganos e esboçar um texto sobre evocações¹⁴⁶ das experiências destes, através das memórias verbalizadas e depois transcritas, não foi tarefa simples. Sobretudo quando os sujeitos com os quais nos deparamos se apresentaram em frequente mobilidade, sujeitos que por diversos motivos tornaram, muitas vezes, suas presenças invisíveis por onde passaram.

3.1 Chegando nas cidades paraibanas

Uns ciganos usando selas do tipo roladeiras¹⁴⁷ passaram pela cidade de Alagoa Grande¹⁴⁸, chamando atenção de quem os via desfilar. Após alguns dias de rancho nesta cidade, a cigana Joadiva - toda produzida - juntamente com seu pai, o ‘Capitão’ Neco, saíram do rancho onde estavam acampados para irem até a Fazenda do Coronel Chico Luís - pai do ex-governador da Paraíba, Oswaldo Trigueiro¹⁴⁹ - nesta mesma cidade.

O motivo que os levou à fazenda foi o fato de que, a cigana havia ganhado do coronel, uma sela produzida e trazida diretamente do Rio Grande do Sul. Uma sela igual a que ele comprou para as suas filhas: vermelha, bonita e com os arreios completos. E eles foram lá para agradecer o presente. As filhas do coronel eram acostumadas a passar horas no rancho dos ciganos, sempre que por lá eles arranchavam, e se tornaram amigas da cigana Joadiva. Já o coronel, era admirador do ‘Capitão’ Neco e, por serem amigos, costumeiramente se presenteavam como forma de manter as boas relações de amizade.

No percurso até a casa da fazenda, as pessoas observavam o passeio galopante da jovem cigana junto ao seu pai, já conhecido na região. Além de ser cigana e bonita, chamavam atenção os seus acessórios, sua sela nova e diferente das que as pessoas

¹⁴⁶ Neste caso, cabe aqui a diferenciação dos conceitos: “a evocação (lembranças manifestas quando são, por exemplo, verbalizadas ou transcritas) e as lembranças propriamente ditas. (...) A parte da lembrança que é verbalizada (a evocação) não é a totalidade de lembrança” (CANDAU, 2012, p. 33).

¹⁴⁷ São selas mais largas que as normais, fazendo com que a pessoa que usa sinta-se mais confortável ao cavalgar. Estas selas que os ciganos usavam foram produzidas na cidade de São Mamede, Município Paraibano que fica a 283 km da capital do estado. É integrante da Região Metropolitana de Patos (Sertão paraibano). Pelos idos dos anos 40, estas eram as melhores selas produzidas na região, as mais bonitas e as mais caras do mercado paraibano

¹⁴⁸ É um município que está localizado na microrregião do Brejo Paraibano, a cerca de 103 km de distância da capital do Estado.

¹⁴⁹ Oswaldo Trigueiro foi governador da Paraíba entre 1947 - 1951. E este episódio narrado, possivelmente aconteceu quando ele era governador do Estado.

estavam acostumadas a ver. Já se sabia antes, quando usava a sela de São Mamede, que eles eram ricos, isso ficava claro ao vê-los com roupas bem feitas, que estavam na moda, com chapéus Cairo Centenário ou sapatos Luiz Quinze¹⁵⁰.

Os homens só queriam usar o chapéu estilo Cairo Centenário, que ainda hoje não é vendido a preço popular. Na época em que “andavam”, os ciganos elevavam seus *status* ao passearem vestidos com roupas e acessórios considerados “de marca” e não com roupas “de cigano”. O uso deste tipo de sapato Luiz Quinze, também era forma de mostrar o *status* de luxuosidade que as ciganas expunham quando se exibiam em público.

Acessórios como uma sela produzida em São Mamede custava caro, não sendo algo acessível a todos na época. Só que esta sela que ela havia ganhado, em especial, chamava ainda mais atenção por ser produzida em outro estado, já conhecido pelas belas produções artesanais deste tipo.

“Chegou com a sela... mandou por pai, aí disse: ‘Agora traga a menina na sela pra eu ver’. Aí eu me arrumei toda nos trinque! E fui pra casa do coronel Chico Luís, pai do governador, o pessoal ficou tudo abestalhado”. A cigana Joadiva¹⁵¹ nos conta emocionada estes episódios de sociabilidade com as pessoas das regiões por onde passavam, por ter construído muitas amizades.

Os ciganos da família do ‘Capitão’ Neco eram acostumados a arrancar nas cidades interioranas da Paraíba. Mas os melhores lugares citados eram as fazendas, sítios e engenhos, onde podiam comercializar seus animais e cultivar as melhores amizades, além de participar das melhores festas, segundo as narrativas.

Nos casos dos lugares ainda desconhecidos, era necessário pedir autorização ao dono da fazenda ou sítio para poder arrancar-se. Segundo os relatos, nunca foi proibida tal prática a esta família de ciganos. Em outros casos, depois de já serem conhecidos, os ciganos nem sempre precisavam pedir permissão, e, alguns fazendeiros aguardavam a vinda deles, se baseando nas estações do ano.

¹⁵⁰ No caso do sapato Luiz Quinze, que é um sapato considerado como símbolo da aristocracia, tendo sido criado no século XVII, na corte de Luiz XIV, pois ele tinha baixa estatura e mandou fabricar sapatos com saltos para ficar mais alto. Porém, devido à fama de luxo e de ícone da moda na França, atribuída ao seu sucessor, Luiz Quinze, o sapato ganhou fama em seu reinado ganhando seu nome e passando as mulheres também a usá-los.

¹⁵¹ Lembramos que a maioria dos relatos aqui registrados foi feita por ela, que apesar da idade avançada e estar debilitada fisicamente, conseguiu expressar muitas das recordações que ainda tem de sua vida quando era nômade - até casar-se -, de sua vivência com seus parentes ciganos e com seus amigos.

Alguns fazendeiros chegaram a construir lugares exclusivos para que quando os ciganos chegassem, pudessem se arrancar por vários meses, cedendo inclusive casas de alvenaria ou de palha para que se sentissem mais confortáveis e demorassem a partir. E isso não acontecia apenas com a família do ‘Capitão’ Neco – no sentido da família nuclear: esposa (Ozana) e filhos (Clóvis, Bitó, Abílio, Joadiva e Miranda) – mas com a família extensa, no caso seus irmãos e suas famílias nucleares – Júlio, Prexedes, Pedro, João Olímpio e Neném.

Passar por uma cidade, chegar a uma cidade... Era um acontecimento diferente não apenas para os não ciganos, que os viam a passar ou a se fixar temporariamente, mas para os próprios ciganos, também havia deslumbramento, choques e medos.

Requisito fundamental para chegar a um lugar que já se esteve antes ou que estava chegando pela primeira vez era estar “alinhado”. Todos estavam comprometidos em serem vistos como os mais bonitos e melhores amigos ciganos que a cidade poderia ouvir falar. Desde os burros, com seus enfeites, as selas e cargas cobertas, até as melhores roupas.

“Era... era muito caro. Era pra enfeitar! E aquilo quando a gente ia passar numa cidade... Limpar aquilo tudinho, tinha o negócio de limpar, a gente ia limpar aquelas peça todinha pra passar, pra passar nas ruas, pra passar bem alinhado. Era... (Joadiva, 2014). O produto utilizado para polir as moedas de prata ou metal que enfeitavam os burros e as cargas, era o KAOL¹⁵². Havia muitas pequenas peças para deixar brilhando, para que as pessoas vissem a “boniteza” dos ciganos passando.

Toda esta organização para as passagens tem seus valores e motivos. Além de mostrarem que eram ciganos ricos e bonitos, eles também sabiam que eram notados por onde passavam e achavam isso bom. Serem vistos significava possibilidades de mais lucros nas vendas dos animais e até mesmo, em alguns casos, a garantia de uma estadia melhor que as que eles tinham nas barracas, pois sua chegada era sempre anunciada ou espalhada nas cidades,

Quando a gente passava numa cidade, nós andava de sela, né? Eu, Odília, Tercinha, andava tudo de sela. Aí cada qual que quisesse limpar o seu mais limpo, pra ficar o mais bonito. Era... Era... Pra o povo da cidade ver! Nós era de sela, chapéu muito bonito, roupa de andar a cavalo muito bonita. Nós era muito chique rapaz! Era calça e

¹⁵²O hidróxido de potássio (KOH), é utilizado ainda hoje na indústria de cosméticos e na fabricação de sabonetes e sabão. Há anos serve como polidor de metais e prata.

camisa ou macacão... o que tivesse mais em gosto e que a gente achasse mais bonito, é o que queria. Ah, quando a gente ia passar numa cidade minha fia, cada qual que queria andar mais alinhada... muita joia... Nós era muito feliz. Passar pelo mei da cidade... naquele meio (...). Uma vez parou no meio da rua em Canoa de Dentro, um cabra começou ... “Oh cigana bonita! Isso é quer ser bonita! Nunca vi uma cigana bonita desse jeito! E a cigana é rica...a cigana vai no burro de trinta conto!”. Ah! E trinta conto nesse tempo só tinha quem tinha dinheiro. Eu andava num burro que meu pai só vendia por trinta conto, até isso quando eu passava nas ruas o povo falava (Joadiva, 2013).

Interessante é que os cavalos e burros, antes mesmo de servirem para a montagem e como transportadores das cargas que carregavam consigo, eram mercadorias, que poderiam ser vendidas antes de chegarem ao destino pretendido.

Aqui, observamos que a própria questão da alteridade¹⁵³ e do contato com a cidade provocou sentimentos diversificados nos ciganos, inclusive a passagem por uma cidade tinha muito significado. A partir das narrativas, é possível perceber como foram recepcionados por onde passavam.

Como nos salienta Fredrik Barth (2011), as identidades se expressam pela diferença. A colaboradora cigana nos pinta um quadro da passagem de ciganos pela cidade, e que isto não era um marco apenas para os ciganos, mas também para a população que muitas vezes já os aguardava. As passagens nem sempre foram calmas, pois às vezes algum tipo de tumulto por parte dos não ciganos, a fim de vê-los, acontecia. Para os ciganos, eles deviam se portar com respeito a todos e exhibir-se com roupas bonitas, cavalos e burros bem equipados e limpos.

¹⁵³ SOUZA (2006, p. 11) traça alguns questionamentos acerca da alteridade e do viver urbano para os ciganos, entendendo que a “emergência de identidades étnicas esta relacionada a contextos de forte alteridade e, por isso, é, com frequência, considerada como parte de um fenômeno notadamente urbano e também contemporâneo”.

Figura 21. Fotografia do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. 'Capitão' Neco.

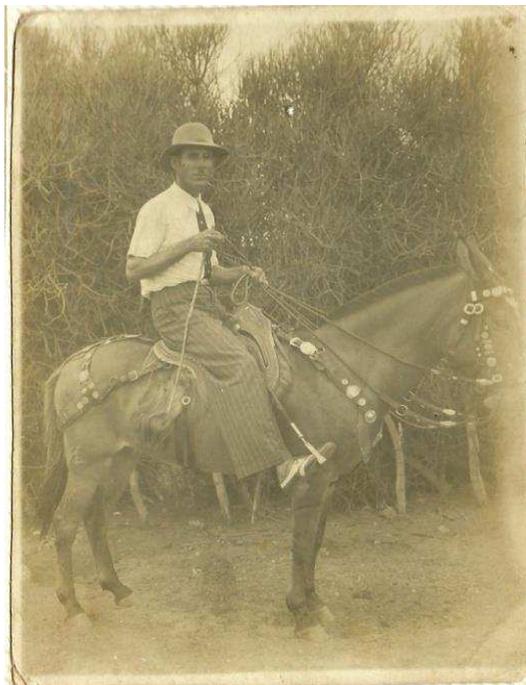


Figura 22. Fotografia do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. 'Capitão' Neco à direita e um amigo à esquerda.



Figura 23. Fotografia do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. Cigano Ismael e seu burro de estimação.



Nas fotografias¹⁵⁴ podemos observar os enfeites que eles colocavam nos seus burros ou cavalos. Eles faziam questão de serem vistos ao chegar a uma cidade. Isso favorecia a visibilidade de sua cultura, pois os comboios de gente passando com muitos animais e posteriormente procurando lugar para acampar, os faziam se diferenciar, uma vez que as mulheres não costumavam andar com roupas ‘típicas’ de ciganas, como vestidos brilhosos e coloridos ou saias rodadas cheias de flores, como frequentemente imaginamos e vemos algumas destas mulheres.

As mulheres e os homens vestiam o que estivesse na moda local. Os homens não usavam lenços às cabeças, nem orelhas ornamentadas com brincos de ouro, mas exibiam chapéus e ternos de linho que eram feitos em alfaiatarias das cidades grandes, como em Campina Grande.

A desconfiança que os não ciganos tinham com relação aos ciganos, mesmo quando já os conheciam, ficava clara no momento em que chegavam às cidades. Apesar de tentarem mostrar-se pessoas honestas e pacíficas, os ciganos ainda sofriam com as desconfianças que foram criadas em torno de suas figuras,

¹⁵⁴A maior parte das informações acerca das fotografias é das lembranças da cigana Joadiva, que é a pessoa mais idosa da família com quem tivemos contato. Porém, sua visão não permite mais que ela veja as fotos com nitidez, dificultando as informações sobre elas. Na maioria, não sabemos onde foram feitas as fotos ou quem as fez, assim como datas e alguns nomes.

Passemos dentro de São João do Sabugi. Depois que a gente já tinha passado, o prefeito mandou chamar meu pai. Aí meu pai foi, quando chegou lá... Perguntou de quem meu pai ia me roubando, que não acreditava que tivesse uma cigana daquele jeito. Eu andava de sela, muito alinhada. No dia que eu passei em São João, com um chapéu muito bonito... Bitó tinha comprado em Recife, um chapéu lindo. Eu muito, muito alinhada mermo. E pai quando chegava nos canto era me chamando de 'mia fia' e... E comprava muito biscoito pra os cachorro, aí dizia "Tome mia fia, bote ali pra os cachorro". Eu botava na calçada aquela ruma de biscoito pra os cachorro. Aí o prefeito disse que eu não era filha de cigano não. Aí meu pai disse: "Ela é minha filha, ela é minha filha". "Mas seu Neco e como é que um cigano pode ter uma moça bonita daquela? Aquela moça você vai é roubando". Aí pai disse: "Vou roubando não, ela é filha da minha mulher... Quer saber onde ela nasceu? Nasceu bem pertinho de Esperança, no lugar chamado Imbu. Quer escrever pra lá? A veia que pegou ela, chama-se Alzira". Aí foi quando ele chegou... Vinha voando de raiva... "Apois o povo de São João quer que você seja roubada, não quer que seja minha filha não" (Joadiva, 2012).

O imaginário em torno dos raptos de moças não ciganas, realizados por ciganos, fez com que as pessoas da cidade pensassem que isto havia acontecido com Joadiva. Porém, vale salientar que, da parte desta família de ciganos, todas as moças não ciganas ou ciganas foram raptadas com consentimento.

Os ciganos continuavam a ser motivo de curiosidade, apesar de não marcarem diferenças com relação aos não ciganos, a partir das roupas – como vemos com frequência as pessoas relacionarem os ciganos a roupas coloridas – continuavam a serem motivos de curiosidade. Depois que se instalavam, as diferenças se apresentavam de forma mais visível, por meio dos modos de viver, a começar por seus abrigos, que eram barracas de lona ou de panos, onde passavam a maior parte do tempo.

Em Lagoa Seca, lugar onde arrancharam com frequência e lugar bastante querido pelos ciganos - por ficar mais próximo a Campina Grande e estar próximo a pessoas muito amigas -, ainda que bastante conhecidos na região, os ciganos, ao passearem por esta cidade, todas as vezes, chamavam atenção, não apenas por serem ciganos, mas pela elegância com a qual costumavam apresentar-se.

O ‘Capitão’ Neco já era conhecido nesta cidade, mas Joadiva ainda não havia passado por lá¹⁵⁵. Obviamente, ela fez questão, como em todos os outros lugares, de mostrar-se produzida e bonita aos que lhe davam rancho,

Meu cabelo era ondulado no salão mais chique que tinha em Campina Grande, que era o salão de Virgínia. Nós somos uma raça de cigano que conhece o que é bom de longe. Nós sabia o que era bom, nos só comprava o que era bom. Eu e Bitó, principalmente, nós só usava o que era bom! Eu fui... A primeira vez que eu fui a Lagoa Seca era pequena Lagoa Seca, a primeira vez que eu entrei dentro de Lagoa Seca mais Bitó, chamou atenção. Chamou atenção até a roupa que a gente tava vestida. Porque ele tava com uma roupa de linho creme e eu com uma roupa de linho creme. Agora o paletó era bem comprido, num sabe? A saia bem curtinha e o paletó ficava quase igual com a saia, todos dois de creme. Todos dois de sapato branco, no maior luxo da vida pra ir pra Lagoa Seca, chamou muita atenção. (...) Passear, fomo pra casa de Joca Marco. De pés, a gente tava arranchado dentro da fazenda de Joca Luna, ali onde é a Virgem dos Pobres. Era a fazenda de Joca Luna, tava arranchado lá, a gente ia todo ano, todo ano, todo ano (Joadiva, 2012).

O salão de Virgínia, segundo relata Joadiva, era próximo a Praça Coronel Antônio Pessoa. E era um dos salões de beleza mais badalados da cidade, onde ela e as primas costumavam ondular os cabelos e se embelezar quando vinham a Campina Grande ou quando estavam em alguma cidade muito próxima, como em Lagoa Seca.

O uso da roupa de linho e também dos sapatos brancos, representavam o *status* de riqueza que os ciganos ostentavam. Quase todas as roupas dos homens eram feitas de linho, tecido que na época não custava barato, sendo usado apenas pelas pessoas ricas. Das roupas aos sapatos tudo indicava ou acusava o *status* social. E eles se afirmavam como pessoas ricas através da vestimenta. Muito destas preocupações podem ser observadas nas roupas que trajavam nestas fotografias:

¹⁵⁵ Nesta época, ela nos conta que ainda era jovem. Acrescentamos que nas memórias narradas, raramente se falam em datas e as memórias são mescladas entre infância, juventude e atualidade.

Figura 24. Fotografia do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. Joadiva em Robe de Seda, na Fazenda de Osvaldo Pina.



Figura 25. Fotografia do Acervo familiar de Joadiva Cavalcante. Cigana Neném, irmã do ‘Capitão’ Neco.



Os cuidados com as roupas de linho dos membros da família nuclear do ‘Capitão’ Neco ficavam por conta de Joadiva, que desde os seus 10 anos de idade, cuidava dos afazeres na barraca, já que a condição física da cigana Ozana, sua mãe, estava debilitada devido a problemas renais, impossibilitando-a de andar normalmente por um tempo.

Joadiva, por ser a única filha mulher, tornou-se muito cedo, a responsável pelos cuidados com os irmãos e pais. As roupas eram passadas com água de arroz, ela juntava água de arroz cozido que ela juntava, para borrifar nas roupas de linho enquanto passava, a fim de deixá-las durinhas e bem passadas.

Observamos que não só as chegadas em algum lugar causavam algum tipo de comoção. As sensações de tristeza e descontentamento em ir embora também são marcas das passagens dos ciganos por vários lugares. “Tinha canto que nós chegava, as moças e os rapaz ficava tudo chorando com saudade da gente... Quando dizia ‘É pra ir simhora!’ Ave Maria!” (Joadiva, 2012).

Chamou-nos atenção em entrevistas realizadas é que nas suas itinerâncias, quer na cidade de Campina Grande ou em regiões vizinhas, ciganos e não ciganos (como verificamos no capítulo anterior) assinalam em suas narrações que as cidades foram, no passado, como sendo lugares de passagem, de suporte para obter o sustento da família, assim como lugar de lazer e de obter bens materiais, cuidar da beleza e comprar. Às pessoas ricas, era comum se deslocar da cidade onde morava, para ir fazer compras em outras cidades maiores.

Desta forma, havia vários caminhos nas vidas dos ciganos. Pois eles comercializavam para o campo e com o lucro das vendas dos burros e de outros objetos, sobretudo nos sítios e fazendas, usavam, usufruíam as cidades, gastando o que ganhavam do campo. As mulheres faziam compras, os homens se divertiam em bares, cabarés. Todos comiam nas lanchonetes, restaurantes e usufruíam de hospedagens em hotéis, entre outras opções que as cidades tinham a oferecer. E as cidades ofereciam muito mais possibilidades de um viver diferente, mas ainda assim, estes sujeitos preferiam o campo.

Porém, com o passar dos anos, a necessidade de fixar-se foi surgindo com mais intensidade. Uma das causas, como afirma Locatelli (1981), foi a questão de que “no Nordeste já não necessita tanto de burros para o transporte de mercadorias. Nas usinas de açúcar, que substituíram os antigos engenhos, tratores, caminhões e trens,

dispensaram os lombos dos burros (...)” (p. 47-48). Com a desvalorização dos burros, foi preciso conseguir outras formas de subsistência, como a criação de gado em fazendas, tornando-se grandes criadores e abatedores de gado em Campina Grande.

Estes fatores destacam que mesmo que aparentemente gostando mais do mundo rural, os ciganos também precisaram da sociedade urbana para sobreviver:

Em uma das costumeiras reuniões que se fazia ao pôr do sol, à beira da lareira natural “fogo de Trempe”, todos sentados em uma lona, decidiam a possibilidade de se radicarem num lugar propício a cultivar, além da agricultura e pecuária, seus negócios. Muitas foram as idéias e os locais discutidos. *Mas como Campina Grande, na época, já era um centro onde estavam concentradas as melhores amizades e nos dava melhor possibilidade de progresso sócio-econômico, em comum acordo optamos por este município.* No dia seguinte, o capitão delegou aos seus filhos Cloves e Bitó a empreenderem viagem a esta cidade. Aqui chegando, procuraram vários amigos e foram aconselhados a adquirir uma propriedade no vizinho município de Ingá. Em virtude dos altos preços das terras da Rainha da Borborema. Sendo um grande amigo do “Cigano Neco” o fazendeiro Nezinho Azevedo apresentou-os ao fazendeiro José da Penha proprietário da fazenda “São José” e logo entraram em negócio. Assim ficou acertado: Cloves e Bitó em nome de “Capitão Neco” pagariam Cr\$ 900 mil contos pela propriedade. (Jornal Diário da Borborema, 26/07/1981, grifos nossos).

Os ciganos da família nuclear do ‘Capitão’ Neco vieram morar, de início, próximo a Campina Grande, na Fazenda chamada “São José”, na estrada que liga esta cidade a João Pessoa, mais especificamente na entrada para o município de Ingá, cerca de 100 km da capital. E após a morte do ‘Capitão’ Neco, mudaram-se para a “Fazenda Alvorada” em São José da Mata, distrito de Campina Grande. Ambas as fazendas eram nos extremos da cidade, região em que há ainda, muitos sítios e fazendas.

Posteriormente, após alguns anos, e de acordo com o crescimento da família, alguns ciganos passaram a morar na ‘Fazenda Três Irmãs’, no bairro de mesmo nome e ainda nos bairros ‘Velame’ e ‘Serrotão’. Em todos estes lugares, os terrenos eram extensos com casa fixa, mas constituindo um espaço rural dentro do meio urbano.

O que importava, na verdade, era articular amizades e fazer com que o lugar de moradia se tornasse um espaço que lembrasse a vida de andanças “arranchando” de fazenda em fazenda. Ou seja, na perspectiva que nos aponta Souza, os ciganos “formam

espaços para que juntos possam se articular e garantir a seus membros boas oportunidades na sociedade que os acolheu” (SOUZA, 2006, p. 10).

Se analisarmos os lugares onde os ciganos moraram, podemos dizer que eles tentaram se fixar próximo à cidade, mas que de alguma forma continuassem a viver num espaço que lembrasse o campo e que propiciasse a criação de gado, burros e outros animais para o comércio e/ou para o consumo. Nesse sentido, percebemos que a cidade de Campina Grande, como lugar¹⁵⁶ de moradia fixa, seria apenas um suporte para o nomadismo, tendo em vista que os ciganos estavam em frequente deslocamento por outras cidades e também por outros estados do Nordeste do Brasil (como apontam os jornais e os relatos).

O campo e a cidade, cada um com suas particularidades, permitiam aos ciganos afeiçoar-se a diferentes formas de sociabilidade de acordo com suas necessidades, como podemos observar no seguinte trecho:

Gostava muito de passear no sítio. Se juntava aquela turma de noite, fazia aquela farrá de burro esquipado pra ver quem tinha o burro melhor... Era burro de passada. De passada, sabe? Pra ver quem tinha o burro melhor. (...) Só ia pra cidade trocar, vender, os homem ia todo dia, mas as mulher não, as mulher ia cuidar da casa. As barraca bem alinhada (...) *A gente não gostava da cidade não. Pra morar não* (Joadiva, 2013, grifos nossos).

Estas memórias são muito enfáticas, no sentido de mostrar o quanto a vivência no campo se apresentava como sendo melhor que na cidade. Essa ideia de “sedentarizar-se” e morar numa casa de alvenaria na cidade nem sempre é bem vista pelos ciganos entrevistados e muitos alegam que não gostaram de “morar”, de “ficar” em uma casa, morar em apenas uma cidade.

Eles apresentam frequentes queixas de solidão e de que se sentem presos, diferente do que se tinha nas fazendas e sítios, quando apenas “arranchavam”, no tempo em que “andavam” e tinham a oportunidade de mudar-se quando quisessem ou ao sabor das estações do ano,

A fazenda São José é na estrada velha do Ingá. (...) meu irmão foi e comprou a fazenda São José, Clóvis. Comprou a fazenda São José e

¹⁵⁶ CERTEAU, op. cit. p. 184. Entendemos o *lugar* como o conjunto de elementos a serem praticados, e o *espaço* é a significação destes elementos, a partir da prática do homem ordinário no lugar. Neste caso, o *lugar* pode ser significado pelas experiências humanas.

situou a família todinha lá. Aí lá tinha a casa de Bitó, tinha a casa de Abílio, tinha uma Igreja muito grande, tinha a casa de Miranda, tinha a minha e a da minha mãe. Tudo dentro da fazenda. A casa grande era a de Clóvis. Casona de alpendre que era uma beleza! E depois ele vendeu a Elvete Cruz. Aí Elvete vendeu a não sei a quem. Hoje né mais dele não. (...) Saiu de lá praquela infeliz (a colaboradora refere-se à fazenda Alvorada) lá morreram tudinho. Meu pai morreu na São José. Meu pai antes de morrer... Ele disse a Clóvis... Chamou Clóvis e disse: “Meu filho, num tem preço pra você vender isso aqui. Isso aqui chama a aldeia de seus irmãos. Todos os seus irmãos, vão fazer casa aqui, suas famílias vão tudo morar aqui com você. Agora você não dá fim a isso aqui nunca”. Ele vendeu e fez o mal. Morreram tudinho lá mulher. Com bem poucos dias, bem poucos anos... e na São José (...) teve muita festa ali, muita festa (...) nós só passava festa lá. Eu morava onde morava, mas ele mandava me buscar lá pra vir pra São José, mandava o carro, aí a gente vinha tudinho (...). - Por que resolveram parar de andar? - Joadiva: Pra menina estudar. Que aí apareceu Zarbinha, apareceu o meu (...) apareceu Iremar, apareceu George, apareceu... aí tudo queria estudar, né? Já era outra coisa nova. Estudaram. Zarbinha formou-se, Mainá formou-se, George não formou-se por que era sem vergonha mas (...) e Janio, Germano, tudinho era bem encaminhado. Morreram logo... É... E os menino pequeno tudo estudaram, mas com a história do que houve acolá acabou-se tudo (...) (Joadiva, 2012).

Os ciganos que tratamos neste texto preferem, em sua maioria, o movimento, o deslocamento. Mesmo quando estavam morando em residências fixas, não paravam de viajar para trabalhar e visitar familiares. Entendemos que durante o período em que “andavam”, os ciganos se territorializavam no movimento, no fluxo em que seguiam suas vidas.

Eles não se sentiam pertencentes a um lugar específico, mas as sociabilidades que mantinham nesses lugares, as trocas realizadas, as amizades compartilhadas faziam com que este lugar fosse simbolicamente território deles. Entendemos que o território é um “produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HEASBEART, 2012, p. 40). Sem território próprio, quando “andavam”, os ciganos apontavam para uma territorialidade, em que o território é muito mais simbólico, afetivo, do que no sentido da terra propriamente dita.

Mesmo que o espaço físico da terra não fosse propriamente deles, quando estavam instalados, eram os donos do pequeno espaço cedido. Em uma de nossas conversas com Joadiva, ela nos contou que estava tomando conta da barraca em que estavam acampados, e um filho do dono da terra chegou com amigos e ficou a prostrar com eles próximo à barraca, sentando-se de forma indecente (de pernas abertas e quase

deitado sobre as palhas que estavam na frente da barraca). Isso a irritou e fez com que ela expulsasse o filho do dono da terra, para longe da barraca, avisando-lhe que ali, naquele lugar quem mandava eram os ciganos. Neste caso, o terreiro, como chamam ao redor da barraca, é território cigano, mesmo que móvel.

No entender dela, a pequena terra cedida, mesmo que por pouco tempo, era sinal de que era território deles. Havia uma lógica na utilização do espaço cedido, pois estava sob a responsabilidade deles qualquer coisa que acontecesse neste território.

Observamos ainda que, devido às viagens, estavam sempre de passagens pelos lugares e nesse deslocamento, a escolha de um lugar para arrancar-se se dava muito mais pelas amizades que constituíam do que por parentesco ou comercialização dos produtos. Assim, eles se desterritorializavam a todo tempo, pois faziam das terras apenas suportes:

É nesse sentido que o nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (...). Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. A terra deixa de ser terra, e tende a devir simples solo ou suporte (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 56)

A desterritorialização é o movimento de abandono de territórios, a noção de território que os ciganos tinham quando “andavam” era delimitado pelo local onde permaneciam por mais tempo, não era necessário estar morando para sentirem-se pertencentes ao local. É nesse sentido que entendemos que eles estão ligados ao espaço por um laço emocional, afetivo que os conduz a caminhos até inóspitos, mas que garantem um bom pouso. Tanto que os chefes e outros ciganos guardavam mapas mentais em suas memórias, dos lugares para onde deveriam ir, a fim de permitir um retorno ou um desvio nos trajetos.

Os ciganos se mobilizavam por espaços *lisos*¹⁵⁷ pois acompanhavam direções que seguiam mudanças, como no caso as mudanças na natureza, que os faziam mudar os

¹⁵⁷ Ver a diferenciação feita por Deleuze e Guattari quando afirmam que: “No espaço *estriado*, as linhas, os trajetos tem tendência a ficar subordinados aos pontos: vai-se de um ponto a outro. No *liso*, é o

pontos onde deveriam “parar” para arrancar-se. E ainda, por ser um espaço ocupado por acontecimentos, se torna um “espaço de afectos mais do que de propriedades” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 198).

Além disso, geralmente ao retornar a uma cidade, eles iam às mesmas fazendas para conseguir o rancho. Eles se apropriavam de um espaço e utilizavam para sua sobrevivência. Sempre se deslocando para realizar suas atividades, a territorialidade não acontecia em fixar-se naquela terra, mas nas atividades do dia a dia, nas redes de solidariedade que construía.

Quando os ciganos iam embora, a memória da população acerca do lugar onde arrancharam, fazia com que aquele lugar permanecesse como sendo um território cigano, como aponta Teixeira (2009):

Independente de sua localização, cada acampamento existia mediante os limites, as fronteiras simbólicas, construídas pela oposição aos de “fora”. A identidade se afirmava por uma continuidade no tempo e uma permanência num espaço, um espaço portátil, já que os acampamentos mudavam em suas localizações, mas permaneciam como território cigano (TEIXEIRA, 2009, p. 66).

Por meio da participação ativa nas cidades, usufruindo das festas, cabarés, no comércio, e na troca à população não cigana, eles passaram a ser conhecidos pela população. Por conseguinte, vemos que a cidade é marcada por diferenças, contrastes de comportamentos, vestuário, memórias e estas características chamaram atenção dos ciganos. Desta forma, a cidade foi se tornando, em alguns casos, um lugar onde os encontros também poderiam ser agradáveis e “de fato, essa sensação de ilimitadas possibilidades, de encontro e movimento, é um fator permanente do sentimento que me inspiram as cidades” (WILLIAMS, 1990, p. 17).

Mas também foi na cidade que eles sentiram mais profundamente a discriminação e o preconceito, assim como foi nas cidades que alguns destes ciganos morreram. Interessante é que os ciganos mais velhos sempre ressaltam que não havia discriminação, mas pelo contrário, os ciganos eram bem quistos por onde passavam, como vemos nos relatos de Joadiva. No entanto, vemos outros discursos, como os que relatamos a seguir:

inverso: os pontos estão subordinados ao trajeto. Já era o vetor vestimenta-tenda-espaço do fora, nos nômades (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 197).

Ser cigano é aquele que honra o nome, de ser cigano. Tem muita gente por aí que diz que é cigano e não honra o nome, só serve pra fazer o que não presta. Então esse não é cigano. O cigano que é cigano ele honra o nome, de não tá mexendo no que é alheio, de não tá matando, de num tá roubando, de num tá fazendo essas coisas. Então quando você vê dizer assim: “Ah um cigano tá preso”. Não! Não é assim. Todo cigano tem o dialeto da gente e tem muitos que vão e dizem que é cigano e não é. Então isso pra mim é uma tristeza, porque a gente é muito discriminado. O negro não tem seus direitos? E por que nós ciganos não temos? Então eu acho isso uma discriminação (Severina Marinalda, 2013).

Preconceito demais. E até hoje tem, você sabia disso? Ainda tem ainda, ainda hoje encontra. Até na escola que a gente coloca um filho... uma família dentro da escola, tu vê que ainda tem esse preconceito. (...) A gente pegava amizade com as pessoas, com juron mas sempre tinha aquele preconceito. Num tinha jeito de não ter preconceito com cigano. A gente... diz que o que a gente tem... que a gente trabalha... no canto que eu moro mesmo, lá muitas vezes a gente passa com os carro assim, eu tenho dois, três carro negociado. Aí fica perguntando de que é ... Como é que a gente arruma essas coisas. E é aquela coisa entendeu? Desconfiança. (...) Cigano tem aquela sabedoria mesmo, da sua inteligência mesmo que vem dos velho. Se eu puder tirar sua roupa por a cabeça, eu tiro. É o nosso meio de vida. Eu dei sessenta mil conto nesse carro, se eu ... eu pedir oitenta, cem... se eu puder vender, eu vendo. Tá entendendo? (José Renildo, 2014).

Estes ciganos mais novos – de uma segunda geração – como Marinalda e Renildo, nos apresentam relatos de práticas discriminatórias por eles sofridas e que não aparecem nos discursos de ciganos mais velhos. Porém, não sabemos se algum tipo de discriminação foi sofrida pelos mais idosos e eles não quiseram nos contar, pelo desejo de serem lembrados como bons e gostarem de serem comparados a não ciganos ou porque realmente não sentiram os efeitos das construções em torno de suas figuras na época em que “andavam”.

Isso fez com que algumas memórias fizessem ligações diretas da cidade com a morte, que neste caso seria algo ruim, a cidade como maléfica às suas felicidades, que trouxe maus ventos. Por isso, também, que consideramos o fato de que o passado é frequentemente apresentado através dos relatos orais de memória de forma nostálgica, invocando a ideia de um tempo feliz em suas narrativas, quando viviam apenas no mundo rural, sem residências fixas.

3.2 Outras práticas culturais

3.2.1 Organização das viagens e cotidiano nas barracas

As andanças “ao sabor do tempo” aconteciam de acordo com o clima, seguindo o tempo da natureza. As estações do ano indicavam aonde ir e quanto tempo ficar. O Sertão da Paraíba era o lugar onde eles passavam mais tempo e para onde com mais frequência iam, pois lá encontravam os melhores animais para revenderem no Brejo Paraibano¹⁵⁸, onde passavam cerca de seis meses, dependendo do Engenho. No Brejo, as vendas eram melhores devido aos carregamentos de cana que eram feitos em burros.

No período de estiagem, de seca, o destino que o ‘Capitão Neco’ seguia era geralmente o Brejo e no inverno, os Sertões, principalmente na Paraíba e Rio Grande do Norte,

Nós ficamos só pelo Nordeste. Nós subia até o Ceará... Até o Juazeiro. Crato, Juazeiro a cavalo na época do inverno. Quando chegava época no mês de... de... Junho pra julho, aí nós descia. Vinha descendo a cavalo. Vinha, Pombal, Patos, é... Aqui Campina Grande. Descia até Goiana Grande que lá tinha um senhor de engenho, do engenho Uruaé. Era português e ele gostava muito dos cigano. Que nessa época, ele cortava cana e chegava àquela turma de cigano com uma burraíada assim de oitenta, cem animas. Tudo pra trocar, comprar e vender a ele. Aí era uma festa. (...) tinha na faixa de dez cigano tudo violonista, quando ia se arranchando chamava os cigano tudo pra casa, pra ouvir os cigano cantar. Que naquela época, cê sabe né? Tinha pouco artista, né? Hoje não, hoje tem muito, mas naquela época iiihh. E os cigano quando chegava numa fazenda, aí... “Vamo ouvir os cigano cantar e bater violão”. Era desse jeito, desse jeito (Francisco, 2012).

Neste caso, percebemos que as distâncias percorridas pelos ciganos eram relativamente pequenas. Ir a lugares mais próximos do ponto em que estavam trazia benefícios como a economia física e a diminuição dos gastos. E como se deslocavam usando os animais como transporte, as cidades do interior paraibano eram os melhores destinos.

O cigano Francisco, mais conhecido entre os familiares como “Pau-Ferro” ou “Pedão”, nos conta que viajava também em comboios separados. Os motivos para a

¹⁵⁸ Compreende os municípios: Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Borborema, Matinhas, Pilões e Serraria.

separação do grupo em grupos menores são variados, entre eles a questão da quantidade de pessoas para arrancharem. Quando era muito numerosa e o engenho ou fazenda escolhida não era grande o suficiente, o “jeito” era se separar.

Quando se desmembravam, buscavam arranchar-se em local que ficasse o mais próximo possível do primeiro rancho encontrado. Assim, nos dias de feiras da cidade em que estavam os homens poderiam ir juntos e as mulheres e crianças poderiam ficar em contato constante não o perdendo totalmente por não estarem juntos no mesmo acampamento. Além disso, em dias de festa seria possível unir as famílias, que estavam arranchadas sempre por perto.

Em outros casos, como relata Solange, era a questão dos gostos pessoais dos ciganos que estavam na liderança dos grupos,

A vivência das crianças era nós, só nós. Só os irmão. (...) Os primo era muito difícil nós estarmos junto. Porque muitas vezes o meu avô gostava de andar só. Quando era com os irmão dele, até vá lá que seja, mas tinha vez que um queria ir prum canto ele não queria (...). Tinha vez que encontrava e andava um pouquinho junto, aí depois se separava. (...) Meu avô não gostava muito de andar com ciganos que não era da família, da família dele. Porque tinha muitos ciganos que era muito desmantelado (...). Era gente que num tinha assim... O crédito que ele tinha nas fazenda onde ele chegava. Nas propriedades onde ele chegava, se dissesse: “É o cigano Prexedes?”, todo mundo: “Pode botar”. Pode acampar, né? (...). Porque era assim, em tempo de inverno ia prum canto (...) e quando era no tempo da... Do verão né? Ela já ia... Já era noutro lugar. Aí ele já tinha aquele lugar que ninguém nunca negou nada (Solange, 2013).

O avô da cigana Solange era o cigano Prexedes, irmão do ‘Capitão’ Neco. Segundo os relatos, este cigano era bastante reservado e gostava de montar suas barracas do lado oposto ao de ciganos desconhecidos. Mas isso não acontecia apenas com o cigano Prexedes. Outros ciganos desta família também preferiam os ranchos em que permanecia apenas a família nuclear.

Mas procuravam arranchar-se o mais próximo possível, e em motivos de festas, o encontro entre todas as famílias era essencial para a felicidade de todos,

A gente não se acostuma só. Sozinho assim... A não ser junto com a família. A gente só fica bem à vontade quando tá junto com a família. Num pode... não consegue ficar sozinho assim, só com juron... não fica bem a vontade. Só fica bem satisfeito quando tá com a família. Muito cigano, aquela festa e tudo. Aí pra gente é uma coisa que vem

da antiguidade já, isso quando eles viviam pra trás, que a gente andava de animal, a família era muito unida. Quando fazia uma festa, aí se reunia todo mundo. Isso não mudou de jeito nenhum, isso continua do mesmo jeito. A convivência continua do mesmo jeito (José Renildo, 2013).

A família é extremamente importante para os ciganos, e já foi objeto de diversos estudos no Brasil, em que é apontada como fator de integração ou desintegração de um grupo.

Os estados do Nordeste mais visitados foram o Rio Grande do Norte, Pernambuco e a maior parte da vivência destes ciganos quando “andavam”, foi na Paraíba. O RN era lugar de agrado devido ao fato de que lá havia – e ainda há – muitos ciganos. Os da família Carnaúba e Soares eram amigos dos Cavalcante Targino e quando por lá chegavam, havia boa recepção e festas de acolhimento. Tanto que, quando o cigano Emiliano, também irmão do ‘Capitão’ Neco, decidiu “parar”, resolveu morar no RN com sua família. Os demais passaram a morar na Paraíba.

Os ciganos Cavalcante Targino eram ricos - como já pontuamos - e ajudavam a outros ciganos também. A riqueza que possuíam era exposta não apenas nas roupas, acessórios, barracas e modos de ser, mas havia exibição do dinheiro que eles tinham. Tanto é que as pessoas, ciganas ou não, sabiam que eles possuíam muito dinheiro. Exibiam seus baús cheios de moedas e de notas.

Nas barracas, distribuía entre os sobrinhos, filhos, netos e demais crianças. Se referindo ao seu tio Prexedes, a cigana Joadiva conta que: “Pegava assim um lençol... Despejava aquele dinheiro todinho. Por boniteza! Aí ia levar pra minha mãe brincando. E dizia: ‘Bichinha tome um cozinhado de feijão que mandaram pra tu’. Aí minha mãe dizia: ‘Infeliz, eu vou soltar pro vento levar teu dinheiro todinho’”.

Todo dinheiro arrecadado e que era exibido vinha da compra e venda de animais. Geralmente, os ciganos escolhiam “peças” específicas para cada comprador, que pagavam na hora da entrega dos animais e em dinheiro. Compravam nos sertões e levavam a ‘burrarama’ para vender em outras localidades. Já havia freguesia certa e geralmente compras em grande quantidade. E observamos que os ciganos não se importavam em gastar tudo o que tinham para fazer uma festa.

Os homens eram responsáveis pelo comércio. Até onde pudemos observar, as ciganas não contribuía na economia. Os recursos arrecadados das vendas, de acordo com as participações, poderia ser até distribuído. Exemplo disso acontecia com o cigano

Jeremias, primo da cigana Joadiva. Ele era o mais pobre de todos da família, pois ele não aprendeu a negociar, e por isso os cunhados dele e demais ciganos davam dinheiro para ele manter sua família. Ele ajudava, mas não conseguia ser bom nos negócios como os demais.

Quando os ciganos iam a Campina Grande para usufruir da cidade, negociar na feira e, sobretudo fazer compras, as mulheres não iam com tanta frequência quanto os homens. Às vezes, quando precisavam de artigos especiais, como escolha de tecidos para roupas, elas iam para escolher. Mas o que se esperava era que os homens trouxessem o sustento familiar, enquanto as mulheres cuidavam das crianças e das barracas,

Era tudo bem arrumadinho... É... Quando era num canto que a gente gostava a gente tirava lençol bonito, toalha de mesa bonita, cobria os troço, ficava as barraca tudo alinhada. Nós em Alagoa Seca, coronel (?) daqui, um domingo foi almoçar nas nossa barraca, era coronel do exército, foi com a turma dele toda. Outra semana foi o pessoal dos Borborema... Foi quatro moça dos Borborema, três rapaz... Foram tudo almoçar nos rancho. Pai pegava a barraca e botava nos ares, tudo bem limpo e tudo bem organizado. E o povo ia... “Neco, tal dia nós vai almoçar lá”. Pai dizia: “Pode ir”. Forrava tudo bem forrado. Comprava... tinha tapete bonito, pra quando chegava essas horas assim, tá tudo... tudo em cima da lira. Era bom, a festa de cigano era uma beleza (Joadiva, 2013).

Esse cuidado com as barracas e com a exposição deles nas cidades ou fazendas demonstra uma preocupação em serem vistos como boas pessoas e de bom poder aquisitivo, chegando a se igualar com alguns senhores de engenho, que tinham *status* superior nas cidades de pequeno porte.

Apesar de terem boas condições de vida, não queriam viver em apenas um lugar, não queriam parar de “andar”, não queriam ter um lugar para morar definitivamente. E isso era o principal fator que os diferenciava dos não ciganos no período em que “andavam”. Nos relatos, percebemos o quanto era boa a caminhada de lugar em lugar: “Porque gostava de mudar, aí era o fraco da gente. (...) o tempo melhor do mundo que a gente passou é aquele que a gente andava muito feliz, muito cheio de felicidade, muito cheio de bondade. De tudo quanto era bom a gente tinha, passava muito bem” (Joadiva, 2012).

O ‘Capitão’ Neco tinha duas barracas que eram constituídas de seis panos. Tinha a barraca em que ficavam ele, sua esposa Ozana e a filha Joadiva. Já na outra barraca, ficavam os rapazes Clóvis, Bitó, Abílio e Miranda. Eles tinham as barracas separadas apenas pelo fato de que dormiam em redes e precisavam de mais espaço.

Notamos que havia uma questão de obedecer as fronteiras entre as barracas, isso era conhecido não apenas para os ciganos, mas para os não ciganos também, que só entravam em barracas se fossem convidados. Alguns amigos não ciganos eram convidados à barraca, porém, podiam apenas a entrar na barraca “dos homens” e não na do ‘Capitão’.

Mas nem tudo era alegria e riqueza em arrancar-se. Apesar de não passarem por necessidades de falta de alimentação, havia outros problemas e as dificuldades eram enfrentadas no dia a dia por todos, desde as viagens até os acampamentos. Problemas como a falta de água por perto, locais melhores para improvisar banheiros ou mesmo as dormidas, além dos perigos com animais encontrados dentro das matas eram enfrentados pelos ciganos diariamente,

Mãe matava toda cobra. (...) Meu avô, ali perto de Monteiro... Meu avô arranchou-se assim num mei de um mileiro que tinha sombra. Um sol muito quente e os outro se arrancharam mais perto da fazenda nuns pés véi de... Quixaba. Foi pai, Prexedes, Júlio, tudo se arranchou naquele canto. Ai eles foram dar água aos burro tudim no açude. O açude longe... Aí nós era tudo pequeno, se montemos no cavalo de pau e fomo pra o rancho do avô. Aí quando nós ia passando, tava uma rodia de cobra de viado mermo assim, no travessão da cerca. Mas era tão grande, tão grande, tão gorda... Diz que ali ela pegava bezerro num sabe? laçava o bezerro e ... Fugia. Ave Maria. Repara! Nós ia tudo correndo em cavalo de pau. Aí a gente viu aquele mundão, arrodado na cerca e já caindo... “Oxen que pano bonito”, um dizia. “É uma cobra”! Outro ia bem pertinho e dizia “É uma cobra” outro corria, aí voltava e dizia “É um pedaço de pano”. Nesse batente era uns dez. Aí lá vai, lá vai, lá vai.... Aí depois “Vamo chamar o avô”, o avô quase cego... Chegamo lá: “Avô, vamo ver um negócio que tem ali”. Ele disse: “O que é meu fi?” “Parece um pedaço de pano ali e a gente já deu vontade de pegar, mas parece que é uma cobra” “Meu fi saiam daí que é uma cobra de viado”. Ele sem nem ver... Aí mandou chamar mãe. Aí lá vem mãe... Apois mãe cortou um mameleiro e num matou essa cobra? Tinha num sei quantos metro. O fazendeiro ficou doido, doido com mãe. Como era que mãe tinha matado aquela serpente? Já tinha comido num sei quantos bezerro... Que ele atocaiava pra matar e nunca... e mãe matou (Joadiva, 2013).

As cobras apareciam com muita frequência nos ranchos e eram bastante temidas, pois alguns ciganos chegaram a morrer devido a picadas de cobras. Alguns lugares onde arranchavam não eram tão limpos ou tinham boa iluminação, além do mais, em alguns momentos era preciso arranchar bem dentro das matas e isso facilitava o acesso das cobras nos acampamentos.

Além do mais, nem sempre se faziam banheiros para o acampamento. Na maioria das vezes, as necessidades vitais eram realizadas na mata. E os banhos, geralmente feitos em riachos, açudes ou rios mais próximos de onde estavam. A ida ao ‘banheiro’ e os banhos, eram enfrentados com cuidados também, sobretudo durante a noite, quando era mais difícil ver as movimentações de cobras ou outros bichos.

Mostrando ainda essa heterogeneidade dentro dos próprios grupos, vemos que nem todos compartilham dos mesmos gostos ou queriam manter os mesmos costumes. O cigano Renildo nos conta que deixou de fazer viagens a cavalo e burro, para fazer viagens de carro. Porém, assim que conseguiu uma forma de manter-se em um mesmo lugar, comprou casa, terrenos e vive hoje de negociar com transportes, terrenos e casas. Quando questionado se gostava da vida de andanças, afirmou que:

Gostava não. Num gostava... Tu acredita que eu não gostava? Eu tinha uma família minha que morava nessa mesma cidade que eu tô morando. Eu deixava meu pai ir embora, que ele andava de animal, deixava meu pai ir embora e ficava morando mais ela, mais essa minha vó. Eu achava ruim, assim a convivência, as dormida... No realengo (sic.) assim, no meio do tempo. Comida... Comida a gente ia comer comida fora de hora... Sofria demais. Sol, sereno e era muito sofrimento... Isso já vem da antiguidade... já vem dos cigano mais velho, os cigano do Egito... A gente sofria demais quando andava ... Sofria demais. E chegou agora o ponto, agora como lhe falei, agora nós tamo tudo morando. Graças a Deus! Pra mim, Ave Maria! Foi o maior sossego... eu.. eu como eu nasci e me criei andando em cima de animal, Ave Maria! Pra mim era sofrimento demais. (...) Assim como você mesmo, que não é cigana... eu queria casar pra ficar parado num canto. Mas num teve jeito, eu tive que casar com uma cigana. Porque a vida que a gente tinha era uma vida muito sofredora demais. (...) Água pra gente tomar, pegava dos poço, os açude assim dentro das manga veia, com bosta de animal e era o sofrimento maior do mundo (José Renildo, 2013).

Aqui observamos mais uma questão relacionada dos ciganos com o tempo. Um tempo próprio do cigano. As horas de alimentar-se seguiam a lógica da fome que sentiam ou de acordo com o que tinham pra fazer. Por isso, para alguns, se “comia fora

A mudança no tempo verbal em: “Foi... Era muito bom!” é uma marca de que algo não foi esquecido, que permanece na memória e é ativado quando se quer. A colaboradora lembra que os mais velhos já cantavam e passaram para eles, porém não se sabe de que geração a música surgiu como sendo “tipicamente” de cigano. Inclusive, destacamos que, por serem repassadas de forma oral, há dificuldade de saber detalhes sobre o local, período de surgimento ou modificações realizadas em várias práticas culturais ciganas relatadas.

O Natal, a passagem de um ano para o outro e os casamentos são ditos nos relatos como as festas mais comemoradas pelos ciganos. Nestas festas, organizadas por eles mesmos, havia bebidas, comida em grande quantidade e muita disposição para cantar e dançar durante as noites de festas que duravam dias em convívio com familiares que vinham de vários lugares.

Com os familiares já se montavam várias bandas, se quisessem fazê-lo. Os irmãos de Joadiva, Miranda e Abílio, eram excelentes tocadores de violão, além de serem bons cantores, assim como Clóvis e Bitó. Joadiva, a cigana que não gostava de dançar, mas de cantar, aproveitava os embalos das noites de festança nas fazendas, cantando junto aos irmãos e parentes:

Tinha pavor à dança. O casamento dessa minha prima que mora em Alagoa Grande, o casamento dela foi vinte e dois dias de festa de noite e de dia.... eu era solteira, mas eu não... Todo mundo dançava, fizeram uma latada como daqui acolá aterraram... Eu só fazia cantar muito, dançar nem ver! Meu pai me dava carreira pra dançar eu (pá! Bate as mãos como em disparada) perna pra que te quero. Nãm! Quem dançava muito era a véa Batata e a véa Evelina, mãe de Expedito, oh duas véa pra dançar! As véa dançava da boca da noite ao amanhecer. (...) Toda música, elas dançava toda música, num tinha isso não. Agora o meu pai dançava muito. Minha mãe era muito esquisita com dança, num gostava não. Armaria! Bitó dançava tanto no mundo, era um homem dançador... Bitó era o homem da farra. Onde ele chegava num tinha menino quieto (Joadiva, 2012).

As festas parecem ter sido, as melhores coisas que os ciganos faziam quando estavam juntos. Joadiva, em seus relatos, nos dá riqueza de detalhes sobre o passado desta família.

Quando ela casou, foi morar no Rio Grande do Norte, na casa dos pais de seu esposo não cigano, o Francisco (apelidado de Lourival) e uma das coisas que mais odiava era “passar as festas por lá”, longe dos seus parentes,

Depois vim pra Campina, vinha passear, pra fazenda São José passar dois, três dias (...). Eu só passei uma festa lá. No primeiro ano que eu casei, eu passei Natal lá. Mas nós tinha um costume, que eu não sei se era bom ou se era ruim. Nós só passava dia de Natal tudo junto e era uma festa tão... pra gente era uma festa, tinha muito queijo do reino, muito doce, muito bolo, muita coisa ... Matava porco, matava peru, matava muita galinha era uma festona... e lá num teve no ano que me casei, eu passei o Natal lá. Mas foi um Natal muito triste que a gente só via só as paredes e os grilo a cantar. Num tinha nada, eles não gostava de fazer festa não. Não tinha não. Aí a minha sogra dizia que Natal só comia peixe (...) eu não comi não aí foi onde a veia zangou-se... Ela queria que eu aceitasse, né? Mas eu não aceitava. Nosso costume era outro. (...) aí eu digo: “Não dona Maria eu passei Natal aqui, Ano eu vou passar... Vou passar no Brejo” (Joadiva, 2012).

Apesar de não estar mais “andando” com seus familiares ciganos, já estar morando em residência fixa e das dificuldades de locomoção naquela época, a cigana Joadiva estava em frequente trânsito entre os dois estados em busca de estar com seus familiares.

E os dias de festa eram sagrados, mas não apenas para ela, como para outros parentes também. Seu avô, o cigano Francisquinho, tinha cinco filhos, os ciganos: Neco, Júlio, João Olímpio, Pedro e Emiliano (todos são apelidos). Nem todos andavam juntos, pois, as famílias eram muito extensas. Daí para se encontrarem em momentos festivos ou de doença, enviavam telegramas ou escreviam cartas para amigos que tinham residências fixas e por onde, de acordo com o clima, eles sabiam onde estariam seus parentes,

Era assim: eles andava um tempo tudo junto, quer ver tempo de festa eles reunia pra passarem tudo junto. Eles fizeram uma festa uma vez, eu era pequena tinha 10 anos na época, mas me lembro. Numa cidade chamada Lajes, do Rio Grande do Norte. Lajes do Sabugi... Mas menina tinha uns trezentos ciganos ou mais. Fizeram até pavilhão. Foi... Um pavilhão enorme! Violão, cavaquinho, sanfona, tudo tinha, tudo eles tocava... Tudo dançando, tanta cigana dançando... Aí quando chegava uma pessoa de fora elas num aceitava não, pra dançar... Só era de cigano (...). Chegava sem convite, quando dava fé queria entrar pra dançar. Ai a cigana mulher do chefe, mia fia era tão granfina com cada brinco deste tamanho de ouro coberto de pedra de brilhante, chega fazia assim (faz gestos dos brincos a balançar) aqueles cordão de ouro, quatro, cinco volta no pescoço... Os cigano tudo cheio de dinheiro. (...) Meus avós era daqui mermo... Quer dizer, era de Pernambuco. Origem de Pernambuco. Que a minha vó era de Pernambuco, era de Barra de Chata perto de Vitória... Aí vinha cigano do Ceará e casava muito com mocinha do meio da gente né? (...). Era muito bom, era uma vida muito boa (Joadiva, 2012).

Este relato de Joadiva retrata uma das festas realizadas por ciganos parentes de sua mãe, dona Ozana. Vindos do Ceará, de onde a cigana Ozana era natural, estes ciganos quando se reuniam sempre faziam pavilhões e não era permitida a entrada de *jurons* - de não ciganos. Note-se que apesar de haver um chefe neste bando vindo do Ceará, a esposa do chefe é quem permitia ou não a entrada de algum não cigano.

Aí juntamo tudinho, na beira do açude do Gavião, um açude que tem na ponta da rua das Laje, chamava o açude do Gavião. Nós era tudo menino, houve quinze dias de festa. Festa de dia e de noite, de bebida, de violão, de cavaquinho, de concertina, que nesse tempo não era sanfona, era concertina. Tinha um cigano véi, que era bom na concertina que só, de lá, mas era fogo. A gente dançava, eles cantavam, tirava muito verso de um cigano pro outro, muito verso bonito... As paraibana era tudo de vermelho, as cigana. E as rio grandense era tudo de verde. Aaah! Era tudo... Fizeram pavilhão. O pavilhão do verde e o pavilhão do azul... Do vermelho. Do vermelho era cá nós Carnaúba... era os paraibano. Eles tinha uma... Todo ano eles tinha uma ideia. Uma coisa né? (Joadiva, 2013).

O que pareceu, ao vermos a cigana Joadiva nos contando desta festa, é que estávamos lá. A riqueza dos detalhes oferecidos a nós, através das memórias contadas nos dão conta do quanto a festa cigana por eles comemorada, que é a celebração da vida, era bonita. Juntar os parentes que não viam havia algum tempo e estar ao lado das pessoas que eles mais amavam, era o que “o cigano queria nessa vida”.

O cigano Francisco Cavalcante, primo de Joadiva, afirma que a festa de fim de ano é a que mais reunia os ciganos.

Ah, nós gostamos muito, assim na época de Natal, Ano Novo né? Gostamo muito de fazer aquelas festa. Aí junta aquela turma... Os cigano vem pra cá tudo vestido florado, faz aquela festa. Bater violão, cantar bem. Toco violão, canto. Por enquanto eu não tô batendo não por que tem... Meu irmão tá lá em Sousa e ficou pra lá e eu deixei até meu violão. Mas sempre quando é final de Ano nós se junta, junta aquela turma de vinte, trinta, quarenta cigano. Ali mata porco, galinha, faz aqueles festejo tudo tranquilo ali (...) (Francisco, 2012).

Curioso é que estas ciganas da família do ‘Capitão’ Neco, diferentemente do que poderíamos imaginar, não costumavam vestir-se com “roupas ciganas” como são representadas muitas vezes. Segundo os relatos, o que era do gosto das ciganas era usar

o que estava na moda e geralmente feitas por costureiras já conhecidas, como já mencionamos. E o uso das “roupas ciganas” servia apenas em ocasiões especiais como festas em que estavam juntos outros ciganos da família ou não, ou então em casos de visitas especiais, como relata Joadiva: “A gente tinha só pra uma ocasião, num sabe? Não gostava de viver com aquela roupa não. Por que não gostava. Nós gostava de roupa bonita bem feita, de tecido bom, mas aquelas roupa muito chegada, a gente não gostava não” (Joadiva, 2012).

Lembramos que as festas que frequentavam não era apenas as festas que eles faziam, as confraternizações e comemorações diversas. Eles também eram convidados a participarem de várias festas dos amigos e gostavam de ir a vaquejadas, corridas de cavalos, ‘casamentos matutos’ – assim chamavam os casamentos nos sítios – e festas de padroeiras nas cidades interioranas.

3.2.3 Namoros, raptos e casamentos

“Minha fia eles acabavam casamento, eles eram bonito. Tocava violão demais. Cantava demais”. Ouvimos esta frase inúmeras vezes. Por serem pessoas que cativavam amizades e eram bonitas, atraentes, não era difícil moças e rapazes não ciganos se apaixonarem e em alguns casos, viverem amores com ciganos.

Nas fazendas por onde passavam os ciganos, sobretudo Bitó, conhecido como um dos mais namoradores, chegando a namorar, com as filhas dos senhores de engenho em todos os lugares por onde passavam. “Você pra casar com cigano... Come uma cuia de sal e uma cuia de mio”. Essa era uma das formas de tentar ajudar as moças que se apaixonavam pelos ciganos, mas quem não eram correspondidas porque eles não queriam casar-se com elas. “Quando tinha uma moça muito apaixonada pelo um cigano, o jeito que tinha era dizer isso pra ver se passava” (Joadiva, 2012).

Para o embelezamento dos ciganos, o ouro era peça fundamental. Não apenas nos acessórios como as joias, mas nos dentes. Alguns ciganos colocavam ouro em toda a dentadura e outros apenas cobriam alguns dentes, como foi o caso de Joadiva e seus irmãos. Já os tios dela, tinham os dentes todos cobertos de ouro. A maior vantagem em colocar o ouro era não precisar arrancar o dente quando estivesse estragado, no caso era preferível cobrir a perdê-los. Um dentista específico era quem cuidava dos dentes de todos da família e atendia em Patos, porém não importava a distância quando queriam

colocar o ouro de moeda nos dentes. E era um procedimento caro, mas que os deixava felizes em fazê-lo.

A exibição de ouro também aparecia nas roupas. O cigano Onório, que pertencia à família dos ciganos ‘Carnaúba’, tinha todos os botões das suas camisas feitos de ouro. Ele vivia a se exibir a fim de encontrar um casamento. Chegou a ser falado em seu casamento com a cigana Joadiva, com quem se encontrava pelos caminhos de viagens, mas ela, por sua vez, nem cogitou tal possibilidade, já que não queria casar-se com cigano.

Campina Grande era a cidade mais procurada pelos ciganos para as compras. As mulheres gostavam muito de ir em busca de cosméticos e tecidos diferentes para fazer roupas. Lojas como Armazém do Norte, Casa Iracema, Nova Aurora, Casas Zé Araujo eram procuradas com frequência e as ciganas já eram conhecidas, tendo em vista que compravam em grandes quantidades os melhores tecidos, sempre os mais caros. Elas sempre ficavam atentas às novidades para levarem todo estoque de peças únicas, diferenciadas ou que vinham de outros locais para abastecerem as lojas locais.

A partir da observação das mulheres ciganas com as quais trabalhamos, percebemos que estar bonita e na moda era fator essencial para se sentir bem entre as ciganas e para serem bem acolhidas entre os não ciganos. Quando estavam muito distantes das cidades e, em passagem por Campina Grande, sabiam que não havia previsão de retorno por algum tempo, algumas ciganas se preveniam e compravam produtos que durassem por meses, como cosméticos.

A cigana Joadiva nos conta que não gostava dos produtos naturais que suas primas faziam. Preferia o “que estivesse mais em gosto”, ou seja, preferia os cosméticos industrializados e comprados em Campina Grande, em especial os produtos vendidos no Salão de Beleza de Virgínia, onde ela ondulava os cabelos. As ciganas, filhas de Emiliano – eram 10 – todas tinham os cabelos grandes que iam até os joelhos (vale salientar que elas eram altíssimas). E todos tratados com banha de porco.

Estas, no caso, preferiam usar o que extraíam da natureza ou dos animais, como a “banha” do porco usada para dar força e brilho aos cabelos. Elas pegavam a “banha” do porco logo após o abate, misturavam às folhas de Malva-Rosa e folhas de Macassá - duas plantas que deixam cheiro forte e utilizadas em banhos - e batiam até a mistura ficar homogênea, deixando em repouso por alguns dias antes de usar nos cabelos.

A vaidade e o desejo de embelezar-se não eram apenas por motivo de sentir-se bem. Em alguns casos, ciganas solteiras ou ainda não prometidas, se produziam a fim de melhor apresentar-se perante rapazes ciganos, em festas ou quando famílias se encontravam,

Eu usei muito robe bonito... As marca granfina chamava Pioá... chegou um estoque de seda estampada no Armazém do Norte uma vez, quem comprou todinho foi nós. De cada cor era dois, três. Coisa linda. Eu e Neném... Neném era minha tia. No Armazém do Norte... Chegou um estoque de veludo bordado menina! Tinha de toda cor. O campo de uma cor e aquele bordado de outro. Eu comprei um cor de vinho, comprei um amarelo com bordado de marron. Denuza minha cunhada, comprou um azul natiê bordado de róseo. Nilza comprou um amarelo bordado de marron (?) quando uma comprava, tudo comprava, tudo ia atrás. Acabou-se o Armazém do Norte, era uma beleza rapaz. Campina acabou-se sabia? (...) De primeiro a gente chegava ali... sorveteria era o Pinguin. Era um luxo (...) o Pinguin era na Maciel Pinheiro. Era uma coisa. Chegava na ... Na Venâncio Neiva ...Cardoso Vieira... era... eu sabia o nome de tudo das sorveteria toda... A Polonord... Ave Maria! A Polonord era uma granfinagem. Num tem mais, num tem mais. O Pinguin era um luxo, um luxo. As alfaiataria, das roupas dos homens a gente conhecia tudinho onde era ... num tem mais.... tinha na Venâncio Neiva, tinha na Maciel Pinheiro, num tem mais, relojoaria, casa que vendia joia... Tinha um desenhista que desenhava pra nós, era! Sibiu. Morreu Sibiu, desenhava bem! Menina! Aquele vestido que tem no retrato ali fora, aquele vestido tinha um saíote todo pintado, o saíote abria, desabotoava, ficava assim como umas asas. Todo pintado, foi ele quem desenhou aquele vestido. Toda minha roupa era ele quem desenhava. Era nosso estilista (Joadiva, 2012).

Ressaltamos que as ciganas mais novas só iam às festas de padroeiras, aniversários, casamentos ou outro divertimento, como cinema, caso fossem acompanhadas por ciganas mais velhas que se responsabilizavam por elas ou quando os homens ciganos iam. Nunca saíam sozinhas ou acompanhadas de pessoas estranhas. Isso também dificultava os namoros com rapazes não ciganos, por exemplo.

Alguns ciganos não concediam que suas filhas namorassem. Isso não se restringia apenas para não ciganos, os ciganos também não eram cogitados. As ciganas Solange, Joadiva e outras primas tiveram dificuldades em conseguir casarem-se,

É mas meu pai era um homem assim, que ele não permitia a gente ir pra festa nenhuma, se a gente saía pra ir a uma feira alguma vez era com a minha mãe, tinha que tá com ela. E ele não deixava a gente ir

pra canto nenhum e ele não queria que a gente arrumasse namorado, nem cigano e nem ... nem sem ser cigano. Ele num queria não. Um dia minha irmã mais veia inventou de namorar, ele... E falar pra ele... Armaria foi mermo que ser... Que ter dado um... Uma facada nele porque ele num queria não. Ele não queria de jeito nenhum que a gente casasse, mas apesar de tudo ele teve que fazer o casamento da mais velha (...). Aí ele disse: *“Apois vamo marcar o casamento”, que era pra fazer logo, num era nem pra namorar. E ele não deixava nem ela ver ele, nem ele via ela. Era ele pra lá e ela cá.* (Solange, 2013, grifos nossos).

Havia dificuldades para as ciganas solteiras namorarem algum rapaz, fosse cigano ou não. Havia todo um respeito e um medo de ficar “falada” por parte das ciganas, até mesmo em olhar para o rapaz prometido – no caso dos casamentos prometidos – e havia um cuidado dos pais em evitar que namoros acontecessem.

A cigana Lionete¹⁵⁹ casou-se “na tradição cigana”, como eles dizem. Ela, não cigana que foi adotada pela cigana Neném, irmã do ‘Capitão’ Neco, foi uma das poucas na família dele que casou-se seguindo todos os critérios necessários para ser considerado “na tradição cigana”. Foi prometida quando criança ao cigano Expedito, casou-se virgem e “mostrou os panos” no ato da perda da virgindade. Houve festança durante vinte dias seguidos em que todos os familiares compareceram.

Esta colaboradora estava bastante debilitada quando tentamos entrevistá-la e não foi possível uma segunda entrevista. Como o estado de saúde dela merecia cuidados, usamos do bom senso para não piorar seu estado. Poucas perguntas e respostas vagas, pela fragilidade em sua voz, pensamentos e seu corpo. Mas ainda assim, a impressão que tivemos foi de que falar sobre o assunto com a cigana Lionete foi uma alegria para ela.

O que nos chamou atenção foi o fato de que a colaboradora nos informou que seu casamento foi ‘tradicional de cigano’. Ela era prometida ao noivo desde pequena e cumpriu com todos os rituais, só tendo conhecido o cigano Expedito quando já estavam prestes a casarem-se.

“O nosso casamento foi desde de pequeno. Porque foi marcado para eu casar com ele. Casamento de cigano era assim. Marcava de pequeno, aí quando tivesse rapaz e moça, aí casava” (Lionete, 2014). Quando interrogada sobre um possível namoro antes do casamento, a colaboradora afirma: “Namorei não! Foi logo casar... Um

¹⁵⁹ Lionete é o nome pelo qual todos a conhecem, apesar de ter sido registrada em Cartório com o nome de Josefa. Ela será chamada de Lionete durante o texto.

casamento sem graça. Sem amor (...). Foi, porque não namorava... (Lionete, 2014). Contudo, ela afirma que depois de casada e de um tempo de convivência, ela passou a gostar muito dele.

Muitos casamentos foram realizados desta forma, sem que os jovens pudessem escolher seus futuros parceiros. Assim como muitos foram os ciganos que não aceitaram a lógica imposta e fugiram ou casaram sem permissão com alguém que gostava.

A história narrada por Lionete é bem diferente das demais até então. Lionete é um dos apelidos que ela tem, mas ela é registrada como Josefa e ao ser perguntada se é cigana, ela afirma que sim muito empolgadamente. Porém, após uma pausa, ela comunica que foi criada pelos ciganos e que não era nascida de ventre cigano. E daí percebemos como o *ser cigano* não está relacionado apenas à questão sanguínea mas também ao fato de ela, ao ser adotada, fazer parte da família e crescer seguindo os ensinamentos dos costumes ciganos e ser querida por todos do grupo.

O termo “pano” utilizados pelos *calons* entrevistados, para se referirem ao ritual de comprovação do fim da virgindade na noite de núpcias, nos sugere que eles não lembram de um nome específico para tal ou que assim chamavam mesmo. Porém, pesquisadores apontam outros termos apresentados também por ciganos em outros lugares como a “prova” (FERRARI, 2010) e o “gade” (MORAIS, 1981). O casamento com pessoas mais próximas à família seria o ideal, pois os pais poderiam ficar mais próximos dos filhos depois do casamento para ajudá-los.

Segundo os relatos, não havia dotes para os casamentos em que os pais se comprometiam em casar seus filhos neste grupo de *calons*. As promessas eram feitas apenas verbalmente entre as partes desejantes. Para que os casamentos acontecessem sob plena ordem e seguindo o ritual, era necessário que a cigana noiva fosse virgem. Caso contrário, ela seria devolvida aos pais, o que não era realizado de forma calma. Havia confusões e discussões e em alguns casos as moças não eram recebidas mais pelas famílias, ficando desamparadas ou sendo “adotadas” por alguma família que quisesse se responsabilizar por elas.

A cigana Joadiva é um exemplo de uma cigana que casou com não cigano, mesmo sem a autorização dos pais. Ela não precisou fugir para casar-se, porém por não ter tido a autorização, não teve festa em seu casamento e não recebeu as bênçãos dos pais. Além do mais, quando do falecimento do pai, os irmãos receberam heranças, de

variadas formas, porém ela nada ganhou por ter desviado o caminho do casamento com cigano.

Segundo ela nos contou, não tinha o desejo de casar-se com cigano por dois motivos. Um deles era a questão de “mostrar os panos” e o outro era o fato de que ela queria “parar de andar”, e o casamento com cigano não lhe permitiria seguir outro caminho,

Porque não queria, pra não andar. Mas eu andava demais, escanchada numa sela, minha fia (...) uma viagem de dez, doze léguas no dia... A gente chorava em cima daquela cela. Eu digo, eu num caso com cigano (batendo com a mão fechada na mesa) e nunca casei mermo não. Eu andava assim por esporte, não era obrigação, mas quando era solteira andava por obrigação né? Quando pai dizia “A gente vai pra tal canto”, podia ser as brenha pior do mundo, a gente ia. (...) Agora também tinha um negócio aí no meio que eu não gostava. Porque quem casava com cigano, dormia com ele e no outro dia tinha que mostrar a roupa que dormiu com ele pra saber se era moça. Eu dizia (...) “caso não” e num casei mermo não. Eu nunca quis casar com cigano por causa dessa história. Eu nem mostrei, nem mostrei, nem coisa nenhuma. Eu não queria casar com cigano por isso! Armaria, eu tinha nojo. Pra que mostrar? Se é uma moça, já sabe que é uma moça, num é? Se não for uma moça vá entregar, entregue. Se não quiser receber, faça a solta. Que ela não merecia casar e foi casar, né? Mas eu não. Eu não mostrei, fiz uma camisola de seda muito bonita (...) quando acabar fui dormir no Hotel Regina, lá... Dormi engaiolada lá... No terceiro andar. Agora se eu não fosse moça, eu casava nada! Pra passar por vergonha? Num ia não (Joadiva, 2012).

As festas de casamento eram celebradas como a maior festa a ser comemorada pelos ciganos. Barracas arrumadas e enfeitadas, moças e rapazes ciganos a desfilar pelos ranchos mostrando suas roupas novas e exibindo-se uns para os outros de forma discreta para que os pais não vissem. Os violões e concertinas tocavam durante todo o período de festa, que deveriam durar dias, mas que variava de acordo com as condições financeiras do pai da noiva e da chegada dos parentes. A festa era geralmente bancada pelo noivo, mas isso dependia das condições financeiras, o que poderia mudar caso a família da noiva fosse mais bem sucedida.

Durante o processo do casamento, muitos convites eram enviados aos ciganos da família que estavam mais distantes. No caso, como nos relata Joadiva, enviavam telegramas e cartas aos outros parentes e ficavam na espera de que eles viessem participar das celebrações. Na chegada de parentes que não viam há tempos, a

celebração tornava-se ainda maior. Ocorria o festejo da chegada de cada visitante e por isso as festas duravam dias.

Os ciganos dançavam e cantavam durante dias seguidos. Antes do casamento, durante e após. No dia do casamento, celebravam ainda mais, sobretudo quando os noivos casavam seguindo todo o ritual cigano. Após o casamento na igreja, os ciganos iam participar do ritual do “pano” que é o “tecido ou camisa” que é mostrado aos familiares como prova da virgindade da cigana depois de acontecida a primeira relação sexual dos recém-casados.

Após a exibição do “pano”, os ciganos continuam suas celebrações até o dia em que a cigana recém-casada vai embora com a família do esposo, ficando sob os cuidados da família dele. No caso de casar-se com cigano da mesma família extensa, é provável que se encontrem com frequência. Caso contrário, será mais difícil revê-la.

Para os pais da noiva, contentamento e descontentamento ao mesmo tempo, uma vez que casar uma filha dentro das tradições, comprovar sua honestidade através da virgindade que manteve até o casamento e fazer festa para a família, era algo extremamente importante para o homem cigano. O despedir-se das filhas geralmente era motivo para tristeza devido a saudade que sentiria delas e pelo desapegar-se das mães.

Para as moças e rapazes ciganos que não eram comprometidos desde criança, as festas podiam se revelar como uma ótima chance de conhecer um bom casamento. Apesar de todo policiamento dos pais, alguns conseguiam desviar as atenções e namorarem escondido. Quando o namoro se repetia ao encontrar-se novamente, às vezes, por não ser permitida a união, os ciganos fugiam dos acampamentos,

Eu com vinte e quatro ano já tava velha. O povo achava. Foram casando nova e eu ficando. E eu era bonita, mas... Todo mundo me achava bonita, mas eu era o cão por dentro das mandioca. Era. Quando eu sabia que um cigano queria namorar comigo minha fia... Não queria saber. Aí namorei com Lourival escondido. Lourival disse: “Vou lhe pedir”. Eu disse: “Num peça não que (...) deixa isso pra lá”. Aí ele disse: “Então vou lhe roubar, pode ficar certa que eu vou lhe roubar”. Eu disse: “Eu também não fujo”. “Quero não, eu num quero abrir um azar”. Queria nada, porque eu sei que ia dar uma zuada muito grande, aí eu num queria, eu queria muito bem aos meus irmão, num queria infernar a vida de ninguém. Aí nós descemo... Aí pai disse “Se o ano que entra for bom de inverno, vou subir praqui de novo seu Zé, eu gostei muito dessa região”... Aí eu fui e me aproveitei, eu digo: “Pai ano que entra vem praqui aí a gente... vai ver o que é que faz”. Mas mentira que eu sabia que num ia. (...) Quando foi com três meses depois, o bicho apareceu pra me pedir. Tava na fazenda Maniçoba lá perto de Esperança. Aí Bitó tinha casado, morava em Remígio. Aí eu

fui pra casa de Bitó no domingo, lá encontrei com ele... e Bitó sem saber de nada. Aí ele saiu pra rua mais Bitó e disse a Bitó que namorava comigo e tinha ido me pedir. Aí Bitó disse: “E você sabe que ela quer?”. Ele disse: “Sei” (...). Aí foi Bitó vei bater cá perguntar a mim. Aí eu disse que eu namorava com ele lá quando a gente arranchava. Ele disse: “Você quer casar com ele?”. Eu disse: “Quero”. Pra mim só existia aquela pessoa. Aí ele disse: “Apois ele vai lhe pedir hoje, se pai num der, eu faço seu casamento, você quer?”. Eu disse: “Quero”. “Pois se prepare, pai num der você não vai mais pra barraca, fica aqui”. E assim foi. E ele pediu, e pai num deu. *Pai disse: “Eu num tenho ela pra casar não porque, num tem quem sustente ela como eu”*. Ele me dava de tudo quanto eu quisesse, agora falar em casamento... Nem ver. Aí Bitó disse: “Não, mas ela quer, ela quer, ela disse a mim que quer. Pai num dá, mas eu vou fazer o casamento por que ela tá com vinte e quatro ano e nunca deu desgosto a gente, só leva o tempo em ser besta, ela não dá desgosto a gente”. A minha vida era engomar pra eles, lavar e pronto. Nunca falei, nunca reclamei nunca me... sei não. Num sei como era minha vida não. Eu num tinha direito, menina, de ir uma missa, não! Pai não deixava não. Aí eu sei que Bitó foi quem fez o casamento. (...) Foi bom. Foi na igreja de Brejo de Areia. Aí casei... Aí Bitó veio me deixar no Regina Hotel. Aqui em Campina, que era de uma prima de Lourival, Iracema Nóbrega. Era ali onde é hoje o Itaú. Era um hotel muito rico. Eu passei três dias ali e fui me embora (Joadiva, 2012, grifos nossos).

De acordo com as pesquisas que já observamos acerca dos casamentos ciganos, verificamos que as pessoas se casam muito cedo. Algumas jovens chegam a casar-se com 13 anos de idade, e outras, no entanto demoram um pouco mais. Mas na maioria dos casos, as ciganas casam-se e têm filhos muito cedo. Por isso a cigana Joadiva se achava velha para casar, pois já tinha 24 anos, quando muitas das suas primas já haviam casado aos 13/14 anos.

Joadiva não queria fugir, porque sabia que os irmãos e o pai dela a encontrariam e isso não seria bom, pois eram muito rígidos em sua educação. Por medo, ela preferiu aguardar. Ela tinha um cuidado com a família, para que não houvesse desavenças e por isso não aceitava fugir com Francisco - Lourival. “A família é para o povo cigano, um dos mais importantes fatores de sua cultura, de subsistência mesmo e, para eles, o amor à família está acima de tudo” (PEREIRA, 2004, p. 109).

Quando o ‘Capitão’ Neco diz que “não tem ela para casar”, diz respeito ao que já pontuamos em outro momento, que alguns ciganos não queriam que suas filhas casassem, principalmente quando era a única filha mulher. Daí ele comentar sobre o fato de ele dar todo o luxo que ela queria para viver, uma forma de incentivar ela a não casar-se, afirmando que ela tinha tudo o que quisesse morando com os pais.

Ela conheceu Lourival em uma das viagens ao Rio Grande do Norte, quando se arrancharam na fazenda do pai dele e eles se apaixonaram. Porém, Joadiva sabia que era um amor impossível, pois ele não era cigano e o ‘Capitão’ Neco não permitiria tal união. Depois de casada, assim como se tivesse casado com cigano, ela foi morar com a família dele e aos poucos o foi introduzindo na família cigana, passando a ser chamado de cigano, posteriormente.

Já a cigana Vaneide¹⁶⁰ nos conta outro relato de casamento, com detalhes diferentes também. Ela casou com cigano, mas logo abandonou o marido para casar-se com quem ela era prometida desde criança, o cigano Renildo, que também foi nosso colaborador. A promessa do casamento dela foi diferente do da cigana Lionete, pois, Lionete só veio conhecer seu noivo, Expedito, próximo ao dia do casamento, enquanto Vaneide foi criada junto ao seu pretendente, o Renildo, sendo portanto um casamento do agrado de ambos.

Ela era prometida ao cigano Renildo, porém após uma viagem à Alagoas, seus pais resolveram casá-la com outro jovem, o que a deixou frustrada. Alguns dias após o seu primeiro casamento, ela pediu ao tio que a levasse embora, pois não gostava do marido que haviam “arrumado” para ela.

O tio a tomou à força, o que causou muitas desavenças na família. Inclusive, quando saiu das barracas do marido, ela ficou na casa de parentes, porque os pais não queriam ela de volta. Só depois de muito tempo, aprovaram ela voltar para casa, porém era vigiada a todo tempo para que não conseguisse nenhum namoro,

Eu me casei com treze anos. Com quinze fui mãe. Casei com cigano, cigano pra cigano. Na época que eu casei num aceitava não casar sem ser cigano não. E tinha a festa. É três dias de festa e folia... Meus filho... Tenho dois. Dois casou com cigano, minha filha e pronto. A festa do casamento de minha filha foi cinco dias. Com cinco noite. Gastei sessenta mil. Também com cigano, na tradição de cigano. Tudinho, inté hoje mermo quer que ela case com cigano. (...) ele só quer que ela case com cigano, separou... Só quer que seja com cigano. E ela não quer mais cigano. Ela “Eu vou casar com juron”. É briga todo dia dentro da casa e eu me... Mas a tradição da gente é boa. Eu tenho muita saudade que eu andei muito de burro, li muita mão, já li muita mão, já pedi, só não fiz roubar graças a Deus. (...) Tem que ter a tradição pra mostrar que é virgem... Aquele pano... Tinha de ter, se não Ave Maria, se matava tudo! Porque chega na hora boa, na conversa boa... o cigano quando casa sua filha que não vê a virgindade

¹⁶⁰ Esta cigana foi registrada em Cartório com o nome de Gezer, porém, é conhecida entre todos como Vaneide e assim ela quis que fosse identificada nas narrativas que contivessem seu nome.

dela é... Ela é tirada da família, ninguém gosta mais dela. Ela tem de amostrar a virgindade dela no pano branco pra toda família ver. O pai, a mãe, os avó, os tio, tá entendendo? Aí teve essa parte minha também só foi ter e eu deixei ele, eu disse “Ói, já fiz o gosto de vocês, agora num vivo mais” (Vaneide, 2014, grifos nossos).

Observemos o caso da cigana Vaneide, em que ela já afirma ter casado muito mais nova que a cigana Joadiva. Ela nos conta que foi prometida a um cigano, porém foi retirada do convívio dele por motivos de viagens e acabou sendo prometida a outro cigano.

Assim que casou e fez a “entrega do pano” ela pediu pra ser levada pelo tio e posteriormente casou com o cigano que havia sido prometido anteriormente. Ela nos relata que as festas, que foram comemoradas e que ainda são comemoradas entre eles, tem muita música sertaneja e forró. Lembramos do que nos fala Pereira a este respeito: “entre os calons nômades, as comemorações do casamento se assemelham a festas populares no interior do Brasil” (2004, p. 68).

O cigano Francisco, que casou duas vezes, na primeira vez com cigana e a segunda vez com não cigana, afirma que depois da morte “dos cabeça”, ou seja, dos líderes e chefes ciganos, a tradição do casamento entre ciganos foi diminuindo, chegando a quase desaparecer.

A morte dos chefes, segundo nos conta, também acarretou algumas “sedentarizações” de grupos, que preferiram “parar de andar” e comprar casas para morar nas cidades. E com isso, intensificou-se a partir da facilitação das moradias, os casamentos de ciganos com não ciganos. Anteriormente, quando eram andarilhos, os grupos de ciganos ao encontrarem-se, faziam suas negociações de casamentos também, mas com a “sedentarização” essas questões mudaram,

Ao invés de vermos as normas do grupo sendo modificadas pelas novas gerações, preferimos analisá-las dentro de uma dinâmica. Elas somente estarão consolidadas para as novas gerações, no momento em que o grupo de irmãos da geração mais velha for se perdendo pela formação de novas famílias extensas ou, pela morte de seus membros. Isto porque estas normas estão vivas, tanto na mente dos velhos, como na dos jovens e das crianças, e continuam influenciando a vida dos membros do grupo (SANTANNA, 1983, p. 85).

O cigano Bitó foi também um dos homens ciganos que casou com não cigana. Nilza morava em Remígio e estava noiva de um rapaz da cidade, pronta para casar-se

quando conheceu o cigano Bitó em uma de suas passagens pela cidade e apaixonou-se, abandonando o comprometimento com o jovem *juron* e casando com o cigano.

No que diz respeito ao casamento, percebemos uma heterogeneidade intensa, não apenas entre os grupos distintos, como também dentro do próprio grupo, logo, apontamos que não existia mesma regra seguidas por todos para realizar os casamentos. Isto também ocorre de grupo *calon* para outros grupos *calons* do Brasil, como observamos nas pesquisas.

Alguns casamentos foram realizados em lugares distante de onde estavam os familiares, como no caso de alguns ciganos que raptaram suas esposas para casarem-se. Isso parecia ser comum acontecer na época, não apenas quando se trata de ciganos. A cigana Solange nos conta que o pai dela, o cigano Prexedes, conheceu sua mãe Maria de Lourdes numa das passagens deles na cidade de Belém de Caiçara.

Quando os ciganos acampavam, as moças e rapazes da cidade tinham muita curiosidade em visitá-los - isso era permitido com limites -, e havia essa troca de culturas, essa sociabilidade entre os jovens, por estarem nas redondezas da cidade comercializando, comprando e “estando”. Isso facilitou o casamento deles depois de uma fuga.

No caso de Maria de Lourdes, eles fugiram e depois retornaram para realizar o casamento, para receber as bênçãos dos pais dela. “A minha vó sempre dizia também que, quando aparecia alguma festa em Belém, ela só queria ser a cigana. Do meio pro fim ela conheceu o cigano e foi... Terminou se casando com cigano” (Solange, 2013).

Outra moça não cigana que foi raptada foi a esposa do cigano Abílio, filho do ‘Capitão’ Neco. Socorro, professora na cidade onde morava - Queimadas¹⁶¹ -, tentou fugir várias vezes até conseguir casar-se com o cigano¹⁶². A história narrada pela cigana Joadiva tem um tom novelístico, com direito a final feliz:

A de Abílio pra ele casar com ela, roubou três vez. Foi. Fugiu com Abílio a primeira vez, foi pra casa de Abelardo Coitinho. A véia veio, se valheu de dona Euná, a mulher de Abelardo. Abelardo tava na feira de Puxinanã, dona Euná entregou Socorro à véia. Foi simhora. Quando seu Abelardo chegou da feira mia fia, aí deu a mulesta dos cachorro. (...) No outro dia, Socorro foi e escreveu... ela era danada! Ela escreveu um bilhete que Abílio fosse pra rua esperar ela no Beco 31, que ela ia simhora! Aí Abílio disse “Apois eu vou pegá-la”. Aí Abílio levou Socorro, ora Socorro! Levou Antonieta, levou Nilza,

¹⁶¹ Município localizado na Região Metropolitana de Campina Grande.

¹⁶² Salientamos que os roubos de mulheres aqui narrados, segundo os relatos, todos foram consentidos.

levou Denuza... Levou Lionete, só mulher e os homem por fora... que Socorro tinha mando dizer que vinha mais uma tia dela, mas ela deixava a tia e fugava! Deixa que ela já vinha com um bilhete na mão, dizendo que não podia fugir naquele dia, por que tinha vindo com a tia dela mais braba. Que era uma fera a tia dela... aí sei que mia fia... e encontraram tudo lá no Beco 31. Aí já tinha mulher por um canto, homem por outro. E tava Expedito, tava seu Nino, tava Bitó, tava tudo nessa batida num sabe? Aí as menina deram com ela. Antonieta pegou na mão dela, ela soltou o bilhete na mão de Antonieta que não podia fugir naquele dia. Antonieta disse: “Não tem jeito não. Hoje vai”. Antonieta era bem anarquista. Aí pegaram ela, tomaram das mão da tia dela, botaram dentro de um carro... já tinham falado lá na igreja São José, lá no Zé Pinheiro, já tava lá tudo faladinho pra chamar o padre lá. Aí chegou lá mia fia... Chegou lá... Chegou um carro com Antonieta, com a Denuza, com Nilza, Lionete e ela, a Socorro. Ai o outro carro já chegou atrás, chei de homem. Quando o derradeiro carro, da família dela foi chegando lá, Socorro já tava acabando de casar. A família dela que tava na rua, se ajuntaram tudo... aí foram atrás, foram atrás pra ver se tomava.... Oxen! Quando chegaram lá... (Joadiva, 2012).

O saldo de mulheres raptadas é grande, escolhemos algumas das histórias contadas para expor no texto. A mãe do ‘Capitão’ Neco também foi raptada. Maria era de Barra da Chata, cidade do interior de Pernambuco, conheceu o cigano Francisquinho e fugiu com ele no dia marcado para acontecer o casamento dela com um não cigano da cidade. Ela foi raptada na porta da igreja onde ia casar-se, vestida de noiva foi levada a cavalo para longe da cidade onde casou-se com o cigano.

Interessantes e ousados foram os raptos efetuados pelo cigano Júlio, irmão do ‘Capitão’ Neco. Poderiam ser narrados como uma série amorosa, pois este cigano tinha três esposas, todas raptadas. Eram Maria (a legítima, casada na igreja e no cartório), Mabília e Denísia. Destas, apenas Mabília era cigana. Maria morava em Queimadas e Denísia era prostituta do Cassino Eldorado em Campina Grande. Todas três moravam com ele, viviam “andando” e cada uma possuía sua barraca. Quando doentes ou em períodos de pós parto, uma cuidava da outra, assim como se dividiam em atividades e se ajudavam nos cuidados com o cigano e as crianças.

Maria foi roubada na cidade onde morava¹⁶³, era moça solteira, mas não poderia casar-se com cigano. Ela foi a primeira esposa do cigano Júlio. Com ela casou-se oficialmente e teve uma filha chamada Odília.

¹⁶³ Não há recordações do nome da cidade.

Já a cigana Mabília já estava em seu segundo casamento com um cigano do Ceará, chamado ‘Prata’. Era uma mulher muito bonita, tinha os dentes todos de ouro e apresentava-se ser uma mulher rica, com muitas joias em exposição quando em uma das viagens encontrou-se com o cigano Júlio, por quem se apaixonou e fugiu. Juntos, tiveram quatro filhos: Jacira, Francisca, Anchieta e Maria Veni que era afilhada de Joadiva, mas que faleceu ainda recém nascida.

O caso da Denísia também é mais um exemplo de audácia do cigano Júlio. Os ciganos estavam arranchados no bairro do Serrotão, em Campina Grande, quando ainda nem sonhavam que aquelas terras seriam deles algum dia. Ismael, ‘Capitão’ Neco e Júlio, resolveram se divertir no Cabaré, e foram ao Cassino Eldorado¹⁶⁴.

Lá encontraram a Denísia, que trabalhava neste local e era conhecida por ser a ‘amante’ de um dos coronéis mais ricos e poderosos da região, o Benedito Saldanha. Ou seja, o cigano e ela estavam em perigo ao fugir do local, pois, na saída, houve confusão e correria para que ela fosse levada para completar o número de três esposas raptadas do cigano Júlio.

Alguns autores como Pereira (2009), Morais (1999) e Santanna (1983) apontam o fato de os *calons* estudados por eles não aceitarem a poligamia. Porém, não é o que observamos no caso do cigano Júlio. Vejamos:

No convívio com ciganos acampados, pude perceber e soube que:

- há panos finos e coloridos que separam as camas,
- as mulheres cobrem bem as pernas se estão de saias curtas,
- não há aceitação da prostituição e do homossexualismo,
- jovens do sexo masculino e feminino se casam cedo,
- há o culto da virgindade para as mulheres solteiras,
- não há aceitação do adultério e da poligamia (PEREIRA, 2004, p. 111).

Pelo viço de suas lendas, pelo simbolismo de suas manifestações, pela inviolabilidade de seu regime privativo, podia excluir-se de seu meio a poligamia, a promiscuidade, o incesto, etc., sendo unicamente adotada entre eles a monogamia como união sexual, estado este que assinala o pleno desenvolvimento das coletividades humanas (MORAIS, 1999, p. 192).

Os ciganos são essencialmente monogâmicos. Não admitem outras formas de casamento e nem relações extraconjugais; estas regras são

¹⁶⁴ O Cassino Eldorado foi um cabaré de luxo e casa de jogos, inaugurado em 1937 na cidade de Campina Grande.

rígidas tanto para o homem como para a mulher e seus transgressores terão que enfrentar as sanções do grupo (SANTANA, 1983, p. 98).

Numa descrição de um casamento cigano em 1830, Morais (1990) afirma algumas das características que ouvimos nos relatos acerca desta prática cultural que compreendia várias características. O fato é que os homens tomam a frente das negociações, quando há a possibilidade de casamento prometido ou mesmo de resolução de problemas, como foi o caso de Joadiva em que o seu irmão realizou seu casamento já que o pai não concedeu sua mão ao *juron*.

Às ciganas, cabe apenas o aceite do marido escolhido pelos pais. “Em geral o amor não tomava parte nesses atos. Não era necessário, para que as alianças se realizassem, simpatia comum, estremecimento, afeto” (MORAIS FILHO, 1999).

Observamos nesse enredo que aos ciganos é muito difícil seguir um modelo de ciganidade que lhe deixem engessados ao ponto de se sentirem mal. Há uma heterogeneidade dentro do próprio grupo de ciganos *calons* que estamos tentando descrever. As práticas culturais identificadas nem sempre eram realizadas à forma que os mais velhos – detentores de sabedoria acerca da cultura – queriam ou mostravam ser o ideal, fazendo com que fugissem constantemente às possíveis regras.

3.2.4 Quiromancia

Nicolas Ramanush, pesquisador e também cigano, afirma que a leitura de mãos é uma prática mântica intuitiva: “é aquela que tenta perceber o saber e a vontade dos entes superiores através de elementos que indiretamente revelam as coisas ocultas. Neste grupo encontramos: leitura de Mão; Cartomancia (tarô e baralho)” (RAMANUSH, 2012. p. 109). No imaginário dos não ciganos, as ciganas são conhecidas por serem “todas” capazes de ler as linhas das mãos, tida como prática inerente a qualquer mulher desta etnia. Porém, nas conversas que tivemos com estes ciganos, observamos que esta prática não ocorre desta forma.

Encontramos diferentes relatos acerca da questão das práticas de quiromancia e cartomancia entre estes *calons*. No nosso estudo, percebemos que alguns homens também liam mãos. Ou seja, isso não era privilégio apenas das mulheres – mesmo que isso não seja prática comum entre os *calons* da família Cavalcante Targino.

Em alguns casos¹⁶⁵, ciganas trabalham como quiromantes para contribuírem no sustento da família. Porém, as mulheres ciganas - da família nuclear do ‘Capitão’ Neco - que exerceram essas práticas, não a fizeram como forma de acrescentar na economia da família ou mesmo mantê-la. Apenas aos homens, cabia a obrigação do sustento familiar. Elas realizavam rezas, leituras de mãos e de cartas por gostarem, para ajudar alguém ou para atender aos pedidos de pessoas próximas.

A cigana Solange nos conta que sua mãe - que não era cigana - aprendeu a ler cartas. E a partir de estudos sobre cartomancia, fazia leituras de cartas para pessoas das comunidades por onde passavam arranchando. Já sua avó, que era cigana, sabia ler mãos devido ao fato de que, segundo ela nos conta, a avó era dotada de um dom que só mulheres ciganas poderiam ter.

Aqui, observemos duas questões. O fato de uma não cigana aprender a leitura das cartas ciganas e realizar tal prática com legitimidade de uma cigana, tendo em vista que assim era considerada. E o fato de uma cigana que lê mãos ser considerada uma pessoa que é dotada de um dom, um dom emanado da “bondade divina de Deus”.

Desta forma, nem todas as mulheres nasceram com este dom, algumas tentaram aprender ao longo da vida, mas segundo nos contam, é quase impossível aprender. Quem nasce com o dom, saberá fazê-lo, mas quem não nasce com o dom, nunca aprenderá. Poderá até aprender a técnica, mas não terá a intuição verdadeira.

Um caso deste tipo é o da cigana Lionete, que afirma que por não ter nascido de ventre cigano, não teria o dom da leitura de mãos, nunca tendo aprendido a realizar tal prática. O contrário se aplicava à sua mãe, a cigana Neném, que lia mão, era cartomante e “média vidente” (médium). Neste caso, Lionete nunca leu a mão de ninguém por não ser cigana de sangue e apenas por pertencer à família, depois de ser adotada, tornando-se cigana. O que para eles, só reafirma o fato da leitura de mão ser um dom dado por Deus.

A cigana Vaneide é quem nos relata sobre homens que liam mãos, que até então, nos relatos das outras ciganas, não havia sido exposto,

A gente lê mão, todo cigano. Toda cigana e todo cigano. O limento de mão vem dos mais velho e num é a gente que aprende não. Os que já sabe ler mão e botar carta e búzio já nasce com o dom, que é um dom. Olha, o limento de mão, búzio e carta ninguém ensina, é a tradição. Um dom de sabedoria dos cigano, ninguém ensina. Minha filha

¹⁶⁵ Ferrari (2010); Goldfarb (2004); Moonen (2012); Pereira (2009).

mermo, não sabe. Ela diz: “Mãe bota carta pra mim”. Eu boto carta pra ela, pra você ver e ela não sabe. Ela sabe ler e não sabe ler as carta. E eu sou analfabeta e sei ler as carta. Pra tu ver que é um dom de sabedoria. (...) Isso aí já foi pra gente ler mão, botar carta pra que? Pra gente sustentar a casa, dar de comer aos filho, comprar uma roupa. Ainda sou cartomante e vou morrer sendo. Quem é cartomante não pode deixar de ser, que adoce. Que a gente tem guia mermo, que se a gente num ficar botando carta, fazendo as nossa oração cigana pra sustentar a família, a gente adoce. Apanha dos guia. É... (Vaneide, 2013).

Já no caso da cigana Vaneide, suas atividades ajudam no sustento da casa. Mas ajudou muito mais no passado, antes de casar-se. Logo, quando “andava” com os pais, as ciganas da sua família nuclear ajudavam na economia. Percebemos que não há consenso entre os próprios ciganos *calons*, em termos de possuírem uma “cultura” que fosse comum a todos ou que fosse exercida por todos da mesma forma. Por isso, comungamos com o que Teixeira (2009) nos aponta,

Nenhum cigano conhece todos os detalhes da identidade em que está inserido. Tal como não conhece todo o espaço cultural que o comporta, não sabendo, pois, ler todo o seu “mapa cultural”. Toda cultura, afinal, oferece uma margem de manobra para os seus membros. Há aspectos da identidade cigana compartilhados por todos e ainda outros selecionados pelo indivíduo num leque de opções. Cada cigano é portador de um conjunto singular de elementos dessa identidade, embora não haja uma noção de individualidade tal como no mundo ocidental (TEIXEIRA, 2009, p. 22).

Cada *calon*, dentro do seu núcleo familiar, tendeu a seguir caminhos diversos, e muitos destes caminhos, traçados de acordo com o lugar onde estavam. Quando não era necessário às ciganas ler a mão ou as cartas para ganhar algum trocado ou mantimentos, não faziam. Neste caso, para as ciganas desta família, a quiromancia e cartomancia entre outras práticas, não eram obrigatórias a ser realizadas todos os dias.

3.2.5 A linguagem *Calon*

O *calon* é o dialeto que os ciganos com os quais trabalhamos usam entre si com pouca frequência. Ainda assim, devido a nossa presença para conversas, nos deparamos

com diálogos incompreensíveis praticados entre os ciganos, quando eles não queriam que soubéssemos do que estavam falando.

A língua cigana é transmitida oralmente. E é considerada como sendo um dom, com o qual todo cigano nasce. Porém, alguns têm mais facilidade em transmitir as palavras, enquanto outros não. “Seu vocabulário é pleno de elementos das línguas dominantes dependendo da região por onde estiveram os antepassados do grupo em questão” (COHEN 2003 apud MELO 2005). Conversamos com ciganos que não “andam” mais e que quase não conversam mais em *calon*, a língua quase não é lembrada na contemporaneidade, fazendo com que muitos deles não lembrem das palavras.

Observamos - nas poucas vezes em que se falou *calon* na nossa frente -, que há entre eles, um tipo de fala que parece cantada. Quando falam o *calon* ou palavras esporádicas misturado ao português, notamos que ao falar *calon*, o movimento é “cantado”, ocorre algo como uma nasalização¹⁶⁶ nas palavras. E que só é notada quando falam o *calon*, não há esta nasalização quando falam o português.

Algumas pessoas do convívio familiar dos ciganos - que eram considerados ciganos por terem casado com alguém da família, no caso, que se “tornaram” ciganos - geralmente não conseguiam acompanhar a linguagem cigana. Exemplos destes casos foram Ismael, que “tornou-se” cigano após casar com a cigana Neném, e Francisco (Lourival), que também “tornou-se” cigano após casar com a cigana Joadiva.

Eles não aprendiam a língua, tanto porque era difícil acompanhar, como porque não os ensinavam, pois não era permitido. “Olha, uma ‘Burnin Shukar’, o que é? É uma mulher bonita! Uma mulher bonita!(...) Nós fala uma língua, que você não sabe, né? E o que não é cigano não fala” (Joadiva, 2013).

Segundo os relatos, já se nasce sabendo o *calon*. A língua não é ensinada nem mesmo aos ciganos. Aprende-se no convívio familiar, no dia a dia. Eles dão extrema importância ao *calon*, por isso a celebração de Joadiva, quando perguntada se lembrava da língua cigana, ela levantou as mãos para o céu e disse: “Graças a Deus”.

Ela nos afirmou que esqueceu algumas coisas porque não pratica mais, pois os filhos não sabem muito e as visitas de ciganos da família são escassas, tendo em vista que muitos familiares já faleceram.

¹⁶⁶ Sobre este assunto da linguagem, ver: MELO, Fabio J. Dantas de. *Os ciganos Calon de Mambaí: a sobrevivência de sua língua*. Brasília: Thesaurus, 2005.

Observemos esses dois relatos que dão conta de que a língua é um dom vindo de Deus e que não se ensina nem aos familiares:

A linguagem a gente não ensina. Já nasce com aquele dom de sabedoria. O cigano tem o dom de sabedoria. Pra troca e pra língua cigana. Já foi coisa de Deus. Ninguém ensina ninguém na nossa família (Vaneide, 2013).

Aprende a língua calon com os calon mermo (...). Isso daí já é uma coisa... parece que já vem no sangue. Parece que é uma tradição que Deus... Olhe esse meu netinho aqui, ele tem três anos, eu fico besta com ele. Sem ninguém ter ensinado, se eu cortar qualquer coisa aqui, ele já sabe o que eu tô dizendo, sem ninguém dar aquela dica a ele (Renildo, 2013).

“Cortar língua” significa falar o *calon* de um cigano para outro. Isso ajuda nos processos de negociação quando estão comerciando algo. Ou mesmo para contar segredos, quando não se pode ou não se quer falar na frente de algum *juron*. Esse episódio aconteceu diversas vezes enquanto fazíamos as entrevistas e nas inúmeras visitas que fizemos,

O idioma da gente é praticamente uma defesa que nós temos sobre o negócio da gente entendeu? Nós chama a... A... O calon, o calon significa o quê? Cigano, num é? Juron significa a outra parte, né? Nós tamo tratando de um negócio, eles tão tratando de um negócio, chega outro aqui aí acha que aquele negócio dá pra fazer aí diz: “querelo odoy che a lachon” (?) Aí disse: “Faça esse negócio que ele está bom”. E por aí vai indo, é essa coisa. Tem muitas coisas que a gente não pode revelar, porque é um segredo de negócio da gente, é um segredo de negócio (Francisco, 2012).

Algumas vezes notamos que enganar um *juron* é algo que pareceu ser apreciado pelos ciganos. O cigano Francisco nos conta que, se ele tem um rádio para vender e se um *juron* vem comprar, não testa o rádio para saber se está em bom estado e acaba comprando, “a culpa não é do cigano se o rádio não presta, a culpa é do *juron* que foi burro e não testou o rádio”.

Não sabemos ao certo a grafia das palavras, ainda assim, resolvemos publicá-las para nos servir de apoio para mostrar as diferenças na linguagem por eles falada. A interrogação que colocamos na citação se fez necessária, pois foi o que conseguimos de fato entender. Mesmo já tendo lido alguns textos que trazem mini dicionários de

palavras em *calon* e dicionários escritos sobre o *romani*, ainda assim, foi muito difícil, durante a pesquisa, identificar as palavras ditas, pois os ciganos as pronunciavam muito rapidamente.

A língua é uma das mais importantes características com as quais os ciganos também se identificam. Geralmente quando se fala que tem cigano na cidade, eles tendem a fazer um teste, falando com eles em *calon* para ver se realmente “são ciganos de verdade”. É a forma que encontram para identificar a veracidade da ciganidade entre eles mesmos e de impor à sociedade não cigana a sua identificação enquanto cigano, de apontar um contraste entre *calons* e *jurons*.

3.2.6 Educação familiar e Escolarização

“Quando andava pelo mundo, a gente passava pelo mato dez dia, quinze dia... Num tinha muito tempo de estudar. Era... A maior vontade que eu tinha era de estudar... Como? A gente tinha vontade de fazer e não tinha como fazer isso aí, tá entendendo?” (Renildo, 2013). As palavras do cigano Renildo nos tocaram, pois esse desejo nem sempre foi expresso por outros ciganos, com os quais conversamos.

Esse desejo de estudar, de entrar para uma escola e aprender nem sempre foi aspiração dos ciganos desta família. Alguns não queriam ir à escola, outros não puderam ir e outros, ainda, conseguiram, mesmo que com pouca frequência.

A cigana Joadiva nos contou que as dificuldades para colocar os filhos para estudar foram inúmeras. Ela não ‘andava’ mais com os pais desde que casou, porém como o seu marido trabalhava com administrador de fazendas, eles acabavam sendo nômades, saindo de uma fazenda para outra entre o Rio Grande do Norte e Paraíba. Isso acabou contribuindo para que seus filhos tivessem dificuldades similares com as que ela teve durante a idade escolar.

Geralmente, os lugares onde moravam ficavam distantes das escolas, às vezes seus filhos tinham que viajar por horas e andar quilômetros para conseguir chegar em alguma escola. Ainda assim, conta-nos - demonstrando muito orgulho - que seu filho mais velho Mainá, com todas as dificuldades formou-se em Direito e Engenharia, trabalhou na Polícia e ainda foi candidato a vereador na cidade.

E os demais filhos estudaram também, tendo hoje seus empregos e vidas promissoras, cada um no seu campo de interesse. “E meu marido, foi o que ele ensinou aos filhos, foi trabalhar. Ele dizia ‘Trabalhe assim! Trabalhe na linha que toda vida você tem emprego’. Todos eles, Graças a Deus.” (Joadiva, 2012). Algumas vezes, ela chegou a contratar professora particular para ensinar aos seus filhos.

A educação dos ciganos ia além da escolarização, sendo a educação do lar, muito mais importante, que qualquer outra. No tempo em que ‘andavam’, as melhorias com relação aos estudos dos mais novos, só vieram depois que o cigano Clóvis comprou a fazenda São José, no Ingá.

“Clóvis comprou um Jipe... Aí botou George para aprender, pronto! Aí eles estudava no colégio... Aí mudaram de vida.” (Joadiva, 2014). A vida de todos os ciganos da família mudou desde esta aquisição. Passaram a ter residência fixa e bem mais próxima das escolas, foi quando começaram a estudar nos colégios em Campina Grande, frequentando escolas conhecidas na cidade como referência na educação: Colégio Alfredo Dantas - CAD, Colégio Imaculada Conceição – Damas, Estadual da Prata entre outras.

Quando a cigana Joadiva era criança, seu pai não permitiu que ela enquanto mulher cigana frequentasse as escolas por onde passavam. Porém, apesar de também não querer, o ‘Capitão’ Neco ainda permitiu que os irmãos de Joadiva frequentassem escolas diversas por onde passaram pela Paraíba. “De primeiro, os ciganos não deixava estudar não. Vieram deixar estudar depois de meus irmãos, que passou todo mundo a ser civilizado, só queria ser o tal” (Joadiva, 2012).

Marinalda, filha de Joadiva, que não viveu a vida de “andanças” desta família, orgulha-se em dizer que estudou nas melhores escolas da cidade, mesmo que tenha sido alvo de discriminação na escola. Interessante é que quando falamos com os mais velhos, eles sempre citam pessoas conhecidas e influentes em Campina Grande, o que acontece com os mais novos também. Notamos uma preocupação em fazer contatos com pessoas influentes, advogados, juízes, promotores, médicos e políticos nesta cidade.

Quando começaram a frequentar as escolas, os ciganos iam juntos. Estudavam no mesmo horário e iam e voltavam para casa juntos. Os filhos dos ciganos eram conhecidos nas escolas e muitas vezes, Jânio, Joana Darc, Germano, Luciana, Sueli, Célia, Tilico, Manoel, Celeide, Selminha, Celiane, Marinalda e os outros acabavam sofrendo algum tipo de discriminação,

Era de um jeito que quando eu estudava no Alfredo Dantas eu discutia muito com meus professores, porque às vezes, a gente fazia uma pergunta... Se um colega perguntasse qualquer coisa de uma matéria eles dizia assim... Respondia. Maior tranquilidade. Quando... Vamos supor, se eu perguntasse qualquer coisa, ele dizia assim: “Oh meu Deus do céu, essas índia não sabe de nada”. “Porque índia? Eu não sou índia, sou filha de uma cigana com muito orgulho”. O professor Loureiro tinha o maior orgulho quando a gente chegava no colégio, que era de um jeito que quando a gente dizia que queria sair do colégio eles não queria deixar a gente sair. (...) Discriminava, mas a gente tinha o orgulho de ser cigano, tinha não, tenho o orgulho de ser cigano (Marinalda, 2013).

O fator discriminação não fez os ciganos recuarem na escolarização, tanto que muitos conseguiram ultrapassar e superar essas dificuldades, indo até a universidade. Alguns não quiseram concluir os estudos porque não se sentiam estimulados, como o caso do cigano George, que não queria mais estudar, porque, por ser mais velho, os primos já haviam “passado dele na escola”. George veio começar a estudar tardiamente, mas ele era dos sobrinhos o mais velho, por isso as outras crianças acabaram o acompanhando nas séries, o que o irritava profundamente.

A cigana Solange também aprendeu um pouco, não frequentou as escolas, porém sua mãe era professora e ensinava aos seus filhos, fazendo com que ela tenha aprendido a ler e escrever,

Estudei, pouco mas estudei. Naquela época os pais não se importava né? Também andava no meio do mundo... Mas a minha mãe ela era professora aí ela ensinava a gente em casa. Aí depois quando a gente começou a morar, a gente foi nas escolas. Eu não quis muito, só até... O quarto ano (Solange, 2013).

Com o passar do tempo e percebendo que os “estudos não dariam futuro”, alguns ciganos foram perdendo a vontade de estudar, fazendo com que, mesmo quando passaram a morar em residências fixas, não se adaptassem às escolas. Ora por não se sentirem a vontade no local, ora por falta de estímulo dos pais, que não davam importância à escolarização e, sim, à educação ‘do lar’.

O cigano Francisco também não teve a oportunidade de frequentar escolas, pois com a vida de ‘andarilho’ - como ele costuma dizer - e a falta de vontade, isso ficava mais difícil. Mas ainda assim, aprendeu a assinar o nome e ler razoavelmente para ter a

oportunidade de obter uma CNH (Carteira Nacional de Habilitação). Mas manteve o mesmo desejo dos demais, de não permitir que os filhos ficassem sem aprender também. Hoje tem dois filhos que pretende colocar na faculdade para que possam se formar.

Mas os ciganos ensinavam aos seus filhos a viver, a conseguir sobreviver “andando”, ensinavam a honrar família, o respeito ao próximo, o amor à natureza, entre outras coisas. Portanto, esta questão da educação dos ciganos vai muito além da aprendizagem escolar. Por isso também, a pouca importância dada pelos ciganos com respeito à escola, pois não precisavam de leitura e educação formal para viver e sim, de aprender o que ensinavam os mais velhos, outros saberes, que não os escolares e que eram tidos como mais importantes e acima de qualquer escolaridade.

Entre as coisas ensinadas aos ciganos como forma de aprender a sobreviver e se defender, era a utilizar armas de fogo desde pequenos. No caso desta família do ‘Capitão’ Neco, só se ensinava as crianças a partir dos 10 anos de idade. “Homem e mulher, de dez ano em diante aprendia. Porque meu pai dizia que não dava certo, porque as criança uma hora por outra pegava uma briga¹⁶⁷ um com o outro mermo, né?” (Joadiva, 2012).

Havia a necessidade de que todos no acampamento soubessem manusear armas de fogo, para a proteção do grupo. Compravam as armas nos engenhos e isso com bastante facilidade, às vezes até trocavam armas por animais que traziam consigo no comboio. Pereira (2009) afirma que:

Para os ciganos, de uma maneira geral, a idéia de se educar é a de se preparar para a vida. E, para eles, não há melhor educador do que a família. Se pensarmos no caráter de clã, na economia grupal, nos papéis bem delimitados de cada membro da família cigana, podemos perceber que a coesão do grupo é de tal maneira importante, que fica fácil entender por que a escola dos não-ciganos costuma ser vista, principalmente pelos nômades - e também por uma parcela dos sedentários -, com desconfiança. Para eles a família é inseparável (PEREIRA, 2009, p. 60).

¹⁶⁷ Joadiva se lembra desta questão das brigas, porque quando era jovem, ouviu uma história de que um ciganinho havia atirado em outro cigano por brincadeira. Eles estavam brincando na barraca, quando um atirou no outro, que veio a falecer. Esta história não ocorreu no acampamento dela nem foi alguém de sua família.

Sem estudo, eles consideravam que viviam muito bem, gostavam da vida que levavam e a pergunta que os mais velhos se faziam, era: “Por que levá-los a escola se ensinamos o que é de fato essencial a um cigano?”. Na escola, era mais provável que as *calins* (cigana) se enamorassem por algum *juron* (não cigano) ou aprendessem coisas que os fizessem abandonar o grupo os as tradições.

Aos meninos, ensinar como negociar era muito importante para que no futuro eles pudessem sobreviver. Às meninas, cabia aprender as atividades domésticas, pois em breve casariam e teriam que cuidar de uma família. E assim, os ciganos da família do ‘Capitão’ Neco iam vivendo.

Importava também e era dever dos mais velhos, ensinar aos mais novos alguns valores dos quais os ciganos comungavam. Além da honra e o respeito à família, era preciso ensiná-los a seguir ao máximo as leis ciganas, mas nem sempre o ‘Capitão’ conseguia fazer com que os mais novos se submetessem a todas as regras, como observamos no caso dos casamentos de seus filhos que não seguiram a lógica dos casamentos entre *calons* e sua maioria casou-se com pessoas não ciganas.

3.2.7 Religiosidades

Através dos relatos, pudemos observar que os ciganos, quando “andavam” eram bastante crentes no Deus cristão e admiradores/devotos de santos da Igreja Católica, mas só frequentando a igreja quando havia alguma celebração como batizados e casamentos. A maioria dos ciganos desta família foi batizada e casou na Igreja Católica.

Depois da parada e após os incidentes da década de 1980, alguns ciganos passaram a frequentar Igrejas Católicas e Evangélicas, assim como Centros Espíritas. Porém, não conseguiram ir assiduamente a estes lugares, abandonando-os e voltando-se à Igreja Católica, apenas para os mesmos casos que anteriormente seguiam os ciganos mais velhos, em ocasiões específicas – tendo alguns deles, na contemporaneidade, imagens de santos/as espalhados pela casa.

Não há muitas informações acerca das questões religiosas dos ciganos desta família no passado. Acreditar e ter fé em Deus, rezar aos santos, ir a Romarias, pagar promessas, às mulheres cartomantes era necessário ainda rezar aos seus guias. Tudo isso era o bastante para seguirem firmes nas caminhadas diárias,

Tem muita fé nas coisa, em Deus, tem fé em santo, tem aquela... Faz aquelas promessa, faz viagem e tudo, mas pra partir pra negócio de Igreja assim é difícil. Sempre já aconteceu, mas num é como juron, que juron é direto de igreja né? E a gente não é desse jeito (Renildo, 2013).

Segundo o colaborador, “dá agonia ficar em lugar assim fechado”. Conta ainda que quando vai à igreja para alguma cerimônia importante, como um batizado, ele não consegue ficar muito tempo dentro do templo, porque se sente preso. Porém, “segue os mandamentos de Deus” e por isso batiza seus filhos e os casa na igreja católica, “que é o certo” (Renildo, 2013).

A maioria dos colaboradores afirma que quase não tiveram vida ativa dentro de templos religiosos ou seguiram continuamente, durante toda a vida, uma religião. E também não acrescentaram algo que relacionasse algum tipo de religiosidade específica da etnia, que fosse realizada por eles mesmos¹⁶⁸.

Na fazenda São José, o primeiro local de “parada” destes ciganos, havia uma capela, chamada Nossa Senhora da Penha, e lá os ciganos da família Cavalcante Targino faziam orações, pediam para celebrar missas e realizavam outras atividades relacionadas à Igreja Católica.

Certo dia, conta-nos Joadiva, que a sua tia Neném celebrou uma missa em latim. A cigana Neném era “média vidente” como falou Joadiva. Algumas vezes, a cigana Neném escreveu cartas e celebrou missas para os ciganos de sua família através dos espíritos que ela incorporava¹⁶⁹.

Para eles, era um fenômeno misterioso, porém muito bonito, não parecia amedrontador aos ciganos, algo que pareceu bastante comum entre eles. A cigana não era alfabetizada e não sabia escrever o próprio nome, mas ao ser usada por um espírito, ela conseguia realizar coisas que não fazia em consciência. Segundo os relatos, ela era uma ótima rezadeira e ajudava a curar doenças que causavam desconfortos nos ciganos e até mesmo em animais.

¹⁶⁸ Esta questão foi levada em consideração porque alguns ciganos de etnia *kalderash* que moram em Campina Grande, fazem rituais religiosos com a sacerdotisa que é escolhida pela família e que se configura como uma forma religiosa dentro desta etnia de ciganos *kalderash* na cidade.

¹⁶⁹ “Baixar um espírito” como dizem os ciganos, diz respeito a questão da incorporação de espíritos em pessoas capazes de fazê-lo, através de sua mediunidade. Podemos afirmar também, baseado em relatos de pessoas que praticam o espiritismo, que *jurons* também podem incorporar espíritos ou deidades que podem ser espíritos de ciganas, que lêem a mão e que cantam canções antigas que só elas conhecem.

3.2.8 Morte e seus rituais

Colhemos poucas informações sobre os rituais fúnebres do passado destes ciganos. Em grande medida, este silenciamento tem sentido quando lembramos os acontecimentos dos anos 80, em que membros da família morreram tragicamente - como já relatamos - e isso marcou muito a família. De forma que, por vezes, o assunto 'morte' foi tratado de forma cautelosa por nós e silenciosa por eles, pois o fator emocional não permitia que as lembranças se expandissem, bloqueando-as e fazendo-as ficarem escondidas no pensamento de cada um.

Pudemos observar que os rituais eram realizados da mesma forma que geralmente, nós, não ciganos, realizamos os nossos. Há, no entanto, algumas diferenças que notadamente se apresentaram nas entrevistas.

Ao morrer um cigano, todo seu ouro deveria ser "doado aos santos", que quer dizer, doado à alguma Igreja com a qual os ciganos tivessem afinidade. Já os sapatos, roupas, chapéus, selas e qualquer outro pertence, deveriam ser queimados. Ninguém poderia usar nada de um cigano que morreu,

Tinha um cigano no Ceará que até o encordoamento da sela dele, aqueles metal num sabe? Num era metal, era tudo ouro! A brida da burra era de ouro, a cortadeira era de ouro, tudo que tinha no frei do animal dele, era de ouro e todo enfeite da sela do animal dele era de ouro. Aí ele morreu. Era... Morreu tuberculoso... Esse cigano... Era Chatô. Eu num conheci ele não. Sei que ele morreu, aí meu pai foi na feira de Patos. Aí chegou na feira, viu um homem com o arreamento dele todinho, no burro. Meu pai só não fez dar nesse homem. Fez esse homem voar da feira e.... Num dar notícia. Mandou dizer aos cigano que troço de cigano não era pra 'fi de uma puta' andar se mostrando não. Era pra queimar. Eu sei que esse cabra voltou e pai não viu ele mais nunca (Joadiva, 2013).

Na fala da colaboradora, percebemos o quanto fica evidente a honra aos mortos, que devem ser respeitados para sempre. O respeito não se dá apenas no âmbito interior/emocional de cada cigano pela perda do parente, mas também deve ser visível aos olhos dos outros ciganos, que se observam mutuamente, sobretudo no período do luto. Há em torno da morte uma vigilância entre eles, até que o luto acabe ou mesmo anos depois, quando se reúnem para conversar e falam em algum assunto, que remete a uma pessoa que já morreu.

Notamos ainda que esses acessórios, utilizados como enfeites para os animais, eram muito importantes para os ciganos, sendo comentados por diversas vezes durante as entrevistas. Os arreios dos animais eram peças fundamentais a qualquer um deles, haja vista que utilizavam diariamente os burros e cavalos para se locomoverem. Vemos então um dos motivos para preocupar-se em embelezá-los.

Nesse sentido, o choque do ‘Capitão’ Neco ao ver os arreios de um cigano já falecido sendo usado por outro cigano, remete-se à falta de honra que o cigano que usava não teve para com o morto, por isso também o termo usado pelo cigano Neco, chamando-o de “fi de uma puta” descaracterizando-o como cigano, uma vez que a honra era considerada uma das coisas mais marcantes para os ciganos desta família.

E percebemos ainda que os seus motivos em recriminá-lo vão além da questão da honra ao cigano morto – percebido por a sela não ter sido queimada. As selas e arreios eram algo de muita importância para os ciganos, algo carregado de sentimentos, de uma paixão dos ciganos por este item, por isto também o ressentimento do Neco em ver a cena.

Em uma de suas narrações, Joadiva nos conta que seus avós morreram “bem velhos”. Sua avó com 112 anos e seu avô um pouco mais novo, mas não recordou com que idade. O cigano Francisquinho chamado de “Avô” por todos - até por quem não era neto -, foi o grande guardião da “cultura cigana” deste grupo de *calons*, passando ensinamentos e contando experiências para os mais novos. E era muito respeitado entre os ciganos mais novos,

Quando ele ia morrer, veio o frade (...) aí minha vó juntou os netinho tudinho. Tinha neto que era assim (faz gestos nas mãos juntando-as como quem vai rezar) tudo pequena, o véi confessou-se e a gente tudo de joelho ao redor do véi. (...) Meu avô era sabido... era sabido, era inteligente. Mas quando morreu... Já tão caduco (Joadiva, 2012).

Além de queimarem os pertences dos ciganos que morriam, havia um período de luto. Para todos da família, a regra era não ter festas durante alguns meses, em alguns casos por um ano, pelo menos. Não ouvir músicas, não enfeitar-se, nem vestir-se com roupas de cores muito fortes são características que encontramos nas práticas funéreas de não ciganos também.

Uma das mais marcantes questões que enfatizava o luto entre os ciganos estava na mudança das vidas de mulheres que enviuvavam. Estas, a partir do momento que soubessem da morte dos esposos, deveriam usar o *capelo* - uma espécie de burca, feito de tecido preto e que só deixava visível a parte do rosto, cobrindo todo o resto do corpo da mulher - e o luto duraria enquanto vida elas tivessem.

Além disso, as ciganas viúvas não podiam casar-se novamente. “Cigana vestia luto pra o resto da vida. Era uma saia preta, num era vestido. Era uma saia preta bem larga e era um pano como uma freira, aquele pano na cabeça, aqui... Aí costurado até embaixo” (Joadiva, 2012).

Suas vidas e a de seus filhos - caso tivesse - passavam a ser conduzidas e mantidas pelo grupo de ciganos da família do esposo falecido. Algumas mulheres conseguiram burlar a rigidez das regras, que tinha como consequência o banimento do seio familiar. Isso acontecia por fuga ou contraindo casamento novamente.

Algumas brigas familiares aconteceram por causa do descumprimento destas e de outras regras, por parte de algumas mulheres viúvas,

Festa num ia não. Sem ir pra festa, sem querer saber de festa. Era muito esquisito. Morreu um tio meu, irmão de meu pai, eu era menina pequena aí isso formou-se uma intriga minha fia... Porque ela é ... A cigana era de lá do grupo do Marinheiro, daqueles cigano que vive em Patos. Nós era Targino. Aí não se misturava, não se misturava de jeito nenhum. Se viesse aqui, tinha esse caminho aqui, vinha pra Campina... Tinha esse outro aqui, vinha por mais longe... Aí ou a família do meu pai ou a família dele, seguia um daqueles caminho. Aí pronto! O chefão lá era Marinheiro, achou de casar um irmão dele com a viúva do meu tio. Aí nunca tinha casado uma viúva, foi a primeira que casou foi ela. Fez uma intriga, que morreram intrigado. (...) Os cigano era amigo de primeiro, amigo, amigo mermo, sabe? Num brigava não, cigano não brigava não. Era tudo amigo, tinha ocasião de ter cinquenta barraca de cigano e quando dar fé, chegar outro comboio e aquele chefe dizer: “Arrancha fulano! Pode arranchar aí”. Aí a festa roncava (...). Quando vieram se intrigar foi quando morreu meu tio Pedro, por que viúva de cigano era viúva, num era mais pra casar. Aí a viúva de Pedro foi simhora pra lá e casou com cigano de lá. (...) Eu só nasci pra casar uma vez... (Joadiva, 2012).

Santana era o nome desta cigana, que tornou seu segundo casamento em estopim, para a inimizade entre duas famílias de ciganos, que antes eram amigas. Ela tinha três filhas com o falecido cigano Pedro, porém ao sair do acampamento para casar-se novamente, só pode levar consigo, duas das suas filhas: a mais velha “Tonha” e

a mais nova “Mizinha”. A do meio, “Bitá”, não permitiram que fosse levada, tendo em vista que o cigano João Olímpio, irmão de Pedro, era o padrinho dela e não deixou a mãe levá-la, como forma de castigá-la pela desonra que cometera para com o morto e o desrespeito aos seus familiares.

Alguns pedidos de ciganos que eram feitos em vida faziam com que os gostos destes, no pós-morte fossem atendidos. No caso dos enterramentos, os ciganos eram enterrados onde fosse ‘de gosto’ deles. O ‘Capitão’ Neco foi enterrado no cemitério de Galante¹⁷⁰, apenas pelo fato de que ele gostava muito desta cidade.

Ele faleceu por ter contraído uma Cirrose Hepática, advinda de uma Esquistossomose que não teve tratamento adequado. Ele morreu ainda na década de 1960, quando seu filho Clóvis comprou a fazenda São José já em fins desta década. Os filhos “pararam” e resolveram morar na Fazenda, enquanto o ‘Capitão’ Neco continuou sua vida de andanças, só “parando” quando esteve doente, falecendo na fazenda.

A “cultura cigana” se reinventa de acordo com sua inserção na sociedade, com os vínculos que formam nas viagens, no relacionamento com outros ciganos *calons* e com os *gadjés*. Apontando ainda essa visível diversidade dentro da própria etnia, lembramo-nos da história do cigano Alcindo, cigano baiano que esteve de passagem pela Paraíba com seus familiares, quando faleceu.

A cigana Joadiva era adolescente na época e nos conta que os ciganos da família do Alcindo não permitiram que o jovem morto fosse enterrado no cemitério mais próximo. E isto seria pelo fato de que havia “raparigas” (neste caso, consideram raparigas as mulheres prostitutas) também enterradas por lá, sendo, portanto, um lugar impróprio para o sepultamento do cigano.

A colaboradora nos conta com bastante indiferença este caso, pois, para ela não havia este tipo de distinção, tanto que todos os seus parentes foram sepultados em cemitérios do lugar onde estavam acampados, “morando” ou no lugar onde haviam pedido para serem enterrados antes de falecer. O que nos fez perceber ainda mais que os ciganos, mesmo do grupo *calon*, são diferentes não apenas entre si, mas também entre grupos de *calons*, que apresentam práticas diferentes, notadas nas etnografias já citadas neste trabalho.

¹⁷⁰ Galante é um distrito da cidade de Campina Grande e fica localizada a cerca de 17 km desta cidade. É um local bastante citado pelos ciganos como lugar em que passaram muito tempo arranchados.

Os ciganos baianos que nos conta Joadiva deram preferência à compra de um terreno em fazenda privada, localizado numa fazenda em São Domingos do Cariri¹⁷¹. Todos os anos, desde a morte deste jovem, os ciganos baianos vêm prestar devoção ao menino morto que se tornou milagreiro entre eles.

Notamos que apesar de não termos tido a oportunidade de verificar mais relatos que pudessem nos elucidar algo mais sobre as questões que envolvem a morte e os *calons* que viveram na região, foi possível perceber que ao falarmos de morte, todos se remetiam ao que houve na década de 80.

Este período foi marcante e divisor de águas para as vidas destes ciganos, sobretudo dos que ficaram vivos. A medida que as mortes aconteceram, observamos a desintegração da família. Referimo-nos às mudanças, aos embates travados com os que os apontavam como “malditos”, ao desassossego que passaram a ter em suas vidas, às separações familiares, às perdas de contatos, aos destinos que tomaram.

Neste sentido, tomamos aqui a morte como fator desintegrador da família dos ciganos da família Cavalcante Targino. A morte fez com que os rumos da família mudassem e que alguns destes ciganos se perdessem do bem mais precioso que eles consideravam para suas vidas, a família, marcando sempre o fim de um ciclo.

¹⁷¹ É um município paraibano que está a cerca de 95 km de distância de Campina Grande.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos documentar estas histórias de vida, pontuando como os ciganos foram recepcionados na cidade e se socializaram com não ciganos. Percebemos então que suas táticas e práticas culturais atravessaram o cotidiano de cidades paraibanas, fazendo com que tivessem sido, no passado, perseguidos devido ao fato de estarem vivendo seus modos de vida e cultura próprios de seus costumes e tradições. E eles fizeram, à sua maneira, com que os habitantes citadinos experimentassem também momentos de sociabilidades tensas assim como momentos agradáveis, o que permitiu a eles a construção de muitas amizades.

O ensaio de trazer à tona estas experiências de vidas nos permitiu pensar que essas relações de conflitos ou de satisfação, quando historicizadas, poderão contribuir na desconstrução de certos preconceitos existentes sobre os ciganos. O que tentamos neste trabalho foi mostrar que existe um material historiográfico que pode contribuir para o estudo sobre as representações construídas em torno dos sujeitos ciganos e de suas práticas culturais que marcaram suas experiências de vida em Campina Grande.

Construímos um registro a partir da visibilização de materiais que ainda não haviam sido explorados na historiografia paraibana. E isso foi possível graças a participação dos ciganos no trabalho, a partir dos seus relatos orais de memória. Eles, que conseguiram dilatar sua cultura, através do seu caminhar entre o campo e a cidade, tendo em vista que foi no cotidiano que os ciganos construíram um mundo *calon*, numa vivência entre o mundo *gadjé*.

Não podemos afirmar desde quando ciganos circulam por Campina Grande, não foi possível nesta pesquisa fazer tal localização no tempo e nem foi a pretensão do trabalho. Porém, ressaltamos que até mesmo as possíveis origens deste grupo pela região Nordeste, também se complicou de ser verificada à medida que alguns dos ciganos mais experientes e com mais idade, não conseguiram lembrar-se de algumas figuras de parentes antepassados.

A referência que observamos que os ciganos têm, sugere as suas origens a partir do cigano Francisquinho, pai do ‘Capitão’ Neco. Ele foi notado e apontado como grande disseminador desta “cultura cigana” que tentamos explorar neste texto, tendo repassado aos seus filhos, netos e demais familiares, os ensinamentos das tradições.

Ainda foi possível observar durante a pesquisa que há várias famílias de ciganos em Campina Grande, porém, a maior parte não se conhece, até mesmo entre os próprios *Calons* ou entre os *Kalderash* que encontramos, percebemos isso. A inserção dos ciganos na sociedade não cigana permitiu que eles não necessariamente tivessem que se afirmar enquanto ciganos por onde fossem, fazendo com que as pessoas saibam que são ciganos ou não. Tanto que há pessoas ciganas que ocupam vários postos de destaque nesta cidade e que não falam que são ciganas, não apenas por não sentirem necessidade, mas também por querer esconder-se, por medo de preconceitos devido ao estigma que os persegue.

As fontes nos forneceram subsídios para enfrentar o desafio e através delas, pudemos cartografar vidas ciganas que estiveram pelo Estado. Nos foi possível entender um pouco de como eles estabeleceram suas práticas de comunicação, de negociação, de afetos e de mobilização na sociedade campinense.

Assim, foi possível observar diferenças nas imagens retratadas pelos jornais com relação aos ciganos. Nas matérias, retrata-se o cigano como “vagabundo” e recriminando pela falta de trabalho - no caso dos ciganos que apenas arrancharam nesta cidade - e que se estendia para os demais ciganos que surgissem, já que seria, de acordo com o que apontava os jornais, algo comum a todos os ciganos.

Na década de 1980 foi possível observar várias “sedentarizações” ou “paradas” de ciganos pelo Nordeste e em outras regiões do país. Com o aumento da população cigana nas cidades, o número de incidentes em que os ciganos se envolveram com casos policiais aumentaram e isso foi notado a partir da quantidade de vezes que os ciganos apareceram citados como contraventores em páginas dos jornais no Brasil.

Foram descritos nos jornais não para difusão de sua cultura, contribuindo com a formação da população acerca da temática, mas provocando reações atribuladas que angustiaram diversas vidas. Desta forma, concluímos que, nas narrativas dos jornais, as afrontas, os insultos e a forma ferina de tratar os ciganos, acabaram por reafirmar a estranheza da população diante deles. O que tentamos foi desarticular essa suposta naturalidade de uma índole má que foi explorada nos jornais que circulavam em Campina Grande durante o período estudado, já que entendemos que tentar desconstruir preconceitos, faz parte do trabalho do historiador na contemporaneidade.

Observamos, ainda, que os jornais não indicam diferenças entre os ciganos. No caso, não se fala em etnias, fala-se apenas no termo genericamente: Ciganos. Aponta-se

como se todos os ciganos fossem iguais. Somente nos relatos orais de memória, quando foi possível ao cigano falar é que observamos as heterogeneidades que existem dentro de um mesmo grupo étnico, como foi observado com os *calons* da família Cavalcante Targino.

Ao longo do texto, vimos os ciganos da família Cavalcante Targino como trabalhadores, agropecuaristas e desenvolvendo várias atividades comerciais e que, por terem boas condições de vida, de certa forma ganharam aceitação por parte de muitas pessoas na sociedade. Contudo, percebemos que apesar da aparente aceitação, os ciganos foram estereotipados, de forma que na contemporaneidade isto ainda é sentido pela família.

Notamos assim, o papel dos jornais na construção de imaginários sobre pessoas e suas histórias. Outros ciganos que estiveram pela cidade mais recentemente, sofreram preconceitos por parte de membros da população, como no caso de *calins* baianas, que em 2012 estiveram a ler as mãos das pessoas no centro da cidade e foram hostilizadas por serem ciganas. Assim, confirmamos o que nos diz Goldfarb acerca de como os ciganos são vistos: “não são vistos como portadores de uma identidade cultural diferenciada, mas sim pela ausência de valores e condutas aprovadas pela sociedade, sendo tidos como apolíticos, sem pátria, sem religião ou leis específicas” (GOLDFARB, 2004, p. 77). Desta forma, é preciso expulsá-lo ou manter distância.

Noutro momento, identificamos como foi construída a imagem dos ciganos a partir dos relatos orais de memória de não ciganos e investigamos como as imagens forjadas nos jornais contribuíram também para o desenvolvimento de estereótipos acerca dos ciganos.

Percebemos que os ciganos foram relatados como diferentes, indesejados, estrangeiros, mas ao mesmo tempo surgiram relatos que os apontaram como queridos, bonitos, alegres, desejados, agradáveis e, sobretudo, amigos. Nossa abordagem partiu destas experiências narradas, para poder observar as representações dos ciganos baseadas em relações que foram estabelecidas em momentos de aproximação com não ciganos.

Quando avançamos para as análises que nos permitiram pensar os ciganos e suas próprias representações sobre si e sobre a cidade, notamos que nas memórias ciganas, há uma relação muito intensa e estreita entre o mundo rural e o urbano, em que pudemos identificar o mundo rural como sendo o lugar ideal para viver, mesmo com

algumas exceções, ou seja, a vida de quando “andava era que era a vida boa”. E parte das lembranças que foram aqui expostas, são memórias dos tempos de andanças pelas fazendas e engenhos na Paraíba. Vale salientar que as memórias, por vezes, muito emotivas, fogem bastante do tempo cronológico, não permitindo em alguns casos sabermos datas a respeito dos fatos contados.

Quando não estavam ‘parados’ e arranchavam nas fazendas, cantavam e dançavam ao redor de fogueiras, faziam corridas com burros, negociavam, conversavam, riam e choravam. Porque naquele e com aquele mundo rural eles se identificavam. As formas de vida, a hospitalidade encontrada no campo e os prazeres rurais eram coisas que a cidade não oferecia da mesma forma. Os ares da cidade traziam outros ventos, que apontavam para a insegurança, a falta de liberdade, a hostilidade, entre outras questões.

Estes personagens, que estenderam suas relações de sociabilidade do campo para as cidades, invocaram lembranças que atribuíram valores diferenciados a cada um destes lugares, os quais foram transformados em espaços de sociabilidade, de amizades, de vivências. Isto, não apenas para os ciganos, mas também para não ciganos em contato com estes. A escolha dos entrevistados foi feita observando redes de sociabilidades, assim como foram ocorrendo muitas indicações partindo de algum colaborador. Tudo isso contribuiu para esta rede de entrevistados que aqui mostramos.

Juntaram-se a isso, as análises bibliográficas que trouxeram considerações a respeito do estudo sobre as cidades e que refletiram sobre a importância que os sujeitos têm, ao se chocarem com o viver urbano. Isso nos permitiu pensar que “o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz” (WILLIAMS, 1990, p. 11) e isso os influenciou a se sentir mais próximos e ligados às sensações que sentiam nas práticas de vida rural.

O que apresentamos foi uma breve análise sobre a experiência cidadina dos ciganos em Campina Grande, contudo, enfatizando que as falas nos levaram a outras cidades, que compuseram fluxos e ciclos, que eram seguidos com constância pelos ciganos quando “andavam”, como apontaram as narrativas. Ainda há um caminho intenso e imenso a ser percorrido.

Pretendeu-se no trabalho apresentar histórias narradas por ciganos, para que fossem ao conhecimento público mostrando a presença deles nesta cidade e regiões

vizinhas. Observamos o quanto formam uma “cultura cigana” heterogênea, que devido à escolhas, chegaram a modificar modos de viver e os costumes do grupo.

Percebemos ainda que, para os ciganos, “um território não determina a fixação do cigano nele, pois a organização geral do grupo, apesar de depender de um espaço geográfico, não depende exclusivamente de um território específico” (SANTANA, 1983, p. 70). Tudo isso depende da relação que eles estabelecessem com o território e com os vínculos de solidariedade que fizeram nas comunidades em que puderam se relacionar.

Ainda vimos a questão da autoridade masculina exercida sob as famílias, “uma família nuclear tem sua própria autoridade, ou seja, a autoridade doméstica de um homem, que se identifica na autoridade do marido e pai” (SANTANA, 1983, p. 75). Os irmãos mais velhos eram respeitados e os primos tratados como irmãos, como pudemos verificar em outras pesquisas realizadas sobre *calons* no Brasil.

O que narramos aqui, nestas páginas, não dão conta da imensidão de histórias contadas, silenciadas e a descobrir. Isto é apenas um fiozinho entre tantas histórias de ciganos na Paraíba, e ainda há muito que contar.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam a respeito dos ciganos, observamos que os *calons* que estudamos eram bastante diferenciados dos estereótipos mais citados nas nossas análises tais como: ladrões, criminosos, ignorantes e iletrados. Desta maneira, foi possível observar, com esta pesquisa, narrativas históricas de segregação, de acolhimento e de alteridade em que se envolveram os ciganos.

Mesmo tendo se inserido na sociedade através do comércio, da agropecuária e de outras atividades, o estigma que estes ciganos carregam não foi diluído, mas às vezes minimizado por admiradores. E isso se fez sentir nas narrativas das lembranças - daqueles que nos puderam contar - que apontam o passado como o lugar de felicidade, quando os chefes eram vivos, a família era unida, festejavam a vida, sentiam os cheiros do campo e achavam que não havia preconceitos, pois eram sempre muito bem recebidos por onde passavam.

Buscamos, com oeste estudo, colaborar para a melhor compreensão do cigano além das imagens socialmente construídas. Buscamos revelar estes sujeitos ditos e não ditos dos relatos literários ou noticiosos, instigando reflexões e novas observações a respeito desta etnia.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 155 – 202.
- ANSART, Pierre. *História e Memória dos Ressentimentos*. In: *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Organização: Stella Bresciani e Márcia Naxara. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 2004, p. 15- 36.
- ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, vida urbana, modernidade: Campina Grande na Primeira Metade do Século XX*. Doutorado em História, UNICAMP, Campinas-SP, 1999. Ver também: SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande, 1920-1945*. Doutorado.
- BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- _____. *Teoria da História*. Os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo. vol II. 3ª edição, Petropolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARTH, Frederic. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTGNAT, P; FENART-STREIFF, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Difel, 1998
- BATISTA, Gilmar Tavares. *As práticas culturais dos ciganos na Paraíba: uma trajetória da 'guerra dos ciganos' em Campina Grande, entre violências, (an)danças e magias (1980)*. Monografia. UEPB, 2011.
- BATISTA, Pércles Alves. *O Boulevard Shopping Center e a formação de uma Nova Centralidade em Campina Grande-PB*. João Pessoa, 2011.
- BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. *Ministério Público e discriminação étnica: o caso dos ciganos*. In: MOTA, Ático Vilas-Boas da. (org.) *Ciganos – Antologia de ensaios*. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 305-316.
- BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BORGES, Isabel Cristina Medeiros Mattos. *Cidades de portas fechadas: a intolerância contra os ciganos na organização urbana na primeira República*. Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora, UFJF, 2007.
- BURKE, Peter. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro*. IN: *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade texto e história*. Para ler história oral. Ed. Loyola: São Paulo, 1999.

- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTRO, Débora Soares. *O olhar de si e o olhar dos outros: um itinerário através das tradições e da identidade cigana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.
- CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____, *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar e cozinhar*. Organização: Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. 2 ed. Difel, 2002.
- _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHINA, José B. D'Oliveira. *Os ciganos no Brasil*. (Subsídios históricos, ethnographicos e linguísticos). Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1936.
- COELHO, Adolpho. *Os ciganos de Portugal, com um estudo sobre o calão*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.
- COSTA, Elisa Maria Lopes da. *O povo cigano e o degredo: contributo povoador para o Brasil colônia*. In: ARAÚJO, Emanuel. (editor) *Textos de História: Revista do Programa de Pós Graduação em História das UnB*. V. 6, nº 1 e 2. Brasília: UnB, 1999.
- CUNHA, Jamilly R. *“O Rancho de cima” / “O Rancho de baixo”: algumas impressões*. In: *Sendo cigano e estando em Sousa: discutindo os modos de ser após 30 anos de “parada”*. Monografia de Graduação. UFCG, 2013.
- DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- ELIAS, Nobert. *Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. RJ: Jorge Zahar, 2000.
- FERRARI, Florência. *Um olhar oblíquo*. Contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano. Dissertação de Mestrado – USP, 2002.
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- GARCÍA LORCA, Frederico. *Romanceiro cigano (1924-1927)*. São Paulo: Hedra, 2011.
- GOFFMAN, E. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB*. Tese de Doutorado, João Pessoa, UFPB, 2004.

GURJÃO, Eliete de Queiroz (org.). *Imagens multifacetadas da História de Campina Grande*. Campina Grande: Secretaria de Educação. 2000. E

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 1999.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

IVATTS, Arthur R. *Os ciganos no mundo moderno*. Da escola ao caminho da escola. Correio da Unesco. Nº 3, ano 3. Janeiro, 1975.
Janeiro: Rocco, 2009.

LANGUE, Frédérique. O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder. & PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.) *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006.

LOCATELLI, Moacir Antonio, *O ocaso de uma cultura: uma análise antropológica dos ciganos*. Santa Rosa, Barcellos Livreiro e Editor, 1981.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111 – 153.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2005.

MELO, Erisvelton Sávio Silva de. *“Sou cigano sim” – identidade e representação: uma etnografia sobre os ciganos na região Metropolitana de Recife – PE*. Dissertação de Mestrado. UFPE, 2008.

MELO, Fabio J. Dantas de. *Os ciganos calon de Mambá: a sobrevivência de sua língua*. Brasília: Thesaurus, 2005.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto; *Entre os caminhos e as rotas dos ciganos do Vale do Mamanguape*. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Anais do evento, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1pSPitj>.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2012.

MOONEN, Frans. *Aticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*. Juiz de Fora: centro de Cultura Cigana, 2012.

_____. *Ciganos Calon na cidade de Sousa*, Paraíba. IN: MOTA, Ático Vilas-Boas da. *Ciganos – Antologia de ensaios*. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 131 – 186.

MORAIS FILHO, Melo. *Os ciganos no Brasil e o cancionero dos ciganos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981

_____. *Festas e Tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

MOTA, Ático Vilas-Boas da. (org.) *Ciganos – Antologia de ensaios*. Brasília: Thesaurus, 2004.

MOULLAUD, Maurice; Porto, Sérgio Dayrell (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

NASCIMENTO, Caroline L. Dantas do. *Pensar os ciganos em Patos*. In: *Ciganos em Patos-PB: o desafio atravessado por geração e gênero*. Monografia de graduação. UFCG, 2013.

NERY, Inalva Bezerra. NASCIMENTO, Uelba Alexandre. *Os ciganos e a exclusão social*. Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História - ANPUH –PB, 2014. Disponível em: <http://migre.me/oTyPO>.

PEREIRA, Cristina da Costa. *Povo cigano*. Gráfica MEC: Rio de Janeiro, 1985.

_____. *Ciganos: A oralidade como defesa de uma minoria étnica*. s/d. Disponível em: http://www.lacult.org/docc/oralidad_04_34-39-ciganos-a-oralidade.pdf.

_____. *Os ciganos ainda estão na estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. *O povo cigano e sua vida tribal, comunitária: a família*. IN: MOTA, Ático Vilas-Boas da. *Ciganos – Antologia de ensaios*. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 109-115.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. LANGUE, Frédérique. *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

_____. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p.279-290.

PIERONI, Geraldo. *Vadios e ciganos, hereges e bruxas: os degredados no Brasil-colônia*. 3 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: 2006.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RAMANUSH, Nicolas. *Palavras ciganas – Vocabulário e Gramática Sintética do Romani-Sinte*. 1ª edição. São Paulo, 2009.

_____. *Atrás do muro invisível. Crenças – Tradições e Ativismo cigano*. 1ª ed. 2012.

RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa, Editorial Estampa: 1998.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. *A formação dos(as) professores(as) frente a diversidade: a questão dos ciganos*. João Pessoa, Mídia Ed. 2012;

SANTANA, Maria de Lourdes B. *Os Ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. São Paulo, FFLCH/USP, 1983

SERRA, Joaquim Maria. Canto II. In: *Um coração de mulher. Poema – Romance*. San’Luiz do Maranhão, 1867. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=K91JAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

SILVA, Flavio José de Oliveira. *Das tendas às telhas: a educação escolar das crianças ciganas da Praça Calon-Florania/RN*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de por graduação em educação ufrn;2012.

SILVA, Lailson Ferreira da. *“Aqui todo mundo é da mesma família”*: parentesco e relações étnicas entre os ciganos na Cidade Alta, Limoeiro do Norte – CE. Dissertação de Mestrado. UFRN, 2010.

SILVA, Luciana Estevam da. *Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do “Mão Branca” nos jornais*. Campina Grande, 2010. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História - UFCG.

SILVA, Maria Auxiliadora Carvalho e. *De salteadores errantes a mártires e milagreiro: representações sociais de ciganos na cidade de Esperantina-Piauí (1913-2010)*. Dissertação de Mestrado -PPGHB - Universidade Federal do Piauí, 2011.

SIQUEIRA, Robson de Araújo. *Os calon do município de Sousa-PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais*. Dissertação de mestrado. Recife – PE, 2012.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande, 1920-1945*. Doutorado.

SOUZA, Antônio Clarindo B. de. *Lazeres Permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2002.

_____. *Lazer e desenvolvimento em uma cidade de porte médio entre as décadas de 1950 e 1960 do século XX*. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. FALCÃO, Luiz Felipe. (orgs.). Campina Grande: EDUFCG, 2012.

_____. Por uma vida menos infame. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org.). *Populares na cidade: vivências de trabalho e lazer*. João Pessoa: Ideia, 2011. (p. 81-107).

_____. Arrochar a titela, chambregar e criar furdunço: divertimentos e tensões sociais em Campina Grande (1945-1965). In: *A Paraíba no Império e na República: Estudos de história social e cultural*. Ideia, João Pessoa, 2003.

SOUZA, Miriam Alves. *Os ciganos calon do Catumbi: ofício, etnografia e memória urbana*. Niteroi, 2006. Dissertação de mestrado, PPGA/UFF.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. WHITACKER, Arthur Magon. (orgs.) *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Ciganos no Brasil. Uma breve história*. Crisálida, Belo Horizonte, 2ª ed. 2009.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

JORNAIS IMPRESSOS:

Diário da Borborema, Campina Grande:

_____, fev. abril e ago. de 1966.
 _____, fev. abr. maio e dez. de 1980.
 _____, jan. abril. maio. jun. jul. set. de 1982.
 _____, jun. nov. e dez. de 1983.
 _____, jan. fev. mar. maio. jun. jul. set. e nov. de 1984.
 _____, jan. fev. mar. Jun. ago. out. e nov. de 1985.
 _____, abr. maio. e ago. de 1987.
 _____, jan. abr. ago. e out. de 1989.
 _____, fev. e dez. de 1990.
 _____, mar. e abr. de 1992.
 _____, jun. de 1994.

Jornal da Paraíba, Campina Grande:

_____, jan. a Nov. de 1972.
 _____, jan. a ago. de 1973.
 _____, jan. a jun. de 1974.
 _____, jul. e ago. de 1975.
 _____, out. de 1976.

_____, abr. jun. e nov. de 1977.
 _____, fev. a set. de 1978.
 _____, abr. de 1979.
 _____, jan. a dez. de 1980.
 _____, jan. a dez. de 1981.
 _____, set. a dez. de 1982.
 _____, jan. a dez. de 1983.
 _____, jan. a dez. 1984.
 _____, jan. a dez. de 1985.
 _____, jan. a abr. e de jul. a nov. de 1986.
 _____, jan. a dez. de 1987.
 _____, mai. a out. de 1988.
 _____, jan. a out. de 1989.
 _____, mai. a dez. de 1990.
 _____, fev. a dez. de 1991.
 _____, mar. jun. e out. de 1992.
 _____, mai. ago. e dez. de 1994.
 _____, mar. ago. e set. de 1996.

Gazeta do Sertão, Campina Grande:

_____, jun. a nov. de 1981.
 _____, jan. a nov. de 1982.
 _____, jan. mar. out. e nov. de 1983.
 _____, fev. a dez. de 1984.
 _____, abr. a out. de 1985.
 _____, abr. e jun. de 1986.

Jornais recortados e encadernados pela família Cavalcante Targino:

- São diversos jornais encadernados, entre eles, podemos identificar na leitura das matérias: Diário de Pernambuco, Correio da Paraíba, Jornal de Caicó-RN, Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, em sua maioria sem datas ou nomes.

ENTREVISTAS

Antônia Delfino do Nascimento. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Fevereiro de 2012.

Antônio Ferreira de Lima. *Entrevista concedida a autora*. Campina Grande. Outubro de 2011.

Antônio José Espínola Freire. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Fevereiro de 2014.

Bela (nome fictício). *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Outubro de 2011.

Francisco Cavalcante Pereira. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Fevereiro de 2012.

Gezer Pereira da Silva (Cigana Vaneide). *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Janeiro de 2014.

Joadiva Targino da Nobrega. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. 2012, 2013 e 2014.

Josefa Domitila da Conceição (Cigana Lionete). *Entrevista concedida à autora*. Alagoa Grande, Fevereiro de 2014.

José Renildo Possidônio. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Janeiro de 2014.

Juraci Pina. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Janeiro de 2013.

Mariana (nome fictício). *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Setembro de 2011.

Sérgio Balduino de Moraes. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Agosto de 2011.

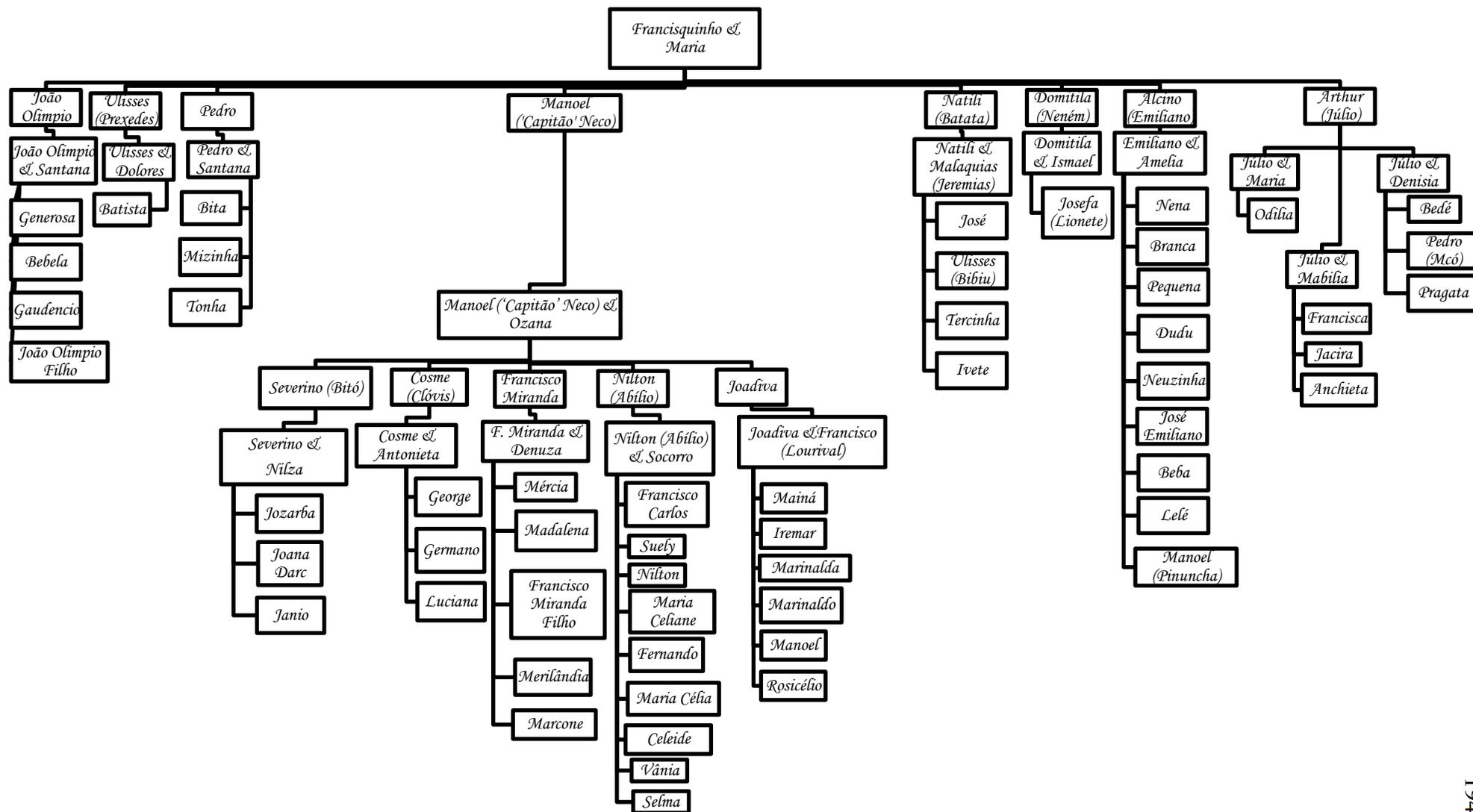
Severina Marinalda Targino da Nobrega. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Fevereiro de 2014.

Solange Alves da Silva. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Novembro de 2012.

Vera Lúcia Isaura de Carvalho. *Entrevista concedida à autora*. Campina Grande. Junho de 2014.

APÊNDICE

“Árvore genealógica” da Família Cavalcante Targino¹



¹ Este gráfico foi produzido a partir das lembranças de Joadiva, Marinalda, Solange e Soneide. Algumas pessoas foram lembradas apenas pelos seus apelidos, não tendo sido recordados os seus nomes de registo em cartório.